

SÉRIE DONO DO MEU DESEJO
LIVRO 3

CELSO

“Ele terá que superar seus fantasmas para tê-la de volta”

E D U A R D A G O M E S



CELSO

Eduarda Gomes

©2018 Eduarda Gomes
Design: Creatus Design Editorial
Revisão: Eduarda Gomes
Diagramação digital: Eduarda Gomes

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida, transmitida e/ou gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou outros, sem autorização por escrito da autora.

Sinopse

•LIVRO 3 DA SÉRIE•

Ele terá que superar seus traumas para tê-la de volta.

Celso Farias é um homem intenso e bem-sucedido, faz parte da gerência sênior da multinacional SQUAD. É conhecido entre seus amigos pelo seu constante bom humor e suas brincadeiras.

Mas Celso passa longe da palavra que começa com C... Isso mesmo, ele odeia a ideia de se casar, mesmo estando perdidamente apaixonado por Suzana, a mulher que conheceu na roda de amigos de Benjamim e Lara Monteiro.

Suzana Medeiros é uma mulher que gosta de desafios, é intensa e não se importa com o que as pessoas pensam. Trabalha em uma Editora, revisando livros para publicação e ama seu trabalho.

É completamente apaixonada pelo seu namorado, Celso Farias, mas ela quer algo fixo, quer uma estabilidade, um casamento... E ele parece não querer tanto assim, o que a deixa tentada a largá-lo, mesmo amando-o. Venha rir e se emocionar com essa intensa história de amor.

Playlist



Wanted – Boyce Avenue
Best night – Madonna
Shape of you – Ed Sheeran
Corações Psicodélicos – Roupa Nova
One phone call – Backstreet Boys
Don't wanna lose you now – Backstreet Boys
Fix you – Coldplay
Tears in heaven – Eric Clapton
Why Worry – Art Garfunkel
Demons – Imagine Dragons
One call away – Charlie Puth
I look to you – Boyce Avenue (cover)
Runnin' – Adam Lambert
You raise me up – Westlife
Halelujah – Pentatonix
She's crazy but she's mine – Alex Sparrow



"Coloque de lado a matemática e a lógica disso
[...]

Porque eu quero te envolver
Quero beijar seus lábios
Quero te fazer sentir desejada
E eu quero te chamar de minha
Quero segurar sua mão para sempre"
Wanted - Boyce Avenue

.. ALGUNS ANOS ANTES ..

SUZANA

Estou sentada, completamente abismada, observando quatro homens deliciosos falarem com Lara. Ela disse que quase todos são seus chefes. Meu Deus, minha amiga é uma puta sortuda, ainda bem que decidi sair com Alec e ela hoje.

— Lara, me apresente sua amiga? — Um homem com cara de anjo me olha.

— Suzana. — Estendo a mão para o rapaz.

— Celso, ao seu dispor... Podemos conversar em outro lugar? Isso

aqui tá um tédio.

— Claro, concordo — minto, sorrio e dou um tchauzinho para Lara, saindo com o Celso rivotril.

Seguimos juntos para um dos sofás da festa e sentamos lado a lado. Mexo nos cabelos loiros e olho para o boy rivotril, super-lindo em minha frente.

— Me diga uma coisa, Suzana.

— O quê?

— Sua boca só fala, ou beija também? — Ele sorri, presunçoso.

— Se você não fosse tão presunçoso, eu até te deixaria saber. — Cruzo os braços e ele abre ainda mais o sorriso lindo que tem.

— É mesmo?

Se aproxima e eu aspiro seu perfume amadeirado, delicioso. Quase cedi aos seus olhos azuis maravilhosos e ao seu charme de menino-homem. Afinal, eu vim para me divertir, mas ouço alguém gritando e o empurro. Ele olha espantado para o local de onde vem o grito e xinga um caralho. Ao olhar para onde ele olha, levanto imediatamente, Alec e Benjamim estão aos murros no meio da festa.

Saio correndo em direção à minha amiga e só noto que Celso me seguiu quando ele me para antes que eu chegue em Lara e se aproxima do meu ouvido.

— Nosso assunto ainda não acabou, Suzana. — Beija rapidamente meu pescoço e corre para separar os dois.

Capítulo 1



"Perca seu auto-controle, nós podemos ser selvagens
Mostrarei o que significa sentir-se vivo
Eu vou fazer dessa a melhor noite de sua vida"

Best night - Madonna

CELSO

Entramos no meu apartamento aos beijos, esbarrando em cada móvel, desesperados por mais um do outro. Conheci essa loira cheirosa graças à Lara e só não conversamos mais por causa da puta nervosa do Benjamim, que resolveu brigar com o amigo da Lara. Puta *estressadinha*.

Com muito esforço e uma boa conversa, eu consegui trazer a loira mais linda que já vi para meu apartamento e nós vamos nos curtir muito esta noite.

Retiro sua blusa, com força, jogo no sofá da sala e empurro Suzana para o corredor. Ela para o beijo para me olhar e naqueles olhos azuis eu só enxergo a safadeza. Suzana morde o lábio e eu me surpreendo quando meu pau lateja ao ver a cena.

Levanto sua saia de uma só vez e seguro nos seus braços para que vire de costas para mim. Retiro minha camisa, sentindo um calor desgraçado me

consumir vivo. Encosto meu peito nu nas suas costas nuas. Apalpo seus peitos durinhos e ela geme.

— Vou te comer gostoso bem aqui. — Lambo sua orelha.

Retiro sua calcinha preta de uma só vez, abro minha calça e boto meu pau duro para fora. Suzana sorri e lambe os lábios deliciosos antes de me masturbar um pouco.

— Me fode — choraminga.

— Quer que eu te faça gozar gostoso bem aqui?

— Uhum... faça comigo tudo o que diz.

Pego o preservativo no bolso da minha calça e envolvo o meu pau. Seguro firme nos cabelos loiros dela e roço meu pau na boceta quente e molhada. Ela fecha os olhos e se empina toda para mim. O suor chega a brotar na minha testa, meu corpo inteiro arde na expectativa de gozar gostoso com essa safada.

Entro nela de uma só vez e a loira deliciosa em minha frente grita. Beijo seu pescoço e deixo uma pequena mordida ali, vejo sua pele arrepiando e sorrio, cheio de tesão. Começo a estocar nela, entrando e saindo em um ritmo lento, torturando-a.

— Awn — ela geme. — Isso é tão gostoso.

Seguro mais firme nos seus cabelos e intensifico um pouco mais as estocadas, não aguentando mais a situação em que meu pau está. Puta que pariu, ele vai explodir.

— Caralho — xingo. — Você é deliciosa.

Escuto uma risada sacana dela e sorrio junto. Com a mão livre, capricho na palmada em seu bumbum, enquanto fodo gostoso a bocetinha, e ela grita. A marca vermelha no bumbum dela me faz sorrir ainda mais. Estou te marcando, safada, nunca vai esquecer essa trepada.

O suor começa a brotar dos meus poros, um calor incessante me domina, me queimando de tanto tesão. Saio de dentro dela e faço com que vire de frente para mim, Suzana abre um sorriso malicioso e ergue a perna, apoiando-a em meu quadril. Seguro a perna torneada e macia e me enterro nela de novo, olhando nos seus olhos.

Suzana traz as mãos à minha nuca e não desvia o olhar do meu. Olho para a sua boca rosada e macia e não resisto, tomo para mim em um beijo intenso, cheio de desejo. No meio do beijo, aumento o ritmo das estocadas e ela geme em minha boca, sinto seus peitos roçando em mim, deliciosa.

Suas mãos deslizam pelos meus ombros e descendo até as minhas costas, ela crava as unhas na minha carne e me puxa para si, ainda me olhando nos olhos.

— Oh — choraminga. — Não para, estou gozando.

Ao ouvir essas palavras, algo me deu, alguma motivação para que eu fodesse ainda mais forte e duro do que antes, o que faz Suzana gritar e tremer, enquanto goza gostoso nos meus braços. Solto um gemido desesperado, prestes a gozar, olhando nos olhos dela. Suzana sorri, enquanto estou me perdendo dentro dela.

— Goza — sussurra, me provocando, enquanto fodo gostoso. — Goza, Celso.

A safada morde o lábio e me deixa completamente louco. Em instantes, a pressão dentro de mim se alivia e eu gozo de um jeito perturbador. Urro de prazer, enquanto ela me provoca com pequenos beijos e arranhões.

Ofegante, saio de dentro dela e rosno, sentindo meu pau sensível pelo recente gozo. Vejo seu peito subir e descer de maneira febril e resolvo tocar sua pele quente e deslizar meus dedos nela, apreciando sua textura macia. Ela suspira e endireita o corpo.

— Estou indo. — Beija rapidamente meus lábios.

— À essa hora? Fica perigoso sair sozinha por aí.

— Não sou uma mocinha em perigo, sei me defender.

Pisca para mim e sai, arrumando sua saia no corpo delicioso, indo atrás da sua blusa. Bufo, subo a calça e sigo a loira teimosa, bravo.

— Passe a noite aqui, amanhã cedo poderá ir embora. — Observo enquanto ela veste a blusa.

— Quer que eu passe a noite aqui? — Ela sorri. — Quer me ter outra vez?

— Também, mas...

— Me conquiste, Celso. — Abre um sorriso desafiador e arruma a roupa. — Até mais.

Ela solta um beijo no ar e sai do meu apartamento batendo a porta da frente, me deixando ali parado no meio da minha sala, querendo trepar a noite toda. Puta que pariu, eu tenho que ver essa mulher outra vez e foder até não me aguentar de pé.

SUZANA

Saio do apartamento de Celso, me sentindo maravilhosamente bem. O orgasmo me deixou dez vezes mais leve e tirou quase completamente o meu estresse de trabalho. Ultimamente eu tenho tido uma péssima sorte em encontrar algum homem bom de cama, mas hoje, esse Celso me surpreendeu.

O homem é cheiroso, bonito, gostoso e ainda é bom de cama. Quase não resisto ao seu pedido para passar a noite com ele, mas eu não sou de me apegar tão fácil, nunca fui e não vai ser agora que vou quebrar isso.

Sorrio comigo mesma ao lembrar da expressão de Celso quando informei que não ficaria com ele o resto da noite. Feri o ego masculino.

Quando entro em meu carro, pego meu celular na bolsa e disco para Alec.

— *Alô?* — Atende com a voz embolada.

— Estava dormindo, seu ridículo?

— *É o que geralmente as pessoas fazem quando é madrugada* — resmunga.

— Você é muito resmungão, Alec... As pessoas também trepam de madrugada.

— *Pegou o tal Celso ou não?*

— Claro que sim, um Rivotril daqueles.

— *Então tá melhor que eu* — bufa. — *Minha cara tá latejando.*

— Quem manda mexer com a Lara. — Dou risada.

— *Vai se ferrar, enxerida.* — Ele ri. — *Agora me deixa dormir.*

— Tchau, sonhe comigo. — Dou risada e desligo antes que ele me xingue.

Assim que chego em meu apartamento, ainda sentindo as pernas bambas, pelo efeito do pau mágico do boy Rivotril, retiro as minhas roupas e sigo diretamente para um banho. A água morna faz meu corpo inteiro relaxar quase que imediatamente. Se eu fechar os olhos, posso sentir as mãos fortes e firmes de Celso vagando pelo meu corpo. O homem, definitivamente, fode muito bem.

Acordo atrasada pela manhã, tenho que terminar uma revisão de um livro importante para a Editora e isso está consumindo todo o meu tempo. Me apresso rapidamente e saio de casa em direção ao trabalho.

Ao chegar na sede da Editora, cumprimento alguns colegas de trabalho, passo pela máquina de café para pegar a dose diária do meu vício e sigo para a minha sala. Abro a porta de uma só vez e Ricardo, meu colega de trabalho, me olha e abre um pequeno sorriso.

— Bom dia, Rick. — Sorrio para ele e dou um gole no meu café amargo, delicioso.

— Bom dia. — Volta a olhar para o computador. — Se atrasou hoje.

— Eu sei. — Sento-me à minha mesa e inicio o computador. — Ontem tive umas coisas para resolver.

Cruzo as pernas e coloco minha bolsa em uma das gavetas, dou mais um gole no meu café e lambo os lábios. Assim que meu computador se inicia, abro o manuscrito e pego uma caneta. Uma cena de sexo quente e cheia de tesão marca o capítulo que comecei a ler e minha mente é, imediatamente, direcionada à noite anterior. Corpos suados, gemidos, beijos, arranhões...

— Está calor hoje.

Tiro o blazer do meu uniforme e pigarreio. Ricardo me olha de soslaio.

— Está doente?

Só se for de tesão.

— Acho que não.

— Então são as trepadas do livro aí que estão te deixando desse jeito.

— Sorri, descontraído.

Desgraçado esse meu amigo, só porque estou pensando no que tive ontem com Celso. Logo isso passa, não quero ficar como Lara, toda apaixonada e não vou ficar.

Capítulo 2



"Estou apaixonado pelos seus contornos
Nos atraímos e nos repelimos como um ímã
Embora meu coração esteja se apaixonando também
Estou apaixonado pelo seu corpo
Ontem à noite, você esteve no meu quarto
E agora meus lençóis têm o seu cheiro
A cada dia descubro algo novo
Estou apaixonado pelo seu corpo"
Shape of you - Ed Sheeran

CELSONO

Ainda contrariado com o que a amiga de Lara fez, acordo duro pela manhã, com meu tesão não saciado. Merda, passei a noite sonhando com a loira da pele quente e macia, dos olhos azuis desafiadores e do beijo doce.

"Me conquiste, Celso"

Vou para meu banheiro, preciso de um bom banho para me concentrar em meu dia de trabalho na SQUAD. Entro debaixo da água fria e nem assim meu pau me dá uma trégua. O encaro fixamente.

— Não, eu não vou bater punheta por ninguém — brigo com ele. —

Não preciso disso, porra.

Encerro meu banho e enrolo a toalha no quadril. Saio do banheiro e começo a me vestir, sem muito ânimo. Aquela loira malvada poderia ter me proporcionado mais prazer e agora eu não estaria esse poço de seriedade.

— Eu vou te ver de novo, Suzana — afirmo. — E dessa vez você não vai me escapar tão fácil.

Por que fiquei tão impressionado?

Quando chego na SQUAD, antes mesmo de qualquer coisa, vou até a mesa de Lara e sento em sua frente. Hoje é o dia em que Ben vai assumir o cargo de CEO, Larinha está arrumando algumas coisas.

— Bom dia, Celso.

— Dia, Lara... Me salva.

— O que foi? Daqui a pouco estou indo para a sala de reuniões, que eu me lembre, você também deveria estar lá. — Ela sorri.

— Sua amiga, Suzana — hesito. — Onde eu posso encontrá-la?

Lara me analisa com o olhar mais malicioso que já vi. Ela coloca os papéis na mesa e, finalmente, se concentra no assunto.

— Gostou dela?

— Ela foi lá para o meu apartamento ontem, depois que saímos da festa e...

— Me poupe dos detalhes.

— Tá, desculpe — bufo. — Eu só quero saber onde posso encontrar com ela, ou um número de celular.

— O número eu não posso. — Sorri, cínica. — Vai que ela não queira te dar, mas o lugar...

— Vai, Lara... Ajuda o meu pau.

Lara dá risada, pega um bloco de anotações e começa a escrever algo. Tento ver e noto que é um endereço. Por fim, ela arranca o papel e estende para mim, mas quando vou pegar, ela puxa.

— Se minha amiga se machucar, eu te mato. — Me entrega o papel.

— Tá mais fácil ela me machucar, mulher má.

— Estou falando sério.

— Não se preocupe, o máximo de machucados que ela vai ter é ficar

assada. — Pisco para ela. — Daqui a pouco chego lá com Anderson e Lucas.

Lara dá mais risada e balança a cabeça, seguindo para a sala de reuniões. Vou para a minha sala e olho o endereço que Lara anotou. Ela trabalha em uma Editora. Assim que Ben assumir o cargo e a reunião acabar, vou direto nesse lugar. Se essa loira pensa que vai ficar livre de mim, está muito enganada.

SUZANA

Estou discutindo algumas mudanças no processo de revisão de um livro com Ricardo, quando ele bufa e senta em sua cadeira.

— Realizar sonhos dos outros é difícil pra caralho. — Massageia as têmporas. — Deveriam dobrar nosso salário.

— Relaxa, Rick, se quiser dar uma pausa...

Ricardo olha no relógio e pensa um pouco.

— Podemos pegar o horário de almoço agora e voltarmos mais cedo.

— Por mim, tudo bem.

Ricardo fica de pé e para ao meu lado, olho para ele e noto que está tenso.

— Se você quiser... Ou puder... Poderíamos almoçar juntos.

Fico calada, sem reação. Sou salva pela nossa secretária, que abre a porta dando risada e me olha.

— Senhorita Medeiros, olhe pela janela.

Franzo o cenho, vou até a janela panorâmica atrás de mim e paraliso ao ver Celso segurando um papel com meu nome. Esse homem é louco... E lindo! Como ele está gostoso nesse terno e aqueles cabelos macios esvoaçando com o vento. Os óculos escuros o deixam com um ar sério.

Ricardo vem e para ao meu lado, quando percebe que estou sem reação. Noto que ele fica tenso e me sinto confusa. Bufo.

— Nos vemos depois do almoço. — Pego minha bolsa e saio praticamente correndo da minha sala.

Entro no elevador e espero a descida, que parece demorar um século. Ah, mas aquele safado vai me ouvir. Onde já se viu vir no meu trabalho?

Quando chego ao piso, me apresso e o único som que ouço são o dos

meus saltos pela recepção da Editora. Ao sair, vejo o safado lá, encostado em seu carro, segurando o papel. Ele sorri ao me ver e eu bufo.

— Que merda é essa? — pergunto quando chego perto dele.

Puxo o papel das suas mãos, fazendo-o alargar o sorriso.

— Vim ver você e dizer que ainda não acabamos a nossa conversa de ontem. — Me rouba um beijo.

Instintivamente eu lhe dou um tapa e amasso o papel.

— Escuta aqui, seu piadista safado, estou no meu trabalho. — Aponto o dedo para ele. — Não era para você estar aqui.

— Então me dê a honra de um almoço com você. — Sorri. — Ou de almoçar você.

Acabo sorrindo dos absurdos que ele me diz, isso faz com que ele abra a porta do lado do carona para mim e estenda a mão para que eu pegue.

— Entendi seu sorriso como um sim, não vai entrar?

— Você é muito presunçoso — xingo enquanto seguro sua mão para entrar em seu carro.

Vejo quando ele sorri mais uma vez e fecha a porta do carro. Observo enquanto ele contorna o carro, do seu jeito descontraído, até andando. Onde eu vim me meter?

Celso entra no carro e olha para mim, retira os óculos escuros e me lança um olhar longo e intenso. Tento não ficar abalada com isso, mas caramba, o homem é uma delícia. Uma mistura de intensidade e descontração emana dele, eu não sei qual dos dois é, mas estou completamente atraída.

Vejo quando ele se aproxima, ficando a apenas alguns milímetros do meu rosto. Abro um pequeno sorriso e olho para os seus lábios rosados e convidativos.

— Não vai me beijar, Celso?

— Estava esperando o seu pedido. — Ele mordisca o meu lábio inferior.

Antes que eu possa responder à sua afronta, ele me beija de maneira forte, enroscando sua língua na minha sem qualquer pudor. O mundo começa a girar, de repente. Sinto um incômodo entre as minhas pernas e acabo deixando um pequeno gemido escapar.

— Almoce comigo. — Ele diz ao desgrudar nossos lábios.

— E o que você quer com isso? — provoco.

— Quero saber um pouco mais da mulher que praticamente me

rejeitou ontem à noite — diz em um tom sério.

— Não seja dramático, eu fiquei com você. — Sorrio. — Não fiquei?

— Não estou saciado.

Celso puxa o cinto, liga o carro e dá partida. Fico quieta quase todo o percurso, apenas observando a maneira como o piadista safado conduz o carro e como fica bonito quando está atento. Ele para o carro em frente à um restaurante e me olha.

— Vamos almoçar, Su.

Reviro os olhos, solto o cinto de segurança e abro a porta para descer do carro. Celso me acompanha e trava o carro quando as portas são fechadas. Seguimos lado a lado para dentro do restaurante. O safado tenta me segurar pela cintura, mas eu me afasto do seu toque.

— Não precisa ter medo de mim. — Me olha, com aquele sorriso sacana e presunçoso no rosto. — Você sabe que eu não machuco... Só faço gozar bem gostoso.

Prefiro me manter em silêncio, sei que para qualquer resposta que eu der, ele vai ter uma na ponta da língua. Assim que nos acomodamos em uma mesa, frente à frente, ele abre o botão do paletó e relaxa na cadeira.

— O que você quer? — Vou direto ao ponto.

— Me deixar plantado e duro em meu apartamento me instigou... Quero saber por quê?

— Eu sou uma mulher independente, Celso, não costumo me prender a ninguém. — Cruzo as pernas. — Gosto da minha liberdade, gosto de sair e chegar a hora que eu quero, gosto de me divertir.

— Uau. — Ele sorri. — Estou impressionado.

— Estou sendo sincera.

— Eu também. — Faz uma pausa. — Estou realmente impressionado.

— Você está querendo me levar para a sua cama, é diferente. — Sorrio, sacana.

Celso balança a cabeça e também acaba sorrindo, entendo isso como uma afirmação do que falei. O homem é completamente safado.

— Na verdade, eu estou bastante interessado. — Me olha fixamente.

— É mesmo? — Arqueio as sobrancelhas. — Me prove.

— Quer prova maior do que ir até onde você trabalha?

— Você tem uma lábia impressionante. — Descruzo as pernas. — Quantas caíram nesta conversa?

— Quero apenas que uma caia.

Dessa vez eu não tive resposta. O piadista safado me tirou qualquer possibilidade de resposta e o pior é que parece que estou caindo mesmo nessa conversinha dele. Estou começando a achar interessante a brincadeira.

Capítulo 3



"A vida passa na tv
E o meu caso é com você
Fico louco sem saber
O porquê
Sim pro sol, sim pra lua
Eu quero você toda nua
Sim pra tudo que você quiser"
Corações Psicodélicos - Roupas Nova

CELSONO

Estou na minha sala na SQUAD, me preparando psicologicamente para levar Suzana para sair. A mulher tem a capacidade de ferrar com qualquer resposta que eu possa dar. Já fazem alguns dias que almoçamos juntos e, com muita conversa e sacrifício, eu consegui pegar seu número.

Me sinto atraído pela naturalidade com que ela consegue ser completamente inalcançável. Também não a deixei em paz nesses últimos dias, sempre mandei alguma mensagem, instigando-a a sair outra vez comigo.

Ontem, depois de eu estar perdendo as minhas esperanças, Suzana me liga, avisando que iríamos sair hoje. Ela não pediu, ela não aceitou. Ela avisou.

— Eita porra, que beca. — Anderson invade a minha sala com Felipe.
— Vai onde desse jeito?
— Vai encontrar Suzana — Felipe diz. — Celsinho foi laçado.
— Vão se foder, vocês dois — xingo. — Como estou?
— Mais uma puta nervosa — Anderson diz.
— Está uma delícia — Felipe brinca.
— Rezem por mim, vou afogar o pau hoje. — Cruzo os dedos.
Os dois dão risada e juntam as mãos.

Paro o carro no endereço que Suzana me passou. Antes que eu possa pegar o celular e ligar para avisar que cheguei, ela surge da recepção do edifício, completamente linda.

— Puta merda — sussurro para mim mesmo.

Saio do carro e o contorno, para recebê-la. Suzana abre um sorriso devastador e para em minha frente, fico em silêncio por alguns segundos, aspirando seu perfume adocicado.

— Boa noite. — Ela diz, por fim.

— Maravilhosa noite, Suzana. — Sorrio. — Terei direito a um beijo?

Antes que ela negue, avanço e tomo seus lábios em um beijo profundo e intenso. A boca macia me instiga mais a cada segundo e ela não resiste, apenas retribui o meu beijo. Suzana suga meu lábio inferior e encerra o beijo.

— Vamos, senhor Farias.

— Como quiser.

Abro a porta do carro e espero que ela se acomode para poder fechá-la. Sigo calmamente para ocupar meu lugar no lado do motorista e, ao entrar, noto seu olhar sobre mim. Retribuo o olhar e sorrio.

— Diga, Suzana? — Passo as mãos nos cabelos.

— Não quero jantar. — Ela sorri e começa a desabotoar a blusa. — Perdi a fome de repente.

Fico paralisado, observando Suzana abrir a blusa e expor seu tórax para mim. Alterno entre olhar seus olhos e os seus peitos, cobertos pelo sutiã.

— E o que você quer? — Lambo os lábios.

— Quero fazer sexo com você, Celso — a loira safada me provoca, mordendo meu lábio. — Sexo forte e duro... Neste carro.

Seguro os cabelos da sua nuca com força e faço Suzana quase colar a boca na minha. Passo a língua de leve em seus lábios e ela geme baixinho.

— Vamos sair daqui.

Solto seus cabelos e procuro mentalmente algum lugar vazio a esta hora para que eu possa comer essa loira safada. Coloco o carro em marcha e arranco com tudo, indo diretamente para o meu destino. Minha respiração está descompassada, meu pau chega a latejar dentro da calça, somente em pensar em foder gostoso essa loira safada.

Exausto e com a loira safada arriada no meu peito, consigo finalmente colocar a cabeça de cima para funcionar. Estamos completamente nus dentro do meu carro, depois de treparmos feito dois loucos no capô.

Sinto meu corpo pedindo descanso, o suor corre livremente, mas mesmo assim, não me sinto totalmente saciado.

— Acho que estamos nos dando bem, afinal — digo em meio à um sorriso.

Suzana levanta a cabeça e sorri. A maquiagem já não está mais em seu rosto, os cabelos desgrehados e o corpo suado a deixa mais bonita do que já é.

— Acho que sim, Celso. — Lambe os lábios. — Acho que podemos ter algo.

— Considerou a minha proposta? — me surpreendo.

— Um caso — diz, firme.

Instantaneamente lembro-me da música Corações Psicodélicos e abro mais uma vez um sorriso.

— A vida passa na TV — canto, meio desafinado. — E o meu caso é com você.

— Tem mesmo todas as respostas na ponta da língua?

— Talvez. — Faço mistério. — Estou faminto.

Suzana nega com a cabeça e volta a deitar a cabeça em meu peito. Ficamos em silêncio por alguns minutos, quando escuto ela dar uma pequena risada.

— O que foi? — pergunto.

— Estava aqui pensando em algum restaurante que deixe entrar duas

peessoas descabeladas e cheirando a sexo — hesita. — Vamos para o meu apartamento, posso preparar alguma coisa.

— Está me convidando? Me sinto lisonjeado — provoco.

— Vai à merda, seu piadista safado. — Ela acaba rindo.

— Poxa, Su, você só me maltrata.

— Dramático. — Ela sai de cima de mim e começa a se vestir. — Anda, se veste antes que eu desista .

SUZANA

Deixo Celso no banheiro, para que tome um banho e volto para cozinha, para preparar algo para comermos. Ainda não acredito que aceitei o caso com esse piadista safado, eu devo estar louca. Não, eu estava sob os efeitos dele, aquele homem é como uma droga, me deixa fora do ar.

Eu sei, eu sei, ele é um boy Rivotril gostoso pra caramba, tem superpoderes com aquele pau maravilhoso, mas ainda assim é um completo devasso. Nada que eu também não seja.

O homem é completamente safado e não está nem aí para quem está perto, o que importa é que está me provocando com o que diz. Simplesmente não estou sabendo lidar com tamanho descaramento.

— Ei, Su. — Me sobressalto ao ouvir sua voz.

Me viro para ver o que é e vejo a minha dose extra de Rivotril parada ali, sorrindo. Celso está com uma toalha frouxamente presa em seu quadril, o "V" da perdição está completamente à mostra. Onde eu vim me meter?

— Diga? — Forço-me a olhar em seus olhos.

— Quer ajuda aí?

— Não, já estou acabando, obrigada. — Volto a me concentrar.

Ouçoo seus passos atrás de mim e prendo a respiração quando ele para bem perto do meu corpo. Vejo suas mãos tocarem o balcão, me cercando, seu peito frio e molhado pelo banho recente me faz arrepiar.

— O que pensa que está fazendo?

— Ué? Somos amantes agora. — Ele ri, completamente sacana. — Temos que nos comportar como tal, não acha?

— Acho que deveríamos comer agora, estou exausta — minto.

— Com o tempo você se acostuma ao meu pique. — Sinto seus lábios devassos em meu pescoço.

— Piadista safado e abusado.

— Linguaruda.

O tom de Celso nunca sai do brincalhão. Como esse homem consegue ser esse poço de humor? Dizem que os mais bem-humorados são os que guardam mais dores. Será mesmo verdade?

Assim que termino de preparar nossa comida, ele vem se servir e agradece. Sento-me à mesa e, quando se serve, volta para a mesa e senta-se ao meu lado. Como em silêncio, pensando no quanto estou ferrada com esse homem de olhar misterioso e bom humor constante.

Será mesmo que vou conseguir manter o que eu quero? Um caso? Porque me parece que a todo instante o modo como ele me olha, como ele sorri e como ele me trata vem à minha mente e eu não estou gostando disso, nem um pouco.

.•. DIAS ATUAIS .•.

Sentada no colo de Celso, observo o quarteto e seus amores. Melissa está com Heitor nos braços, mas mesmo assim, Anderson faz questão que ela sente em seu colo.

— Felipe e suas palhaçadas — Benjamim resmunga e estende a mão para que Lara também sente em seu colo. — Vem, atrevida.

Lara sorri e vai até o marido.

— E eu, mamãe? — Ellen se rebela, coloca as mãos na cintura e olha para João, pois sabe que ele faz tudo para agradá-la. — Tio João.

João abre um sorriso e vai até Ellen, pega a menina nos braços e leva para junto de Gabriel, onde os dois começam a entreter a pequena enciumada.

— Essa menina é a mãe inteira — Celso diz.

Felipe cai na risada junto com Celso e Anderson e eu vejo a carranca de Benjamim se formando. Dou um tapa em Celso e ele franze o cenho.

— Ai, mulher! *Tá* doida? Já basta você dizendo que ia arrumar um outro para casar. — Fecha a cara.

— Que eu saiba, meu amor — provoco. — Eu ainda sou solteira.

— Vai me maltratar desse jeito mesmo?

Abro meu melhor sorriso e beijo os lábios dele, que está todo bravo. Se eu tenho medo disso? Nenhum, Celso sempre soube do meu desejo de um dia casar e ser mãe, mesmo com toda a minha loucura de curtir, eu também quero me firmar na vida.

Eu sei que ele me ama, já me deu muitas provas disso, mesmo sem eu ter pedido nenhuma delas. A única que pedi, ele não me concedeu. Motivo? Até hoje quando pergunto, ele foge do assunto, parece não confiar o suficiente em mim para me contar o porquê disso.

Capítulo 4



CELSONO

Depois da celebração do aniversário de Ellen, nos despedimos dela e de todo mundo. Felipe e Anderson, como sempre tiraram brincadeiras com a gente e de como eu estou "enrolando" Suzana.

Não se trata de enrolar, se trata de um pavor que tenho que se chama casamento. Fui abandonado no altar, literalmente. Minha noiva simplesmente não apareceu no dia do nosso casamento, eu fiquei plantado no altar, esperando por ela. E ela não apareceu.

Fui humilhado naquele dia, a vergonha e dor que senti não se comparam a nada neste mundo.

No carro, à caminho da nossa casa, Suzana está calada e eu até já sei o motivo desse silêncio. Eu a amo tanto, já dei tantas provas disso, mas a única que ela me pediu, eu não consigo dar. Engato a terceira marcha e levo a mão à sua coxa, o que faz minha loira me olhar.

— Está brava? — Tiro rapidamente o olhar do trânsito para analisar suas feições. — Você fica assim toda vez que vê Ellen e Heitor.

— Não estou brava. — Coloca a mão sobre a minha. — É que você sabe o quanto eu quero ter um filho.

— Claro que eu sei, mas você não quer sem casar. — Dou um sorriso.

— Vai que você me larga quando eu estiver grávida. — Me olha, finalmente, em tom divertido.

Odeio ter que ver Suzana assim por minha causa. Ela sempre cuida de mim e das minhas paranoias durante as madrugadas com muita paciência.

— Eu nunca largaria você, Su — hesito. — Essa é uma das certezas que eu tenho nessa vida e quero que você tenha também.

— Quem te vê todo fofo assim nem imagina o piadista safado que é. — Ela sorri outra vez e traz a mão aos meus cabelos.

— Existem pessoas que fazem a gente revelar o nosso melhor lado especialmente para elas — confesso.

Suzana fica calada, sei que impressionei a minha loira, mas fui sincero. Me concentro no trânsito e a ela continua calada, prefiro deixar assim. Sua mão não sai dos meus cabelos e eu amo isso. Suzana sabe ser carinhosa e sabe ser a mulher que conheci, obstinada e mandona.

— Será que podemos trepar logo? — Bato à porta do banheiro. — Sai daí, Su, quero usar essas coisinhas em você.

Olho para as bolas de pompoarismo com o vibrador e sinto meu pau latejar, não vejo a hora de ver isso em ação na minha Suzana. Estou louco para ver aquela safada gemendo, toda entregue ao que vou fazer com ela.

— Já estou indo, meu Rivotril.

— Rivotril *cê* me quebra, Su. — Finjo tristeza.

— Me espera na cama — ela diz, deixando a voz aveludada, cheia de promessas ocultas. — Já estou chegando.

— Meu pau já está duro aqui, *Suuu*, e louco por você — apelo ao drama que Anderson me ensinou. — Vem logo, amorzinho.

Sigo para a cama, desolado pela demora da minha loira em vir atender meu pedido. Porra, quero tanto ver essas bolinhas naquele cuzinho, ver ela tremendo toda de tesão. Suzana sabe torturar quando quer.

Antes que eu possa chamar outra vez, Suzana abre a porta do banheiro e aparece, me deixando louco. Ela está usando um hobby preto, de tecido transparente. Por baixo dele, noto apenas a calcinha rendada e os peitos deliciosos soltos para mim, como gosto. Involuntariamente, passo a língua nos lábios e abro um sorriso sacana.

— Acho que valeu a espera. — Coloco o brinquedinho de lado e estendo a mão. — Vem cá, quero ver isso de perto.

Espero Suzana vir e me sento à beira da cama. Ela desfaz o pequeno nó que mantém o hobby fechado e se expõe para mim. Levo as mãos às suas curvas e dedilho cada uma delas com cuidado. Amo quando ela faz alguma coisa especial para mim.

Somos assim, estamos sempre trazendo coisas novas um para o outro, ela gosta de experimentar os brinquedinhos especiais que compro e eu adoro quando ela usa algo diferente, ou até quando me domina.

Subo as mãos para os seus peitos e apalpo os dois com vontade, sentindo meu pau latejar dentro da cueca. Subo as mãos para os seus ombros e as deslizo pelos seus braços, livrando-a do hobby.

— Tem algo especial para usar hoje. — Beijo sua barriga e mordisco. — Comprei pensando em como seria lindo. — Deixo mais um beijo em sua barriga. — Te ver tremendo de tesão.

— É mesmo? — Ela sorri e monta em meu colo. — E o que estamos esperando?

Deito na cama e deixo que ela me comande. Suzana me beija intensamente, deslizando as unhas pelo meu peito e se esfregando sem dó no meu pau. Gemo e aperto sua bunda antes de lhe dar uma boa palmada.

— Fica de quatro.

Ela sorri, puxa meu lábio inferior com os dentes e isso me enlouquece de vez. Suzana sai de cima de mim depois de me atíçar e faz o que pedi, fica de quatro para mim e somente de calcinha.

— Primeiro eu vou chupar. — Abaixo sua calcinha devagar e passo o dedo em sua boceta. — Até você gemer gostoso.

— E depois? — me atíça, rebolando.

— Depois vou enfiar essas bolinhas aqui. — Circulo o dedo no cuzinho dela. — E comer sua boceta, enquanto elas vibram bem gostoso.

Suzana geme e abre um sorriso safado para mim. Amo quando ela fica safada assim, isso me deixa ainda mais insano para foder bem gostoso.

— Estou muito ansiosa por isso.

Abro um sorriso e pego o lubrificante, despejo um pouco na minha mão e espalho no cuzinho dela. Circulo o dedo ali e Suzana geme baixinho . Hoje promete ser delicioso.

SUZANA

Solto um gemido quando sinto o dedo do meu piadista safado pressionando meu ânus, me atijando. Seu dedo adentra e eu solto um gemido mais alto. Vejo as bolinhas ao meu lado na cama e sorrio ao ver o controle delas. Ah, devem ser deliciosas.

— Está gostoso, Su? — ele ronrona, movendo seu dedo em um vaivém lento.

— Uhum... Muito gostoso.

Sinto quando ele enfia mais um dedo e tremo.

— Machuquei?

— Não. — Lambo o lábio. — Continue.

Celso continua movendo seus dedos, me alargando para colocar as bolinhas em mim. Vejo quando ele pega as bolas e retira os dedos de mim. Lentamente, ele passa lubrificante nelas e as coloca com cuidado em mim, uma de cada vez. Sinto o peso delas dentro de mim e me remexo, adorando a sensação.

— Vamos ver o que essas belezas fazem. — Sua voz está carregada de malícia.

Olho para ele e, no mesmo instante, Celso aperta o botão, ativando as bolinhas dentro de mim. Fecho os olhos e solto um gemido, apreciando a delícia que são vibrando dentro de mim.

Celso gira um pouco o botão e as bolinhas vibram um pouco mais. Me remexo e sinto seus dedos começarem a tocar meu clitóris.

— Como estão as bolinhas?

— Deliciosas — falo baixo, sentindo um prazer enorme. — Vem cá, quero te chupar.

— Porra, Su, hoje *cê* me mata.

Apenas sorrio e espero que ele fique pé em minha frente na cama, com o controle das bolinhas nas mãos. Abaixo sua cueca e seu pau semi-rijo salta dela, deito de bruços e umedeço os lábios antes de segurar a base do seu membro e lambar sua glândula.

Celso geme e aumenta um pouco mais a intensidade de vibração das bolinhas. Solto um gemido com ele na boca e continuo empenhada em chupá-lo. Sugo a glândula e desço com os lábios por sua extensão grossa e quente.

— Hmn... Gostosa.

— Está gostoso? — Ergo meu olhar para ele.

— Muito. — Ele sorri. — Fica me olhando enquanto chupa.

Faço o que ele pede e vejo seu olhar satisfeito, enquanto passo a língua em todo o seu membro e nas suas bolas.

— Isso... Ah, que delícia, Su.

Ele se recompõe e aumenta um pouco mais o ritmo das bolinhas, deixando-as vibrar forte, me fazendo gemer alto e sentir as pernas ficando fracas. Isso está delicioso. Solto um gemido alto e deslizo minhas mãos no pau duro de Celso.

— Quero te foder.

— Então me fode, meu Rivotril. — Abro um sorriso sacana.

— Ah, vem cá, safada.

Celso me puxa e eu entendo o que ele quer fazer. Lhe dou as costas na cama, ficando de quatro com o bumbum virado para ele. Solto um gemido quando, ao me mexer, as bolinhas sacodem dentro de mim, me levando ao céu.

— Hum... — Ele pincela o membro duro em meu sexo. — Molhadinha como eu gosto, Su.

— Awn, Celso — gemo.

Quando eu menos espero, ele se enterra em mim de uma só vez, até o talo. Ele geme e regula mais uma vez a velocidade de vibração das bolinhas, me fazendo gritar. Celso começa a estocar forte em mim, em um vaivém preciso e intenso.

— Sua vez. — Me dá uma palmada forte no bumbum. — Mexe essa bunda, Su.

Obedeço sem pensar, meu tesão chegou em proporções elevadíssimas. Começo a rebolar em seu membro, sentindo as bolinhas tremendo forte dentro de mim.

Ele me faz parar e retoma as estocadas brutas. Tenho que me segurar para não gozar tão rápido, quero sentir mais um pouco do que temos para hoje.

— Está me apertando — rosna. — Quer gozar?

— Celso... — murmuro em um fio de voz.

Sinto sua mão em meu clitóris, estimulando sem pena. Ah, mas que safado, sem vergonha! Quer me ver gozando para se gabar quando eu gozar

de novo.

Eu amo este homem!

— N-Não...

— Sim, Suzy. — Ele ri. — Goza.

Solto um gemido alto, sentindo um prazer inexplicável. As bolinhas chegam a me deixar fraca, as estocadas e os dedos em meu clitóris fazem meu sexo esquentar e irradiar calor por todo o meu corpo. Fecho os olhos com força e agarro os lençóis, os espasmos do meu corpo não podem ser controlados.

Celso me faz gozar como ninguém.

— Hmn... Gozou, Su, melou tudo. — Ele lambe minha orelha, fazendo minha pele arrepiar. — Agora vai gozar de novo... E junto comigo.

Solto um gemido desesperado quando ele recomeça as estocadas duras e coloca o controle das bolinhas de lado, elas ainda vibram forte dentro de mim. Ele geme e segura nos meus cabelos.

— Oh, Celso — gemo, provocando. — Goza dentro de mim...

O barulho do atrito dos nossos corpos é delicioso, me faz sorrir. O suor corre solto, encharcando nossos corpos, mas não importa, já estou próxima à mais um orgasmo e estou louca para receber o seu dentro de mim.

— S-Suzana — sussurra.

— Goza, Celso.

Em segundos, ele urra de prazer e, em uma estocada final, estremece e se despeja dentro de mim. Jatos quentes e espessos me preenchendo do jeito que gosto, duro, forte e bruto.

Ficamos assim parados, em êxtase, por alguns instantes. Quando ele finalmente acorda do seu prazer, pega o pequeno controle e desliga a vibração das bolinhas. Celso puxa as duas com cuidado, me fazendo estremeecer, ainda meio fora de mim.

Vejo quando ele as coloca de lado e sai de dentro de mim, me puxa e cai junto comigo na cama. Olho para ele e vejo o quanto eu o amo, apesar de tudo. Celso me dá um beijo rápido nos lábios e sussurra um eu te amo.

— Eu também te amo, seu piadista safado.

Capítulo 5



CELSO

Acordo na madrugada com o coração apertado e uma falta de ar desesperadora. Sento-me na cama, ofegando, o suor brota frio na minha pele.

— Celso? — Suzana ascende o abajur, se senta e toca meu ombro. — Meu Rivotril, está tudo bem... Fica calmo.

Não consigo falar, a sensação de desespero faz meu ar faltar. Suzana me puxa para si e me aperta contra ela, afaga meus cabelos e fica em silêncio. Eu a abraço, sentindo meu peito queimar.

— Está tudo bem, meu piadista, respira fundo. — Me faz olhar para ela. — Eu estou aqui com você. Respire fundo, Celso.

Suas palavras começam a surtir efeito, como sempre surtem, e minha respiração começa a se normalizar aos poucos. Suzana passa a mão em meu rosto suado e eu sinto meu coração disparado.

— Se sente melhor?

Balanço a cabeça em resposta e Suzana abre um sorriso reconfortante.

— Vou buscar uma água para você.

— Não. — Impeço que ela saia da cama. — Fique aqui comigo, eu preciso de você.

— Tudo bem, eu fico. — Beija meus lábios. — Vamos deitar.

Puxo Suzana e nos deitamos juntos, ela se acomoda em meu peito e fica quieta. Lembro-me da nossa noite quente e cheia de tesão, de como

estávamos bem.

— Desculpe por isso, Su.

Ela ergue a cabeça e sorri para mim, me dando o carinho que sempre deu desde a primeira vez em que viu meu ataque. Antes isso acontecia com muita frequência, Suzana me convenceu a ir ao médico e eu contei a minha história... Tudo isso é culpa do trauma que sofri quando era mais jovem.

Agora eles acontecem com uma frequência menor e duram menos tempo, já houveram vezes de eu passar noites inteiras em claro. Suzana me salvou e me salva todas as vezes que isso acontece.

— Não precisa pedir desculpa, sabe que não. — Alisa meus cabelos e meu rosto. — Enterre seu passado, Celso... Sua avó nunca mais vai bater em você, não vai mais te intimidar.

"Enterre seu passado".

Se ela soubesse que eu não gosto do casamento por causa de uma ex que me abandonou, ficaria furiosa comigo. Talvez agora não seja a hora certa para eu contar, mas terei que contar muito em breve, Raquel está de volta na cidade, não quero correr o risco de elas darem de cara uma com a outra e eu perder Suzana.

— Vamos dormir, amanhã será um longo dia para nós dois. — Beija meu peito. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Paro o carro em frente à Editora em que ela trabalha e abro um sorriso sacana, mas ele some instantaneamente ao ver o Ricardo.

— Ele não deveria estar na sala? — Tenciono o maxilar.

— Está com ciúmes? — provoca.

— E se eu estiver?

— Irá estrebuchar, então. Não vou deixar de lado minha amizade com Rick.

Suzana beija minha boca rapidamente e sai do carro. Fico observando enquanto ela caminha até o amigo e o abraça. Meu sangue ferve, porque já notei as intenções dele sobre a minha Suzana e não gostei nada disso.

Engato a primeira e saio com o carro, não quero ter que sair deste carro e ir ali separar aqueles dois. Sigo para a SQUAD e tento me concentrar

apenas no que tenho para fazer lá.

Minha cabeça está à mil com a volta de Raquel, não que eu sinta algo por ela, tenho somente pena por ter se tornado uma mulher fútil e vulgar. Sua volta só me traz lembranças ruins.

Assim que deixo meu carro na garagem da SQUAD, sigo para o elevador e encontro Felipe nele.

— Fala, Celsinho. — Ele sorri. — Que cara é essa? Quebrou o pau?

— Preocupado.

— Tem a ver com a sua ex-noiva que voltou?

Balanço a cabeça, concordando.

— Você tem que superar isso, sabe que a Su não gosta de remoer passado.

— Eu sei. — Passo a mão nos cabelos. — Mas fiquei cismado com o tal casamento, não sei.

As portas do elevador se abrem no vigésimo andar e nós dois saímos juntos. Permaneço calado enquanto andamos pelo corredor, estou pensando em Suzana.

— Vai falar com Lara? — Felipe pergunta, sorrindo. — Nossa sala é para lá.

— Vou falar com ela, depois vou para minha sala.

Respiro fundo e sigo apressado até Lara. Ao me ver, ela abre um sorriso acolhedor e fica de pé para me cumprimentar com um abraço.

— Bom dia, Lara.

— Bom dia, Celso, está sério... Aconteceu alguma coisa? — Aponta a cadeira para mim.

— Na verdade, sim. — Sento-me e desabotoo o paletó. — Minha ex-noiva está de volta.

— A que te abandonou no altar?

— Isso. — Hesito. — Só que Suzana não sabe dela.

— Não sabe que ela voltou? Mas nem eu sabia e...

— Não sabe que ela é o meu trauma de casamento — confesso.

A boca de Lara se entreabre em espanto, ela fica em silêncio alguns instantes, que para mim são castigantes.

— Por que ela ainda não sabe disso, Celso? Suzana sempre foi muito comunicativa.

— Porque eu achei que não era necessário. — Enterro o rosto entre as

mãos. — Eu não quero que ela me odeie.

— Fale com ela. Não amanhã, não depois, mas hoje. Fale tudo, explique com calma. — Lara amansa. — Ela vai entender.

— Você acha?

— Tenho certeza.

SUZANA

Hoje está custando me concentrar no trabalho. Meu piadista safado não havia tido mais essa crise na madrugada, estou preocupada. Será que alguém de sua família falou alguma coisa?

— Está tudo bem, Suzy? — Ricardo me olha. — Parece distraída hoje.

— Tudo bem, Rick. — Tento sorrir para tranquilizar meu amigo. — Só preocupada.

Ele levanta de sua cadeira e vem até mim, apoia a lombar na minha mesa, cruza os braços e fixa o olhar no meu.

— Você é feliz com ele?

— Rick, nós já conversamos sobre isso. — Hesito, procurando as palavras. — Eu sempre fui uma mulher decidida, se eu não estiver satisfeita, eu mesma irei colocar um fim na minha relação. Agradeço muito a sua preocupação comigo.

— Desculpe. — Endireita o corpo. — Vou buscar um café, você quer?

— Sim, por favor. — Sorrio.

Assim que Rick sai da sala, meu celular vibra, é uma mensagem de Celso. Pego o celular e abro a mensagem.

"Podemos almoçar juntos hoje? Tenho algo a dizer".

Franzo o cenho, pensando no que pode ser para ele me intimar dessa maneira. Então eu digito a resposta:

"Me pegue aqui quando sair da SQUAD :)".

Bloqueio o celular e o coloco de lado. Olho para a tela do computador, onde há um livro importante que precisa ser revisado e não sinto o entusiasmo necessário para continuar.

Entro no carro e Celso me recebe com um beijo. Ao separarmos nossos lábios, afago seu rosto e ele me sorri.

— Onde gostaria de ir almoçar? — pergunta, com seu humor de sempre.

— Naquele restaurante em que me levou na primeira vez em que saímos juntos para almoçar. — Sorrio. — Faz tempo que não vamos lá.

Mais uma vez ele sorri e dá partida no carro. Durante o caminho, noto ele calado, mesmo mantendo seu humor maravilhoso de sempre. Temo pelo que quer me contar.

Ao chegarmos no restaurante, Celso me guia exatamente para a mesma mesa em que sentamos na primeira vez em que viemos juntos aqui. Quando nos acomodamos, ele fixa o olhar em mim e fica sério, coisa que ele se permite fazer poucas vezes.

Escolhemos nossos pratos e a bebida e então, tomo iniciativa:

— O que quer me dizer?

Celso respira fundo e fecha os olhos com força, como se estivesse se preparando para me dizer.

— Meu pé atrás com o casamento. — Sua voz treme. — É sobre isso que quero contar.

— Vai me contar o motivo? — me espanto. — Nunca quis falar sobre isso.

— Eu sei, mas eu preciso te dizer.

O garçom vem até nossa mesa e serve nossas taças com o vinho branco que escolhemos. Esperamos que ele se afaste para continuarmos.

— Então diga.

— O nome dela é Raquel. — Ele para de falar e me olha, me mantenho impassível. — Nós fomos noivos, íamos casar, ela jurava me amar até a véspera do nosso casamento.

— Continue.

— Raquel não apareceu para nos casarmos, me abandonou no altar... eu estava diante de centenas de convidados e ela me abandonou.

Fico em silêncio.

— Nunca mais a vi e nem pretendo. — Toma um gole do vinho e me olha, esperando uma resposta. — Por favor, não me odeie.

— Eu não sou Raquel. — Pego a taça e dou um breve gole no vinho, brava.

— Eu sei. — Ele segura minha mão por sobre a mesa e eu tento me manter impassível. — Fale alguma coisa, Su.

Olho fixamente nos olhos de Celso e vejo neles medo pela minha resposta.

— Você sabe que não gosto de remoeir o passado. — Hesito. — Foi bom ter me contado sobre o que ela fez, mas não significa que EU vá fugir no dia do casamento. Eu não sou ela.

— Está brava?

Bebo mais um gole do vinho e nego com a cabeça. Não estou brava, não há motivos para ficar. Não posso culpá-lo por sentir medo, eu mesma vou garantir que essa mulher suma de sua mente, que seja somente uma lembrança distante.

Capítulo 6



CELSO

Quando contei tudo à Suzana, pensei que fosse me odiar e agir do jeito implacável dela de sempre, mas não. Ela me surpreendeu sendo compreensiva.

Observo enquanto ela come. Sei que a notícia a deixou triste, mas Suzana não se permite abalar. Ela me pega no flagra, lhe observando. Recebo um sorriso e aquela expressão safada dela.

— Algo errado?

— Pensei que não fosse entender. — Trago o garfo cheio à boca.

— E por que não? — Suspira. — Nós tivemos uma vida antes de nos conhecermos... O que não quero é que isso nos afete, Celso, não permita isso pois eu não vou permitir. Sabe disso.

— Raquel não vai nos afetar.

— Ótimo.

Suzana sorri, diabólica, e eu noto que ela se mexe embaixo da mesa. De repente, sinto seu pé subindo por minha perna lentamente. Enrijeço na cadeira e ela sorri outra vez, levando seu pé até meu pau, que estava quietinho, na dele.

— Que porra é essa, Suzana?

— Adrenalina, Celso. — Lambe os lábios. — Coma.

— Você é perversa.

Volto a comer, enquanto seu pé acaricia meu pau por sobre a minha calça. Puta merda, essa mulher acaba comigo e eu amo isso.

Depois que terminamos de almoçar, voltamos para nossos respectivos trabalhos, mas eu quase subi pelas paredes durante a tarde por causa daquela safada me atçando no restaurante.

Já no final do expediente na SQUAD, meu celular vibra, me indicando uma nova mensagem. Pego o celular e abro a mensagem.

"Não precisa ir me buscar na Editora. Já estou em casa, esperando por você."

Sorrio e respondo:

"Já estou chegando".

Minha cabeça fervilha somente em imaginar o que a safada da Suzana está aprontando. Pego minha carteira, a arma e as chaves do carro. Saio da SQUAD cantando pneu, querendo chegar logo em casa para ver minha Suzana.

Faço o percurso com os pensamentos distantes, temo que algum encontro aconteça entre Raquel e Suzana e que algo nos separe. Não quero perder a mulher que me tirou do fundo do poço, emocionalmente falando.

Suzana me devolveu à vida.

Assim que chego em casa, encontro a sala à meia luz. Sorrio e chamo por ela, escuto sua risada e sigo o som. Encontro Suzana na varanda, usando um vestido preto, colado nas suas curvas.

— Temos algum motivo especial? — Cruzo os braços.

— Nosso bebê. — Ela sorri. — Vamos fazer um.

— Mas você não...

— Eu quero sexo, meu Rivotril e um filho. — Se aproxima. — Não vamos deixar que ninguém interfira entre nós dois, certo?

— Isso mesmo. — Seguro sua cintura e a puxo para mim, mudando o assunto: — Então você quer ver a anaconda em ação?

— Anaconda, é? — Ela ri.

— Sua sacana... bem fundo aqui — Deslizo a mão para baixo do seu vestido e me surpreendo por ela estar sem calcinha. — Que porra é essa, Su?

Quer matar esse devasso do coração?

Ela envolve meu pescoço com os seus braços e aproxima o rosto do meu, fecho os olhos e sinto sua língua atrevida nos meus lábios. Uma mordiscada devassa é deixada no meu lábio inferior e eu não resisto, ataco sua boca com força em um beijo intenso.

Deixo que minha mão suba para os cabelos da sua nuca e os enrosco nos meus dedos. Puxo-os para trás, fazendo sua cabeça pender um pouco, o que me deu espaço para mergulhar minha língua em sua boca deliciosa.

Suzana geme entre os beijos e ergue a perna. Seguro em sua bunda durinha e suspendo seu corpo, fazendo com que ela abrace meu quadril com as pernas. Carrego minha mulher para nosso quarto e me jogo com ela na cama.

Sou dominado e ela monta em mim, enquanto abre minha camisa devagar. Suas mãos espalmam meu peito e suas unhas fazem uma carícia deliciosa, fazendo minha pele arrepiar. Suzana curva o corpo para frente e alcança meu pescoço com sua boca, deixando beijos e leves mordidas.

— Hoje nós vamos madrugar — sussurra. — Está cansado?

— Sabe como vou recuperar minhas energias? — Sorrio.

— Como? — Me olha.

— Chupando esses peitos deliciosos. — Passo a mão neles por sobre o vestido. — Tire isso.

Ela se livra do vestido e eu vou de boca nos seus peitos deliciosos. Chupo os seus mamilos com vontade, até arrancar um gemido dos seus lábios.

— Vi algo em um livro que estou revisando e quero tentar com você — diz baixo, com a voz arrastada de tesão. — Penso que seja excitante.

— E o que é?

Olha para a janela panorâmica de nosso quarto, morde o lábio e volta a me olhar.

— Quero que me foda bem ali.

Abro um sorriso, adorando a ideia de foder Suzana naquela janela, sem me importar se alguém estará nos vendo.

— Quer ser vista sendo fodida, safada. — Apalpo seus peitos durinhos. — Fala quem é o único que realiza seus desejos, fala?

— Você. — Se esfrega em meu pau. — Faz do jeito que eu gosto... Me faz sentir única. Meu Celso.

— Adoro quando infla meu ego assim — brinco.

— Estou sendo sincera. — Passa as mãos nos meus cabelos.

Ela fica de pé e eu a sigo. Retiro minha calça de uma só vez junto com a cueca e a puxo para esfregar a bundinha deliciosa em meu pau duro. Passo a mão em sua boceta e a sinto úmida, mas não é o suficiente para mim.

— Vamos dar um jeito nisso aqui, baby.

Faço com que ela fique de frente para mim, me ajoelho em sua frente e beijo sua boceta, não antes de apreciar seu cheiro. Passo minha língua nos lábios vaginais antes de atacar o clitóris inchado e lamber com vontade.

Escuto seu gemido e impeço que feche as pernas, então ela agarra meus cabelos e encosta no vidro da janela panorâmica do nosso quarto. Ergo meu olhar e encontro o seu completamente perdido de tesão.

— F-Faz aquilo com a língua — pede baixo.

Sorrio ao lembrar o quanto ela gosta de quando brinco com a língua em seu clitóris. Então dou início à brincadeirinha deliciosa. Me sinto à ponto de gozar, somente chupando Suzana.

Subo as mãos para os seus peitos e aperto os mamilos durinhos, fazendo-a gemer ainda mais alto. Antes que ela goze fico de pé, faço com que vire de costas e penetro nela de uma só vez. Suzana grita e apoia as palmas das mãos nos vidros da janela.

— Veja a cidade aos nossos pés, Su — rosno, cheio de tesão. — Isso excita você?

Começo a estocar devagar, mesmo quase gozando. Quero dar todo o prazer que ela merece por ser a única mulher que entendeu os meus problemas, por ser a mulher da minha vida.

— Muito — geme e rebola em meu pau. — Awn... Celso, é delicioso sentir você me preenchendo inteira.

Abro um sorriso sacana e seguro seus cabelos loiros, antes de aumentar o ritmo das estocadas, tornando-as duras e ritmadas. Beijo suas costas nuas e passo a língua lentamente até seu pescoço antes de chupar levemente a pele do local. Suzana solta um grunhido e eu vejo sua pele arrepiar.

— Mais rápido — murmura. — Eu preciso gozar.

Solto um gemido quando ela rebola outra vez com meu pau dentro dela e então começo a estocar forte, como ela pediu. Solto seus cabelos e coloco as mãos sobre as dela, que estão no vidro da janela. Entrelaço nossos

dedos, segurando forte sua mão e mantenho firme o ritmo do vaivém intenso.

— Porra, que tesão — xingo.

Suzana geme e joga a cabeça para trás, encontrando meu ombro como apoio. Enterro meu rosto na curvatura do seu pescoço e gemo outra vez. Minhas bolas já reclamam, não posso segurar nem mais um segundo.

— S-Su — chamo baixo — Vou gozar.

— Oh... Eu também.

Ah, é delicioso sentir meu pau todo atolado nessa bocetinha quente e molhada. Cheiro seus cabelos loiros e sinto meu tesão chegar ao pico máximo. Tenho uma tara louca nesses cabelos dela. Urro quando gozo dentro dela e meu corpo estremece inteiro.

O orgasmo é tão intenso que chega a doer. Escuto seu gemido e ela aperta minhas mãos com força, chamando meu nome baixinho. Amo quando ela me chama em meio ao gozo. Escuto sua risadinha sacana e beijo seu pescoço, também sorrindo.

— Vamos de novo — murmura.

— Não precisa nem pedir, Su.

SUZANA

Celso arria sobre mim na cama, depois de gozar como um louco outra vez. Seguro firme seu corpo contra o meu, ainda sentindo os espasmos do orgasmo me tomarem.

— Precisamos dormir. — Sua voz soa abafada e divertida.

— Sim. — Dou risada e ele me acompanha.

Deslizo as mãos por suas costas suadas e ele ergue a cabeça para me beijar. Quando separa nossos lábios e eu vejo a bagunça que estão os seus cabelos, acabo abrindo um sorriso.

— O quê?

— Seus cabelos. — Passo as mãos neles. — Estão bagunçados.

— Culpa de uma certa tigresa selvagem que atacou o pobre cretino indefeso.

Acabo caindo na risada e ele sai de cima de mim, deitando ao meu lado. Celso me faz virar de costas para ele na cama e me abraça para que

fiquemos de conchinha. Sinto um beijo no meu ombro e ele me aperta contra si.

— Eu te amo, Suzana — diz em um tom de voz sério. — Nunca se esqueça disso.

— Eu também te amo. — Fecho os meus olhos, cansada.

Sinto o cheiro do perfume amadeirado e me remexo na cama. Um beijo é depositado em minha testa e eu abro os olhos. Celso está vestindo seu terno de três peças, deve haver alguma reunião importante na SQUAD hoje.

— Tenho que ir mais cedo hoje, baby. — Puxa o lençol para me cobrir. — Hoje terá uma reunião importante para a adesão de uma empresa ao grupo, preciso estar presente.

— Espero que consigam. — Afago seu rosto. — Boa sorte, meu piadista.

Celso abre um sorriso largo e encantador antes de dar as costas e sair do quarto com a arma no cós da calça e o celular na mão. Penso no quão traumatizado ele é em relação à avó e, agora, pelo que sei, pela ex-noiva.

Como alguém pode ser tão sem coração a ponto de abandonar outra pessoa dessa maneira? De iludir por tanto tempo? Tem alguma coisa muito errada nessa história.



CELSONO

Ao chegar na SQUAD, dou de cara com Anderson, Felipe e Benjamim discutindo no corredor.

— Você é uma puta nervosa, Ben — Anderson xinga. — Será que dá para se acalmar?

— Cadê aquele porra do caralho?

— Olha ele aí, minha ninfeta. — Felipe cruza os braços, totalmente calmo.

— Bom dia, minhas putinhas. — Sorrio. — Estou atrasado ou vocês chegaram muito cedo?

— Benjamim que está nervoso, como sempre. — Felipe dá risada.

Passo as mãos nos cabelos e dou risada, o que faz Ben esquentadinho fechar a cara. Vejo quando Lara sai da sala de reuniões com um sorriso no rosto e encara o marido emburrado.

— Aaaah! Entendi porque ele está assim — digo, rindo. — Larinha foi recepcionar os ricões lá dentro.

— Vai se foder — xinga.

Lara abre um sorriso e se aproxima de Benjamim para arrumar sua gravata e o terno. Ele a encara com o olhar mais apaixonado que já vi na vida.

— Você vai entrar naquela sala e vai convencer aquele homem a vender a empresa dele. — Fica na ponta dos pés e beija meu amigo. — Meu

insuportável.

Benjamim sorri.

— As pastas estão lá, atrevida?

— Sim, tudo certo. — Vira-se para nós. — Boa sorte, meu quarteto.

Observamos enquanto ela se afasta e voltamos a nos concentrar para a reunião. Nós quatro armamos toda uma apresentação da SQUAD, gráficos com todos os sucessos e todos os caminhos que poderíamos usar para tirar a empresa dele da falência se nos vendesse.

Repassamos toda a apresentação do lado de fora da sala e todos os nossos argumentos interligados antes de entrarmos e darmos início à reunião.

— Foi muito bom fechar negócio com vocês. — Benjamim fica de pé.

Todos nós nos prontificamos e também ficamos de pé. Apertamos a mão do dono da empresa, que acabou de assinar os documentos da venda dela. Assim que eles se retiram da sala de reuniões, Lara entra e nos encara cheia de expectativa.

— E então?

— Conseguimos. — Felipe abre o paletó e se joga na cadeira.

Lara fecha a porta e vem até nós, animada. Abraça o marido e olha para nós.

— Ben mandou muito bem hoje. — Pisco para ele. — Sabe que fico todo ouriçado.

A cara de rabo que ele faz para mim me faz cair na risada e Lara resolve intervir.

— Parabéns aos homens mais sérios da face da Terra.

— Obrigado, Lara — Anderson agradece. — Somos o quarteto fantástico, afinal.

— Para quem xingava meu apelido, até que você adotou né, seu safado? — xingo.

— Comprei os direitos do apelido.

— Sua loirinha vai te dar uma surra — revido.

— Só se for de boceta. — Ele ri. — Depois que tivemos Heitor, minha loirinha está toda fogosa.

— Parem, seus safados — Lara diz e sorri para nós. — Benjamim,

você fala assim de mim para os seus amigos?

— O quê? Nunca — mente descaradamente, dando risada.

— Iiih. — Felipe ri. — Sem mentiras, Ben.

Benjamim recebe um tapa de Lara e ela se afasta, fazendo drama. Junto minhas pastas na mesa e pego todas, mas antes que eu possa me dirigir à porta, Lara me chama.

— Conversou com Suzana?

— Sim. — Sorrio, sem humor.

— E então?

— Ela compreendeu que Raquel faz parte do meu passado. — Bufo.
— Infelizmente ela me deixou uma marca eterna.

— Marca que você precisa superar — diz, calma. — Sabe que Suzana sempre foi decidida e não é de abrir mão de coisa alguma.

Balanço a cabeça e solto um suspiro, sabendo que é a verdade, mas não está sendo fácil para mim lidar com a volta dela e com tudo o que ela já me causou. Suzana tem um sonho que está sendo impedido de se realizar por minha causa. Porque ela me ama o suficiente para abrir mão do que quer, então devo fazer o mesmo por ela. Porque a amo.

— Ainda não consigo.

Anderson se aproxima de mim e dá dois tapas no meu ombro antes de olhar para mim e sorrir.

— Sua loirinha é louca por você, não perde ela não. — Sacode a cabeça como se quisesse esquecer algo. — Perdi a minha uma vez e não aconselho ninguém.

— Vou tentar guardar todos os conselhos para quando eu tiver a minha — Felipe brinca.

— Você já tem, só não assume — Benjamim começa. — A vizinha.

Todos demos risada, ele mostra o dedo do meio à Benjamim, mas não diz nada sobre a vizinha, parece que as coisas entre eles deram uma esfriada.

— Obrigado pelos conselhos, seus putos e Lara.

Aceno para todos e saio da sala ouvindo os xingamentos de Benjamim por ter me referido à Lara de modo especial. Vou diretamente para minha sala colocar meus serviços em dia e lá me perco o dia todo.

SUZANA

O dia passou rápido, me vi presa em uma revisão de um romance erótico deliciosamente quente. Leio e reviso todos os gêneros, mas o erótico é o que mais gosto, o que mais me atrai.

Ao final do dia, cheia de ideias, decido que preciso deixar Celso sem sexo e provocá-lo. Quero o meu Rivotril cheio de vontade para o que pretendo fazer. Chega a dar água na boca somente em imaginar.

Agora não me pergunte como eu, a amante do sexo, irei me controlar diante da tentação que é aquele homem delicioso que dorme ao meu lado.

Por incrível que pareça, chego em casa depois dele e noto que está dormindo no sofá, com a TV ligada. Então decido colocar meu plano em prática. Vou tomar um bom banho demorado e colocar minha camisola que ele adora.

Estou passando hidratante nas pernas, quando sinto uma mão firme em minha pele dos braços, acariciando. Um leve beijo é deixado em meu ombro e no pescoço.

— Cheirosa. — Aspira profundamente. — Uma delícia.

— Obrigada — me faço.

Fecho os olhos quando sinto suas mãos subindo para os meus seios, acariciando-os. Merda, preciso ficar forte, ou minha ideia de tê-lo louco de tesão não vai dar certo.

— O que está fazendo? — Pigarreio.

— Te provocando... Para depois te comer gostoso.

— Ah? Não vai rolar hoje, não estou no clima — minto descaradamente. — Hoje foi muito puxado no trabalho, preciso descansar.

— É? Mas eu posso te relaxar toda — provoca, lambendo minha orelha. — Se eu te fizer gozar te chupando. Sei que você adora quando te chupo...

A proposta tentadora penetra em minha mente. Ah, eu adoro sim quando ele me chupa. Celso usa muito bem sua língua devassa e eu amo.

— Preciso dormir um pouco, pode ser? — Me viro para ele, me

recompondo e usando uma força sobrenatural para não pedir que ele me chupe.

A carinha dele de devasso que vai dormir com tesão me faz ter vontade de rir, mas me contenho. Amanhã ele vai ter uma surpresa, vou comprar algo para deixar nossa noite ainda mais quente que o normal.

— Tá bom. — Beija meus lábios e sorri. — Como foi o seu dia? Nem nos vimos hoje direito.

Ele caminha até nossa cama e se senta, também vou para a cama e sento ao seu lado. Para provocar, continuo espalhando o hidratante nas pernas.

— Meu dia foi ótimo, me envolvi em uma revisão maravilhosa. — Finalizo a hidratação das pernas e olho para ele. — E o seu? Conseguiram aderir a empresa?

— Sim, sabe como nós somos — se gaba. — Imbatíveis.

— E convencidos também.

Celso passa as mãos nos cabelos e sorri. Antes que ele possa me provocar com seu toque quente outra vez, levanto-me da cama e contorno a mesma para me deitar em meu lado dela. Puxo o lençol para cima de mim e dou as costas para ele.

— Boa noite, meu Rivotril.

— Boa noite, Su.

Escuto quando ele deita e puxa o lençol para se cobrir. Desliga o abajur e vira-se para mim. Celso beija as minhas costas e me puxa para colar seu peito nas minhas costas. Ah, mas que safado provocador.

— Sacanagem é você ter colocado a camisola que eu mais gosto de ver em você — resmunga perto do meu ouvido.

Dou risada e me mantenho quieta para não correr o risco de não resistir ao meu boy Rivotril delicioso. Como diria minha amiga Lara: Céus.

Mas é tudo por uma boa causa.

Em minha hora de almoço, mando uma mensagem para Celso, avisando que precisarei almoçar perto da Editora devido à uma revisão que preciso concluir. Não é de todo mentira, pois também preciso concluir uma revisão importante.

Me dirijo ao shopping próximo à Editora e começo a procurar algum sex shop. Não demora para que eu encontre e, sem qualquer cerimônia, entro na loja.

Depois de muito procurar, encontro a lingerie perfeita para o que pretendo fazer mais tarde com Celso. Comprei também algemas e máscaras estilo venezianas para a nossa noite quente. Assim que paguei as compras, saí da loja em direção à Editora.

Quando volto para minha sala, Rick olha para as minhas sacolas e franze o cenho e, pela primeira vez na minha vida, me senti constrangida por alguma coisa. Afinal, Ricardo é meu amigo e colega de trabalho.

— Foi às compras?

— Sim. — Sorrio e vou para minha mesa. — Já começou alguma coisa?

— Não, estamos esperando uma autora nova vir tratar a revisão com a gente. — Bufo. — Disseram que essa é chata pra cacete.

— Ah, é? — Dou risada. — Qual o nome dessa benção?

— Se não me engano, seu nome é Raquel.

Meu coração dispara de repente. Seria muita coincidência a mulher ser autora e justamente na editora em que eu trabalho. Seria demais para mim.

Capítulo 8



CELSO

Abro a porta do apartamento e vejo que as luzes estão acesas, sorrio por saber que minha Suzana está em casa. Fecho a porta e giro a chave, trancando-a. Retiro meu paletó e sigo em direção ao nosso quarto.

— Su? — chamo.

Paraliso quando a vejo deitada em nossa cama, com aquela bundinha para cima, vestindo somente uma lingerie fio dental, me enlouquecendo. A máscara prateada em seu rosto me faz sorrir.

— Uau — deixo escapar. — Isso tudo para mim?

— Uhum...

Jogo o paletó longe e me aproximo da cama, dou uma palmada em seu bumbum durinho e ela geme com um sorriso sacana nos lábios.

— Vá buscar a webcam. — Balança as pernas no ar lentamente. — Temos muita coisa para fazer hoje.

— É mesmo? — Fico de pé e coloco a arma no criado-mudo. — O que preparou hoje?

— Máscaras. — Joga uma máscara preta para mim e balança um par de chaves. — Algemas e nossa webcam.

Meu pau fica duro na hora, somente em lembrar da nossa última foda em frente à uma câmera com várias pessoas nos assistindo. Delicioso e excitante.

— Vai precisar beber alguma coisa para se soltar dessa vez? — pergunto, abrindo os botões da minha camisa. — Vinho... Tequila...

— Não, dessa vez estou liberta e louca para ter você. — Vira para mim e abre as pernas. — Dentro de mim.

Me livro da calça e da cueca de uma só vez e paro para observar a calcinha enfiada naquela bunda deliciosa. Puta merda, que delícia. Ela traz sua mão ao meu pau e me masturba lentamente.

— Coloque a máscara. — Me entrega e eu a coloco.

Gemo quando ela aperta meu pau e o solta de uma só vez. Abre mais uma vez o seu sorriso sacana e eu entendo que ela não vai continuar se eu não pegar a câmera.

— Vou buscar.

De pau duro, caminho pelo quarto para buscar o notebook e a câmera. Quando preparo tudo e conecto com o site, vou para perto dela na cama e ficamos nos acariciando, esperando os usuários entrarem em nossa live.

— Me algeia — sussurra em meu ouvido.

Suzana estende para mim as algeias e lança um olhar intenso para a câmera, que nos transmite ao vivo. A algeio na cama e olho para a tela do computador, quando escuto o som dos tokens entrando.

Abro um sorriso para a câmera e vejo as mensagens subindo, mas não me dou o trabalho de lê-las, apenas digito uma mensagem.

"A brincadeira vai começar quando atingirmos mil views."

Então, começo a acariciar o corpo de Suzana, esperando a quantia de *views* subir. Ela morde o lábio e aperta as coxas uma contra a outra. Deixo beijos no colo dos seus seios e solto seu sutiã. Exponho seus peitos suculentos e escuto outra vez o som dos tokens entrando.

— Awn... — geme. — O que estamos esperando?

— *Views*, amorzinho. — Mordisco seu mamilo e ela solta um gritinho.

Suzana ergue a cabeça para ver a tela do computador e me olha com aquela cara de quem quer ser muito bem fodida.

— E quantas temos?

Me aproximo rapidamente da tela do computador e sorrio.

— Seiscentas e trinta e duas.

— Quantas você quer? — Passa a ponta dos pés em meu peito nu.

Me afasto do seu toque traiçoeiro e abro um sorriso diabólico. Sei o quanto ela é apressada, vai enlouquecer com a espera. Vou para o lado dela na cama e fico de joelhos, meu pau chega a pulsar somente por vê-la ao meu dispor.

Dou uma rápida olhada para a tela do computador, que nos transmite em tempo real, para constatar se estamos corretamente enquadrados e volto a me concentrar nela.

— Mil. — Deslizo a ponta dos dedos pelos seus pés e Suzana fecha os olhos. — Gosta?

Sua resposta é um gemido e o arrepio que toma sua pele. Continuo subindo por sua perna e vejo o arrepio ficar mais intenso em sua pele macia. Beijo cada parte das suas pernas lentamente e sorrio ao ouvir o som dos tokens entrando e das mensagens chegando. Olho de novo para a tela e sorrio ao ver que alcançamos a nossa meta.

— Vamos começar, baby.

Minha mão alcança sua calcinha, coloco minha mão para dentro lentamente e estimulo seu clitóris. Sinto sua boceta molhada e eu não resisto, enfio meu dedo e Suzana fecha os olhos, mordendo o lábio. Sorrio quando ela aperta as coxas uma contra a outra e geme.

— Oh, meu Deus. — Lambe os lábios. — Bem aí hmnn...

Suzana força as algemas e me lança aquele olhar devasso que me convida a entrar nela e satisfazer meu tesão. A safada fez questão de me torturar ontem, vestindo a camisola que mais gosto de ver nela e me negando fogo.

— Vem — chama. — Me deixa chupar você.

Putá merda! Tem coisa mais deliciosa do que uma mulher te pedir isso?

Sorrindo, fico com os joelhos um em cada lado dos seus ombros e seguro na base do meu pau para direcionar à sua boquinha quente. Olho fixamente para os seus lábios quando ela os coloca ao redor da minha glândula e a suga pacientemente, me fazendo gemer.

— Hmnn, que gostosa — gemo outra vez. — Abre a boquinha e coloca a língua para fora.

— Vai foder minha boca? — A safada sorri.

Os sons dos tokens entrando me fazem sorrir também. Olho

rapidamente para a tela e mensagens não param de chegar, me dando sugestões de como fazer com ela. Ignoro. Quero que seja bom para ela, quero sempre agradar Suzana.

— Ah, eu vou sim.

Ela abre a boca e coloca a língua para fora, como pedi. Coloco meu pau dentro de sua boca até sentir sua garganta. Solto um gemido alto e a vejo engasgar.

— Isso, amorzinho, com calma.

Retiro o pau da sua boquinha quente e ela lambe os lábios. Saio de cima dela, sorrio e lhe dou um beijo rápido. Me encaixo entre as suas pernas e pincelo meu pau em sua bocetinha quente e molhada antes de entrar nela devagar, abrindo o caminho quentinho e apertadinho que eu adoro.

— Oh — geme e envolve meu quadril com as suas pernas. — Faz aquilo com o quadril, que eu adoro... Faz?

Me curvo e alcanço seu ouvido, deixo uma pequena mordida em sua orelha e vejo quando ela força as algemas, louca para me tocar.

— Pedindo desse jeitinho e com essa carinha sacana, eu faço tudo. — Volto a olhar em seus olhos verdes por trás da máscara.

Começo a mexer o quadril em círculos, do jeito que ela gosta, sentindo meu pau ser engolido pela boceta mais deliciosa que já provei. Solto um gemido e Suzana agarra com força as algemas que a prendem à cama.

Entro e saio dela algumas vezes e volto a mexer o quadril em círculos. Suzana revira os olhos e geme alto, desimpedida, do jeito que gosto. Minhas mãos passeiam pelo seu corpo e pelos seus peitos deliciosos, não resisto e volto a colocar um deles em minha boca, chupando com vontade.

Subo, deixando beijos pelo colo dos seus seios e alcanço sua boca com a minha. Beijo sua boca de maneira forte, abafando seus gemidos e em uma sincronia perfeita, gozamos juntos, como dois loucos. Separo nossos lábios, apenas para fechar a tela do computador, encerrando a transmissão.

Pego as pequenas chaves das algemas em cima do criado-mudo, ao lado do notebook e liberto Suzana para, finalmente, sentir seu toque em mim. Suas mãos sobem delicadamente pelas minhas costas suadas até chegar aos meus cabelos.

— Gostou do que preparei?

— Eu amei. — Sorrio. — Você sempre me surpreende.

Penso em algo que possa surpreendê-la também e acho que até já sei o

que posso fazer.

— Gosto de tentar coisas novas.

— É? — Mordisco seu lábio inferior. — Vamos testar nosso limite, então.

SUZANA

Ofegantes e suados, caímos os dois na cama depois de mais uma rodada de sexo. Grande ideia essa minha de privar Celso, agora o homem não me deixa nem respirar. Ele dá risada quando me puxa para me aconchegar em seu peito.

Coloco o braço sobre seu peito e apoio meu queixo em minha mão, olhando-o fixamente. Vejo quando ele passa a mão no cabelo e nossa, eu amo quando ele faz isso.

De repente, a autora que apareceu na Editora hoje me vem à cabeça. Será que ele seria mesmo capaz de ter me contado somente porque sabia que ela estava voltando? Não. Celso não faria isso comigo.

— Meu Rivotril?

— Diga, Su. — Me olha.

— O que sua ex-noiva faz da vida?

A mão livre de Celso vem para meu rosto e ele passa o dedo polegar em minha bochecha.

— Por que isso agora?

— Só. — Hesito. — Só me diga, ok?

— Ela escrevia no tempo em que éramos noivos. — Não desvia o olhar do meu. — Era louca para publicar seu livro... Mas por que a pergunta?

Fico paralisada depois de ouvir suas palavras, Celso franze o cenho.

— Tudo bem?

— Celso, por que eu acho que você está me escondendo algo? — Solto o ar e me afasto dele, sentando-me na cama. — Por que eu estou achando que você me contou sobre ela somente por saber de sua volta? Ela é escritora na Editora em que EU trabalho, vou fazer parte das revisões dos livros dela.

Ele fica pálido e eu tenho a certeza de que ele sabia da volta dessa

mulher. Em um impulso, soco seu peito e ele se senta imediatamente.

— Falou com ela? — murmuro a pergunta.

— Suzana, me escuta...

— Falou. Ou. Não? — digo de forma compassada, com raiva.

— Sim, ela me procurou.

Continuo ali, quieta, olhando para ele, desapontada. Por fim, nego com a cabeça e levanto da cama, ainda nua.

— *Peraí*, Su.

Celso vem atrás de mim e me segura, fazendo com que eu pare de andar. Me vira para ele e me faz encarar seus belos olhos azuis.

— Me escuta, por favor. — Solta a respiração e inclina a cabeça para frente, para encostar sua testa na minha. — Eu sei que quebrei sua confiança, mas eu preciso que me escute.

— Estou escutando.

— Raquel falou comigo sim. — Volta a me olhar. — Mas não foi nada demais, apenas perguntou um bom hotel para se hospedar até que encontrasse um...

— Ah, um bom hotel, é? — grito, perdendo a paciência. — Você acha que o quê? Que sou alguma idiota, Celso? Para que porra existe um site de reservas? Você trabalha em algum por acaso?

— Suzana, ela é o meu passado. — Segura meu rosto entre as suas mãos.

— Passado este que você nunca enterrou, como quer que eu acredite em você agora?

— Vem, senta aqui. — Me faz sentar na nossa cama. — Vamos conversar com calma, ok?

Meu silêncio fazem seus olhos encherem-se de lágrimas. Sinto um aperto em meu peito, mas não me permito ceder, afinal, foi ele quem optou por me enganar, mesmo sabendo que eu sempre fui completamente aberta à conversas. Olho fixamente para ele, quando se senta ao meu lado na cama.

— Eu juro a você, que é a mulher que eu amo. — Hesita. — Que eu não me encontrei com Raquel e nem ia. Nosso contato foi somente pela rede social, sobre os...

— Por que você simplesmente não esquece essa mulher? — Finalmente deixo que as lágrimas escapem. — Por que ela tem que atrapalhar a gente, mesmo não se fazendo presente? Por que eu tenho que suportar tudo?

Ele tenta me abraçar, mas eu me afasto. Celso suspira profundamente e começa:

— Eu não sabia onde enfiar a minha cara, mais de duzentos convidados e a notícia de que ela não estava em lugar nenhum... Que não chegaria porque foi correr atrás de fazer sua carreira. Demorei demais a perceber que eu era o único que amava ali, demorei para ver que fui um idiota por amar tanto. — Respira fundo. — Eu não merecia passar por aquilo.

Entendo o trauma dele, entendo que cada um tem seu tempo e eu dei o tempo a ele, tenho um sonho de ser mãe e ele está sendo atrasado por causa disso. E o que eu fiz? Apenas entendi Celso e seu trauma. O que ele fez? Me escondeu que sua ex estaria aqui e que poderíamos nos encontrar a qualquer momento, como nos encontramos.

— Fale alguma coisa, Suzana, por favor.

— Eu vou embora.

— O quê?!

— Todo esse tempo eu suportei seu trauma com casamento sem ao menos saber um porquê disso e quando você decide me contar é porque entrou em contato com a ex-noiva e ela avisa que está chegando... Celso, quando você decidir quem realmente ama, me procure.

O olhar transtornado dele me dói, mas preciso que Celso decida o que ele realmente quer. Preciso que ele escolha se me quer ou se prefere correr atrás do seu passado.

— Não, por favor, não faça isso comigo. — O desespero é nítido em seu rosto. — Eu não suportaria ser abandonado por você.

Celso deita em meu colo, deixando o choro tomar conta dele. Ele me segura com força, como se a qualquer momento eu fosse sair dali. E eu ia.

— Por favor, Suzana. — Funga. — Acredita em mim, eu nunca pensei em te trair, nunca... Tudo o que eu preciso eu tenho aqui. — Levanta a cabeça para me olhar. — Você sempre foi o que eu preciso, a única que me entendeu, que me aceitou com os meus traumas... Eu sei que deveria ter te contado, mas por favor, não me abandone.

Depois das suas palavras o silêncio se estabelece no quarto. Meu coração está apertado e os olhos queimam com as lágrimas que ameaçam cair. Respiro fundo e olho nos seus olhos, com minha decisão tomada.

Capítulo 9



CELSO

Meu coração está doendo, a expressão decepcionada de Suzana para mim me mata. Eu errei em não ter contado sobre a volta de Raquel, ou sobre ela ter falado comigo, mas eu achava que não tinha importância.

Fico olhando quando ela levanta da cama outra vez e vai até o nosso closet, pega rapidamente uma roupa e começa a vesti-la.

— Suzana. — Vou até ela e sou completamente ignorado. — Baby.

Tento tocar nela, mas ela se afasta.

— Não toca em mim.

— Você vai mesmo embora?

Me dói a possibilidade de uma resposta positiva, mas preciso saber.

— Eu preciso de um tempo para pensar se devo insistir nisso. — Veste uma blusa rapidamente e me olha. — Simplesmente passei por cima de tudo por você, Celso... Sua recusa em se casar e em ter um filho, que é o meu sonho, eu deixei de lado porque alguém um dia te machucou, seus ataques de pânico por causa da maldita da sua avó — hesita. — Eu só queria que você fosse sincero e verdadeiro comigo, como eu fui em todos esses anos em que estamos juntos. Quem me garante que você não mantém contato com ela?

Suas palavras me doem, mas sei que são a mais pura verdade, ela está certa em duvidar de mim, está certa em me dizer essas coisas, mas eu não escolhi isso para mim, não escolhi ter vivido tudo o que vivi.

— Eu jamais faria algo que te magoasse. — Enxugo seu rosto, que está banhado em lágrimas.

— Você fez, Celso. Um relacionamento é criado à base da confiança e é nessa base que deve permanecer. — Afasta as minhas mãos. — Vou levar alguns pares de roupas, estou indo para a casa de Lara.

— Não vá, por favor.

— Já estou decidida, estamos dando um tempo, preciso pensar.

Suzana abaixa para pegar uma mala e coloca algumas roupas dentro rapidamente. Escuto quando ela funga e solta o ar pela boca. Merda, o que eu posso fazer para que ela fique? Tempo? Essa merda nunca faz um relacionamento voltar, é só um disfarce para o fim.

Quando ela sai do closet com uma mala, pega o celular no criado-mudo, disca um número e leva o aparelho ao ouvido. Eu a encaro com firmeza, mas ela evita o meu olhar.

— L-Lara? Será que posso dormir aí? — Segura o lábio inferior entre os dentes, prendendo o choro. — Quando eu chegar, eu explico. Obrigada.

— Passe, pelo menos, a noite aqui. — Me aproximo quando ela desliga.

— Como eu te disse uma vez, eu não sou a mocinha indefesa. — Enxuga o rosto. — Vou ligar para um táxi.

— Não vai não. — Pego uma cueca e a visto. — Eu respeito que você está decidida a dar um tempo entre nós, que quer pensar... Admito que errei, mas não vou deixar você sozinha à essa hora, porra. Eu te levo, se é o que você realmente quer.

O silêncio dela me diz que aceitou. Pego as chaves do carro com meu coração doendo e ao chegar perto dela, sinto um clima pesado entre a gente, a desconfiança. A culpa disso tudo é minha.

Descemos juntos para a garagem, ver essa mala dela me dói profundamente, então me coloco em sua frente antes que ela possa abrir a porta do carro para entrar.

— Você quer que eu ajoelhe e implore? Eu faço.

O olhar espantado dela aos poucos se transforma no mesmo olhar gélido que recebi lá em cima.

— Nunca quis você aos meus pés, sabe disso. Eu quero que aprenda a confiar em mim... Quis, na verdade. — Hesita. — Vamos logo, não posso chegar muito tarde.

No caminho, não trocamos nenhuma palavra e nas poucas vezes que algum som foi emitido, foi o som dos nosso choro, o som da nossa dor, o som de um relacionamento que sempre esteve fadado ao fracasso, mas que mesmo assim nós dois lutamos para que desse certo. E eu estraguei tudo.

Ao parar o carro na frente do edifício em que Lara mora com Benjamim, destravo o carro e olho para Suzana, que respira fundo.

— Espero que possa entender que Raquel me causou feridas que carregou até hoje, mas não faz parte do meu presente... Você faz, porque eu te amo.

— Eu também te amo, Celso. — Me olha. — E é isso o que mais me machuca, te amar, apesar de tudo.

Ela deixa o carro e sai andando sem olhar para trás. Olho em volta e vejo os seguranças de Benjamim, faço o aceno para eles e dou uma última olhada em Suzana entrando no edifício antes de dar partida no carro. A dor em meu peito é imensa, não sei o que vou fazer sem a minha tagarela.

SUZANA

Toco a campainha do apartamento em que Lara mora e espero um pouco. Quando ela abre, não penso em nada, largo a mala e abraço a minha amiga. Posso ver Benjamim sentado no sofá, com seu celular na mão, mas Lara me solta e me faz olhar para ela antes que eu possa reagir.

— Entra. — Pega minha mala e coloca para dentro antes de fechar a porta. — O que aconteceu?

— Celso — hesito e Benjamim olha para mim. — Ele me escondeu sobre ter falado com a ex, me escondeu que ela estava voltando... Aliás, ele só me contou sobre o que ela fez porque sabia que ela estava voltando.

O casal em minha frente troca um olhar que não consigo decifrar, parece ter uma mensagem oculta ali.

— Que caras são essas? Vocês sabem de alguma coisa? Ele me traiu?

— Não. — Lara me faz sentar. — Celso não trairia você. Ele quis te proteger, sabe que esses safados são assim.

— Celso sempre soube que eu não sou a mocinha indefesa — hesito. — Sempre soube que estávamos juntos e que eu estaria com ele em tudo o

que enfrentássemos e por que ele fez isso comigo, Lara?

Caio em um choro dolorido pela decepção.

— Bom, eu vou deixar vocês duas aí. — Benjamim dá um breve beijo em Lara. — Estou indo me deitar.

Assim que ele some no corredor, olho para Lara e enxugo o rosto.

— Vai com ele, Lara, vou ficar bem aqui na sala. — Seguro as suas mãos. — Vocês já fizeram muito me recebendo à essa hora.

Minha amiga abre um sorriso de conforto e aperta as minhas mãos antes de se colocar de pé.

— Vamos, vou te estabelecer lá perto de Ellen.

Sigo Lara e ela abre a porta do quarto da pequena Ellen devagar. Vejo um pequeno abajur aceso e deduzo ser o medo do escuro da pequena. Ela dorme profundamente abraçada com um ursinho de pelúcia.

Lara abre o guarda-roupa e pega um lençol e uma toalha para me entregar, aponta para a cama perto da de Ellen e sorri.

— Se arrume aí — sussurra. — Se precisar de um banho, no final do corredor tem um banheiro e se quiser mais alguma coisa, estou no quarto ao lado.

— Obrigada. — A abraço. — Por tudo.

Quando nos separamos, Lara olha uma última vez para a filha e sai do quarto. Posso ouvir quando a porta do quarto ao lado é fechada. Sento-me na cama e olho para a pequena adormecida. Ela é uma mistura linda de Benjamim e Lara, tanto na aparência quanto no gênio.

Todas as vezes que a vejo junto com o pequeno Heitor de Melissa, sinto ainda mais vontade de ser mãe, de ser chamada de mãe, de ser o colo. Toco minha barriga e me sinto inútil, tanto tempo com Celso e eu não consegui fazê-lo superar os traumas para que pudéssemos formar uma família.

Por fim, já cansada de chorar, busco uma roupa de dormir na mala e pego a toalha que Lara me cedeu. Saio do quarto em direção ao banheiro e tomo um banho para retirar os resquícios de uma noite que começou feliz.

Sou acordada com um toque delicado em meu braço. Olho para a pequena figura vestindo um pijama e com os cabelos assanhados.

— Titia, por que *tá* dormindo aqui? — Cruza os braços. — Você não mora com o tio Celso?

Sento-me na cama e abro um sorriso gentil para Ellen, que sobe na cama para se sentar ao meu lado.

— Sim, meu anjo. — Passo as mãos nos seus cabelos pretos. — Mas eu e o tio Celso brigamos e eu precisei vir para cá... Tudo bem em dividir o quarto comigo?

— Siiim. — Fica de pé na cama. — Vamos fazer muitas coisas legais, não é?

— Vamos sim.

Nessa hora, Lara abre a porta e sorri para nós duas.

— Mamãe, mamãe. — Ellen desce da cama e vai até Lara. — Eu a tia Suzy vamos brincar muito!

— Claro que vão, assim que a mocinha chegar da escola. — Pega na mão de Ellen e pisca para mim. — Vamos tomar um banho.

Escuto quando Ellen reclama sobre não querer ir à escola e sorrio comigo mesma antes de levantar-me da cama. Vou procurar uma roupa na mala para poder ir trabalhar hoje. Penso em Celso, se ele teve algum daqueles ataques de pânico, se está bem. Apesar de tudo eu o amo e jamais iria querer vê-lo mal. Eu só preciso de um tempo para digerir o que ele fez.

Capítulo 10



CELSO

Quando entro em casa de novo, sentindo o vazio no apartamento e em meu coração, não me seguro e quebro a primeira decoração que vejo em minha frente. Eu a perdi por causa daquela mulher, ela está sempre presente me prejudicando, me atrapalhando.

Sinto meu celular vibrar e o pego rápido, pensando ser Suzana me chamando para buscá-la, eu iria imediatamente. Abro a mensagem e ao ver o nome de Benjamim, bufo.

"Que porra você fez? Suzana chegou aos prantos aqui, seu puto."

A mensagem só me faz sentir ainda pior. Merda, eu sou o causador do sofrimento dela, sempre fui.

Digito rapidamente uma resposta:

"Não falei tudo sobre Raquel e aquela infeliz apareceu na Editora."

Coloco o celular sobre a mesa da sala junto com a arma. Fecho os olhos com força e passo as mãos nos cabelos, perturbado pela ida de Suzana. Escuto o toque do meu celular e ao ver o nome de Benjamim na tela, não hesito em atender.

— Ben, como ela está?

— *Ela vai ficar bem* — me garante. — *Espero que a minha vinda para o quarto ligar para você valha à pena, seu porra do caralho.*

— Ela me odeia, não é?

— *Suzana só precisa de tempo* — abaixa o tom de voz. — *Lara vai conversar com ela, vamos tentar contornar essa situação... Sua loira vai voltar para você.*

— Obrigado.

— *Agora vou conversar com Lara.* — Desliga.

Bufo e coloco o celular de volta na mesa, vou direto para o móvel no qual mantenho meu bom whisky e sirvo uma dose para mim. Viro o conteúdo todo de uma só vez e solto um grunhido de raiva. Pareço estar anestesiado, nem mesmo o gosto forte da bebida me fez melhorar, só penso em Suzana e em como me arrependo das decisões que tomei em não contar tudo.

Acordo com as costas e a cabeça doendo, olho em volta e percebo que dormi no sofá depois de algumas doses viradas de uma vez. Xingo um caralho e vou para o banheiro, tomar um banho gelado para ver se desperto de vez.

Assim que saio do banheiro, visto meu terno e quando volto para o quarto, vejo a cama que foi bagunçada por nós dois ontem. Caminho pelo quarto, juntando minhas coisas para guardar e paro quando acho a lingerie que ela usava para mim ontem.

— Ah, Su — murmuro e seguro o pequeno tecido. — Eu te amo tanto... Pensei que nunca te perderia, já que aguentamos tantas coisas juntos, mas uma idiotice minha te fez ir. — Aperto o tecido entre os meus dedos. — Você vai voltar para mim, minha tagarela, não vou desistir.

Esse tempo que ela pediu vai ser decisivo para nós dois e eu não vou desistir, como ela não desistiu de mim durante esses anos em que ficamos juntos. Eu sempre soube que ela estava aberta à conversas e mesmo assim preferi esconder dela sobre a volta de Raquel.

Guardo tudo que está espalhado pelo quarto e saio em direção à sala. Pego a arma e o celular, guardo ambos na calça e saio do apartamento decidido a falar com Lara e Benjamim quando chegar à SQUAD. Preciso

resolver essa situação.

No caminho para a SQUAD, penso se ela já está na Editora e tenho vontade de dar meia volta e ir até ela, mas conhecendo Suzana, prefiro seguir para meu trabalho. Por enquanto vou fazer como ela pediu, vou manter distância.

Quando saio do elevador, sigo apressado para a mesa de Lara, onde ela está sentada, falando ao telefone. Sento-me em uma cadeira em frente à sua mesa e espero.

— Vou transferir a ligação imediatamente. — Tira o telefone do ouvido, digita um número e coloca o telefone no gancho. — Bom dia, Celso, em que posso ajudá-lo?

— Nossa, Lara, até parece que eu só te procuro para pedir ajuda — finjo mágoa.

— E não é? — brinca, sorrindo. — Estou sempre aqui para ajudar vocês, seus safados, vivem fazendo besteira.

Acabo sorrindo. Lara tem esse poder de ajudar a gente, primeiro foi com Anderson e Melissa, os dois fizeram merda um com o outro e agora sou eu.

— Como você está? — Faz cara de preocupada.

— Mal. — Abaixo a cabeça e acabo rindo. — A quem eu quero enganar, Lara? Estou uma merda.

— Ela também está mal, Celso — hesita. — Está magoada.

— O que ela disse? Ela me odeia?

— Nada que não tenha dito a você. — Fica completamente séria. — Vou ajudar você desta vez somente porque é a primeira briga grande de vocês. Eu gosto demais da minha amiga para deixar que ela volte para você e se machuque de novo. Não esconda nada mais. E não, ela não odeia você.

— Eu errei e estou pagando por isso. — Passo as mãos nos cabelos. — Eu só quero a minha mulher de volta.

— Suzana precisa do tempo que lhe pediu.

— Vou tentar. — Fico de pé e seguro suas mãos. — Obrigado, Lara, vou voltar ao trabalho agora.

SUZANA

Quando me apronto, vou até o espelho dar uma última conferida e fazer a maquiagem. De repente, sinto um toque delicado na minha perna e olho para baixo. Sorrio ao ver Ellen com aquela carinha de admiração para mim.

— Posso te ver se maquiando, tia Suzy? — pede, com os olhinhos cheios de expectativa. — Você é tãaaao bonita.

— Obrigada, El. — Sorrio para ela. — Estou mesmo querendo companhia.

Volto a olhar meu reflexo no espelho e vejo que terei que usar um pouco mais de maquiagem se quiser cobrir as olheiras e os olhos ainda inchados pelo choro.

— Está triste, tia? — Faz um gesto para que eu me abaixe e ao fazê-lo, Ellen me abraça. — Vai melhorar, né?

— Um pouco triste, meu amor, mas com esse abraço maravilhoso, fiquei bem melhor.

Ellen me solta e abre um sorriso simpático.

— Estão prontas? — Lara aparece na porta.

— Sim, mamãe.

— Não precisa se incomodar em me levar na Editora, Lara. — Guardo meu kit de maquiagem de volta na mala. — Eu pego um táxi.

— Deixa de bobagem. — Pega na mão de Ellen. — A escola dela é pertinho de lá.

Ergo uma sobrancelha e cruzo os braços, encaro firmemente a cara cínica da amiga e vejo Benjamim parar atrás dela.

— Lara está certa, vamos. — Pega o celular no bolso. — Ainda vou passar no escritório de Anderson e Melissa.

— Papai, papai — chama, estendendo os braços e ele a pega no colo. — Posso ver Heitorzinho, posso? *Tô com taaaanta* saudade dele.

Sorrio quando Benjamim franze o cenho e tenciona o maxilar, ele me olha rapidamente e depois olha a esposa. Quando ele vê que não vamos ajudá-lo, bufa e volta a olhar para a pequena.

— Nós não combinamos que você vai ser freira quando crescer?

— Benjamim Monteiro — Lara repreende.

— Estou apenas incentivando. — Se justifica e eu acabo caindo na risada. — Garantindo o futuro dela.

— Vou tentar marcar um almoço aqui em casa com todo mundo, tá bom? — Lara sorri e a filha retribui.

Juntos, seguimos pelo corredor e ao chegarmos na cozinha, nos despedimos de Graça e saímos do apartamento. No carro, vou atrás com Ellen, que canta uma música que aprendeu na escola.

— Amo você, gosto tanto de você. Da pontinha do pé — gesticula. — Até a ponta do nariz.

Observo toda a alegria que Ellen causa à Benjamim e a Lara. Um filho deve mesmo ser uma benção. No olhar dos dois se vê que dariam tudo para proteger a menina, sei que ela é a razão da vida deles agora e acho lindo o modo como se protegem e como se amam.

— É uma música linda. — Acaricio seus cabelos.

— Quer aprender, tia Suzy?

— Eu adoraria, mas parece que chegamos à sua escola. — Solto o cinto da cadeirinha quando Benjamim para o carro e Lara desce. — Pode me ensinar mais tarde.

Ellen balança a cabeça, se despede do pai e de mim com um beijo. Observo enquanto caminha com Lara para dentro da escola e ela também se despede da mãe com um beijo. Acena para o carro e, por fim, acompanha a professora para dentro.

Quando Benjamim para o carro em frente à Editora, agradeço aos dois e desço do carro depois de ouvir que passarão para me buscar. À passos largos, sigo para minha sala e tento colocar um sorriso no rosto.

O dia hoje não vai ser nada fácil, é terrível conciliar trabalho e vida pessoal quando um deles está abalado. Respiro fundo e sento em minha mesa, depois de ter dado um breve bom dia a Ricardo.

— Está linda essa manhã. — Dá um gole em seu café e me olha.

— Obrigada. — Sorrio. — O que temos para hoje?

— Daremos início à revisão do livro de Raquel.

Merda, somente o que me faltava era essa mulher vir acompanhar tudo de perto.

— Ela vem acompanhar? Por favor, me diga que não. — Ligo meu computador.

— Hoje não, mas nos próximos dias ela virá. — Hesita. — Não gosta dela, não é?

— Não é o fato de não gostar. — Respiro fundo. — É que ela já fez uma pessoa muito próxima à mim sofrer demais e eu não quero que ela se aproxime.

— Fale com ela, então. — Ele sorri. — Imponha limites, sei que você faz isso muito bem.

— Irei — afirmo e sorrio de volta. — Obrigada.

O que Raquel quer voltando aqui e falando com Celso? Será que eles têm algo a esconder? Algo do passado juntos? Me dói saber que mesmo depois de tanto tempo, Celso ainda fique perturbado com a presença dela.



CELSO

Entro em minha sala e decido que mergulhar de cabeça em um dia de trabalho pode me ajudar a me manter longe de Suzana, pelo menos por hoje. Ligo meu computador e a primeira coisa que vejo é a porra de uma foto minha e dela de uma festa que estivemos no cassino de Enzo.

Penso em tudo o que vivi na minha vida e as únicas coisas boas que consigo identificar em toda ela são os meus amigos e a minha mulher. Não tenho uma lembrança boa sequer da minha infância, muito menos da minha tentativa de casamento.

Odeio lembrar das surras que levava da minha avó, mas fazia isso para proteger minha mãe que estava grávida e tinha sido abandonada pelo marido, meu suposto pai. Minha avó era alcoólatra e minha mãe tinha medo dela, mas eu sempre a enfrentava para desviar a atenção para mim. Assim minha mãe protegia o bebê, que não tinha culpa de nada.

Então um dia, eu fiquei inconsciente por várias horas depois de uma surra. Desesperada, minha mãe esperou a velha dormir para me levar à um hospital. Tive uma concussão e demorei para me recuperar, mas pelo menos fiquei longe da minha avó e pude ver minha mãe sorrir quando acordei.

Fecho os olhos e ainda sinto as memórias vivas em minha mente,

ainda posso ouvir minha mãe me dizendo para fugir, para procurar a casa de um parente aqui na cidade. No início eu protestei, mas acabei vindo porque ela me prometeu que viria também assim que conseguisse.

Algun tempo depois descobri que minha mãe estava morta e que a velha tinha se matado.

— Merda. — Sinto meu ar faltar.

Levanto-me e praticamente corro para o banheiro da minha sala. Paro em frente à pia e abro a torneira, lavo meu rosto e fecho os olhos. As imagens da minha avó, da minha mãe grávida, de Suzana chorando por minha causa, todas vêm à minha mente de uma só vez.

Abro os botões do meu paletó e me livro dele, arrio e sento no chão do banheiro, ainda com o rosto molhado. Respiro fundo e penso em quando Suzana me acalmava à noite, de como ela me abraçava e ficava assim até que eu me acalmasse por completo e depois, com um sorriso, dizia que estava tudo bem.

Depois de me acalmar sozinho, levanto do chão, arrumo minha camisa e visto meu paletó de volta. Passo as mãos nos cabelos e volto para a minha mesa, encaro a foto por mais alguns instantes antes de começar realmente a trabalhar.

Ouçó quando batem à porta e mando que entre. Quando a mesma é aberta, ergo meu olhar para ver de quem se trata e paraliso. A mulher em minha frente está com um sorriso no rosto e, sem ao menos que eu peça, ela fecha a porta e vem sentar na cadeira em frente à minha mesa.

— Olá, Celso. — O sorriso que conheço bem ainda está ali. — Quanto tempo, não é?

— O que você está fazendo aqui?

— Isso lá é jeito de me receber? Depois de tudo o que passamos?

Irritado, bato com as duas mãos em minha mesa e fico de pé. Raquel se encolhe na cadeira.

— Passamos? — rosno. — Eu passei, Raquel. Você matou um homem, caralho! E o que o idiota aqui fez? Te ajudou a se livrar da culpa, te dando um álibi e o que esse idiota ganhou? Uma porra de um pé na bunda no dia do próprio casamento.

— Não ouse falar sobre aquilo. — Também fica de pé. — Acha que eu quis matar aquele homem?

— Acho sim. — Dou risada. — Sabe por que eu acho que você matou o seu primo?

— F-Fala baixo.

— Você não queria que ele me dissesse dos seus planos de me abandonar e fugir com um bandido no dia do nosso casamento. — Bufo. — Eu te amava, Raquel... Quando você chegou dizendo que havia matado seu primo, eu quis te proteger, por pensar que você realmente não queria fazer aquilo.

— E por que não me denunciou quando te abandonei?

— Porque eu poderia ser preso por sua causa. — Aponto o dedo na cara dela.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, nos encarando. O ódio corre solto nas minhas veias, fazendo meu sangue ferver.

— Vai embora, fica longe de mim e das pessoas que me rodeiam. Isso não é a porra de um pedido, entendeu?

A infeliz abre um sorriso prepotente e coloca a bolsa na cadeira. Cruza os braços e finge pensar.

— Você tem uma noiva, não é? — Coloca a mão no queixo e pondera. — Suzana? Certo?

— Fique longe dela — me descontrolo.

— Não tem como. — Ela sorri. — A própria está fazendo a revisão dos meus livros agora... Por que acha que escolhi justamente aquela Editora? Pesquisei tudo sobre sua vida, Celso, inventei uma historinha para o meu marido e agora ele te odeia também.

Meu coração falha uma batida quando ela abre a bolsa e joga algumas fotos de Suzana em minha mesa. Em todas as fotos Suzana está com roupas diferentes, o que implica dizer que ela vem a observando há dias.

— Fique longe dela. Deixe-a em paz.

— Nos vemos por aí, querido.

Raquel me dá as costas e sai da minha sala, me deixando ali puto da vida e muito preocupado com a minha Suzana. Saio da sala para ir atrás de Felipe, vou fazer a reunião do quarteto e, se preciso, convocarei Enzo.

SUZANA

A porta é aberta e Ricardo entra com dois cafés, fecha a porta com o pé e vem até mim. Pego um dos cafés e sorrio em agradecimento, Rick para ao meu lado e apoia a lombar em minha mesa.

— Você está bem? Parece meio triste hoje.

Olho para a expressão preocupada de Ricardo e solto um suspiro profundo.

— Aconteceram algumas coisas, mas vai ficar tudo bem. — Sorrio. — Agradeço pela sua preocupação, Rick.

— Se precisar de qualquer coisa, saiba que eu estarei aqui. — Toca meu ombro.

— Não sabe como é bom ouvir isso, agora vamos...

A porta é aberta e Raquel entra com um sorriso no rosto. Olho para Ricardo e ele ergue rapidamente a sobrancelha, me dando um sinal. Lembro-me do que ele disse sobre falar com ela e impor limites e é o que vou fazer.

Me coloco de pé e Rick me dá um sorriso de canto, caminho até a mulher e fico cara a cara com ela.

— Rick, pode nos deixar sozinhas um momento?

— Claro. — Caminha rapidamente até a porta. — Qualquer coisa, estou aqui fora.

— Pensei que só viria amanhã.

— É, já resolvi umas coisas que tinha para hoje. — Sorri, cínica. — Quer falar comigo?

— Quero fazer um pedido. — Fico firme.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Um pedido?

— Fique longe do Celso, você já o fez sofrer demais o abandonando daquela forma. — Hesito. — Eu sei que você sabe quem eu sou e eu sei muito bem quem você é.

Raquel revira os olhos e dá risada.

— Pensei que você fosse mais profissional. — Cruza os braços e eu sinto a raiva queimar dentro de mim. — Mas me enganei, então eu vou te dizer uma coisa... Celso tem muito mais assuntos comigo do que você imagina, então para de fingir que sabe de alguma coisa, menina — rosna. —

Aquele casamento só é a ponta do iceberg, então fique quieta e nada vai te acontecer.

Minha cabeça fervilha com as possibilidades das coisas que Raquel e Celso escondem juntos. O que poderia ser? Eles ainda seriam amantes?

— Será que podemos voltar ao profissionalismo agora? Quero acompanhar de perto toda a revisão do meu bebê.

Balanço a cabeça, atordoada, e abro a porta, indicando que Ricardo já pode entrar para começarmos a revisão do livro de Raquel. Quando ele entra, percebe o clima da minha parte e puxa sua cadeira para sentar ao meu lado.

Penso em Celso e no que ele ainda me esconde. Eu sempre soube do seu envolvimento com Enzo e a ajuda que ele dá e recebe da máfia junto com Benjamim, Felipe e Anderson, mas agora, não sei o que é e me parece perigoso pelo tom de ameaça que ela deu à nossa conversa.

Já no fim do expediente, Ricardo é quem acompanha Raquel até a porta e quando ela se vai, ele me olha, preocupado.

— O que houve aqui, Suzy? — Vem até mim. — Você esteve distante o tempo todo e ela parecia gostar de ver você abalada.

— Prometa que quando ela estiver aqui na editora, você não vai me deixar sozinha com ela — peço. — Não confio nela.

— Suzy, tem alguma coisa que eu precise saber?

— Só faça o que eu pedi, por favor? — Seguro as suas mãos.

Ricardo balança a cabeça, resignado. Sorrio para ele e vejo meu celular tocar, Lara está me ligando. Pego o aparelho e atendo a ligação.

— *Estamos aqui embaixo.*

— Já estou descendo. — Desligo e olho para Ricardo. — Obrigada.

Pego minha bolsa e deixo a sala praticamente correndo. Quando entro no carro de Benjamim, ele tem a expressão fechada e Lara está calada. Talvez tenha sido uma das brigas deles, então prefiro me manter quieta.

Capítulo 12



"Cada noite é como se fosse 25 anos de prisão
E a sentença que eu tenho vivido é solitária e imperdoável
E eu sou culpado
[...]

Tudo que eu quero, tudo que eu preciso é de um telefonema
Eu vou deixar a minha mensagem na secretária
Implorando, por favor, querida venha para casa"

One phone call - Backstreet Boys

CELSO

Entramos eu, Felipe e Anderson na sala de Benjamim e ele já está de pé ao lado de Lara, que tem uma expressão preocupada no rosto.

— Suzana está em perigo — solto a bomba de uma vez. — Raquel esteve aqui e me entregou várias fotos dela sendo observada há dias.

— Estamos aqui para fazer o que for necessário, minha puta nervosa — Anderson diz.

— Vocês sabem o que eu já fiz por Raquel e eu não sei o que merda ela inventou para o marido bandido, mas isso coloca Suzana em risco.

— Você acha que se falasse com ela e explicasse tudo, ela conseguiria entender? — Lara pergunta.

— Eu espero que sim, Lara, preciso da sua ajuda.

— Bom, Ellen disse que está com saudades de Heitor e eu prometi a ela que marcaria um jantar com todos — hesita. — Posso fazer isso hoje, Graça irá me ajudar e você pode ir tentar uma conversa.

— Eu agradeço.

— Acha que é preciso aumentar a segurança de Suzana? — Felipe pergunta.

— Sim, precisamos falar com João e com Gabriel — bufo, estressado. — Farei isso hoje.

— Ótimo, nos vemos em meu apartamento à noite. — Benjamim declara e, rapidamente, saio da sua sala.

Pego meu celular no bolso interno do meu paletó, o desbloqueio, procuro o número de Suzana e ligo para ela. A ligação vai direto para a caixa postal. Sem nenhuma saída, resolvo deixar uma mensagem assim mesmo.

— Suzana, por favor, nós precisamos conversar — hesito. — Eu preciso de você, preciso que volte para casa.

Encerro a ligação e vou para minha sala, o dia hoje vai ser longo, muito longo.

À noite, saio da SQUAD e me despeço dos três filhos da puta. No caminho para casa penso em Suzana e nas fotos que dela que Raquel me entregou. Sei que vai ser difícil falar com aquela mandona teimosa, mas vou dar tudo de mim para protegê-la, eu a amo demais para deixar que corra perigo por minha causa.

Entro em casa como um louco, vou direto para o banheiro tomar um banho. As palavras de Raquel não saem da minha cabeça, aquela desgraçada é capaz de tudo para ter o que quer. E ela quer me destruir, quer ver minha ruína somente porque guardo um segredo seu, porque depende de mim.

Quando saio do banho, me enfio em uma calça jeans e em uma camisa social, nem penso nos meus cabelos, enfio a arma no cós da calça e o celular no bolso. Olho para a nossa cama e fecho os olhos com força, pensando em tudo o que já fizemos ali, em todas as palavras doces que ela já

me disse.

Eu a amo tanto, não posso me dar o luxo de perdê-la.

Vou para a sala e me sento no sofá, impaciente. Tenho que aguardar a ligação de Lara, ela quer que eu chegue depois de todo mundo para que Suzana pense que não irei ao jantar. Merda, espero que Anderson não demore muito, já que tem Heitorzinho e ele ainda é um bebê e demora pra caralho para arrumar uma criança.

SUZANA

Quando entramos no apartamento, Ellen vem correndo abraçar os pais e eu vejo a mesa da sala posta com vários lugares. Olho para Lara e ela sorri, já com Ellen nos braços.

— Ellen disse que estava com saudades, marquei o jantar.

— Uau. — Sorrio. — Bem providente você, vou só tomar um banho.

Não demoro para tomar um bom banho e me aprontar, as palavras de Raquel não saem da minha cabeça, suas ameaças me pareceram bem reais. Ora, Suzana! Você nunca foi a mocinha indefesa, pode resolver isso.

Coloco um vestido simples e me viro para Ellen, que está sentada na cama, esperando para dar a opinião sobre minha roupa.

— E então?

— Uau, tia Suzy. — Bate palminhas. — *Tá* tão linda.

— Obrigada, meu anjinho. — Beijo o topo da sua cabeça e ouço a campainha.

— Deve ser o tio Anderson e tia Melissa com Heitorzinho. — Pega na minha mão e corre na frente, me puxando.

Ao chegarmos na sala, abro um largo sorriso ao ver Melissa com Heitor nos braços, ela sorri de volta e Ellen corre até os três. Observo enquanto eles se cumprimentam e depois Melissa me olha, uma preocupação cruza o seu olhar, mas logo ela sorri.

— Oi, Suzy. — Melissa sorri. — Como você está? Lara me contou sobre você e Celso, espero que tudo termine bem.

— Estou bem, obrigada. — Sorrio de canto.

— Desculpa atrapalhar a reunião de loirinhas. — Anderson sorri. —

Suzana, você deveria era ter dado uma surra no safado.

— Anderson, seu cretino — Mel repreende.

Ele pisca para nós duas e sai, observamos enquanto ele vai em direção à Benjamim e os dois começam a conversar baixo. Lara se aproxima com Ellen nos braços e sorri para nós duas.

Toco a mãozinha de Heitor e ele abre seu sorriso sem dentes para mim. Só Deus sabe o quanto eu desejo ser mãe e o atraso desse mês me faz ter um frio na barriga, mesmo estando brava com Celso.

— Quando Lara me ligou eu fiquei muito feliz. — Melissa sorri. — Gosto de estar com essa família que eles têm, aprendi a gostar... antes eu não entendia.

— É difícil mesmo, não nego — Lara diz. — No começo eu não confiava em Benjamim, mas depois eu entendi que eles protegem a quem amam com tudo o que têm e não desistem disso mesmo que tudo esteja perdido.

— Eu mesma provei disso. — Melissa sorri.

Ouvimos a campainha outra vez e Lara pede licença para ir abrir a porta. Aproveito para pegar o pequeno Heitor nos braços e ele traz as mãozinhas aos meus cabelos.

— A cada dia que passa ele fica mais bonito — afirmo.

Melissa sorri, toda orgulhosa e arruma a camisa do pequeno nos meus braços.

— Heitor foi o nosso presente, ele veio em meio à brigas, mas, por ele, enfrentamos muita coisa e agora tudo está bem — hesita. — Não se abata por causa da omissão de Celso, também omiti e sei que errei, mas às vezes é necessário.

— Eu me doeie a ele por tantos anos, Melissa, será que ele não podia ter confiado em mim?

— Eu sei, Suzy, mas tenho certeza de que há um bom motivo para isso, não acha? Fique calma, tudo vai se resolver e se esclarecer.

Paramos de falar quando Felipe se aproxima de nós duas com Ellen nos seus braços e nos cumprimenta. Ele é o mais calmo dos quatro e eu acho que essa calma pode virar um furacão quando provocada ao extremo, sendo irmão de quem é, não pode ser tão oposto assim.

— Olá, loiras lindas. — Ele abre um sorriso largo. — E o pequeno Heitor, como está grande.

Sorrimos para ele.

— Como você está? Anderson disse que está em um rolo, se resolveu?

— Ah, mas que puto fofoqueiro — xinga. — Vou tirar satisfações com ele agora mesmo... não estou em nada.

Felipe coloca Ellen no chão e sai resmungando, nos fazendo rir. Os três começam a discutir e eu penso em Celso, só falta ele aqui ao meu lado e no seu quarteto. Onde ele estará?

Olho em volta, procurando Lara, mas não a encontro. Dou de ombros e retomo minha conversa com Melissa e Ellen.

A campainha toca outra vez e meu coração dispara, quem poderia ser senão a única pessoa que falta aqui?

Olho para Lara, que está ao meu lado e Benjamim se prontifica a ir abrir a porta. Sinto o toque da minha amiga no meu ombro e ao ver Celso entrando no apartamento, meu coração desaba. Ele está pálido e os olhos cheios de preocupação, eu nunca o vi desse jeito.

Celso fixa o olhar em mim, é aquele olhar que conheço bem, arrependimento misturado à safadeza nata dele. Vejo quando Benjamim diz algo em seu ouvido. Brava, viro para Lara e bufo.

— Armou isso?

— Não seja tão dura, ele está arrependido e, além do mais. — Toca meu rosto. — Vocês têm que conversar.

Conheço Lara há tantos anos que até já perdi as contas e esse olhar sério me diz que não posso negar. Todos estão bem estranhos hoje. Por fim, derrotada, balanço a cabeça e fico de pé.

Meu coração traiçoeiro dispara quando vê a minha dose diária de Rivotril vindo até mim. Minhas mãos ficam geladas de repente e eu faço um esforço tremendo para me manter de pé. Mas o que está acontecendo comigo?

Espero Celso parar em minha frente e o encaro com firmeza. Ele treme antes de pegar as minhas mãos, o silêncio se estabelece por completo na sala.

— Nós precisamos conversar. — Me olha e os seus olhos expressam

medo e preocupação. — É muito importante, Suzana... Sua vida está em jogo.

Capítulo 13



"Não quero te perder agora
Baby, eu sei que podemos passar por isso
Não quero te perder agora
Não, nunca mais
Eu tenho o sentimento que você não vai ficar
Isso queima dentro de mim
O medo de perder
De deixar para trás
Apenas fica mais perto, baby
Qualquer razão que eu tive pra deixar
O meu lugar, que sempre foi do teu lado
E eu queria não precisar tanto de ti"

Don't wanna lose you now - Backstreet Boys

CELSO

Meu coração dispara de uma maneira intensa quando vejo Suzana. A expressão de decepção ao me ver me machuca, mas eu vou reconquistá-la, não seria capaz de desistir dela nunca.

Assim que consigo falar com ela, Lara indica o quarto de Ellen para

que possamos conversar. Sei que no fundo, ela quis protestar, mas veio porque Lara lhe disse algo. Abro a porta do quarto de Ellen e deixo que ela passe primeiro.

— Se vai me dizer a mesma coisa que já me disse, é melhor nem perder seu tempo — diz, firme.

— Suzana, eu vim porque eu não podia permitir que você fosse ameaçada e se machucasse de novo por causa do meu passado. — Fico sério. — Vou contar tudo a você, tudo o que eu mantive para mim todos esses anos — hesito. — Eu não espero que você me perdoe, preciso apenas que me escute e faça o que eu pedir... Sua vida corre perigo.

O espanto cresce em seu olhar e eu tenho vontade de abraçá-la protegê-la eu mesmo, mas o que posso fazer por enquanto é mandar que a protejam. Suzana fica em silêncio, esperando que eu fale, tomo uma respiração profunda e volto a olhar para ela.

— Sobre minha avó e minha mãe você já sabe. — Faço uma pausa e ela balança a cabeça, assentindo. — Eu conheci Raquel em uma cafeteria, ela estava sozinha e eu a achei linda...

Paro de falar e olho para Suzana, pensando ter dado detalhes demais de Raquel, mas ela permanece impassível.

— Continue.

— Bom, você sabe como eu sou, fui até ela e à partir daí, ficamos cada vez mais próximos. Passamos por todas as etapas que um relacionamento pode ter: namoro, noivado e... o quase casamento. Algumas semanas antes do nosso casamento, Raquel chegou para mim desesperada e me disse que havia matado o primo. — Começo a caminhar pelo quarto, lembrando do quanto fui cego. — Eu a ajudei com o álibi, isso a tiraria da lista de suspeitos... Nós íamos nos casar, eu a amava.

Sento-me na poltrona ao lado da cama de Ellen e enterro o rosto entre as mãos, deixo que a raiva me tome e não escuto reação de Suzana.

— O dia do casamento chegou, estávamos bem até o dia anterior... Até que ela não apareceu. — Volto a olhar para ela. — A notícia de que ela estava grávida e tinha fugido com um bandido corria solta na cidade.

— Você me disse que ela fugiu para fazer a carreira dela. — Comprime os lábios, um contra o outro.

— Sim, eu disse. — Fico de pé e me aproximo. — Não tinha importância para mim, não mais.

— Não é o que parece, Celso. — Se afasta. — Termine sua história... Ela estava grávida?

— Sim. Era um filho meu.

Suzana fica horrorizada e isso me machuca, pois não fui capaz de dar a ela um filho que ela tanto quis.

— Por isso que ela me disse que eu sabia somente a ponta do iceberg. — Avança e bate em meu peito, com raiva. — Você tem um filho com ela!

— Suzana. — Seguro forte em seus pulsos. — Suzana! Me escuta! Ela abortou a criança. Raquel não tem nada que me ligue à ela, não mais. — Ela se solta de mim e eu suspiro, me preparando para continuar. — Depois de ter sido fodido naquele dia, eu entendi o porquê de ela ter matado o primo... Não foi um acidente, ele tentava falar comigo há dias e ela atrapalhava, ele queria me avisar sobre a fuga da prima. — Caio sobre os meus joelhos no chão. — Eu estava cego e só torcia para que nenhuma prova contra ela fosse encontrada, porque isso levaria ao meu falso álibi e eu seria arruinado por causa dela.

Me calo e espero o julgamento dela, espero que ela diga que me odeia por ter mentido, que não me quer por ter ajudado uma assassina, mas isso não acontece. Escuto quando Suzana caminha alguns passos e levanto minha cabeça para olhar para ela.

Observo, perplexo, quando ela ajoelha em minha frente e me encara com os olhos cheios de lágrimas. Recebo um tapa na cara e abaixo minha cabeça, sei que estou errado e vai me doer muito ouvir isso dela.

— Olha para mim — pede e eu não o faço. — Olha. Para. Mim.

Derrotado e envergonhado pelo meu passado, ergo olhar para ela e sou surpreendido por um gesto. Suzana enxuga minhas lágrimas e depois me puxa para um abraço apertado. Me agarro a ela e deixo que o choro me invada.

— Me perdoe por ter feito o que fiz, você sempre esteve me apoiando. — Enterro meu rosto na curvatura do seu pescoço. — Eu preciso tanto de você ao meu lado... Fique comigo.

— Somente se você me prometer que vai colocar um fim nessa história com Raquel. — Me solta para me olhar. — Que vai esquecer essa mulher.

— Esse é o problema — argumento. — Ela te ameaçou, alguém dela está te vigiando dia e noite e eu preciso proteger você, ou não terei paz.

— O quê? — se espanta. — Então a ameaça dela é verdadeira?
— Suzana, ela te ameaçou pessoalmente?
— O tom era de ameaça, disse que me arrependeria se me metesse.
— E o que você disse a ela? — Seguro as suas mãos.
— Disse para ficar longe de você. — Chora e eu fico surpreso. — Eu só queria que pudéssemos ficar juntos e em paz.
O que ela fez me surpreendeu.
— Nós vamos superar isso. — Aperto suas mãos entre as minhas. — Juntos. Pode fazer isso comigo?
Suzana balança a cabeça devagar e eu a puxo para mim. Sem dizer uma palavra a mais, nós ficamos assim agarrados um ao outro.

SUZANA

Depois de ouvir toda a verdade de Celso, eu quis bater nele por ter me escondido tudo por tanto tempo e quis beijá-lo ao mesmo tempo por sofrer tanto por causa daquela vagabunda.

Ela teve a coragem de abortar uma criança e eu querendo desesperadamente ter uma. Mesmo com a minha desconfiança sobre a possível gravidez, eu não quero dar esperanças para mim mesma e criar expectativas.

Pedi esse tempo a ele porque precisava colocar meus pensamentos no lugar, foram muitos anos me dedicando a ele e simplesmente compreendendo que ele não queria me contar. Eu aceitei tudo, mas chega um momento em que a gente não suporta e explode.

Agora, abraçada à ele, sabendo de toda a verdade, fecho os olhos e me permito sentir o calor do seu corpo. Merda, eu o amo tanto. Queria não amar Celso do jeito que eu amo. O que senão o amor suporta tudo o que suportei? O que senão o amor que sinto por ele me fez ficar com ele mesmo sabendo do seu envolvimento com máfia?

— Espero que um dia possa me perdoar. — Volta a me olhar nos olhos.

— Celso, eu fiquei brava com você sim. — Hesito. — Muito brava, mas eu já te perdooi, porque meu amor é maior do que tudo. Não pense que

não estou mais brava, porque eu estou sim, mas o que é preciso é que você se perdoe, ainda está preso ao passado, pelo que fez por ela.

— Ah, Su. — Toca meu rosto. — Você é tão boa... Não mereço você.

— Para com isso. — Passo a mão em seu rosto.

Então Celso aproxima o rosto do meu e me desestabiliza por completo, suas mãos quentes ainda acariciam meu rosto. Ele sela os nossos lábios devagar, me pedindo permissão para o beijo. Os lábios quentes me lembram o quanto eu amo beijá-lo e que não conseguiria ficar sem o meu piadista nem mais um instante.

Entreabro a boca, aceitando seu beijo e aqui, nesse instante, foi declarado o meu fim. Eu sei que jamais irei a lugar algum, mesmo querendo. Tudo o que eu fizer sempre vai convergir à ele.

Ficamos ali no chão antes de termos que voltar e enfrentar toda a confusão que nos rodeia.

— Vamos, Celso. — Fico de pé e ele me acompanha. — Precisamos nos livrar logo daquela mulher.

Ele segura minha mão e eu entrelaço nossos dedos com força. Assim que nos verem, todos vão saber que discutimos e que ambos choramos e vão saber que voltamos com ainda mais força.

— Tia Suzy e tio Celso voltaram. — Ellen exulta, batendo palminhas.

O quarteto em peso urra e fazem o aceno, que é o código deles. Melissa dá um tapa em Anderson por ter assustado o filho, Lara abre um sorriso largo e eu sorrio.

— Que bom que se resolveram. — Lara vem até nós e lança um olhar completamente sério para Celso. — Espero que nada mais atrapalhe a felicidade de vocês.

— Eu também espero — digo.

Felipe se aproxima e coloca o braço sobre os ombros de Celso.

— Vamos comemorar, sua loirinha voltou para você. — Olha para mim e sorri. — Ben já foi buscar o whisky para nós.

— Pensei que fossemos tentar impedir Raquel. — Olho para Celso.

— Loirinha do Celso, não temos nada contra ela além de fotos que ela tirou suas. — Felipe sorri. — Vamos aumentar sua segurança e tentar descobrir quem trabalha para ela.

Depois de Felipe ter me dito isso, Lara me chama para que possamos servir o jantar e eu sigo com ela para a cozinha. Melissa deixa Heitor com

Anderson e nos acompanha.

Servimos o jantar e o resto da noite foi somente as gracinhas do quarteto e as perguntas inocentes de Ellen. Olho para Celso e sei que ele não está totalmente entregue às brincadeiras, sei que minha decisão de dar um tempo mexeu com ele e o susto ainda não passou.

Talvez a possibilidade de me perder por causa da sua omissão o faça enxergar que o passado deve ficar no passado.



CELSO

Jogo a chave em cima da mesa da sala e olho para Suzana, que está de costas para mim. Meu coração acelera somente em saber que ela voltou para mim e que poderemos enfrentar o inimigo juntos.

— Su. — Me aproximo, toco seus ombros e beijo seu pescoço. — Está tudo bem?

— Eu só preciso dormir um pouco. — Solta o ar. — Raquel vai à Editora amanhã.

— Não quero que bata de frente com ela.

Suzana vira-se para mim e seu olhar me diz que vai me contrariar.

— Eu não vou aguentar olhar para ela e não querer matá-la, Celso. — Balança a cabeça, negando. — Sabe que não vou.

— Não quero que corra riscos. — Abrigo seu rosto entre as minhas mãos. — Não quero que tente nada, deixe que os seguranças descubram quem é que te segue e deixe que eu cuide disso, por favor.

O olhar dela me diz que se ela não me matar agora, não o fará mais. Sei que está brava e que quer se vingar, mas não posso arriscar perdê-la.

— Eu quero ajudar — diz, completamente séria. — Não me deixe de fora das coisas que vai fazer, eu quero participar.

— É perigoso. — Afago seu rosto. — Prefiro que me deixe cuidar

disso.

— Celso, você sabe que eu não vou desistir. — Hesita. — Me leve à casa de treinamento de vocês... Lara e Melissa aprenderam a atirar somente depois que passaram pelo perigo, eu quero me prevenir.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Passa as mãos nos cabelos loiros. — Não vou fazer um papel que não me cabe, sentar e esperar... Eu quero agir.

— Tudo bem. Iremos para lá amanhã à noite, que foi o horário que as ninfetas marcaram para treinar. — Tento beijá-la outra vez e ela se afasta.

A recusa me fez sentir a mesma sensação de quando tomei o tapa na casa de Lara. O olhar de Suzana não me passa nada.

— O que eu preciso fazer para te ter inteiramente de volta?

— Paciência. — Fecha os olhos e suspira. — Eu ainda preciso absorver tudo o que você me disse hoje.

Derrotado, eu apenas aceito os seus termos, pois sei que errei com ela e sei também que esse castigo só vai passar quando eu superar toda a merda que aconteceu no meu passado.

— Não me sinto muito bem, vou me deitar.

Fico ali parado, olhando Suzana se afastar e pelo que conheço dela, sei que é melhor deixá-la um pouco sozinha. Sento-me no sofá da sala e ouço quando o chuveiro é ligado, enterro o rosto entre as mãos e tento pensar em alguma forma de a minha Suzana me aceitar de volta.

Escuto quando ela sai do banheiro e respiro fundo, fico de pé e sigo para o quarto. Paro ao ver Suzana deitada em nossa cama, apenas com o abajur ligado. Ela está encolhida na cama e o seu cheiro está no ar, me hipnotizando.

Me aproximo dela, agacho ao seu lado e beijo sua testa. Ela permanece quieta e fixa seu olhar no meu.

— Boa noite, Su.

— Boa noite.

Por um momento, eu esperei que ela me chamasse de piadista safado ou de boy Rivotril. Mesmo não gostando tanto dos apelidos que ela me deu, eu quis ouvi-los, isso iria mostrar que tudo está bem.

É madrugada e eu mal consegui dar um cochilo, saber que Suzana está bem aqui ao meu lado e não poder tocá-la é uma tortura sem tamanho.

Olho para o lado e a vejo virada para mim, o sono a pegou. Sei que até agora há pouco também estava acordada, pude ouvir algo parecido com um choro baixo. Observo seus cabelos loiros espalhados pelo travesseiro e sou tentado a tocá-los, mas não o faço.

Me mexo na cama e olho para o relógio da mesinha de cabeceira, fecho os olhos e tento me concentrar para dormir um pouco ou chegarei exausto na SQUAD e não conseguirei render nada.

Em frente ao espelho dentro do closet, arrumo minha gravata. Minha cabeça dói devido à noite mal dormida e creio que Suzana também esteja com os mesmos sintomas.

Vejo quando ela entra no closet colocando os brincos e falando ao telefone. Continuo ali arrumando minha gravata, fingindo que não quero ouvir com quem ela fala. Ela vai direto ao seu perfume e espalha pequenas quantias pelo seu pescoço e pulsos.

— Sim, Rick, chegarei em alguns instantes... Ela nem deveria estar aí à essa hora — resmunga.

Meu corpo inteiro ferve de ciúmes.

Passo as mãos nos cabelos e saio dali. Já no nosso quarto, pego a arma no criado-mudo e a coloco no cós da calça. Pego o celular e vejo algumas mensagens, abro primeiro a de Benjamim.

"Já designei alguns seguranças para ela, vão ficar de olho o dia todo na Editora."

Solto o ar dos meus pulmões, completamente aliviado e digito uma mensagem de volta:

"Obrigado."

Passo para a próxima mensagem e vejo que é de Enzo.

"Vou precisar de vocês, estarei na SQUAD hoje."

Não respondo esta, pois sei que ele enviou aos três também. Mas o que merda ele ia querer de nós? Enzo sempre cobriu os seus rastros e sempre deixou claro que nos meteria nos seus negócios somente se fosse extremamente necessário.

— Estou indo. — Pega sua bolsa.

Só então eu vejo o quanto ela está bonita, fico em silêncio alguns instantes analisando-a e sinto algo dentro de mim ferver. Raiva, ciúmes, tesão e arrependimento.

— Nos vemos à noite — declara, me arrancando dos meus pensamentos.

— Não. — Me atravesso em sua frente. — Levo você, não quero que corra riscos por besteira. — Hesito e logo emendo: — Os seguranças começam hoje com você.

— Obrigada. — Parece nervosa. — Podemos ir? Estou atrasada.

— Claro.

SUZANA

Minha noite de sono foi péssima, só consegui dormir quando o imenso cansaço realmente me atingiu. As coisas que ele tinha me dito não saíram da minha cabeça e estar com ele ao meu lado me faz sentir estranha.

Quando saímos em seu carro do prédio onde moramos, eu sinto um clima estranho entre nós. Sei que ele quer que voltemos ao normal, eu também quero, mas preciso digerir muita coisa.

Olho para ele e sua expressão concentrada não me engana, nos seus olhos eu posso ver uma tristeza contida. Merda, eu só quero o meu piadista de volta, queria poder fazê-lo esquecer a avó que teve e a noiva maldita, somente para vê-lo sempre sorrindo e fazendo suas piadas para mim.

Assim que Celso para o carro em frente à Editora, olho para ele e noto que está distraído, procurando algo na rua. Vejo quando ele faz o aceno do quarteto para dois homens e eles retribuem. Só assim ele olha para mim.

— Os homens são aqueles. — Aponta. — Irão acompanhar você onde

for.

— Tudo bem. — Sorrio de canto.

Me aproximo e beijo seu rosto antes de abrir a porta. Celso me segura pelo braço e hesita antes de me puxar para um beijo faminto. Sua mão sobe para minha nuca e segura meus cabelos para aprofundar o beijo.

Minhas mãos voam para os seus cabelos e eu retribuo o beijo como se não houvesse amanhã. Meu corpo todo clama pelo seu toque, pelos seus lábios e pelos seus carinhos. Celso encerra o beijo com uma mordida em meu lábio e fixa seu olhar no meu.

— Tome cuidado — pede, com uma expressão preocupada no rosto.
— Virei buscar você à noite.

— Tomarei.

Sorrio quando vejo sua boca manchada de batom e imagino que a minha também deva estar uma bagunça. Volto a fechar a porta do carro e ele franze o cenho. Abro minha bolsa e tiro dela o demaquilante e o algodão.

— O que é isso?

— Isso é para tirar a bagunça que você acabou de fazer. — Despejo um pouco do creme no algodão. — Vem cá.

Passo o algodão nos lábios de Celso e pelos arredores. Ele fecha os olhos e aperta as pálpebras, me fazendo sorrir, como sempre fez.

— Essa porra é ruim demais — resmunga, quando passa a língua nos lábios.

— Porque não é de comer, Celso, não passe a língua nisso.

Pego um algodão limpo na bolsa e tiro todo o resíduo que restou na boca dele. O olhar sacana dele para mim depois da minha resposta me faz sorrir. Retiro os borrões de batom ao redor da minha boca e sinto o olhar dele sobre mim.

— Será que antes de colocar de novo o seu batom. — Chega mais perto para falar em meu ouvido. — Eu poderia te dar um outro beijo, senhorita Medeiros?

— E por que deveria? — Lhe lanço um olhar de canto.

— Porque seu piadista está louco de saudades. — Passa a mão nos meus cabelos e beija meu pescoço. — Sei que é difícil para você digerir tudo, mas eu me abri e isso foi difícil para mim também. Preciso de você comigo e não vou abrir mão disso.

Sem dizer uma palavra, eu mesma o beijo. Desta vez, o beijo é lento e

apaixonado, uma declaração silenciosa nossa. Algumas lágrimas rolam pelo meu rosto sem qualquer motivo aparente e ele para o beijo para enxugar cada uma delas.

— Não chore, baby. Agora vá, já tomei seu tempo. — Ele sorri. — Obrigado por limpar a bagunça.

Desconfio que essa choradeira toda seja da possível gravidez. Algo dentro de mim se alegra e eu sorrio de volta. Hoje mesmo, em meu horário de almoço, irei fazer o exame de sangue e comprovar essa expectativa que está me matando.

Volto a passar o batom e saio do carro, caminhando apressadamente para a Editora. Olho para os homens que Celso me apontou como sendo os seguranças e faço um pequeno aceno com a cabeça. Noto que o carro de Celso só vai embora quando eu entro no prédio da Editora.

Cumprimento algumas pessoas e sigo para o elevador. Assim que chego ao andar exclusivo para editores e revisores, cumprimento alguns colegas de trabalho e sigo para minha sala. Antes de entrar, ouço vozes e decido parar para ouvi-las.

— Senhora, preciso pedir que saia da mesa da minha colega de trabalho. — Rick mantém o tom sério. — É contra as normas da empresa, nem eu mesmo nunca vi nada que ela guarda aí.

— Você é tão chato. — A putiane solta um risinho. — Colega, é? Pelo que notei, temos um climão entre vocês.

— Senhora, ela é comprometida e eu jamais faria algo para prejudicá-la. — Hesita. — E a nossa vida pessoal não lhe diz respeito.

Mas que mulherzinha irritante, preciso reunir forças para não pisar no pescoço dessa vagabunda. Respiro fundo, coloco meu melhor sorriso no rosto e abro a porta.

— Bom dia. — Finjo surpresa ao ver Raquel em minha mesa.

— Bom dia, Suzy, eu... — gagueja. — Eu tentei tirar ela daqui, sei como não gosta disso e...

— Tudo bem, Rick — acalmo meu amigo e volto meu olhar para Raquel. — A senhora pode me dar licença?

Sem dizer uma palavra, a vadia levanta da minha cadeira e vai para um sofá no canto da sala. Agradeço baixo e olho para Ricardo, que me olha fixamente. Meu celular vibra e eu olho a mensagem de Ricardo.

"Tome cuidado com ela."

Volto meu olhar para ele e depois para ela, que está distraída com seu celular. Balanço a cabeça devagar, anuindo.

— Vamos começar — declaro.

Capítulo 15



CELSO

Ao chegar na SQUAD, ainda com o sabor do beijo da minha Suzana na boca, sorrio comigo mesmo. Vou reconquistá-la, nem que para isso eu tenha que me desdobrar em mil. Errei escondendo a merda do meu passado e quase a perdi de vez, não posso me arriscar de novo.

Subo diretamente para a sala de Benjamim, pois sei que Enzo já vai estar lá esperando. Puto cheio de frescuras com horários e quando está junto com Ben fode tudo. Cumprimento Lara e lhe dou uma piscadela antes de entrar na sala. Como sempre, ela sorri e me diz que eles estão aguardando.

— Bom dia, ninfetas — cumprimento.

— Bom dia. — Todos dizem em coro.

— Bom, ele já está aqui... O que aconteceu, Salvatore? — Benjamim se apressa em perguntar.

Olho para o meu quarteto e em seguida para Enzo, que tem uma expressão completamente séria no rosto.

— Máfia Russa — declara. — Tem alguém nos traindo, já é a segunda vez que pego alguém tentando entrar no galpão dos negócios da *Famiglia*.

— Porra. — Felipe solta.

— Puta merda. — Anderson se senta na cadeira em frente à mesa de

Benjamim. — Se isso for confirmado, vai ter guerra, não vai?

— Estou entrando em contato com os meus infiltrados na polícia da Itália. — Passa as mãos nos cabelos. — Se necessário irei tomar providências.

— E em quê vamos ser úteis? — Entro no assunto

— Álibi. — Me encara, sério. — Não sou um homem que deixa rastros e vou precisar de vocês para me ajudarem a cobri-los desta vez.

— Ótimo — Benjamim diz. — Diga quando e onde e nós estaremos lá.

— Quantas putas nervosas me deixando ouriçadinho — brinco.

Enzo e os três filhos da puta dão risada e eu penso no quanto essa amizade que temos pode nos fazer forte.

— Também preciso da ajuda de vocês — solto.

— Outro fodido com essas coisas fodidas de amor. — Salvatore revira os olhos. — Me diga que não vai me tirar da minha lua de mel?

— O quê? — Felipe quase grita. — Lua de mel?

— Sim, casei-me com a irmã de Rodrigo Moraes.

— O puto do seu grupo que foi assassinado. — Anderson lembra e imediatamente sei de quem se trata. — Dante me falou dele.

— Ele tem irmã? — Franzo o cenho. — Não lembro de irmã nenhuma.

— Os pais dele e ele esconderam Kiara da *Famiglia* e cobriram os rastros dela, não queriam que ela se envolvesse com a Máfia. — Bufo, irritado. — Com o destino dela, *cazzo*.

— Daí você casou com ela. — Anderson solta uma risada.

— É a mais velha das filhas das famílias. — Fica sério. — Além de precisar de uma esposa que não me atrapalhe nos negócios, preciso de uma mulher experiente e que saiba se portar... Sou a porra do Chefe, não quero uma menina de quinze anos.

— Nem fui convidado para a festa, porra? — digo.

— Mas que porras do caralho. — Benjamim entra no meio da conversa. — Celso, diga para quê precisa da nossa ajuda.

Lembrando-me imediatamente do assunto que comecei, fico sério e praticamente me joga na cadeira ao lado da de Anderson. Encaro os meus amigos ali e solto um suspiro profundo antes de tomar coragem.

— Suzana quer agir naquele caso com Raquel. — Esfrego as mãos no

rosto.

— Iih, a loirinha do Celso ficou brava mesmo. — Felipe brinca.

— Ela quer começar hoje.

— Leve-a. — Anderson me corta. — Só eu sei o que passei quando vi Melissa baleada em minha frente.

Todos eles fazem um pequeno aceno com a cabeça, concordando. Eu não quero que Suzana se arrisque, mas não quero que se machuque sem ao menos ter uma oportunidade de se defender.

— Sabe que se precisar de mim, estarei lá — Salvatore diz e fica de pé. — Não importa para o quê.

— Você a ama, Enzo? — Benjamim pergunta de repente.

Vejo um sorriso frio surgir no rosto de Enzo e até já imagino a porra da resposta que ele vai dar.

— *Per l'amour de Dio*, meu casamento é um ato nos negócios, Monteiro. — Pega um cigarro no bolso interno do paletó. — Negócios da *Famiglia*.

Ele sai e nós ficamos ali, os quatro, tentando decidir a melhor forma de treinar Suzana. Penso nela naquela Editora, na mesma sala que Raquel e peço mentalmente para que ela fique calma e não dê nenhuma pista do que estamos fazendo.

Depois de acertarmos o treino de Suzana, nos concentramos nos negócios, a SQUAD tem crescido e se expandido como um império implacável.

SUZANA

Despeço-me de Rick depois de finalmente ter conseguido me livrar de Raquel, afinal, a vagabunda também almoça. Só eu sei como me controlei para não mandar ela calar aquela boca de piranha que ela tem.

Saio para almoçar e sou acompanhada pelos seguranças que os amigos de Celso designaram para mim. Depois de almoçar devidamente em um restaurante perto da Editora, paro os dois na rua.

— Preciso ir ao shopping aqui perto. — Coloco os cabelos atrás da orelha. — Preciso encontrar uma farmácia.

— Se sente bem, senhora? Podemos comprar o que precisa.

— Me sinto extremamente bem, mas preciso do sigilo de vocês quanto à isso. — Hesito. — Pelo menos por agora. Exijo isto.

— Como quiser, senhora.

Decidi que esperar o exame BETA não seria o meu forte, eu precisava de respostas imediatas. Uma confirmação, apenas.

Vou na frente e os dois me seguem um pouco mais atrás. Me sinto constrangida quando, ao entrar na farmácia, sou seguida pelos dois até a prateleira com os testes de gravidez. Fecho os olhos, nervosa e pego alguns testes. Olho para os dois homens e eles parecem desconsertados por estarem ali.

— E foi por isso que pedi sigilo. — Sorrio para eles, que balançam a cabeça. — Obrigada.

Imediatamente, pago os testes no caixa e procuro o banheiro do shopping para fazê-los. Nervosa, espero o resultado aparecer em cada um daqueles visores ali.

— Oh, Deus, por favor — murmuro, fechando os olhos. — Eu quero tanto ser mãe.

Já com lágrimas nos olhos, pois esta não é a primeira vez em que tenho suspeitas sobre um bebê, volto a abrir os olhos e fito os testes nas minhas mãos. Não sei como, mas quase perdi o equilíbrio quando vi os resultados positivos nas telas de cada um daqueles testes.

— E-Eu estou grávida — choro.

Vou ter a oportunidade de fazer Celso esquecer suas dores, posso finalmente fazer o homem que eu amo feliz. Ele vai saber o que é ser amado, vai saber o que é ter uma família feliz, apesar de tudo o que viveu. Quero dar isso à ele.

Me debulhando em lágrimas, saio da cabine e algumas mulheres me olham torto enquanto lavo minhas mãos e meu rosto. Respiro fundo algumas vezes e quando me acalmo, enxugo meu rosto e saio em busca dos seguranças. Os dois sorriem para mim e eu retribuo.

— Podemos voltar para a Editora. — Fungo.

A volta ao trabalho foi bem complicada para mim, já que a notícia de que uma criança está crescendo dentro de mim não sai da minha cabeça e eu mal posso controlar a minha felicidade. Para a minha sorte, Raquel não apareceu à tarde e isso me deixou aliviada.

Enviei uma mensagem de texto para Celso, avisando que gostaria de lhe dar uma notícia depois do treino e ele ficou todo curioso. Sorri comigo mesma quando o safado me mandou uma imagem de algemas, me dizendo que adoraria testar de novo.

Desço para a recepção e logo avisto o carro do meu boy Rivotril parado em frente ao meu trabalho. Dou um pequeno aceno para os seguranças, que logo se dirigem para um carro preto estacionado atrás do carro de Celso.

Ao entrar no carro, começo imediatamente a tremer. A notícia me impactou muito, mas não sei se vai surtir efeito em meu piadista, afinal, ele não tem boas recordações com gravidezes.

— Boa noite, minha tagarela. — Me beija. — Como foi o seu dia? Raquel tirou você do sério?

— Me controlei, se é o que você quer saber. — Sorrio.

Vejo quando os seus lábios se repuxam em um leve sorriso e sei que bem ali está oculta uma grande preocupação, minha vida. Eu sei que Celso me ama, eu o amo também, muito. E é somente isso que me faz lutar por nós dois.

— O que quer me contar? — Troca a marcha e me olha rapidamente. — Estou curioso.

— Vou contar depois que me levar ao centro de treinamento. — Cruzo os braços.

— Sério isso?

— Muito sério. — Mordo o lábio.

Celso se cala durante o resto do caminho, provavelmente pensando em alguma forma de tortura para me arrancar a informação antes da hora. Merda, emotiva como estou, acabarei cedendo e contando sobre o bebê.

Quando entramos em nosso apartamento, sou agarrada e me choco contra seu corpo quente. O beijo que lhe dou mostra todo o meu amor e satisfação em estar ao seu lado, apesar de tudo. A fome com a qual ele me beija me deixa extasiada e completamente entregue.

— Diga-me — sussurra, sensual.

— Não, seu safado. — Sorrio. — Está tentando arrancar informações,

isso é jogo sujo.

— Vamos, Su. — Se livra do blazer. — Podemos adiar seu treino.

— Não quero adiar meu treino. — Corro para o quarto e o safado me segue.

Sou agarrada outra vez e Celso abre o zíper do meu vestido, me tirando completamente as forças para dialogar com ele. Ah, mas esse safado está treinando os meus pontos fracos.

— Podemos trepar.

— Celso. — Toco seu peito, sorrindo. — Eu quero treinar, você está usando isso para me fazer esquecer e...

Minha voz vai embora quando ele me faz sentar na cama e beija meu pescoço do jeito que eu gosto. Seus lábios deslizam por minha pele e eu sinto meu corpo inteiro se entregando ao safado.

— Podemos treinar depois, Suzana. — Me olha, completamente sério. — Eu quero a nossa reconciliação.

Encaro os seus olhos azuis por alguns instantes e sei que ele não vai desistir de me ter hoje. Solto um suspiro e, por fim, acabo concordando em ficar com ele.

— Ótimo. — Mordisca meu queixo. — Agora, o que quer me contar?

— É um assunto sério.

— Tá bom. — Se endireita na cama quando vê que não estou brincando. — Estou ouvindo.

Fico em silêncio por mais alguns momentos, pensando em como começar a falar para ele. Celso segura as minhas mãos e beija as duas antes de me encorajar, mesmo sem saber do que se trata.

— Celso, eu estou grávida — digo de uma vez.

Fecho os olhos esperando uma reação, uma resposta, um sinal, qualquer coisa. Não vem. Sinto seu aperto ficar mais intenso nas minhas mãos e volto a abrir os olhos. Me surpreendo ao encontrá-lo chorando silenciosamente e imediatamente me jogo nos seus braços para tentar segurar o seu mundo mais uma vez.

— Eu te amo.

As lágrimas que vêm aos meus olhos são inevitáveis. Realmente não esperei essa reação dele. Pensei que talvez ele fosse rejeitar, mesmo que por um breve momento. Algo dentro de mim pulou de alegria e nada mais nesse mundo importou.

Me solto dele para enxugar suas lágrimas e nós dois sorrimos. Celso olha para minha barriga e coloca suas mãos ali com o entusiasmo de uma criança. Definitivamente é a cena mais linda que já vi em toda a minha vida.

— Me desculpe — pede baixinho.

— Pelo quê? — Passo as mãos nos seus cabelos fartos e ele me olha.

— Por não ter sido o homem que você merece todo esse tempo.

— Nós já superamos isso. — Beijo seus lábios quentes e sorrio. — O que eu quero é que sejamos felizes e que você esqueça que Raquel existe... Ou nunca me terá de verdade. Eu sou por essa criança agora.

Celso assente e então eu me jogo outra vez nos seus braços, beijando-o de maneira intensa e apaixonada. Finalmente teremos a nossa reconciliação, somos uma família agora.



CELSO

Saber que Suzana está esperando um filho me deixou dividido. Eu adorei ver o brilho nos olhos dela, é o seu sonho, também fiquei feliz por ser pai. Mas me preocupo porque Raquel está por perto e Suzana não é o tipo de mulher que se omite.

Nesse momento, eu percebi que preciso ser o homem que Suzana merece, preciso deixar de lado a porra do meu passado e ser a segurança que ela precisa. Nosso filho está crescendo dentro dela e eu não vou permitir que se machuque com os meus erros do passado.

A puxo para cima de mim na cama e deixo que ela me beije. Sinto algo molhar meu rosto e a afasto para saber do que se trata. Quando noto que Suzana está chorando, me preocupo.

— O que há, Su? — Passo o dorso do meu indicador no caminho molhado em seu rosto. — Raquel fez alguma coisa?

— Não. — Funga. — Só estou emocionada depois da sua reação.

Acabo sorrindo da sua resposta por ser tão simples. Linda.

— Vem cá, minha tagarela. — Faço com que ela deite ao meu lado e vou para cima dela. — Vamos ter nossa reconciliação e a comemoração pelo nosso filho.

— E o treino?

— Benjamim está treinando com o resto do quarteto, posso fazer isso com você e eles amanhã.

Suzana balança a cabeça e sorri antes de me puxar para mais um beijo. Como senti sua falta nesse apartamento e nessa cama, comigo. Mergulho minha língua em sua boca e me delicio com seu beijo.

Suas mãos vem direto aos botões da minha camisa, Suzana desabotoa febrilmente cada um deles. Paro o beijo para me livrar da camisa e jogá-la longe, ela sorri e olha meu corpo enquanto me livro do cinto.

— Tira a calça também, meu Rivotril.

Sorrio e ela passa a ponta dos dedos dos pés em meu peito, me fazendo sentir um arrepio intenso. O arrepio da sacanagem.

— Já me quer nu, tarada? Cadê o romantismo de um tirar a roupa do outro?

A risada que ela dá preenche todo o quarto e atinge em cheio meu coração. Eu amo quando ela sorri.

— Nós dois sabemos que essa nossa fase já passou. — Desliza lentamente os dedos dos pés em meu peito. — Venha nu.

Tendo dito isso, Suzana se senta e começa a tirar suas roupas junto comigo. Lambo os lábios quando a vejo me analisar enquanto se livra das suas roupas.

— Eu adoro esse seu olhar safado para mim, Su. — Me livro da calça. — Me dá um tesão desgraçado.

— Eu sei. — Morde o lábio e vem até mim, que ainda estou de joelhos na cama. — Adoro te deixar todo cheio de tesão desse jeito.

Ela desliza suas unhas pela minha barriga e beija meu peito. Ah, puta merda, isso que ela faz é muito bom. Gemo e escuto sua risadinha sacana.

— Meu piadista. — Sobe, raspando as unhas na minha pele. — Deite.

— E o que vai fazer comigo?

— Deite, Celso.

Sorrindo, faço o que ela disse e Suzana monta em mim. Nua. A safadeza está estampada na cara da minha tagarela. Ela curva o corpo para frente e beija meu pescoço, seus cabelos loiros e cheirosos ficam em meu rosto e eu sorrio, me sentindo a porra do homem mais sortudo desse mundo.

— Do que está rindo? — Ergue o tórax, ficando montada em mim outra vez.

— Estou apreciando suas carícias, minha Suzy. — Brinco com uma

mecha loira. — Estou feliz por ter você ao meu lado de novo.

— Você é o piadista mais romântico desse mundo. — Ela ri.

Apenas sorrio para ela e a safada rebola, fazendo sua boceta quente roçar no meu pau. Ah, a tortura vai começar.

— Não me torture, ok? — Subo as mãos para os seus peitos. — Estou frágil.

— Frágil? — Ergue uma sobrancelha. — Você é um cínico.

— Me coloque dentro, baby. — Brinco com os seus mamilos durinhos. — Me deixe voltar a explorar você inteira.

Suzana curva o corpo até alcançar minha orelha, ela lambe o lugar e roça seus peitos em mim. Fecho os olhos e sinto um calor insuportável fazer o suor começar a brotar em minha pele.

— Dentro? — Leva a mão ao meu pau e o posiciona em sua boceta quentinha, aperto os olhos na expectativa e ela me coloca para dentro devagar. — Assim?

— Hmn — grunho. — Assim mesmo, baby.

Ela rebola, acomodando meu pau dentro e eu não me aguento. Gemo, querendo obedecer às ordens do meu pau, que quer foder ela toda, mas deixo que ela me controle. Quero ver até onde Suzana irá.

Suas mãos deslizam pelo meu peito e ela as fixa ali, seu corpo se inclina um pouco para frente e Suzana começa a cavalgar em mim. A cara de safada dela para mim é impagável. Sorrio e lambo os lábios, inclinando um pouco a cabeça para ver sua bunda deliciosa subindo e descendo no pau.

— Hmn. — Fecho os olhos, me sentindo no céu. — Isso está uma delícia.

Sinto seus lábios roçarem nos meus e abro a boca para receber o beijo dela. Os lábios quentes de Suzana são a minha fraqueza, ela inteira é a minha fraqueza. Mesmo que meu passado tenha fodido com a minha cabeça, Suzana conseguiu entrar e fazer essa bagunça comigo.

Volto a abrir os olhos para olhar para ela e a visão daqui, por estar deitado, é linda. A entrega dela, o modo como geme, como se movimenta em mim, como fica gostosa me olhando dessa maneira.

— Gosta? — Passa as mãos nos seios, se mostrando para mim.

Pego uma das suas mãos e a levo até seu clitóris, fazendo a safada sorrir.

— Assim, Su. Assim você fica linda.

Subo minhas mãos para sua cintura e faço com que meu pau saia de dentro dela, coloco Suzana deitada na cama e paro para olhar o que pedi que ela fizesse. Ela sorri e se toca para mim, me olhando. Meu pau lateja, querendo voltar a se acomodar dentro dela, mas eu me forço a olhar mais um pouco esse espetáculo que é a minha mulher.

Percebendo minha vontade, Suzana abre ainda mais as pernas e desliza sua mão por sua boceta rosada e molhada.

— Vem.

Não me seguro nem mais um segundo. Sorrindo, volto para cima dela e olho nos seus olhos antes de a penetrar devagar. Suas mãos atrevidas deslizam pelas minhas costas até alcançar minha bunda. Suzana geme, com o olhar fixo no meu.

— Fala pra mim quem é o dono dessa bocetinha, fala? — digo contra seu rosto.

— Euzinha — provoca e enrosca as pernas em meu quadril.

Paro de foder e, mesmo querendo continuar até gozar gostoso dentro dela, quero que ela me diga.

— Quem é o dono. — Desço a mão até seu clitóris e dou tapinhas nele, fazendo-a gritar. — Disso aqui?

Suzana solta um gemido alto e eu continuo parado, torturando a safada. Ela comprime os lábios e se rende, soltando um suspiro profundo.

— É sua. — Beija meu queixo. — Toda sua.

— Isso mesmo. — Recomeço as investidas contra a bocetinha deliciosa dela. — Toda minha.

Fecho os olhos e gemo, sentindo meu pau entrar até o talo nela. Fixo meu olhar no rosto dela, nas expressões que ela faz. Seus gemidos atingem os meus ouvidos e isso me motiva ainda mais.

— Awn... Celso.

— Isso — sussurro. — Chama meu nome, chama. Quero te ouvir chamando meu nome quando gozar gostoso.

O sorriso sacana surge nos lábios dela e isso me enlouquece, me deixa ainda mais insano para gozar nela e fazê-la gozar também. Ver esse sorriso se desmanchar em gemidos não tem preço.

— Está tão gostoso — choraminga.

Não respondo, apenas faço com que fique ainda mais gostoso. Enquanto estoco nela com força, estímulo seu clitóris e vejo um verdadeiro

espetáculo. Suzana arqueia as costas e geme.

— Oh. — Se contorce. — Estou gozando, Celso, não para.

— Goze, baby. — Beijo seu pescoço. — Goze para mim.

Em instantes, vejo Suzana estremecer e fechar os olhos com força. Suas unhas cravam nas minhas costas e eu sorrio, assistindo à esse espetáculo. Mantenho o ritmo firme das investidas contra seu sexo, até que eu também gozo e é a vez dela de me observar.

SUZANA

Nossa, como o meu piadista é lindo. Observo o espetáculo que é ver Celso gozando e sorrio, ainda extasiada pelo recente orgasmo. Nossa reconciliação foi linda e muito gostosa, isso me faz ficar feliz.

Puxo Celso para um abraço quando o vejo cerrar a mandíbula, me indicando que havia terminado. Ele beija meus lábios e sorri antes de deitar ao meu lado e ficar me olhando, admirado.

— O que foi? — Viro-me para ele também.

— Estou admirando. — Afasta uma mecha do meu rosto, sorrindo. — A mãe do meu filho.

Suas palavras me pegam de surpresa, me fazendo abrir um sorriso sincero.

— Confesso que pensei que você não fosse gostar da notícia.

— Eu gostei. — Solta um suspiro. — Gostei muito... só estou tentando não pirar.

Fico em silêncio alguns instantes, procurando as palavras, mas não as encontro.

— Pirar?

— Sim. — Hesita. — Fico pensando no que Raquel pode fazer... não fico o tempo inteiro com você e isso me preocupa.

— Ela não vai saber que estou grávida. — Toco seu rosto. — Pelo menos por enquanto.

— Eu vou cuidar de você, baby — diz, completamente sério. — Vou dar o meu máximo e vou tentar superar as coisas da minha cabeça fodida. Por você e pelo nosso bebê, que não têm culpa do que vivi.

Não respondo, apenas sorrio e me aconchego nele, que me abraça. Com lágrimas nos olhos, canto um trecho da música Fix you da banda Coldplay para ele. Sei o quanto gosta da banda.

Lights will guide you home
(Luzes te guiarão para casa)
And ignite your bones
(E aquecerão seus ossos)
And I will try, to fix you
(E eu vou tentar consertar você)

Depois de cantar esse trecho da música, escuto Celso soltar o ar pela boca, mas fico quieta, deixando-o ter um momento só seu. Meu piadista é um homem quebrado, mas eu e nosso bebê vamos consertar isso, vamos dar o amor que ele sempre precisou e mereceu, mas nunca teve.

Então, sem que eu espere, ele continua a letra da música de onde eu parei:

And high up above or down below
(Bem no alto ou lá embaixo)
When you're too in love to let it go
(Quando você está muito apaixonado para deixar ir)
But if you never try, you'll never know
(Mas se nunca tentar, você nunca saberá)

As lágrimas que eu segurava, agora rolam sem controle pelo meu rosto. Nunca fui uma mulher de chorar por qualquer coisa, mas vê-lo assim, machucado, sempre me doeu muito. Sempre chorei escondido depois de cada ataque de pânico dele e de cada rejeição ao assunto casamento e filhos.

— Obrigado por não desistir de mim — sussurra contra os meus cabelos.

Olho nos seus olhos azuis e recebo um sorriso largo. Celso enxuga meu rosto e beija a ponta do meu nariz.

— Agora pare de chorar, Su, sei que te deixo toda emotiva. — Se gaba.

— Não sou de chorar assim, você sabe.

— Ora — finge indignação. — Claro que sei, comigo você sempre sorriu. Afinal, não sou seu piadista?

Sorrio, balançando a cabeça.

— Acho que um certo bebê está deixando você assim. — Toca minha barriga. — Essa sua gravidez vai ser engraçada. Suzy chorona, quem diria...

— Para, seu safado. — Lhe dou um tapa, sorrindo. — Não sou eu, não dá para segurar.

— Eu sei. — Celso senta na cama e passa as mãos nos cabelos. — Lembro de ver minha mãe se emocionar com tudo, principalmente quando eu a abraçava depois de apanhar para proteger ela e minha irmã que ainda estava na sua barriga.

Sento-me também e beijo seu ombro. Ele olha para mim e abre um pequeno sorriso. Afago suas costas e fico em silêncio, não há o que falar.

— O que você acha que vai ser? — pergunta. — O bebê.

— Será uma menina. — Sorrio.

— O quê? — Franze o cenho. — Não, não. O único que deve ficar de cabelos brancos antes da hora é o Ben com Ellen, que já quer namorar... eu não.

— Celso Farias — repreendo, sorrindo. — Será uma linda menina e terá a personalidade da mãe.

— Tá doida, mulher? Já basta uma na minha vida. — Ele sorri. — Duas mulheres impossíveis, não sei se daria conta... só de pensar, me dá uma coisa.

— Só adiantaria seus cabelos brancos. — Aliso seus cabelos castanhos e macios. — E não ia dar coisa nenhuma, sem drama. Nunca vi um quarteto tão dramático.

— Não faço drama — finge indignação. — Sou um anjinho, como você mesma disse que eu tenho cara de anjo.

— Isso foi antes de conhecer o seu lado da safadeza.

Damos risadas juntos e ele me abraça, me dando alguns beijos no rosto e no pescoço. Deus, eu o amo tanto... não deixe que nada de mal aconteça à ele.

Capítulo 17



CELSO

Encaixo a arma na parte da minha lombar na calça e olho para Suzana, que prende os cabelos em um rabo de cavalo no alto da cabeça. Lembro-me do nosso momento de ontem e sorrio, me aproximando dela.

— Está pronta?

— Sim. — Me olha. — Quero aprender a atirar.

— Ainda sou contra você ir treinar. — Cruzo os braços. — Você está grávida, Su.

— Eu quero ir, Celso. E além do mais, estou grávida e não doente.

— Tudo bem, vamos dar um jeito nisso agora. — Beijo seus lábios.

— Desde que não seja para atirar no meu pau...

— Te odeio. — Me dá um tapa, sorrindo.

Saímos juntos do closet e seguimos para a sala, meu dia foi bastante corrido hoje e eu não tive tempo de conversar com ela sobre as idas de Raquel à Editora. Depois que coloquei os seguros, ela tem se contido.

— Ela importunou hoje?

— Não. — Pega sua bolsa. — Raquel não apareceu na Editora hoje.

— Estou preocupado com isso... e se ela estiver planejando alguma coisa?

— Fique calmo, deixe aquela mulher de lado por, pelo menos, alguns

instantes. — Toca meu rosto. — Vamos ao treino.

Guio Suzana pelo corredor da casa que usamos para realizar nossos treinos de Muay Thai e das armas. Digito a senha no painel para que a porta seja aberta, revelando as três ninfetas junto com Gabriel e João, praticando tiro.

— Ora, o casal finalmente chegou. — Felipe brinca.

— Esperamos vocês ontem. — Anderson cumprimenta Suzana com um beijo no rosto. — Aconteceu alguma coisa? Porque esse puto passou o dia todo parecendo que queria falar alguma coisa, mas disse que não podia.

Vejo um sorriso enorme surgir no rosto de Suzana. Eu havia dito a ela que queria que ela contasse, a safada disse que eu não me aguentaria e nós fizemos uma aposta. Vou trepar loucamente hoje, já que ganhei por ter me segurado. Sorrio para ela, vitorioso e cruzo os braços.

— É que temos uma notícia para dar.

— E qual é?

— N-Nós. — Hesita. — Eu estou grávida.

O silêncio reina por alguns instantes na sala e o olhar de todos eles caem sobre mim. Abro mais meu sorriso e balanço a cabeça, asseverando. Então, nesse instante, os putos começam a comemoração. Abraços, berros e sorrisos.

Olho para Suzana e vejo a felicidade estampada em seu rosto. Felipe vem abraçá-la e a ergue do chão, fazendo-a dar risada.

— *Mermão*, dessa vez eu boto fé. Acertou o buraco agora. — Gabe vem até mim, sorrindo. — Fico feliz que tenha conseguido superar aquelas merdas lá.

— Obrigado, Gabe. — Sorrio. — Ela está me ensinando a superar.

— Puto apaixonado. — Anderson tira sarro de mim.

— Nada que você também não seja — rebato. — A loirinha te colocou na coleira, putão.

Vejo João se aproximar calmamente, com um sorriso sacana no rosto.

— Parabéns, Celso. — Cruza os braços. — De verdade.

— Agradeço.

— Mas onde estão Lara e Melissa? — Suzana vem até nós abraçada à

Felipe.

— Estão em casa — Benjamim responde. — Ellen dorme cedo e Heitor está doente.

— Sim. — Anderson confirma. — Levamos ao pediatra e ele disse que é normal.

— Crianças adoecem mesmo. — Suzana sorri, parece ter muita certeza do que diz. — Já tive a experiência de cuidar de um bebê quando mais nova... era babá.

— Que linda a Suzy — Felipe diz. — Nem parece ser brava do jeito que é.

Suzana lança um olhar intenso para Felipe e isso faz todos na sala rirem.

— Vamos começar — Benjamim chama. — Celso, ensine à Suzana tudo o que ela precisa saber para atirar.

— Não estávamos esperando Enzo? — João pergunta.

— Não precisam mais esperar — Salvatore diz quando a porta é aberta por ele. — Já estou aqui.

— *Uuuh*, que entrada triunfal — digo.

Salvatore cumprimenta a todos, Suzana lhe dá um sorriso e ele responde com um aceno de cabeça. Estranho a presença de Enzo, já que ele está absorto nos negócios da Cosa Nostra.

— Minha esposa está organizando um baile à fantasia amanhã no cassino. — Faz uma pausa para se certificar de que estamos concentrados na conversa. — Preciso de vocês lá.

— Esposa? — Suzana pergunta a mim.

— Longa história, Su, mas ele está casado — explico.

— E desde quando você acata ideias como essa para o cassino? — Felipe cruza os braços.

— Disse à minha esposa que precisava fazer algo no cassino que me desse cobertura para um grande negócio. — Passa a mão no cabelo. — Havia pensado em uma apresentação especial de algumas dançarinas contratadas, mas a *donna* deu a ideia do baile... estarei matando dois coelhos em uma só cajadada.

— Estaremos lá — Benjamim assevera.

— Sim, com certeza — Felipe diz.

Todos nós concordamos em ir e eu noto o silêncio de Suzana. Depois

de bolarmos a segurança para o dia seguinte, para o baile, Enzo se despede e sai. Aproveito e puxo Suzana para um canto para perguntar sobre seu silêncio.

— Que há?

— Não é nada. — Coloca um sorriso no rosto e me beija. — Vamos treinar, eu quero sair daqui acertando, pelo menos, uma área boa no alvo.

SUZANA

Quando Enzo fez o convite, eu senti algo. Não me pergunte o quê, eu só senti que preciso aprender a atirar, senti que preciso fazer isso até amanhã. Decido não dizer nada a Celso para não preocupá-lo e me concentrar no treino.

Ele me ensinou tudo o que preciso saber sobre uma pistola. Como armar, como destravar, como ejetar o *pente* vazio e colocar um novo e me explicou a melhor maneira de apertar o gatilho para não ficar incômodo e não demorar no percurso do dedo no gatilho.

— Outra vez, baby, segure firme a pistola... pense na minha.

Respiro fundo, tentando não rir da palhaçada dele, estou decidida a acertar a área vermelha no alvo. Estou a noite toda aqui e não quero que Celso pense que não vou conseguir. Afundo meu dedo no gatilho e o impulso da bala saindo faz a arma ir para trás. O cheiro de pólvora se intensifica no ar.

— Eita porra! — Escuto Gabriel gritar. — Ela acertou mesmo, *mermão*.

Sorrio ao ver que havia conseguido acertar mesmo a área vermelha. Eu sei que é o meu primeiro dia e que pode sim ter sido sorte, mas se eu acertei, posso fazer de novo.

— Isso mesmo, Su. — Celso pega a arma das minhas mãos. — Agora vamos para casa, que você me deve o pagamento da aposta... mantive meu bico fechado.

— Juro que não sei mais o que fazer com você. — Sorrio, cruzando os braços.

— Trepe comigo.

Ao chegarmos em casa, depois da despedida dos amigos de Celso, que me desejaram felicidades e disseram que iam contar à Lara e à Melissa sobre minha gravidez, sou agarrada por Celso.

— Vamos falar dos negócios?

— Que negócios? — me faço.

— Da aposta, ora. Uma certa loira me prometeu...

— Eu sei o que apostei. — Sorrio. — Vamos fazer logo isso.

— Ei! Assim me ofende, até parece que eu fodo mal. — Cruza os braços e faz bico. — Você sabe que sou o fodedor master do quarteto.

— Quanto drama e convencimento em uma pessoa só. — Reviro os olhos.

A cara de safado que ele faz enquanto caminha até mim devagar como um felino é inacreditável. Eu ainda consigo me surpreender com a safadeza de Celso.

— Vamos calar essa boquinha. — Morde meu lábio. — Com meu pau nela.

— Não vou chupar você. — Cruzo os braços.

Ele começa a fazer aquela covardia de beijar e lamber meu pescoço. Ah, filho da mãe, ele sabe exatamente como fazer para me deixar nas suas mãos.

— E por quê? — Suga de leve a minha pele do pescoço.

— Porque a aposta não consistia em chupar você — provoco. — Você disse que eu tinha que dar para você e é o que eu vou fazer.

Empurro Celso para o sofá e ele cai sentado. Monto em seu colo e ele abre um sorriso sacana antes de me suspender e me deitar no sofá. O safado vem para cima de mim e faz a cara de dominador que eu amo.

— Desculpe, Su. — Segura meus pulsos e os prende acima da minha cabeça. — Mas quem manda hoje sou eu.

— Você ganhou a aposta, meu Rivotril — provoco outra vez. — Estou ao seu dispor.

Suas pupilas dilatam quando ele ouve as minhas palavras e meu coração acelera, na expectativa de tê-lo dentro de mim outra vez.

Passo a língua uma última vez em seu membro rosado pelo recente orgasmo, limpando-o e Celso geme. Sim, depois de muita insistência dele, eu mesma pedi que ele gozasse em minha boca. Já deu para imaginar a felicidade dele, não é?

Lambo os lábios e ele me observa, admirado. Tenho vontade de rir, mas me controlo, dando-lhe um leve sorriso.

— Pronto, aposta paga. — Finjo que fiz aquilo por fazer, mas estou tremendo até agora por causa do orgasmo que Celso me proporcionou. — Agora vou dormir.

Fico de pé e começo a seguir para o nosso quarto.

— Ei, Su. — Me faz parar de andar e eu vejo um lindo bico na cara de menino dele. — Cê não gostou? Eu te machuquei?

Depois das perguntas preocupadas, me jogo nos seus braços e envolvo seu pescoço com os meus. Beijo seus lábios e sorrio.

— Foi maravilhoso, mas eu preciso ir para a cama... estou exausta. O dia foi puxado hoje, fora o treino e os nossos exercícios físicos agora. — Dou risada.

— Vamos juntos, então. — Sorri.

Seguimos juntos para o quarto e tomamos um banho rápido antes de nos deitarmos. Estou quase dormindo, aconchegada à Celso, quando ele se remexe e me faz despertar.

— Está tudo bem? Vai ter algum...

— Não — corta. — Meus ataques de pânico não são mais tão frequentes. Não queria ter acordado você.

— Tudo bem. — Volto a apoiar a cabeça em seu peito.

— No que pensa em usar amanhã no baile de Enzo? — Passa a mão nos meus cabelos.

— Você vai ver. — Fecho os olhos. — É surpresa.

Capítulo 18



*Eu encontrarei o meu caminho
Pela noite e pelo dia
Porque eu sei que não posso ficar
Aqui no Paraíso
O tempo pode te deixar deprimido
O tempo pode fazê-lo curvar-se
O tempo pode despedaçar o seu coração
Fazê-lo implorar*
Tears in heaven - Eric Clapton

CELSONO

Paro o carro na frente Editora e ela avisa que não vamos almoçar juntos, pois vai aproveitar a hora do almoço para comprar a fantasia.

— Não vou usar fantasia — digo. — Vou usar um smoking, combinei com as ninfetas.

— Tudo bem. — Me beija. — Irei procurar uma máscara para você.

— Tenho mesmo que usar uma máscara?

— Você usa quando estamos usando nossa webcam. — Abre um sorriso diabólico. — Pode usar hoje também.

— Aquilo é diferente, eu vou estar sentindo prazer com você — rebato, sorrindo. — Nem sinto aquilo na minha cara.

— Sem mais argumentos. — Abre a porta do carro e pega a bolsa. — Nos vemos à noite.

— Tome cuidado. — Fico sério e ela assente, entendendo o que quero dizer.

Espero que ela entre no prédio e só depois, faço um sinal para os seguranças, saindo com o carro dali. Pelo retrovisor, vejo quando Raquel estaciona seu carro na vaga que acabei de deixar livre. Balanço a cabeça e volto a me concentrar no trânsito.

Tento evitar que as lembranças venham, mas elas vêm mesmo assim. O dia em que menti para a polícia, dizendo que ela estava comigo, o dia do nosso casamento, o modo apaixonado como fiz amor com ela na noite anterior. Ela sabia que era uma despedida.

Hoje, agradeço por ela ter me abandonado, mesmo carregando um filho meu e o tendo matado. Se ela não o tivesse feito, se não tivesse fodido a minha vida, eu não teria conhecido a mulher que realmente amo, a mulher que lutou pelo nosso relacionamento.

— Vou proteger você, Su — digo para mim mesmo.

Não vou deixar que meu passado fodido acabe com o que construímos juntos. Suzana está grávida agora e ela será o meu porto-seguro, será a família que eu sempre quis ter.

Ao chegar na SQUAD, subo diretamente para o vigésimo andar, afim de tratar sobre uma empresa que querem comprar de nós. Antes que eu possa seguir para a sala de Felipe, Lara me vê e acena para mim.

Até já sei sobre o que ela quer falar. Com um sorriso no rosto, me aproximo dela, que já me recebe com um abraço apertado.

— É verdade? Suzy está mesmo grávida? — Me solta para me olhar nos olhos.

— Sim, Lara, teremos um filho.

— Vou matar Suzana por não me contar sobre isso. — Cruza os braços e bate o pé. — Afinal, somos amigas ou não?

— Não fique assim. — Dou risada. — A notícia foi impactante demais.

— Estou tão feliz por vocês.

— Obrigado. — Sorrio. — Benjamim está?

— Sim, com Felipe. — Libera minha passagem. — Esperam por você.

— Você vai essa noite ao cassino?

— Sim, deixarei Ellen com Graça. — Lara fica séria. — Parece que Enzo precisa de nós.

— Isso mesmo. Estarei lá com Suzy mais tarde. — Beijo o topo da sua cabeça.

Sorrio outra vez antes de seguir para a sala da puta nervosa. Ao entrar, vejo Felipe e Benjamim concentrados em uma conversa.

— Cheguei, bebês — anuncio. — Cadê o putão?

— No escritório com um cliente — Benjamim responde.

— Venha cá, amor. — Felipe chama. — Estava sentindo sua falta.

Benjamim faz aquela cara de rabo que só ele tem e eu dou risada junto com Felipe antes de fechar a porta atrás de mim. Vou até eles e cruzo os braços, esperando que me atualizem do assunto.

— Você vai mais tarde, não é? — Felipe pergunta. — Ficar em casa trepando não dá futuro, Celsinho.

— É o quê? — Dou risada. — Não acredito que escutei isso.

— Ele não quer é ficar sozinho no cassino. — Benjamim alfineta. — Leva a vizinha.

— Ah. — Felipe ri. — Minha vizinha nem me dá bola, estamos afastados.

— Iih. — Dou risada. — Nada vem fácil, garanhão... vai à luta.

— Você fala como se eu estivesse apaixonado. — Ergue a sobancelha e olha para o irmão. — Ben, vou ver nosso pai antes de ir ao cassino, você quer ir?

Benjamim olha para mim e eu sei o quanto guardar esse segredo de Felipe é difícil, sei também que ele só quer proteger o irmão, mas isso está acabando com ele.

— Vou falar com Lara sobre isso.

Depois de passar a manhã e a tarde com os putos, resolvendo uma bronca grande feito um caralho que apareceu em uma das empresas, levanto-me da cadeira, exausto.

— Eu já vou indo. Quero ver o que Suzana vai usar para esta noite.

Me despeço dos dois e de Lara, quando saio da sala. No caminho até a Editora, penso na fantasia que Suzana comprou, estou louco para vê-la vestida. Antes de parar o carro, avisto os seguranças e ela ao lado deles. Mas que porra ela está fazendo aqui fora?

Quando vê meu carro, Suzana se despede dos seguranças e vem até o carro com duas bolsas de papel na mão. Ali dentro está a fantasia que vai me enlouquecer, já estou vendo isso.

Ela abre a porta do carro e entra sem muita cerimônia. Me dá um beijo e sorri antes de colocar o cinto e acomodar os pacotes no chão do carro.

— Comprei uma máscara linda para você. — Recosta no banco do carro e eu a olho rapidamente antes de voltar a atenção ao trânsito. — Combina com seu smoking.

— E você? O que comprou para vestir?

— Serei a sua rainha esta noite. — Solta uma risadinha sacana.

— Ui. — Puxo o ar entre os dentes. — Arrepiei todo, Su... será que o súdito pode provar do corpo da rainha antes de irmos?

— Nada disso. — Se faz de difícil. — Tenho muita coisa à fazer e preciso chegar linda nesse baile.

— Linda você já é, baby.

— Nem tente me persuadir — rebate.

— Sabe uma música que combina com você? — Sorrio.

— Qual?

— Complicada e perfeitinha, você me apareceu — canto, já sabendo do fora que vou levar. — Era tudo o que eu queria, estrela da sorte.

— Mas você não cansa de me provocar, não é, piadista?

— Tudo para ver esse bico lindo e indomado me dando fora — provoco. — Minha Su rebelde.

O olhar que ela me lança é capaz de matar, mas como estou acostumado, apenas pisco para ela e volto a me concentrar no trânsito. Minha vontade é parar esse carro e transar com ela no meio da rua, como fizemos no início do nosso "caso". Sorrio com a lembrança e toco de vez para casa.

SUZANA

Depois de ouvir Celso cantar para mim, tive a certeza de que esse safado adora me provocar para me ver fora do sério. No caminho para casa, sou surpreendida quando sua mão deixa a marcha e pousa em minha barriga.

Ele não diz nada, mas esse gesto, para mim, vale muito mais do que qualquer palavra. Não contenho um sorriso quando ele mexe a mão, fazendo uma carícia antes de trocar a marcha.

Olho para Celso e recebo um sorriso de canto em sua boca. Quem vê esse homem sorrindo e fazendo piadas desse jeito, não imagina o quão ferido ele é. Não dá para imaginar o que se passa na cabeça dele.

Quando entro em casa, a primeira coisa que faço é começar a retirar o vestido da sacola de compras e a máscara dele. Celso me abraça por trás e afasta meus cabelos para beijar meu pescoço.

— O que está fazendo? Não já transamos ontem e antes de ontem?

— Podemos trepar de novo. — Passa a língua em minha orelha. — Uma rapidinha antes de irmos.

— Tenho que pensar no bebê — me afasto, procurando motivos. — Não posso me exagerar.

Escuto quando ele solta o ar pela boca e tento não sorrir. Celso sabe ser convincente quando quer, mesmo eu não sendo tão boazinha assim com ele.

— Aqui, sua máscara. — Estendo para ele uma máscara veneziana preta e analiso seus olhos azuis, sua barba e seus cabelos castanhos em contraste. — Vai ficar muito sexy nisso... já me arrependi.

A risada que Celso solta preenche a sala e eu sei o quanto está surpreso com o que eu disse, já que eu nunca falo coisas desse tipo para ele. Sou abraçada e recebo um beijo longo e apaixonado.

— Saiba que eu sou sexy por natureza, uma máscara só vai me deixar *fodidamente* misterioso. — Pisca para mim. — E lindo.

— Usa essa lindeza toda com outra pessoa, que você perde ela na hora — resmungo. — Te deixo de olho roxo, palhaço.

Jogo a máscara no peito dele, indo em direção ao quarto e o safado dá risada, me seguindo pela casa.

— Não fica brava não, Su... minha tigresa.

— Vou tomar um banho. — Estiro o vestido que comprei na cama e coloco a coroa do lado dele. — Procure seu smoking.

— Tigresaaa — faz drama.

Incrível como o drama é igual ao do Anderson quando chama Melissa de "loira". Esses devassos devem ter feito o mesmo curso: Como dramatizar para a sua mulher.

— Drama ponto com. — Entro no banheiro.

Depois de tomar um bom banho, saio do banheiro enrolada na toalha e noto que Celso não está no quarto. Sorrio comigo mesma, pego o vestido na cama e largo a toalha de lado para me vestir.

O vestido é longo, na cor bege e tem o busto coberto de pequenas pedrinhas. Ele delineia as minhas curvas sem deixar de ser delicado e elegante. Eu amei o vestido na hora em que pus os meus olhos nele.

Assim que fecho o zíper lateral, ergo meu olhar para o espelho, afim de ver o resultado final e me assusto ao ver o reflexo de Celso me observando na porta do quarto. Sorrio e me viro para ele.

— Estou com ciúmes.

— Nem comece, Celso Farias. Há quanto tempo está aí? — Cruzo os braços.

— Tempo suficiente para ver a minha tigresa virar uma rainha.

— Nem vem tentar me bajular. — Dou as costas para ele, afim de me olhar mais uma vez no espelho. — Não engoli aquela história de lindo e blá blá blá.

— Puro ciúmes da minha beleza — rebate, sorrindo.

Emburrada, pego a coroa na cama e a coloco na minha cabeça. Prendo-a por entre os meus cabelos e vou buscar minha maleta de maquiagem.

— Vá tomar seu banho, vai se atrasar.

Dando risada do meu humor, Celso segue para o banheiro e eu me concentro em fazer a minha maquiagem. De repente, sinto uma leve náusea e me apoio na parede ao lado do espelho. Respiro fundo e sorrio antes de tocar minha barriga.

— Não vejo a hora de sentir você mexer — sussurro, querendo que meu bebê me ouça. — Eu te amo tanto, bebê.

Me recomponho e volto a me maquiar. Celso sai do banheiro no momento exato em que estou finalizando meu batom vermelho. Olho para ele e não me surpreendo ao vê-lo nu, com a toalha nas mãos, enxugando os cabelos.

— Descarado.

— Você adora. — Se aproxima e beija meu rosto. — Está linda.

Guardo minha maleta de maquiagens e fico observando enquanto ele se veste. Primeiro a calça preta, que adere perfeitamente ao seu corpo. Creio que esse smoking foi feito sob medida com a indicação de Benjamim.

— Pode me ajudar com essa camisa? — Ergue o olhar para mim. — Ou a tigresa ainda está brava comigo?

Reviro os olhos e, sorrindo, vou até ele. Espero ele vestir a camisa social branca e o ajudo a abotoar a ponta das mangas. Observo enquanto ele coloca a faixa e depois veste o casaco com as lapelas. Lindo esse piadista.

— Que tal estou, baby? — Dá uma volta em torno de si mesmo. — Não estou deslumbrante?

— Sim — confesso. — E estupidamente convencido.

Um sorriso brincalhão toma os seus lábios e ele pega a máscara que comprei. Pronto, agora a minha calcinha já era. Eu amo quando ele coloca uma máscara, fica tão sexy e tão intenso com essa carinha de menino que tem.

— Vamos.

Ao entrarmos no cassino, somos recepcionados por Enzo e pela esposa. Ele está usando um smoking como Celso disse que todos do quarteto estariam, juntamente com ele, e Kiara está usando um vestido na cor vinho e uma máscara prateada. A mulher é linda.

Pela breve conversa que tivemos, ela disse que os pais e o irmão a esconderam e isso é traição. Mas com um sorriso, ela me disse que está se adaptando à sua vida e está aprendendo sobre o que herdou pelo seu sangue.

Enzo nos indica onde o resto do quarteto está e xinga algo em italiano quando Celso diz algo em seu ouvido.

— O que disse a ele?

— Desejei boa sorte com o casamento. — Me olha. — Enzo não é bom com relacionamentos, foi criado e treinado para comandar a máfia... digamos que ele não sabe o que é sentir algo mais forte que lealdade por alguém.

— Ele nunca amou? — Ergo a sobrancelha.

— Exatamente. — Coloca a mão em minha lombar. — Ele diz que amor é fraqueza.

— Nem sempre.

Seguimos para o elevador e ao chegarmos onde Enzo disse que todos estariam, encontramos três homens vestindo-se igualmente e Melissa e Lara usando belos vestidos.

— Minhas ninfetas estão chamando atenção hoje. — Ouço meu piadista dizer antes de me soltar.

Vou até Lara e Melissa e cumprimento as duas com dois beijos no rosto.

— Eu soube que você está grávida. — Melissa sorri.

— Sim. — Meu sorriso se alarga.

— E nem me disse nada. — Recebo um tapa de Lara. — Que tipo de amiga é você?

— Não tive cabeça. — Encaro o olhar das duas antes de continuar: — Eu e Celso ainda estávamos em um clima estranho e... foram muitas coisas.

— Eu sei. — Me abraça. — Quero que vocês sejam muito felizes.

— Obrigada. — Arrumo a coroa na cabeça. — Onde está Ellen? E Heitor?

— Ellen ficou com Graça e João. — Hesita. — Benjamim não quis deixar somente as duas em casa.

— Entendo... e fez muito bem. — Sorrio e olho para Melissa, esperando sua resposta.

— Heitor está com Clayton. — Dá de ombros. — Ele conseguiu voltar e se estabelecer aqui com seu trabalho.

Continuamos ali conversando e observando o movimento lá embaixo. Falamos sobre tudo e principalmente sobre a maternidade. Para mim é algo totalmente novo e que elas falam cheias de orgulho e muito amor.

De repente, um rosto feminino coberto por uma máscara chama a minha atenção. Aquela mulher é Raquel, eu tenho certeza, reconheceria

aquele sorriso de vagabunda a cem metros de distância.

— Suzy? Está tudo bem? — Melissa toca meu ombro.

Olho para as duas e antes que eu possa responder, Odilon aparece do nosso lado.

— Olá, divas. — Abraça cada uma de nós. — Estão maravilhosas esta noite.

— Obrigada — respondemos em coro.

Em um momento de loucura, peço licença e puxo Odilon para um canto. Olho no fundo dos olhos dele, expressando toda a minha preocupação.

— Odilon, preciso que seja sincero comigo.

— Fale, *darling*.

— Você conhece alguma Raquel... ou alguém com esse nome que faça parte dos negócios da máfia?

— Não. — Cruza os braços. — Aqui não tem ninguém com esse nome... mas já vi nas listas dos clientes do chefinho esse nome aparecer. Por quê?

— Não é nada. — Sorrio, tentando disfarçar. — Obrigada.

Odilon pede licença e sai para falar com os quatro safados das nossas vidas. Volto a me aproximar de Lara e Melissa, que não tocam no assunto sobre eu ter puxado Odilon dali.

Olho para Celso e o sorriso em seu rosto enquanto se diverte com os amigos me faz ficar preocupada. Não quero Raquel por perto, não quero que ela estrague nossa vida.

Encosto minha cabeça no peito de Celso enquanto dançamos ao som da música *Tears in heaven* do Eric Clapton. Fiquei realmente tocada quando os três safados vieram até nós, nos chamar para dançar essa música. Disseram que Felipe havia dado um perdido neles.

— Minha tigresa?

— Diga, meu Rivotril. — Ergo a cabeça para olhar Celso nos olhos.

— Está gostando da noite?

Sinto suas mãos acariciando as minhas costas e retribuo, acariciando sua nuca. Noto como ele está sedutor e misterioso com essa máscara e como seu olhar está direcionado exclusivamente para mim.

— Muito. — Sorrio. — É sempre bom estar com as meninas e com os seus amigos.

Celso abre um sorriso brincalhão e desvia o olhar do meu por alguns instantes, mas isso foi o suficiente para fazer o seu sorriso morrer. Paro de dançar imediatamente.

— Não olhe.

Encaro seu olhar por alguns instantes e decido olhar na direção em que ele olhou e vejo Raquel nos observando ao lado de um homem que julgo ser seu marido.

— Ela está planejando alguma coisa. — Desço as mãos para o peito dele. — Não está?

— Não sei. — Bufo. — Mas eu não vou ficar aqui para esperar, vamos avisar a Enzo e sair pelos fundos.

— Mas Celso...

— O marido dela é perigoso, porra. — Me olha, incisivo. — Não vou esperar que ele faça alguma coisa com você e com meu filho.

Sinto a mão de Celso se fechar em meu pulso e ele me puxa por entre as pessoas. Encontramos Enzo e ele explica tudo rapidamente. Salvatore nos mostra a saída dos fundos e faz questão que um dos seus "soldados" nos acompanhe.

— Vá buscar o carro, eu espero aqui.

— O quê? — Tira a máscara.

— Eu espero aqui, estou de salto, ir com você atrasaria.

— Então, tome isto. — Me entrega a arma. — Vou buscar o carro... não hesite se alguém tentar algo. Entendeu? Atire sem pensar em nada.

— Mas e você?

— Vou ficar bem, sei me defender. — Beija a minha testa e sai.

Meu coração começa a martelar dentro do peito, a adrenalina corre solta nas minhas veias. Respiro fundo tentando normalizar minha respiração e destravo a arma.

— Celso é mesmo um homem tolo e fraco. — A voz feminina que conheço bem me faz virar para encarar Raquel. — Sempre foi.

Fico em silêncio e seguro firme a arma, mas sem empunhá-la. Raquel chega um pouco mais perto e eu fico quieta.

— Sempre achei ele um imprestável. — Dá risada. — Só é bom no sexo... disso eu sei bem e creio que você também saiba.

— O que merda você quer?

— Vim como amiga. — Dá de ombros. — Avisar que você não conhece Celso, não sabe o que ele fez por mim... estamos muito mais ligados do que você imagina.

— Você é patética — brado, irritada. — Eu já sei de tudo e você não vai me separar dele.

— O quê? Você sabe?! Você não pode saber, Suzana, ninguém pode... não posso correr o risco.

Não tenho tempo de pensar, Raquel aponta a arma para mim e atira. Em um impulso, eu grito e me encolho, antes de olhar para a vagabunda. Ela errou. Empunho minha arma, fervendo de raiva e sentindo um incômodo em meu ventre.

Destravo a arma e Raquel corre para se esconder. Atiro sem hesitar e escuto o carro de Celso cantar pneu, freando bruscamente. A vagabunda descarada escapa e eu atiro outra vez, mas meu piadista chega correndo.

— Caralho! Suzana! — Toca meu rosto e tira a arma das minhas mãos. — Você está bem?

Eu o abraço com força, sentindo todo o meu corpo tremer e temo pelo meu bebê.

— Me tira daqui — peço, agarrada à ele.

— Vamos.

Seguimos juntos para o carro e ele abre a porta para mim. Noto um carro preto atrás do nosso e deduzo ser o soldado que Enzo enviou para ir conosco. Celso faz um sinal para ele e os dois ficam fora do carro, conversando.

Sozinha dentro do carro, deixo as lágrimas rolares pelo meu rosto. Por que ela quer tanto ficar perto de Celso? Destruir o que temos? Por quê?

— Oh, minha tigresa. — Me abraça. — Não chore... fique calma. Nós vamos para casa agora e eu não vou deixar você sozinha nem mais um minuto enquanto Raquel ainda estiver por perto. — Me faz olhar nos seus olhos. — Não sou mais aquele idiota que eu era. Vou ser forte por você, como você foi por mim.

Balanço a cabeça, acreditando nele. Seu olhar me diz que suas palavras são verdadeiras. Raquel vai ver que está errada, vai pagar com a língua o que disse do meu Celso. Ele não é fraco. Pessoas feridas são perigosas, pois elas sabem que podem sobreviver.



Baby, quando estou mal volto pra você
E você dá sentido ao que eu faço
E sei que não é fácil dizer
Mas, baby, bem quando este mundo
Parece mau e frio
Nosso amor brilha vermelho e dourado
E todo o resto fica pelo caminho*
Why worry - Art Garfunkel

CELSO

Entro em casa abraçado à Suzana, que ainda treme. Penso em nosso bebê que cresce dentro dela e faço com que ela sente no sofá da sala. Retiro a coroa delicadamente dos seus cabelos e a coloco de lado.

Vou até a cozinha, encho um copo com água e coloco açúcar. Mexo um pouco e volto quase correndo para a sala. Sento do lado dela e lhe entrego o copo.

— Se acalme, baby. — Beijo seu ombro. — Me perdoe por ter aceitado a loucura de te deixar sozinha... pensei que Raquel não seria ousada à ponto de atacar você no lugar onde você é protegida.

Suzana bebe a água e olha para mim. Sinto culpa por tê-la deixado lá sozinha e desvio o olhar do seu.

— Não se desculpe. — Afaga meu rosto. — Eu e o bebê estamos bem.

Suzana segura minha mão e a leva até sua barriga. Meu coração se aperta em meu peito, a angústia de não ter conseguido proteger Suzana disso me mata.

— Não quero que se culpe. — Coloca o copo na mesinha de centro. — Você já tem coisas demais nessa sua cabeça e afinal, quem pediu para você ir fui eu.

Ela se livra dos saltos e se aproxima um pouco mais de mim. Fecho os olhos e colo minha testa na sua, desejando mil vezes que a minha Suzana jamais tivesse tido que passar por isso. Mas pelo menos eu a ensinei a atirar e isso a protegeu hoje... me acalma um pouco.

— Não se culpe. — Sussurra contra o meu rosto. — Nós estamos bem, ok?

Não respondo, simplesmente levo minha mão à sua nuca, sem desgrudar nossas testas e ela me beija. No começo são somente nossos lábios se tocando e eu deixo que ela roce seus lábios nos meus.

Beijo seu lábio inferior e ela entreabre a boca, subo um pouco e beijo seu lábio superior. Suzana arfa e sobe suas mãos para os meus ombros antes de voltar a colar nossas testas.

— Vamos para o banheiro, vou ajudar você. — Fico de pé estendo a mão para ela.

Seguimos juntos para o quarto e eu sinto meu celular vibrar em meu bolso. Pego e vejo o nome de Benjamim brilhar na tela, é uma mensagem.

— Vá tirando sua roupa. — Beijo sua testa. — Já chego.

Suzana vai sem protestar e eu desbloqueio o celular para olhar a mensagem do meu amigo.

"Que porra foi essa aqui? Enzo disse que teve até tiro."

Bufo, estressado, somente por lembrar das coisas que passamos ali hoje... principalmente Suzana.

"Raquel foi atrás de Suzana. Amanhã eu quero bolar alguma coisa,

não posso mais deixar Suzana sozinha naquela Editora."

Bloqueio o celular e sigo para dentro do banheiro, onde vejo minha tigresa se livrar do vestido. Olho para cima, buscando uma luz, uma maneira de ser forte por ela. Só então me aproximo e ela me vê.

Começo a retirar as minhas roupas e ela me espera. Me aproximo assim que me livro da minha última peça de roupa e deixo que Suzana entre primeiro no box. Ligo o chuveiro e ela não se importa em entrar com tudo e molhar os seus cabelos na madrugada.

Fico observando como ela fica quieta e não conseguindo mais me controlar, avanço para beijar sua boca. Faço com que ela encoste na parede e a água cai nas minhas costas. O beijo é lento e diz tudo o que não consegui dizer a ela desde que chegamos... que eu a amo e que não vou mais deixá-la sozinha.

Encerro o beijo para olhar nos seus olhos verdes por alguns instantes, antes de fechar os olhos e colar minha testa na dela mais uma vez. Sinto sua mão em meu rosto e ela me força a voltar a olhar nos seus olhos.

— Vamos terminar aqui para irmos descansar.

— Tudo bem. — Entro debaixo do chuveiro e vejo quando ela pega o sabonete líquido. — Eu estava pensando aqui e não quero que você fique sozinha na Editora.

— Não estou sozinha lá. — Começa a espalhar o sabonete em meu peito. — Tem os seus seguranças, não é? E Rick está sempre por lá.

— Não é suficiente. — Fecho os olhos e cerro os punhos. — Para mim não vai ser suficiente se eu não estiver perto, eu quero proteger você e o nosso filho... não queira me impedir de fazer isso.

— Mas e a SQUAD?

— Benjamim irá me liberar. — Beijo sua testa.

— Celso. — Hesita. — Por que Raquel voltou? Por que ela quer infernizar você?

Solto um suspiro pesado e toco o rosto molhado de Suzana.

— Ela não se conforma que eu não tenha ido atrás dela. — Bufo. — Ela pensou que eu me humilharia... e quer garantir que ninguém saiba do nosso passado. Quer que eu permaneça calado, desta vez, para sempre.

— Essa mulher é louca. — Nega com a cabeça. — Você sabe que eu sonho em quebrar a cara dela... e agora eu quero arrancar todos aqueles fios

de cabelo daquela...

— Eu te amo.

— O quê?

— Eu te amo. — Beijo sua bochecha. — Eu te amo. — Beijo seu nariz. — Eu te amo... entendeu?

— Eu também te amo. — Ela sorri sem muito ânimo. — Podemos terminar aqui? Não me sinto muito bem.

— O que você tem? — Analiso seu rosto e noto que está pálida. — Suzana, fala comigo, o que...

Ela solta o tubo de sabonete líquido no chão e agarra os meus braços. Suzana chama meu nome baixinho e pede que eu não a deixe cair. Amparo seu corpo que cai sobre o meu, inerte.

SUZANA

Sinto um toque nos meus cabelos e escuto a voz de Celso ao longe, me chamando. Outra vez ele me chama e eu faço força para abrir os olhos. Primeiro eu o vejo meio embaçado, isso me faz piscar algumas vezes.

— Su. — Sinto sua mão afagar meus cabelos e descer para o meu rosto. — Minha tigresa, fiquei tão preocupado com você...

Quando meus olhos começam a, finalmente, focar, eu vejo seu rosto extremamente preocupado. Sinto uma tontura leve e tento sorrir para ele, olho em volta e noto que já estou na cama, coberta com um lençol.

— Você está sentindo alguma coisa? Como você está? — Segura as minhas mãos. — Fiquei tão preocupado... quer que eu te leve no hospital?

— Celso. — Toco seu rosto, querendo acalmá-lo. — Grávidas se sentem mal, isso é normal.

— Não depois de quase levar um tiro — se exalta. — Não depois de passar por uma coisa dessas, porra.

Sem dizer nada, puxo Celso para mim e ele deita do meu lado, agarrado à mim.

— Não vou suportar perder mais ninguém... não consigo mais.

— Você não vai perder ninguém, meu Rivotril. — Beijo seus cabelos e afago seus ombros. — Eu e o nosso bebê estamos bem aqui... vamos ficar

com você.

Celso fica quieto, mas não afrouxa seu abraço. Me preocupo com ele, com a saúde dele, mas o safado não quer falar nunca sobre isso. Uma vez ele me disse que eu era seu remédio, mas eu tenho medo de que isso possa fugir do nosso controle.

— Suzana.

— Diga, Celso. — Passo as mãos nos seus cabelos.

— Pode... pode cantar? — Olha para mim, me fazendo sorrir. — Me acalma ouvir sua voz. Pode fazer isso, por favor?

— Tudo bem. — Abro mais meu sorriso, querendo que ele sorria também. — Qual música você quer que eu cante com essa minha bela voz?

— Qualquer uma que vier à sua mente. — Me beija e leva uma das suas mãos à minha barriga.

— Tá — pondero. — Deite.

Sem protestos, Celso volta a deitar a cabeça em meu peito, me abraçando forte. Retribuo seu abraço e fecho os meus olhos, respirando fundo. Sempre segurei o mundo dele quando tudo desabava nos seus ataques de pânico, agora é somente ele aqui me pedindo para cantar, posso fazer isso.

Baixinho, começo a cantar para ele:

*Baby, when I get down I turn to you,
And you make sense of what I do
And, no, it isn't hard to say
But, baby, just when this world
Seems mean and cold
Our love comes shining red and gold
And all the rest is by the way**

A letra da música faz minha voz falhar por tudo o que nós passamos e por tudo o que estamos enfrentando agora. Celso faz carinho em minha barriga, ainda inexistente e eu sinto uma emoção que mal cabe em mim.

Continuo cantando a música, olhando para o carinho que ele faz em minha barriga. Carinho esse que, aos poucos vai cessando. Quando meu piadista adormece, eu paro de cantar e fecho os olhos antes de soltar um suspiro.

Apago ao abajur do criado-mudo e volto a abraçá-lo.

— Tigresa. — Sinto um beijo em meu queixo e sorrio. — Acorda.

Abro os olhos e me deparo com Celso ao lado da cama, usando uma calça jeans e com as mãos nos bolsos. O sorriso sacana está bem ali, meu piadista voltou para mim. Sorrio de volta e olho para o relógio do criado-mudo.

— Por que tão cedo?

— Vamos à SQUAD. — Senta ao meu lado na cama. — Precisamos preparar alguma coisa... Raquel virá outra vez. Temo que ela faça alguma coisa contra você.

— Você irá para o meu trabalho?

— Sim. — Pega minha mão. — Estarei sempre por perto.

Encaro os seus olhos azuis e sei que essa ideia não vai sair da sua cabeça. Então eu fecho os olhos e resolvo sentar na cama, assentindo para ele. Se Celso quer ficar perto, não vou tirar isso dele.

— Vou só tomar um banho — afirmo.

— Deixe a porta aberta — diz, completamente sério. — Você pode passar mal outra vez.

Abro um sorriso depois de ouvir suas palavras preocupadas comigo. Me jogo em seus braços, lhe dando um abraço apertado e beijo seus lábios antes de sair da cama.



CELSO

Saio do elevador junto com Suzana no vigésimo andar da SQUAD e eu agradeço porque o movimento não está tão grande hoje. Avistamos Lara e imediatamente vamos até ela.

— Su. — Abraça Suzana. — Como você está? Fiquei muito preocupada com tudo o que aconteceu.

— Estou bem, Larinha. — Minha tigresa sorri. — Tudo não passou de um susto.

— Os putos já chegaram?

— Sim. — Aponta para a sala de Benjamim. — Estão na sala do CEO.

— Uuuh, CEO — brinco e olho para a minha tigresa, que sorri de canto. — Vamos.

Coloco a mão em sua lombar e ela começa a andar. Bato à porta e entro de uma vez, encontrando as três putas mais lindas deste mundo.

— Me diga que há um bom motivo para me tirar da cama tão cedo — Anderson resmunga.

— Nossa, putão — finjo estar ofendido. — Bom dia, viu? Estou bem.

— Deixa de ser veado, Celso. — Felipe ri. — Anderson, teve uma coisa ontem com Raquel e a Suzy... todos estamos preocupados com a mais

nova gravadinha linda.

— Não há motivo melhor do que proteger a minha tigresa.

— Sim, isso é verdade — Anderson diz.

— No que está pensando? — Benjamim entra no assunto.

Olho para Suzana e aponto para que ela sente na cadeira. Sua expressão me passa preocupação e eu beijo sua testa, em uma tentativa de dizer que está tudo bem.

— Eu mesmo irei para lá. — Dou de ombros. — Acompanho os seguranças dela e observo o movimento... e se algo acontecer, estarei lá.

— Sim, claro — Benjamim diz. — Aquela infeliz já atacou ontem, pode muito bem atacar de novo.

— Pilantra ousada. — Felipe fica bravo. — Suzy, amor, não se preocupe com nada, estaremos todos à postos.

— Que amor o quê? — resmungo.

— Sem ciúmes, Celsinho — Anderson defende. — Agora não é hora.

A porta é aberta e Salvatore entra com a cara amarrada de sempre. Quando ele fecha a porta, dirige-se diretamente à Suzana e eu até já sei o que esse puto vai fazer.

— Peço desculpas pelo ocorrido. — Cruza os braços. — Meus soldados estavam empenhados em buscar o traidor da *Famiglia*, não estavam à postos na hora em que tudo aconteceu.

Ela fica parada, sem reação. Então eu toco em seu ombro e sinto seu corpo estremecer.

— Não precisa se desculpar, sim? — Olha para mim e depois para ele. — Ninguém sabia que ela seria tão ousada.

— *Parlami*^[1]. — Desabotoa o blazer. — Qual o nome da infeliz?

— Raquel — respondo.

— Perguntei a Odilon. — Hesita e me olha antes de continuar: — Ele disse que ela é cliente do cassino com o marido.

— Raquel. — Enzo franze o cenho, parece pensar. — *Cazzo!* O marido dela é frequentador do cassino... o apelido dele é Devil^[2]. — Enzo bufa. — Ele não é da *Famiglia*, mas é responsável por distribuir a minha mercadoria na rua. É um associado. — Nos olha e eu entendo do que se trata a sua mercadoria. — *Questo miserabile* verá o "Devil" agora que mexeu com quem não deveria.

— Mas ele pode foder seu negócio — digo.

— Isso mesmo, Salvatore — Benjamim diz e olha para mim. — Deixe que ele faça o que está querendo... se não der certo, você entra.

— *Va bene* — cede e olha para mim. — Mas somente porque ela desafiou você e a honra de um homem vale muito.

Aceno com a cabeça para ele e Suzana me olha. Sei que ela não queria nada disso, não queria armas, não queria sangue... ela já viu o que aconteceu antes com Lara e Benjamim e com Melissa e Anderson. Me disse que não queria passar por isso e cá estamos.

— Não se preocupe, Suzanita — Felipe diz, ao perceber a cara dela. — Estamos aqui para isso, somos uma família.

— É que eu não queria nada disso... essa coisa de armas e tudo o mais — Hesita. — Vi as minhas amigas sofrerem com isso.

— Tranquila, loirinha do Celso — Anderson brinca. — Iremos fazer o que estiver ao nosso alcance.

— Obrigada. — Ela sorri, sem ânimo.

— Já estou com o boné no carro... agora é somente ficar de olho.

— Vão... não queremos dar motivos para desconfiança — Enzo diz.

SUZANA

Estou assustada, nunca passei por nada assim antes. Estar no meio deles, falando de mim, da minha segurança... é assustador.

— Vamos, baby.

Fico de pé e Celso segura em minha cintura. Me despeço dos amigos de Celso e saímos da sala de Benjamim para ir diretamente à Editora. Ao entrarmos no carro, meu olhar se fixa em Celso.

— Isso é seguro? Você ficar na rua, vigiando a Editora?

— Não importa. — Beija meus lábios. — Desde que você esteja bem.

— Importa sim — me exalto. — Você ouviu Enzo dizer que...

— Baby. — Segura as minhas mãos. — Fique calma... não importa o risco, eu vou estar lá.

— E se você se machucar?

— Faço a mesma pergunta.

O encaro, brava, por ele ter virado o jogo contra mim.
— Tudo bem — acabo cedendo. — Tome cuidado.
— Sou seu herói — se gaba. — Vou proteger a rainha indefesa.
Não seguro minha risada quando escuto as palavras do meu piadista.
Adora me provocar. Ele pisca para mim e coloca o boné.

Celso deixou o carro longe da Editora e caminhou alguns passos atrás de mim, caso alguém de Raquel, ou até mesmo ela própria nos visse. Se verem, saberão que estamos planejando algo.

Atravesso a rua e sei que ele ficou. Ao chegar na outra calçada, paro e olho para trás. Encontro os olhos azuis dele focados em mim e sigo para dentro. Sinto um vazio em meu peito e, involuntariamente, toco minha barriga.

Quando entro no elevador, pego o celular na bolsa e disco o número de Celso. Em apenas dois toques, ele atende.

— *Su? Está tudo bem?* — O tom de preocupação é evidente em sua voz.

— Eu te amo.

— Porra, quase me matou. — Ele ri, uma risada sacana, gostosa de ouvir. — Eu te amo, tigresa.

Abro um sorriso largo depois de ouvir suas palavras, isso me encoraja a enfrentar o que vem pela frente. Quando o elevador abre as portas, arrumo a bolsa no ombro e coloco um sorriso no rosto para cumprimentar meus colegas de trabalho.

Sigo para a sala que divido com Ricardo e, ao entrar, sorrio e lhe dou um rápido bom dia antes de ir à minha mesa e me acomodar.

— Como está, Suzy?

— Estou bem. — Coloco a bolsa na mesa e ligo o computador. — E você?

Olho rapidamente para ele e depois para a janela de vidro atrás de nós, onde vejo o momento exato que Celso dá as costas ao ver Raquel. A vagabunda olha para ele, como se desconfiasse de algo.

Não, isso não pode falhar agora.

— Ouviu o que eu disse?

— Oi? Desculpe, Rick, estou pensando em quando aquela mulher subir aqui — minto.

Ricardo sorri e me tranquiliza, dizendo que não vai sair do meu lado. Espero meu computador inicializar e abro o arquivo com o nome de Raquel. Fecho os olhos e tomo uma respiração profunda, esperando pelo dia castigante que vem por aí.

— Olá, queridos revisores. — A vagabunda fala como se nada tivesse acontecido. — Lindo dia.

— Bom dia. — Apenas Rick responde.

Meu olhar para ela é gélido e completamente sério. Não consigo disfarçar minha raiva e o meu desprezo por ela.

— Está tudo bem, Suzana? Está um pouco pálida — ela diz.

— Me sinto ótima. Podemos começar? Tenho outros livros para revisar — digo, ríspida.

— Estressada?

— Ocupada — rosno. — Sente-se, por favor.

Passo as mãos nos cabelos e fecho os olhos, sentindo-me nauseada. Fico de pé e Ricardo me olha juntamente com Raquel.

— Continuem. — Solto o ar pela boca. — Não me sinto muito bem... já volto.

— Quer ajuda, Suzy?

— Não, Rick. — Sorrio. — Obrigada.

Raquel me encara e ergue uma sobrancelha, desconfiada. Pego o celular e saio da sala em direção ao banheiro. Fecho a porta e respiro fundo. Aquela desgraçada não pode desconfiar que estou grávida, não pode.

— Calma, bebê... preciso resolver um grande problema. — Toco minha barriga. — Ajuda a mamãe, ok? Prometo que assim que me livrar dessa cobra, você pode me fazer enjoar o quanto quiser e eu prometo que não vou ligar.

Respiro fundo outra vez e vou até o espelho, noto minha palidez, abro a torneira e lavo meu rosto. Encaro a minha imagem refletida e me forço a ser forte. Não sou a mocinha em perigo, não sou.

Enxugo o rosto rapidamente e olho para o meu celular. Não, não vou

ligar para Celso por isso, não posso perturbá-lo com tão pouco. Sobrevivi a dias com ela antes, posso passar por mais esse.

Volto para a sala e dou um breve sorriso, acenando que está tudo bem e que podemos continuar com a revisão. Depois da minha saída, Raquel não tirou os olhos de mim. Vagabunda descarada. Esse sorrisinho ridículo me enoja.

— Vou buscar um café, estou exausta... vocês são muito exigentes. — Solta uma risadinha, como se eu fosse rir.

Quando ela sai da sala, Ricardo olha para mim e faz aquela cara de quem quer saber. Finjo que não percebo e me recosto na cadeira.

— Suzy... o que há com você? Tem estado estranha sempre que Raquel aparece.

Olho para meu amigo, pensando se devo contar ou não sobre minha gravidez. Por fim, giro minha cadeira para ele e faço força com os pés para arrastá-la para mais perto.

— Preciso da sua palavra de que não vai dizer nada a ninguém. — Seguro as suas mãos e olho nos seus olhos. — Ninguém, Rick.

— Mas o que...

— Prometa.

— Tá bom, eu prometo. — Aperta as minhas mãos. — Faço qualquer coisa que você me pedir, Suzy.

Solto um suspiro e olho para a porta para me certificar de que Raquel não aparecerá.

— Eu estou grávida.

O sorriso que Ricardo abre é largo e isso me faz pensar como ele pensa que é somente isso. Essa criança corre riscos por causa dessa louca, que quer me silenciar por causa do que sei sobre seu passado com Celso.

— Isso é ótimo... você sempre quis, não é?

— Sim, eu sempre quis, mas eu e esse bebê estamos...

— Voltei. — Raquel abre a porta de uma só vez e para ao nos ver tão perto e de mãos dadas. O sorriso que surge em seu rosto é diabólico. — Desculpem, não quis atrapalhar o casal... eu sabia que o Ricardão aí não ia perder tempo.

— Raquel, já chega — digo baixo.

Ainda rindo, ela fecha a porta e dá um gole no café, fingindo pensar.

— Uma mulher bonita como a Suzana... claro. — Leva a mão livre ao

queixo. — Agora resta saber se o Celso vai gostar de saber que sua namorada está de clininha com o famoso Rick, o revisor mais cobiçado desta Editora.

— Já chega — rosno, brava. — Minha vida pessoal não vai fazer seus livros ficarem prontos, ou vai? Ao trabalho.

Olho para Ricardo e ele está branco como vela, me encarando. Faço um gesto com a cabeça, irritada, para que ele volte ao trabalho e ele o faz. Merda, o dia hoje será longo.

Capítulo 21



CELSO

Olho em meu relógio de pulso e, ao erguer a cabeça, vejo Raquel saindo da Editora. Mais cedo ela quase me identificou, não vou deixar que note. Retiro o boné e sigo para o carro, que deixei mais à frente. Darei uma volta no quarteirão e pararei para buscar Suzana.

Ao entrar no carro, digito uma mensagem para ela, avisando sobre a volta no quarteirão. Ligo o carro e saio com ele. Quando paro em frente à Editora, avisto Suzana completamente deslumbrante, ainda mais do que estava mais cedo. Mal espero que entre no carro, lhe puxo para um beijo que ela retribui com vontade.

— Como foi? Preciso saber de tudo. — Afago seu lábio com o polegar, depois do beijo.

— Ela foi a filha da puta que sempre é — xinga e isso me faz sorrir. — E ainda inventou um clima entre mim e Rick... bandida.

— Quê? — Ergo uma sobrancelha. — Não gosto nada desse Rick sendo tão próximo.

— É o Rick... não nos faria mal.

Balanço a cabeça, querendo muito acreditar nisso e dou partida no carro. Hoje, levarei Suzana para almoçar em nossa casa. Não irei correr riscos com ela em algum restaurante, não depois do que aconteceu no cassino.

— O que vamos comer hoje? — pergunta em tom brincalhão.

— Eu quero comer você, mas como a hora do almoço é curta... pode ser o que você quiser. — Pisco para ela. — Brincadeira, já encomendei tudo, não se preocupe.

A risada que ela solta me aquece por inteiro e me faz sorrir junto. Fazer ela sorrir é sempre bom, faz com que eu esqueça um pouco das merdas que vivi.

— Piadista safado. — Cruza os braços.

— E o bebê?

— Me fez enjoar hoje. — Ela sorri outra vez e leva as mãos à barriga.

— Raquel desconfiou, mas tratei de fazer com que ela esquecesse o assunto.

— Ótimo, é melhor assim.

À noite, depois de uma longa tarde me preocupando com ela lá dentro, finalmente voltamos para casa e ela nota que estou tenso.

— Tudo bem?

— Estou preocupado, tigresa... ela está quieta.

— Não pense nela. — Tira meu boné e o joga longe. — Pense em nós.

— Em nós? — Envolver sua cintura com os meus braços. — Explique isso, minha inocência não captou sua safadeza.

— Ah? Não captou? — Espalmo as mãos em meu peito coberto pela camisa e me empurra até o sofá. — Vai captar agora mesmo.

Suzana me faz deitar e antes de vir para cima de mim, ela pisca, me fazendo sorrir. Deitando-se sobre mim, sou agarrado e ela me beija, me deliciando com sua boca macia e com seu beijo doce.

— Captou agora?

— Ainda não — brinco e afasto uma mecha loira do seu rosto. — Não está claro.

— Você é um safado aproveitador.

— Não era seu Rivotril? Seu piadista? Agora sou aproveitador, tigresa? — Trago a mão ao peito. — Você pisa tanto no meu coraçãozinho.

O sorriso sacana que ela abre faz meu pau pulsar dentro da calça. Desço minhas mãos para a sua bundinha arrebitada e a aperto sobre sua

roupa.

— Um delicioso aproveitador.

— Eu sei que sou delicioso... meu armamento também é, não? —
Beijo a ponta do seu nariz. — Você adora estar com ele na boca.

— Mas que canalha. — Ela se espanta com minha resposta. — Não tem vergonha não?

— O que é isso? É de comer?

— Não sei porque ainda me espanto com as suas safadezas.

— Também não sei. — Sorrio e ela deita a cabeça em meu peito. —
Vamos trepar ou o quê? Me atçou para fugir?

— Aticei porque quero que me domine... quero o seu lado dominador
outra vez, meu Rivotril.

— Eita, caralho — me espanto. — Me surpreendeu agora, baby.

— É? — Ela sorri, sacana, e sai de cima de mim para deitar com as
pernas abertas. — Me fode, então... me mostra a sua surpresa.

Imediatamente, avanço para cima dela e a safada dá risada quando eu
beijo seu pescoço repetidas vezes. Suas mãos adentram nos meus cabelos e
ela os agarra com força.

— Estou faminta, Celso... quero você.

— Me quer, tigresa? — Lambo de leve sua orelha, levo a mão ao
meio das suas pernas e dou leves tapinhas ali. — Bem aqui na bocetinha?

— Uhum... bem aí — sussurra em meu ouvido.

Porra, que tesão. Suzy sempre faz alguma mágica para me deixar
assim somente com ela.

SUZANA

Gemo quando Celso mergulha os seus dedos em meu sexo, me
olhando nos olhos, sonolento de tesão. Sorrio, abrindo um pouco mais as
pernas, permitindo que ele se aprofunde.

— Diga que me quer, baby — sussurra com o rosto próximo ao meu.
— Fodendo você... eu preciso ouvir.

— Precisa ouvir? — Envolver seu quadril com as minhas pernas e ele
continua com seus dedos dentro de mim. — Hum?

— Diga. — Cola os lábios nos meus, me fazendo sorrir.

— Eu quero você. — Remexo meu quadril contra a sua mão atrevida.
— Aqui dentro.

Ele sorri, todo safado antes de tirar a mão do meu sexo e saborear os dedos como se fossem um doce. Imediatamente depois, Celso avança para beijar minha boca de maneira dura e intensa, como eu gosto que ele faça.

Gemo entre seus beijos e me esfrego em sua potente ereção, provocando a fera. Então, Celso se afasta e fica de joelhos no sofá. Ele arranca a camisa e a joga longe, abre o botão e o zíper da calça para colocar o pau para fora. Chego a salivar por ver aquela obra prima toda marcada pelas veias.

— Veja todo esse poder, tigresa. — Se gaba, todo safado, acariciando seu membro duro, se mostrando para mim. — Não sou uma delícia?

— É sim... o MEU delícia, entendeu? — Agarro seu membro e ele sorri.

— Achei que eu iria dominar hoje, baby. — Sobe mais meu vestido e tira minha calcinha de uma só vez.

— Domine, meu piadista... sou toda sua. — Sorrio. — Só quis deixar algo claro.

Ainda sorrindo, ele vem para cima de mim e se apoia nos braços, tomando cuidado para não me machucar por causa do bebê. Minhas mãos vão direto ao seu rosto e ele avança para mais um beijo.

Celso segura os cabelos da minha nuca com força, aprofundando ainda mais o beijo. Ele esfrega seu membro duro em meu sexo, que pulsa, ansioso para tê-lo.

— Hmn... Suzy, tão quentinha. — Esfrega os lábios nos meus, enquanto se encaixa em mim. — É o meu paraíso pessoal.

Solto uma risadinha em meio à um gemido ao ouvir suas palavras. Celso dá início aos movimentos vaivém duro e enlouquecedor. Deslizo minhas mãos para as suas costas e ele esconde o rosto em meu pescoço outra vez.

Tenho a visão completa das suas costas musculosas e suadas e cravo as unhas na carne dura dali. Gemo bem próximo ao seu ouvido e desço minhas mãos para dentro da sua calça, para apertar seu bumbum.

— Nem para tirar a calça, Celso? Sabe como amo sua bunda — reclamo.

Ele solta uma risada rouca e cheia de tesão antes de voltar a me fitar com os olhos azuis intensos.

— Nada de reclamações, tigresa... mal consegui tirar sua calcinha também. — Faz manha. — Nem estou vendo seus peitos subindo e descendo enquanto te fodo, por causa desse vestido aí... estou conformado.

Gemo quando ele aumenta o ritmo das estocadas duras contra mim e em seu peito nu escorrem pequenas gotas de suor.

— Quem manda não controlar o tesão — resmungo, querendo que ele fique bravo e mais intenso.

— É? — Estoca forte e para com ele inteiro dentro. — Foi a dona safada quem me atiçou.

— Vai me fazer gozar ou vai ficar de conversinha? — provoco.

E então, a versão dele que eu realmente adoro surge. Em seus olhos nascem uma fúria, uma urgência em me mostrar que estou errada e eu vou adorar assumir. Me julguem. Fico louca quando esse homem resolve ser o dominador, por Deus.

Celso rosna e volta a investir com força contra meu sexo ao passo que ele segura em meus cabelos com força. Seus cabelos macios balançam em cada movimento seu e alguns fios ficam colados na sua testa suada. Fecho os olhos e solto um gemido, mexendo meu quadril para provocá-lo.

— Su. — Abaixa a cabeça e passa a língua quente em meu pescoço, me fazendo arrepiar. — Hmn... porra.

— Awn, Celso — choramingo. — Bem aí.

— Goza! Goza gostoso!

Ele se concentra em mim e somente em mim e geme. O som que ele emite me aquece por completo e isso me faz gemer junto com ele. Vejo quando meu piadista retesa o corpo inteiro quando meu sexo se contrai em um orgasmo intenso. Ele chama meu nome baixinho e relaxa o corpo um pouco.

Ficamos nos encarando por alguns segundos e ele abre um breve sorriso antes de me beijar levemente. Afasto os cabelos do seu rosto e penso no quanto eu amo esse homem safado.

— Não deixarei ninguém tirar esse sorriso de você — diz baixinho. — Já me tiraram muitas coisas, mas isso eu não posso permitir.

— Você é tão fofo, que às vezes eu me pergunto se é mesmo real uma coisa dessas — brinco.

— Colabora, Su, estou querendo ser romântico aqui... fico nervoso.

— Nem vem — resmungo. — Vamos, que hoje eu quero assistir filmes.

— Devo preparar a pipoca, enquanto a senhorita toma banho? — Beija meu pescoço e os arredores da minha boca. — Ou vai preferir que eu deguste de sua boceta deliciosa enquanto assistimos?

— Hoje eu fico com a pipoca... estou faminta. — Dou risada da cara de decepção dele.

— Seu desejo é uma ordem, tigresa. — Beija meus lábios e sai de cima de mim.

Acompanho sua ida até a cozinha com o olhar antes de recolher minha calcinha, abaixar o vestido e seguir para o nosso quarto, afim de tomar um bom banho e relaxar depois do dia pilhado que tive.



CELSONO

Depois de preparar a pipoca para Suzana, me juntei a ela em nossa cama para assistirmos os filmes que ela tanto queria assistir. De vez em quando eu a observava toda concentrada no filme e todas as vezes ela brigou porque eu não estava assistindo. Quando ela adormeceu, desliguei tudo e me deitei ao seu lado.

Antes mesmo de o despertador tocar, eu desperto e olho para Suzana adormecida ao meu lado. Penso em Raquel e temo pelo que a infeliz pode fazer com ela. O celular da minha tigresa anuncia uma mensagem e eu vejo o nome de Ricardo na tela. Imediatamente, pego o celular e abro a mensagem.

"Bom dia, Suzy. Assim que ver essa mensagem, por favor, me retorne. Não poderei ir hoje à Editora, passei mal durante a madrugada. Não se preocupe com as minhas edições, faço todas depois."

— Quem é? — diz, sonolenta. — O que há?

— Acordei com seu celular vibrando — minto. — É Ricardo, avisando que não poderá ir hoje.

— Merda.

— Ele pediu que respondesse. — Entrego o celular para ela,

emburrado.

Sim, eu sinto ciúmes dela e não escondo de ninguém. Todo mundo sabe e vê que ele é doido por ela e eu fico puto com isso.

Suzana me olha por alguns instantes antes de pegar o celular e se concentrar em responder o amigo. Levanto da cama e vou para o banheiro tomar um bom banho para suportar um dia inteiro em frente àquela Editora.

Observo Raquel entrar na Editora e cerro os punhos. Os seguranças que designei para Suzana se aproximam rapidamente e fazem o aceno.

— O que há?

— Ela veio acompanhada, senhor.

— O quê? — Franzo o cenho.

— Tem um carro parado no final da rua e chegou seguindo o carro dela.

— Caralho! — xingo. — Suzana tem que sair dali.

Pego o celular e disco o número de Benjamim, mas desligo antes mesmo de ele atender, ao ver Raquel arrastando Suzana pelo braço. Meu coração falha uma batida quando a minha Su olha para mim, com uma expressão preocupada, e nega com a cabeça.

Corro para me aproximar, mas um homem me impede e coloca o cano da arma contra a minha barriga. Os seguranças avançam, mas eu faço um gesto para que fiquem quietos.

— Mais um passo e a sua namoradinha nem chega viva onde a gente quer, saca?

— Solte-a... me leve no lugar dela. — Olho para ela, que está aflita dentro do carro. — O problema de...

— O problema é com sua mina também, ela sabe das coisas e não deveria saber. — Guarda a arma. — Essas coisas a gente acaba quando corta o mal pela raiz.

Raquel dá partida no carro, levando a minha Suzana. Aproveito a distração do homem e soco seu rosto, fazendo-o cambalear. Os dois seguranças avançam nele e eu corro em direção ao meu carro.

Com o coração martelando e com o pé indo fundo no acelerador, tento seguir o carro de Raquel, que já vai bem à frente. Soco o volante com força e

me sinto incompetente, incapaz de proteger a mulher que amo das merdas do meu passado.

— Eu vou te salvar, Su.

Meu celular toca e eu xingo antes de atender.

— *Fala, puta nervosa.*

— Suzana, porra — berro. — Ela levou Suzana.

— *Porra!* — Ele xinga do outro lado.

— Estou seguindo a vagabunda.

— *Vou agora mesmo na casa de treinamento para rastrear seu celular... faça tudo, mas não a perca de vista.* — Desliga.

Consigo aproximar meu carro do dela e a infeliz não faz questão de desviar a rota porque a estou seguindo. Tem algum plano por trás disso ou será que ela não percebeu que a estou seguindo?

Me mantenho firme, seguindo o carro, preocupado com Suzana e com o bebê. Meu coração se aperta no peito em culpa e angústia, não consegui proteger a minha mulher, a mãe do meu filho dessa merda toda.

Continuamos na estrada principal até nos distanciarmos alguns quilômetros da cidade. Raquel entra com o carro de uma só vez em uma estrada de terra e eu tomo uma certa distância para que meu carro se encubra na poeira que ela faz. Assim eu poderei vê-la e ela não vai me ver.

Com o sangue fervendo de raiva, tento me manter firme para não avançar e fazer aquele carro bater em algum lugar, afinal, minha Su está ali.

Se eu não tivesse contado a ela, se eu tivesse guardado essa merda de segredo que tenho com Raquel, eu a teria perdido, mas ela estaria segura agora. Longe de mim. Eu sou um miserável egoísta, pensei somente em mim, no quanto a amo e no quanto iria sofrer se ela me deixasse. Agora ela está em perigo por minha causa, pelos meus erros.

O carro de Raquel para em uma casa que aparenta estar abandonada há anos e o meu carro é cercado por vários homens armados. Só então eu entendo que era uma armadilha.

Saio do carro a tempo de ver Suzana sendo puxada para dentro da casa contra a sua vontade. Nossos olhares se cruzam e a dor estampada ali parte o meu coração. Tomado por uma fúria desconhecida, soco o rosto de um deles e o infeliz cai. Outro homem vem para cima de mim e eu o domino, o infeliz grita, desesperado, quando eu quebro seu braço.

Os outros vêm para cima de mim, dois me tiram de cima do homem e

me seguram, enquanto, descontrolado, deixo chutes em quem surge em minha frente. Cada um deles me bate. Alguns no rosto e outros no estômago, fazendo meu ar faltar. Fui treinado para aguentar dor, mas a dor da culpa que estou sentindo não se compara a nada... nem mesmo a todos esses socos que estou levando.

Me rendo e deixo que eles me arrastem para dentro. Sou jogado no chão em um quarto e escuto alguém fechar a porta e trancá-la.

— C-Celso? — A voz carregada de medo me faz forçar para abrir os olhos.

— Su... — Gemo de dor. — Me perdoe.

Olho para seu rosto machucado e sei que Raquel bateu nela.

— Ela bateu em você? — Mesmo com uma dor intensa, sento e me arrasto até ela. — Baby, me perdoe.

— Eu estou bem... — Sua voz falha e ela hesita antes de continuar. — Precisamos sair daqui. Rápido.

— Benjamim já deve estar nos rastreando. — Toco seu rosto machucado. — Logo sairemos daqui e Raquel vai ter o que merece... eu juro. Nós vamos ter nosso bebê em paz, Su.

Suzana se põe a chorar e porta é aberta de uma só vez. Vejo Raquel e, mesmo machucado, tento avançar nela.

— Opa, calma aí, Celso. — Ela ri. — Sua namoradinha ficou quietinha, por isso está solta, mas acho que terei que amarrar vocês.

— Não — corto. — Tudo bem, vou ficar quieto.

Se eu ceder e ficar quieto, isso pode facilitar minha fuga daqui depois. Benjamim à essas horas já deve estar em contato com Enzo. Será uma surpresa e tanto para ela ver o homem para quem seu marido trabalha. O infeliz do marido dela é distribuidor dos produtos de Enzo nas ruas.

— Assim que gosto. — Ela fecha a porta.

Minha tigresa continua chorando e se encolhe no chão, se contorcendo, como se sentisse dor. Isso me assusta porque Raquel parece não ver aquilo. Tento ir até ela, mas Raquel me impede.

— Fique quieto aí e ninguém vai voltar a bater nela. — Puxa uma cadeira e se senta, como se estivesse em uma conversa normal do dia a dia. — Não pedi que não contasse a ninguém o nosso pequeno segredo, Celso? Veja o que você causou? Isso é culpa sua. Sua namoradinha vai agonizar até morrer por sua causa.

— Não escute isso, Celso! Não é verdade! — Suzana diz.

Meu coração se aperta em uma angústia dolorida quando Suzana nega com a cabeça e as lágrimas continuam caindo descontroladas pelo seu rosto. Suas mãos estão em sua barriga e ela continua encolhida.

— Deixe-a ir, ela está grávida — murmuro, ignorando suas palavras, mesmo sabendo que são verdade. — A criança não tem nada com isso.

Raquel solta uma risada longa e eu olho para Suzana, que solta um som dolorido, depois de ouvir minhas palavras.

— Não mais, querido — diz em meio à risadas. — Mostre a ele.

— O quê?

Lentamente seu olhar encontra o meu e uma lágrima solitária desce pelo seu rosto. Ela ajusta o corpo e fica quieta.

— Mostre a ele — berra.

Suzana se encolhe com o grito e, hesitando, abre um pouco as pernas, me permitindo ver a sua roupa suja de sangue.

Meu filho, nosso filho...

Ela geme e eu entendo o porquê de ela estar se contorcendo, está sentindo dor. Está sangrando, está perdendo nosso bebê.

— Não tem mais criança, não é o máximo? Agora é só deixar a Suzy aí e em pouco tempo ela tem as complicações necessárias para uma morte e aí... ah! — Dá de ombros. — Ninguém mais vai saber do nosso segredo, Celso.



E quando você estiver fraca, eu serei forte
Vou continuar firme
Agora não se preocupe, não vai demorar
Querida, quando sentir que a esperança acabou
Venha para os meus braços
One call away - Charlie Puth

SUZANA

Quando me arrumo em minha sala, Raquel abre a porta de uma só vez e com uma expressão furiosa, ela vem até mim.

— Você acha que eu sou otária em te deixar passar depois do que fez no cassino? — Agarra meu braço e me faz levantar. — Não vai viver para contar essa história, sua infeliz, não vai!

— Me solta! — A empurro. — Você é uma ridícula, mal amada e assassina!

Raquel puxa uma arma da sua bolsa e pressiona o cano contra o meu ventre e eu sinto medo por meu bebê e por minha vida. Olho para a janela e vejo Celso com o celular no ouvido.

— Ah, o amor — Ela ri. — Você vai comigo e ele vai nos seguir,

quer apostar? Meu plano vai sair exatamente do jeito que eu quero.

— Não... deixe Celso longe disso, por favor.

— Vou pensar nisso. Você vai comigo quietinha e sem escândalos aqui dentro, ou será pior.

Ela me pega pelo braço e me arrasta pela Editora até o seu carro, lá embaixo. Vejo quando Celso atravessa a rua e meu coração se aperta. Ela vai acabar conseguindo atraí-lo.

No caminho desconhecido por mim, o tempo todo, Raquel olhava o retrovisor e sorria de maneira vitoriosa. Olho para o freio de mão e depois para o velocímetro. Se eu o puxar, o carro vai capotar, mas vai pará-la e vai deixar Celso livre.

— Nem pense nisso, vadia. — Ela fecha a mão direita em punho e acerta meu rosto.

Bato com a cabeça na porta do carro e uma sonolência me atinge imediatamente.

Raquel me sacode e eu abro os olhos, sentindo minha cabeça latejar. Minha barriga dói um pouco e eu sinto medo.

— Vamos, querida, seu Celso já está aqui para a festa.

Saio do carro e ela me puxa, mas eu faço força, querendo ficar e ir até Celso, querendo dizer a ele que é uma armadilha. Empurro Raquel e em um impulso, fecho a minha mão em punho e desfiro um soco em sua direção. Acerto sua boca e ela avança, com raiva.

Sou empurrada e esbarro em um móvel antigo antes de ir de encontro ao chão. Tento me levantar, mas recebo um chute em minha barriga e solto um grito de dor.

— Eu não ia matar seu bebê, Suzana... não queria, mas você me obriga a isso.

— Não! — grito e me encolho.

Imediatamente, uma cólica infernal se apossa de mim e eu não tenho forças para mais nada. Raquel continua me batendo, mas é como se eu estivesse em transe.

Meu filho, meu bebê... estou perdendo o meu bebê. Ele está morrendo por minha causa. Uma dor inexplicável toma meu coração e eu mal sinto

quando sou arrastada para um quarto e jogada lá.

Me ponho a chorar e sinto algo molhar minha roupa. Olho para o meio das minhas pernas e vejo sangue. Uma dor intensa toma minha barriga e eu me deito no chão, chorando desesperadamente.

Escuto quando a porta é aberta e jogam Celso para dentro. Trato de enxugar meu rosto e me aproximo, o chamo com esforço para parecer normal. Ele está tão machucado e quando me pede perdão, isso despedaça meu coração.

O olhar apavorado dele para o sangue melando minha roupa me faz chorar ainda mais. Raquel disse que vai me deixar morrer aqui e, de verdade, eu não me importo. Não vou suportar ver Celso sofrendo de novo, não vou.

— Foda-se esse segredo, porra! A minha mulher e o meu filho estão em perigo! Deixe-os ir... seu problema é comigo, desgraçada!

— É tão fofo você querendo proteger uma criança morta. — Solta uma risadinha. — Vou dar um tempo ao casal antes de decidir o que fazer com vocês.

Celso mal espera ela sair e vem até mim. Ele toca minha barriga e me suspende para me aconchegar contra seu corpo.

— Me perdoe. — Uma lágrima de dor escorre pelo seu rosto. — Vai ficar tudo bem, Su, eu prometo. — Toca meu rosto e eu encosto a cabeça em seu ombro, sentindo frio. — Suzana?

— Estou perdendo nosso filho — choro. — Está doendo muito...

— Você está quente. — Toca minha testa e faz uma expressão preocupada. — Fique firme, por favor... eu te amo demais para te perder assim. Por favor.

— Eu estou aqui. — Minha voz falha. — Nunca... Nunca vou deixar você.

Peço em uma prece silenciosa que Benjamim e Enzo nos encontrem logo. Sei que o telefonema que vi Celso dar em frente à Editora era para um deles. Fecho os olhos, aconchegada à Celso e uma sonolência intensa me toma, mesmo com a dor que estou sentindo. O suor frio indica a febre e me dá o sinal de que é tarde demais para salvar o meu bebê. Me entrego à minha dor e à escuridão que me traga com força.

Faço força para abrir os olhos e não sinto mais os braços de Celso me envolvendo. Foco em uma cadeira em que ele está amarrado e move os lábios, me dizendo para ficar quieta. Meu corpo inteiro dói e eu lembro do meu bebê.

Algumas lágrimas escorrem sem qualquer permissão e eu não ousa me mexer, como ele me pediu. Vejo um homem entrar e, imediatamente, fecho os olhos. Escuto quando ele bate em Celso e o leva para fora dali.

Um vazio toma meu coração quando eu escuto a porta sendo fechada. Ela já tirou o meu filho de mim, não posso deixar que tire o homem que eu amo também. Me forço a sentar e a cólica dá sinal de que ainda está bem ali.

Respiro fundo antes de ficar de pé. Olho para baixo e o sangue escorre pelas minhas pernas. Meu coração se aperta no peito, uma dor que nunca senti tão intensa na vida, a dor da perda.

Olho em volta e o que vejo são janelas tampadas por pedaços de madeira. Não faço ideia de que horas são, não sei quanto tempo fiquei desacordada, só sei que me sinto pior a cada minuto.

Vejo no canto da parede um pedaço de madeira e vou até ele. Olho para a porta, conferindo, e empunho o meu achado. Vou até uma das janelas e forço a madeira meio gasta, até que ela rompe, abrindo uma brecha. Olho para fora e noto que já é noite.

Noto alguns carros vindo na estrada, mas não consigo ficar olhando, uma pontada de dor faz com que eu encolha meu corpo e me sente no chão. Sei que naqueles carros estão a minha salvação. Os amigos de Celso.

A porta é aberta e um homem enorme me pega pelo braço sem dizer nada. Escuto tiros, enquanto sou arrastada até os fundos da casa velha. O pânico me domina.

— Maldito! — Vejo Raquel xingar, falando ao telefone. — Enzo Salvatore está aqui, você está ferrado!

— Estou aqui, Raquel... e ferrado é pouco *questo figlio di puttana*^[3] e você estão fodidos. — Aponta a arma para ela. — Vou procurá-lo nem que seja no inferno, *maledetto*^[4].

Raquel fica branca como vela e o homem me empurra para

começarmos a andar em outra direção. Escuto o estampido seco de um tiro e o aperto em meu braço se afrouxa. O homem cai ao meu lado e eu me encolho.

Olho para Enzo e ele volta a mira da arma para Raquel.

— Siga pelo jardim, Suzana — diz sem me olhar. — Lá na frente vai encontrar Benjamim.

Tenho vontade de perguntar pelo meu Celso, mas seu olhar me garante que não quer conversar. Então eu não hesito um segundo sequer, mancando por causa da forte dor. Não olho para trás, Raquel vai ter o que merece e sei que, estando nas mãos de Enzo, estarei vingada e Celso também.

Escuto mais tiros e, por um momento, eu vacilo antes de continuar andando até a entrada da casa.

— Onde Suzana está, porra? — Escuto a voz exaltada de Celso. — Suzy! Cadê ela?!

Graças aos céus ele está bem. Isso me anima um pouco e eu me forço a caminhar mais rápido. Escuto um grito feminino vindo de onde eu acabo de sair e não ousa olhar para trás.

Sinto um peso em meu corpo, mas a minha motivação é seguir até Celso, vê-lo bem. Quando vejo os carros e os homens empunhando as armas, avançando para entrar na casa, eu paro de andar. Celso se solta de Felipe e de Benjamim como um louco e corre até mim.

O alívio em vê-lo faz as minhas pernas fraquejarem. Caio sobre os meus joelhos e ele me alcança, apoiando meu corpo contra o seu.

— Vou tirar você daqui, tigresa. — Passa as mãos no meu rosto. — Aguenta firme.

Noto que seu rosto está sujo de sangue e o toco também. Felipe, Benjamim e Anderson se aproximam e eu não tenho tempo de falar com eles, sou dominada pela escuridão outra vez.



"Estou perdida sem uma causa
Depois de dar o meu melhor
As tempestades de inverno vieram
E escureceram meu sol
Depois de tudo que passei
A quem recorrer na terra?
Eu olho pra você
Quando toda minha força se for
Em ti posso ser forte
Eu olho pra você
E quando já não há melodias
Em você ouço uma canção"
I look to you - Boyce Avenue (Cover)

CELSONO

Quando Suzana surgiu do jardim, me senti aliviado. Mesmo suja de sangue, ela estava bem e isso foi o que me bastou, mesmo sabendo que nosso bebê não está mais ali.

Seguimos com ela para o hospital e a versão da vez é de que fomos

assaltados e reagimos. Enzo está cuidando de tudo junto com Benjamim e João. Felipe, Gabriel e Anderson vieram comigo para o hospital enquanto Lara e Melissa se preparam para vir.

Suzana foi levada para fazer exames e para retirar os restos do nosso bebê. Aproveitei para passar em casa e tomar um banho para tirar as roupas sujas de sangue. Pelo menos, eu pude vingar o que fizeram comigo, fiz questão de pegar uma arma e acabar com alguns homens que trabalhavam para Devil e Raquel.

Enzo exigiu que eu entregasse o casal à ele e já sei que sua ocupação na sala de tortura será para a noite inteira. Passarei no cassino assim que puder, quero ver Raquel implorar... ela não teve pena do meu filho, não terei pena dela.

Me detenho em uma foto minha e de Suzana em nosso criado-mudo em casa e sorrio ao lembrar do dia dessa foto. Foi a primeira vez em que a levei ao cassino, ela estava deslumbrante. Lembro de como ela sorria naquele dia e de como fomos como loucos depois da festa.

Depois dos momentos nostálgicos em casa, me apresso em voltar ao hospital e fico aflito com a espera e com a reação dela quando acordar. O médico me confirmou que não tem mais bebê nenhum ali... toda aquela adrenalina que estávamos vivendo a tornou mais forte, mas o baque de perder o bebê por causa daquela mulher vai afetá-la.

— Ei, putinha. — Anderson senta ao meu lado. — Fica calmo, Suzy vai se recuperar disso...

— Putão tem razão, Celsinho... Suzanita precisa de você agora, precisa ficar forte.

— Ela perdeu o nosso filho, se machucou por minha causa... — Olho para os meus amigos. — Isso me machuca, saber que eu, com meu passado de merda, a prejudiquei. Era o meu filho.

— O que importa é que está tudo bem, Suzy vai engravidar outra vez e você vai ter a família que sempre quis. — Anderson cruza os braços.

— Isso mesmo. — Felipe bate em meu ombro. — Pense nela agora... precisa de muito do seu apoio.

— Sim, ela precisa... eu prometi que seria forte por ela, mas não sei se serei capaz.

— Mermão, que não vai conseguir o quê? Vai sim, para dar orgulho para os putos que já casaram — Gabe diz. — Falta só você, Lipinho delícia.

— Delícia mesmo, por isso fico com a vida de solteiro.

— Quanto mais sobe, mais alta é a queda, viu? — Anderson alerta. — Cuidado.

Vejo o médico surgir no corredor e me coloco de pé imediatamente. Os putos se calam para ouvir também.

— Com licença, senhores — cumprimenta a todos. — Qual de vocês é Celso Farias?

— Sou eu.

— Sua esposa deseja vê-lo.

Esposa.

Olho para os putos ali sentados e eles fazem um gesto para que eu vá. Fecho os olhos, tomando coragem. Meu coração culpado me diz para ir, mas minha cabeça fodida diz que não devo, diz que não mereço chegar perto dela, eu só a prejudiquei.

Por fim, sigo o médico até o quarto onde estabeleceram Suzana. Respiro fundo antes de entrar no quarto, com o coração martelando forte no peito.

— Celso? — Sua voz arrastada faz meu coração se apertar.

Não sei se vou ser capaz de fazer isso.

— Su. — Me aproximo, procurando as palavras para dizer à ela. — Como... como você está?

Ela não responde, sua voz é cortada por um soluço de choro. Isso é a minha gota d'água, eu desabo por dentro. Estava tentando ser forte, fiz um esforço para vir aqui falar com ela, mas eu não sei mais como fazer isso.

Vou até o leito em que ela está, me deito ao seu lado e a abraço. Algumas lágrimas silenciosas escorrem pelo meu rosto, mas não me permito mostrar a ela, apenas escuto seu choro.

— Nosso bebê — soluça, me apertando com força contra ela. — Eu perdi o nosso filho.

— Fique calma, Suzy. — Beijo seus cabelos, a olho nos olhos e enxugo seu rosto. — Vai ficar tudo bem agora, vamos ter a nossa sonhada paz.

— Não tive a chance de cuidar do meu bebê. — Funga. — Pegar no colo... sempre foi o meu sonho engravidar, ser mãe.

Fico em silêncio, apenas ouvindo sua dor, não há o que falar. Se eu não tivesse tantos traumas e não tivesse medo de amar, talvez ela já estivesse

com nossos pivetinhos correndo por aí com Ellen e Heitor.

— Eu ainda vou te fazer muito feliz — murmuro. — Isso eu estou jurando... nem que, para isso, eu tenha que deixar você.

— Celso. — Ergue a mão para tocar meu rosto.

— Não tente amenizar minha culpa nisso, eu sou a porra do culpado. — Passo as mãos nos cabelos enquanto algumas lágrimas escorrem sem controle. — Só te fiz sofrer com os meus traumas, meus ataques de pânico... isso me mata.

— Eu te amo, meu Rivotril. — Funga outra vez e eu observo a ponta do nariz vermelho dela antes de olhar em seus olhos. — Fico feliz tenhamos conseguido nos livrar de Raquel e da sua obsessão em guardar os segredos de vocês... mesmo com sacrifícios doloridos, nós conseguimos.

— Eu te amo, tigresa. — Acaricio seu rosto machucado. — Muito.

SUZANA

Abro os olhos devagar e escuto o bipe do aparelho do hospital. Olho para a poltrona ao lado da minha cama e vejo Celso adormecido. Abro um leve sorriso ao ver sua cabeça arriada para frente.

— Celso — chamo baixinho para não assustá-lo. — Celso.

— Hã? — Dá um pulo na poltrona. — Su, o que houve? Está tudo bem?

— Não houve nada. — Bato no leito. — Deita um pouco aqui comigo, vai ficar dolorido aí... sei que mesmo se fazendo de forte, está todo quebrado.

— Toda preocupada comigo. — Ele sorri de canto. — Mas não posso, fique tranquila, aqui está ótimo.

— Mentir não é o seu forte... na verdade nenhum de vocês do quarteto possui esse dom. — Me recosto e fecho os olhos.

— Ah?

— Exceto Enzo, que é um mestre nessa arte... você sabe disso.

— Por falar em Enzo e no quarteto — muda o assunto. — Eles virão aqui ver você.

— Trarão Ellen e Heitor? — Minha voz embarga.

— Não sei, Su... você quer a visita deles?

— Claro que eu quero. — Engulo o choro. — Adoro aqueles pequenos.

Mesmo dizendo essas palavras, parecendo forte, meu coração parece estar sendo esmagado sem qualquer piedade. Estou desmoronando por dentro, logo eu, que sempre fui forte para suportar os desmoronamentos de Celso.

Acho lindo o modo como ele me protege, como ficou forte por mim, por nós. Mesmo que tenhamos perdido nosso filho, ainda somos uma família... nada mudará isso.

— Quando acha que poderei sair daqui? Quero ir logo para casa — reclamo.

— Você está em observação, Su. — Senta ao meu lado no leito e alisa os meus cabelos, com uma expressão calma no rosto. — A situação foi séria, foi um aborto provocado e você ficou um dia inteiro sem cuidados... teve febre e hemorragia, precisa descansar e se tratar.

— Tão lindo, todo preocupado, meu piadista. — Beijo de leve os seus lábios. — Tudo bem, vou ficar quieta.

— Obrigado. — Beija minha testa. — Descanse, baby.

— Eu quero um beijo na boca, Celso — reclamo. — Por acaso está me rejeitando?

Vê-lo sorrir da minha birra me anima um pouco e eu sorrio de canto.

— Não. — Hesita antes de se inclinar e beijar levemente os meus lábios. — Está bom agora?

Sua hesitação me preocupa. Ele está distante e sei que ali dentro tem uma tempestade acontecendo. Celso está se culpando por isso e eu tenho medo que ele pense em me deixar.

— Agora sim.

.. DIA SEGUINTE ..

Estão todos do quarteto no quarto em que estou do hospital. Lara e Melissa estão com seus pequenos nos braços e eu tento me manter forte, como sempre fui.

— Tia Suzy, seu bebê vai ser menino ou menina? — Ellen pergunta e Lara fica pálida.

— Ellen... — Lara começa.

— Tudo bem, Lara — corto e sorrio de canto antes de olhar para a pequena. — Meu bebê não está mais comigo, Ell... uma bruxa má o tirou de mim.

A pequena se espanta nos braços de Lara e os meus olhos se enchem de lágrimas quando ela começa a chorar. Celso segura a minha mão com força e todos ficam sérios, vendo Ellen emocionada com minha situação.

— M-Mas ele vai voltar, não vai, mamãe? — Olha para Lara, como se implorasse por uma resposta positiva.

— Filha, eu não sei... talvez a tia Suzy volte a ter um bebê ali. — Enxuga o rosto da filha e a beija na testa. — Vá dar um abraço nela, que ela precisa descansar.

Lara coloca a pequena Ellen no chão e ela caminha, manhosa, até o leito. Sorrio para ela e Benjamim a ajuda a subir. Solto a mão de Celso e abraço Ellen, que beija meu rosto antes de sussurrar para que eu melhore logo. Retribuo o beijo e ela estende os braços para o pai, que a pega de volta.

Olho para Melissa, que tem Heitor nos braços, fazendo graça para o pai. Anderson está todo bobo brincando com ele.

— Posso pegá-lo? — peço.

— Claro. — Melissa sorri e traz o rapaz risonho até mim.

Seguro Heitor e sorrio quando ele traz as mãozinhas ao meu rosto e faz besouro com a boca. A coisa mais linda desse mundo. Lágrimas inundam os meus olhos quando ele sorri, balançando as perninhas. Meu coração se aperta no peito, minha ficha ainda não caiu sobre eu ter perdido o meu bebê.

Olho para Celso e ele está de cabeça baixa, parece não querer ver a cena. Heitor continua rindo e tocando meu rosto. Ele tem o mesmo sorriso sacana do pai e os olhos claros da mãe. Ninguém resiste e já imagino as moças caindo nos encantos desse pequeno sedutor, que me deixou encantada.

— Suzanita — Felipe chama e abre um sorriso quando eu o olho. — Logo será o seu.

— Sim. — Devolvo Heitor a Melissa. — Não vou desistir do meu sonho de ser mãe.

— Isso mesmo, loirinha do Celso, queremos ver logo o nosso novo mascotinho. — Anderson sorri.

Benjamim revira os olhos, com a filha nos braços e ela dá uma risadinha. Ellen passa as mãos pequenas na barba do pai, brincando com ela.

— Quando vai sair do hospital? — Lara se senta ao meu lado no leito.

— Creio que hoje mesmo... fiquei em observação por causa das condições do meu aborto. — Dou de ombros. — Agora preciso ficar de repouso em casa.

— Não se preocupe com nada, ok? Eu e Graça vamos passar por lá. — Segura minha mão. — Vou dar todo o apoio a você.

— Eu também — Melissa diz. — Basta me chamar, Lara, que eu deixo o escritório um minutinho e vou.

— Obrigada. — Sorrio para as duas. — Celso está me ajudando bastante.

Apesar do clima pesado, eu senti que a presença dos amigos dele e das minhas amigas, melhorou um pouco meu humor e o humor de Celso. Notei como ele estava pra baixo mais cedo.

Espero que, um dia, essa dor que estou sentindo passe e que eu possa recomeçar feliz e realizando meu sonho de ser mãe.

Capítulo 25



*Eu estive por aqui toda a minha vida
Tudo eu já vi duas vezes
É o momento que eu percebo
Que isso está voltando em círculos agora
Nessa estrada eu estou me arrastando
Salve-me pois estou caindo
Agora parece que eu não consigo respirar direito
Porque eu continuo fugindo, fugindo, fugindo, fugindo
Fugindo do meu coração
Runnin' - Adam Lambert*

CELSO

Ajudo Suzana a se acomodar na nossa cama e noto a minha tigresa toda tristonha, isso me faz lembrar do sorriso nojento de Raquel no rosto.

Melissa e Lara estão na cozinha, cismaram de fazer algo "gostoso" para Suzy. Vou aproveitar a vinda delas aqui para dar uma passada no cassino, Enzo deve estar me esperando. Ele pediu que eu fosse depois de um tempo para que ele pudesse fazê-los sentir a dor à sua maneira.

— Su, eu vou precisar ir ao cassino... você se incomodaria se eu fosse

falar com Enzo agora?

— Não, pode ir. — Ela sorri de canto. — Quero que agradeça a ele por mim, já agradei muito ao quarteto... se eu passasse mais tempo naquele lugar, não sei o que me aconteceria e nem a você.

— Estamos bem e eu sei que aquelas putas nervosas não iam nos deixar na mão... nunca deixam, incluindo o Enzo.

— Tome cuidado. — Me puxa para um beijo rápido. — Volte bem para mim, entendeu?

Se Suzana souber o meu pensamento? Se ela souber que eu penso em não chegar mais perto dela? Ela me odiaria, mas é o melhor a se fazer. Somente assim, ela não se machucará mais.

— Não se preocupe, baby — digo, por fim.

Suzana assente e me dá um leve sorriso. A observo, guardando a imagem do seu rosto comigo e saio do quarto. Aviso às duas na cozinha sobre minha ida ao cassino e peço para que fiquem de olho nela.

Sou guiado por Dante, o irmão de Anderson, até uma sala com uma porta de metal. Ele digita uma senha e a porta se abre, revelando um corredor também de metal.

Houve uma vez em que Enzo me explicou o porquê de esse lugar em específico ser assim. Metal é isolante de som, assim como isopor e papelão. Infeliz inteligente. Ninguém jamais saberá o que se passa nestas salas.

— Celso, *amico mio*. — Enzo me cumprimenta com um abraço. — Como está a sua *piccola bionda*^[5]?

— Se recuperando, foi um golpe muito forte para ela... para nós.

— *Non ti preoccupare*. — Aponta para uma outra porta em nossa frente. — Sua vingança pode ser concluída agora mesmo... minha parte nisso acabou.

Salvatore abre a porta, revelando Raquel e o marido amarrados e ensanguentados. A infeliz ergue o olhar para mim e começa a chorar desesperadamente, ela está desfigurada.

— Celso, tire-me daqui... não aguento mais isso, ele me torturou a noite inteira, eu me arrependi do que fiz — soluça. — Você não é essa pessoa

cruel.

— Você tem razão. — Me aproximo. — Não sou essa pessoa cruel, mas você me obriga a ser... matou meus dois filhos e machucou a minha mulher. Não vou perdoar você desta vez.

— Assim que se fala, *cazzo*. — Cruza os braços e abre um sorriso cruel. — Finalmente vocês estão aprendendo comigo. Acabe logo com isso, já fiz o que deveria ser feito.

Pego a arma no cós da minha calça e a empunho, mirando em Raquel. Tomo uma respiração profunda e ela ainda chora, me olhando. Coloco o dedo no gatilho e destravo a arma. O marido dela não move um músculo, nem ao menos para encarar o homem que vai fazer justiça pelas merdas que ele fez.

Penso em Suzana e em tudo o que ela está passando, na morte dos meus dois filhos... tudo por causa dessa mulher e do meu passado fodido.

Isso acaba agora.

— Por Suzana.

Meu dedo afunda no gatilho e o estampido do disparo é ouvido. O corpo de Raquel cai, inerte. Sinto um peso enorme sair dos meus ombros e outro recair sobre eles.

— Por meu filho. — Aperto o gatilho outra vez e olho alguns segundos para o corpo sem vida ali. — Devil é seu.

Viro-me para Enzo, guardando a arma de volta no cós da calça.

— *Figlio di una cagna*, não sabe o quanto isso me alegra. — Dá risada. — Vá para a sua esposa e trate de fazer logo outro filho.

— Faremos. — Sorrio de canto. — Faça um filho na sua também, se permita.

— Estou trabalhando duro nisso. — Cruza os braços. — Quero um herdeiro para ensinar os negócios da *Famiglia*.

— Trabalhando duro, é? — Balanço a cabeça. — Entendi... trabalho difícil.

— *Dio santo*, você um perverso.

— Você não me engana, Enzo. — Me dirijo à porta. — Nos vemos em breve.

Ele apenas acena com a cabeça e eu sigo o caminho para a saída das salas de metal de Enzo. Caminho pelo cassino, observo as dançarinas ensaiarem no palco e uma delas manda um beijo para mim.

Ignoro o gesto e saio em direção ao meu carro. Preciso ir para casa,

cuidar da minha tigresa, ela vai precisar muito de mim.

SUZANA

Estou sentada na sala, conversando com Lara e Mel sobre como é dolorido ter que ficar de repouso e fazer todo o resguardo sem ter um bebê, quando Celso entra em casa com uma cara preocupada.

Minhas amigas percebem e logo inventam motivo para voltarem para a cozinha. Celso tenta seguir para o quarto, mas eu o chamo e ele vem devagar até mim.

— Que cara é essa? — pergunto quando me canso do seu silêncio. — O que aconteceu?

— Nada, baby. Não se preocupe com nada.

— Celso, eu não sou idiota.

— Eu sei. — Me olha, incisivo. — Apenas esqueça, ok? Você não me perdoaria.

— O que você fez? — O pé da minha barriga belisca.

— Suzana... você não pode se exaltar. — Afaga meus cabelos. — Prometo que quando você melhorar, eu digo tudo.

— Eu sou a sua mulher ou não?

— Sim, você é — se exalta. — Mas eu quero te proteger, quero que se recupere desse absurdo que Raquel fez com você.

— Com licença? — Lara diz. — Isso não é hora para discutir, não sabem? Um resguardo é coisa séria e nos deixa bastante sensíveis, principalmente na situação da Suzy. — Me ajuda a levantar. — Mel, pode levá-la para o quarto? Preciso conversar algo com Celso.

Melissa vem até mim com uma expressão preocupada e me ampara para que eu ande até o quarto. Meu rosto e meu corpo ainda estão machucados e cada vez que vejo as marcas, eu lembro do meu bebê.

— Mel — chamo quando entramos em meu quarto e ela fecha a porta. — Estou com medo que meu relacionamento se vá de uma vez... Celso está estranho. Ele mal me toca, quando chega perto de mim, faz de tudo para se afastar...

— Fique calma, ok? — Me ajuda a sentar na cama. — É normal nos

sentirmos inseguras em um período como este... muitas coisas passam em nossa cabeça. — Arruma os travesseiros e eu me recosto. — Mas tenha certeza, Celso te ama muito.

— Esse bebê era a minha esperança. — Cubro o rosto com as mãos. — Eu queria que ele se curasse dos traumas e das coisas que passou... ele perdeu a mãe grávida, a avó o espancava porque ele não queria que a mãe sofresse... tem as merdas com Raquel.

— Suzy. — Me abraça. — Não se cobre tanto. Você não tinha controle sobre nada do que aconteceu.

Melissa me solta e enxuga meu rosto antes de olhar para meu criado-mudo, onde pousa um copo com água e alguns remédios que o médico receitou.

— Está na hora de um deles, não é?

— Não é mais tarde? — Franzo o cenho.

— Não. — Pega o copo e abre o pequeno frasco para tirar um comprimido de dentro. — Tome este.

Pego o pequeno comprimido e o copo, coloco na boca e bebo um longo gole da água. Melissa sorri e me faz deitar na cama, puxando o lençol para me cobrir.

— O que será que estão conversando? — Seguro a mão dela antes que ela possa levantar da cama. — Lara sabe de algo?

— Eu não sei, Suzy. — Dá de ombros. — Tente descansar um pouco, você precisa se recuperar.

Relaxo na cama e ela abre um leve sorriso antes de sair do quarto. Fico ali quieta, pensando no que ele pode ter feito de tão ruim para achar que eu não o perdoaria. Não consigo nem formular nada que chegue à isso, a não ser uma traição.

Ele não faria isso comigo.

Penso no bebê que eu estava esperando, uma dor corrói o meu coração. Dói saber que não vou mais poder ver minha barriga crescer, que não vou ficar exultante quando meu bebê mexer... dói saber que meu filho está morto.

De repente, uma sonolência forte me atinge. Então eu entendo que o remédio que Melissa me deu foi um calmante. Sem forças para lutar contra os efeitos do remédio, me entrego à sonolência intensa.



Você me levanta, então eu posso suportar montanhas
Você me levanta para andar em mares turbulentos
E eu sou forte quando estou em seus braços
Você me levanta
Para mais do que eu posso ser
Não há vida, não há vida sem vontade
Cada coração inquieto bate tão imperfeito
Mas quando você vem e eu fico satisfeito com a maravilha
You raise me up - Westlife

CELSON

Quando Melissa leva Suzana para o quarto, eu sinto um aperto no peito. O olhar de Lara para mim é de preocupação.

— Celso, vocês precisam se apoiar. — Senta ao meu lado. — Suzana acabou de perder um bebê que ela sempre quis ter, é difícil para ela também... eu sei o que aconteceu no cassino e se já está feito não vai adiantar brigar por isso.

— Eu sei. — Abaixo a cabeça. — Só não estou sabendo lidar com a perda do bebê... não sei como falar com ela, não sei como apoiá-la nisso. Principalmente porque a culpa foi minha... eu só imagino ela machucada

quando chego perto, não consigo.

— Não é fácil, eu sei. — Hesita. — Tudo na vida é uma fase e essa fase passa... paciência. O que você não pode é abandonar Suzana ou simplesmente afastar-se dela... sabe que seria cruel para ela. — Toca minha mão. — Vocês dois perderam um filho, têm essa dor em comum... ajude-a e ela o ajudará.

Melissa surge do corredor antes que eu possa responder e para perto de nós com um meio sorriso no rosto.

— Como ela está?

— Dei um calmante, ela estava bastante agitada. — Solta o ar pela boca e olha para mim. — Está com muito medo de que você a deixe, Celso, ela precisa de apoio.

Depois da resposta de Melissa, eu não consigo formular mais nada. Suzana está tão frágil e eu sei que ela odiaria ouvir isso, porque nunca se deixou abater ou mostrou fraqueza. Sempre disse que não é a donzela em perigo.

— Obrigado por virem cuidar dela hoje. — Solto um suspiro. — Não vou sair de perto e prometo tentar fazer o que me disse, Lara.

— Estaremos aqui para o que for preciso — Melissa diz, com um sorriso no rosto.

Acompanho as duas até a porta e tomo coragem para ir até o quarto em que está a minha Su. Abro a porta devagar e coloco a cabeça para dentro. Avisto Suzana adormecida na cama e comprimo os lábios um contra o outro, nervoso.

Entro de uma vez, fecho a porta e vou até a cama. Retiro meus sapatos e deito ao lado dela. Acaricio seu rosto e seus cabelos macios.

— Me perdoe. — Fungo. — Está muito difícil para mim... disse que não conseguiria perder mais ninguém e aqui estou, perdendo outra vez. — Me aconchego perto dela e ela suspira em seu sono pesado.

Eu nunca vou deixá-la. Mesmo que minha cabeça fodida diga o quanto é errado, o quanto eu a machuquei, não conseguiria me afastar. Sou egoísta demais para isso.

Meu celular vibra em meu bolso e eu me mexo devagar para pegá-lo. Abro a mensagem de Enzo.

"Está feito."

Não respondo a mensagem, pois sei que Devil também está morto e que ele já cuidou de tudo. Coloco o celular sobre o criado-mudo e volto a me aproximar de Suzana. Envolver seu corpo com os meus braços, protegendo-a e fico ali, quieto.

Sinto Suzana se mexendo e abro os olhos, preocupado.

— Está tudo bem? — pergunto, com a voz embolada de sono.

— Sim. — Hesita e senta na cama. — Não queria ter te acordado.

— Não tem problema. — Me sento também. — Eu queria mesmo falar com você.

Ela fica quieta, me olhando. Seus olhos verdes me torturam, transpassando sua dor. Minha tigresa ficou muito abalada depois da perda do bebê, não posso imaginar como está sendo para ela.

— Fique calma, sou eu. — Sorrio e seguro as suas mãos. — O seu Rivotril... não precisa ficar tensa.

— O que quer falar? — Olha para as nossas mãos unidas.

— Quero falar sobre nós, quero deixar algo claro. — Hesito e ela engole em seco. — Não quero que tenha medo mais, não pense que vou deixar você por causa do que aconteceu... muito pelo contrário, eu quero estar ao seu lado, da mesma forma que você sempre esteve do meu, Su.

— Desculpa — chora. — Eu me sinto fraca, sinto que perdi, sabe? Sinto que Raquel conseguiu me derrubar... tive tanto medo de você me deixar.

— Ela não vai mais nos fazer nenhum mal. — Solto as suas mãos para enxugar seu rosto banhado pelas lágrimas. — Vamos poder recomeçar.

Puxo minha tigresa para mim e a abraço com força. Beijo seu ombro e noto que sua respiração se altera.

— Não chore, tigresa... quero você toda brava outra vez. — Volto a olhar em seus olhos e ela sorri para mim. — Posso dizer uma coisa?

— O quê? — Funga.

— Mesmo abatida e toda tristonha, você é a mulher mais linda desse mundo. — Abro meu melhor sorriso.

— Para com isso. — Recebo um tapa. — Não diga as coisas para me

agradar. Estou um caco desde que perdi nosso bebê.

— Queriam todos cacos serem como a bela mulher em minha frente.
— Lhe roubo um beijo e ela sorri. — Uma loira dos olhos verdes, que tem um sorriso lindo e é brava como uma tigresa.

Pela primeira vez, Suzana solta uma risadinha e o clima fica um pouco mais leve.

— Ainda pego Melissa por ter me dado esse calmante. — Cruza os braços.

— Você precisava, tigresa... não brigue com elas.

Ela dá de ombros e sorri mais uma vez antes de se esticar um pouco e beijar os meus lábios. Sorrio para ela e faço com que volte a deitar, quero que ela cumpra tudo o que o médico disse sobre o repouso.

SUZANA

Quando despertei e vi Celso adormecido ao meu lado, me abraçando, não soube o que fazer. Pela discussão que tivemos, eu pensei que não estávamos bem... pensei que ele estivesse balançado em relação à nós dois.

Ouvir suas palavras fez meu coração se encher de alegria, mesmo com esse acontecimento terrível em minha vida. Com ele ao meu lado eu sei que ficará um pouco mais fácil superar a perda do meu bebê.

— O que aconteceu com Raquel e com o marido? — pergunto, olhando para ele, que se livra das roupas.

Depois de ouvir minha pergunta, Celso tenciona o maxilar e evita o assunto. Eu sei que Raquel e o marido estão mortos, eu só quero saber quem os matou. Sei que é errado, mas quero agradecer por tirar aqueles imundos do mundo.

— Diga, Celso.

— Estão mortos.

— Nossa. — Comprimo os meus lábios. — Pensei que Enzo...

— Fui eu — murmura.

Olho fixamente para ele, sem entender o que quis dizer.

— O quê?

— Fui eu quem matou, Su. — Abaixa a cabeça.

Fico sem reação por alguns instantes. Celso me olha e volta a se sentar na cama, usando somente sua calça jeans.

— Não me odeie, por favor.

— Eu não odeio você. — Me remexo, deitada. — Não seria capaz de fazê-lo. A notícia só... só me pegou de surpresa.

— Eu não podia deixar ela viver quando tirou a vida dos meus dois filhos... e sabe-se lá de quantas pessoas mais.

— Volte a deitar comigo — peço. — Têm sido dias difíceis para nós.

— Eles acabam hoje. — Larga-se ao meu lado na cama. — Estou morto.

Aliso seus cabelos macios e o vejo fechar os olhos.

— Descanse.

Depois de Celso ter adormecido, decidi tentar assistir algo engraçado. Nada me anima depois da perda do meu bebê. Assistio vídeos, alguns episódios de uma série e mesmo com tudo isso, nada me faz rir.

Sinto algumas dores e me sento devagar para tomar o remédio que o médico receitou. Celso ainda dorme e eu observo a marca em sua testa, o corte feito pelos homens de Raquel quando bateram nele.

Toco de leve o lugar e ele se mexe, mas não desperta. Trato de tomar meu remédio e volto a me recostar na cama. Meu celular vibra no criado-mudo e eu pauso a série para ver a mensagem de Rick.

"Suzy, como você está? Me dê notícias, a Editora não quis dizer nada."

Respiro fundo e digito uma mensagem de volta:

"Tive alguns problemas, Rick... explicarei tudo quando voltar."

Coloco o celular de volta no criado-mudo e fecho os olhos. A Editora não disse nada porque proibimos que dissesse. Celso nunca gostou de Ricardo e ele ter faltado justamente no dia em que Raquel me levou foi muito estranho. Não quero duvidar dele, mas tudo me leva a crer que ele é aliado

daquela mulher, mesmo tendo me dito que me protegeria.

Meu coração se aperta com essa possibilidade. Será que ele seria capaz de me trair dessa maneira? Eu lhe dei minha amizade por todos esses anos... ele me trairia? Sabotaria meu relacionamento para ficar comigo?

Não. Isso é demais para mim.

Vejo Celso se mexer, despertando, e levanto da cama para que ele não veja minha cara de preocupação. Devagar, me dirijo ao banheiro.

— Tigresa? Está tudo bem? — Sua voz rouca pelo sono me faz sorrir.

— Sim, só vou usar o banheiro.

A noite se arrastou lentamente até a hora de finalmente nos deitarmos na calmaria da nossa cama e dormirmos. Dias ruins passaram, agora eu preciso me recuperar física e mentalmente para me preparar outra vez e realizar meu sonho.

Celso me ajuda a me acomodar na cama e beija minha testa antes de apagar o abajur e me desejar boa noite. Fecho os meus olhos e me deixo levar pelo cansaço.

Ouçó ao longe alguém respirar fundo, uma brisa fria toca minha pele e eu abro os olhos devagar. Vejo a porta de vidro da sacada do nosso quarto aberta.

Celso.

Lentamente, levanto da cama e visto meu robe branco de seda. Vou até a varanda e o ouçó respirar fundo. No céu, os primeiros raios do dia surgem, não deve ser menos que quatro da manhã.

Me aproximo, sorradeira, e o abraço por trás, deixando um leve beijo nas suas costas. Minhas mãos acariciam seu peito nu e ele fica imóvel, com o olhar fixo na rua lá embaixo.

— Volte para a cama — pede, com a voz branda. — Não quero que se preocupe comigo.

— Celso. — Me afasto e faço com que ele olhe para mim. — Como não vou me preocupar com você? Seus ataques de pânico haviam acabado... você teve outro?

— Não... — Abaixa a cabeça. — É só que eu não consigo tirar essa culpa de mim... a culpa pelo nosso filho. Se você não soubesse...

— Por favor — corto. — Não pedi que parasse de se culpar? Eu sou a sua Suzy e nós estamos juntos nisso nos momentos bons e nos ruins também.

— Está aqui. — Seu dedo indicador vai de encontro à sua cabeça algumas vezes e ele deixa algumas lágrimas caírem. — Está bem aqui na minha cabeça fodida.

Meu coração fica apertado.

— Por que você não volta para a psicóloga? Hum? — Acaricio seu rosto. — Ela pode ajudar você.

— Ninguém pode me ajudar a não ser você e os meus amigos. — Cruza os braços. — Não vou para porra de psicólogo nenhum.

— O que eu posso fazer para que você esqueça isso, então? Juro que se eu souber eu faço... mas está difícil para mim também.

— Eu vou melhorar... jurei que vou te fazer feliz de verdade. — Funga. — Você vai ver.

Sorrio para ele e a convicção em suas palavras me anima um pouco. Se todo o pesadelo se foi, não há mais porquê ficar se martirizando dessa forma.

— Vamos terminar de ver o nascer do sol. — Ele envolve meu ombro com seus braços e eu o abraço. — Esse dia vai marcar o nosso recomeço.



CELSONO

Arrumo minha gravata em frente ao espelho, quando, pelo canto do olho, vejo Suzana aparecer na porta do closet usando seu robe branco. Minha mulher é putamente linda.

— Vou enlouquecer ficando em casa. — Cruza os braços.

— Mas é necessário, Su... para a sua recuperação.

— Infelizmente.

— Prometa-me que não vai ficar fazendo coisas que não pode. — Me aproximo. — Que vai repousar como o médico disse, tigresa.

— Eu prometo, meu piadista.

— Ótimo, poderei ir trabalhar mais tranquilo. — Beijo a ponta do seu nariz. — Prometo voltar o mais rápido possível... vou somente resolver essa bronca na SQUAD e volto para você.

— Estarei esperando.

Saímos juntos do closet e ela segue para a nossa cama, retira o robe e deita, fixando o olhar em um canto do quarto. Suspiro e vou até ela, sento-me ao seu lado e acaricio seus cabelos.

— Vai ficar bem mesmo? — pergunto.

— Sim — diz vagamente. — Fique tranquilo.

— Não posso ficar, Su... estou preocupado.

— E eu estou preocupada com você. — Me olha. — Em como está sua cabeça nisso.

— Vou ficar bem, por você.

Beijo o topo da sua cabeça e fico de pé, ela me observa, em silêncio, e eu deixo o quarto.

Entro na SQUAD atordoado, pensando em Suzana e em nosso bebê. Minha cabeça fervilha e eu só penso que preciso ser o porto-seguro da minha tigresa. Preciso deixar minhas paranoias de lado.

— Celso. — Lara me para. — Está tudo bem?

— Não. — Solto de uma vez. — Estou fazendo o que você disse, mas estou me fodendo... ela está sofrendo e tenta esconder.

— Sente aqui. — Aponta para a sua cadeira e eu sento. — Você também está tentando esconder sua dor e ela está percebendo... sabe como minha amiga é. — Ela sorri de canto. — O melhor seria que ambos externassem a dor e somente assim poderão se curar.

— Eu amo Suzana, Lara... não quero que nosso relacionamento se resuma em tristeza. — Hesito. — Quero que voltemos a ser aquele casal alegre que éramos.

— E voltarão. — Lara sorri, me dando forças. — Tenho certeza disso... além do mais, o que veio fazer aqui? Demos alguns dias a você, para que cuide dela e se recuperem desse golpe que sofreram.

— Eu vim pedir conselho seu. — Hesito. — Disse a ela que vim resolver uma bronca, por isso coloquei o terno.

— Já ajudei? — brinca, sorrindo.

— Já... e muito. — Sorrio de volta. — Obrigado, Lara.

Ela apenas sorri e eu levanto da sua cadeira.

— Agora volte para casa e converse com ela, pergunte do que ela precisa... ela verá que você está se esforçando e vai se esforçar também.

Aceno com a cabeça, abraço Lara rapidamente e saio em direção ao elevador. Cerro as mãos em punho e tento me acalmar, ela precisa de mim.

Ao chegar em casa de volta, o silêncio no apartamento me faz respirar fundo.

— Su? — chamo, mas não há resposta. — Baby?

Caminho devagar pelo corredor, seguindo para o nosso quarto. Abro uma brecha da porta e noto que ela não está na cama. Meu coração acelera, na possibilidade de ela ter tentado algo, por estar sozinha. Eu não me perdoaria nunca.

— Suzana! — chamo mais alto.

— Estou aqui. — Sua voz vinda do banheiro me faz acalmar um pouco.

Aproveito e tiro a arma do cós da calça para colocá-la no criado-mudo. Sigo para o banheiro e a vejo com os olhos fechados embaixo da água que cai do chuveiro.

— Tigresa? — Cruzo os braços e me encosto na porta.

Suzana abre os olhos e me lança um sorriso leve e surpreso.

— Pensei que fosse demorar um pouco mais. — Desliga o chuveiro.

— Disse que voltaria o mais rápido que pudesse. — Sorrio para ela.
— Eu só precisava resolver essa bronca.

— Isso é bom. — Enrola o corpo nu na toalha e vem até mim. — Meu herói está de volta para mim.

— Herói? — Ergo as sobrancelhas. — Passo muito longe de ser herói... você sabe.

— Quando digo MEU herói. — Passa os braços ao redor do meu pescoço. — É porque é somente meu, porque tem seu jeito de menino e tem um sorriso que me derrete toda... porque me prende como dele sem qualquer amarra.

Apenas sorrio e inclino a cabeça para beijar sua boca meio fria devido ao recente banho. Em meio ao beijo lento e apaixonado, me pego pensando em como conversarei com ela.

SUZANA

Enquanto penteio os meus cabelos, Celso toma seu banho. Ele está quieto e isso me preocupa, não sei o que está se passando na sua cabeça. Coloco o pente de volta no balcão da pia e cruzo os braços para olhá-lo.

— Diga, tigresa.

— Você está estranho... quer me dizer algo?

Celso respira fundo e assente. Espero que ele termine seu banho e venha até mim com aquela carinha de menino preocupado. A toalha enrolada na cintura e as gotículas de água descendo pelo abdômen me matam por não poder me aproveitar.

— Do que você precisa?

Franzo o cenho.

— Não entendi?

— Digo, no sentido. — Hesita. — Depois da perda do nosso bebê.

Encaro os olhos azuis de Celso por alguns instantes e sua preocupação comigo me comove de um jeito muito profundo. Minha visão embaça pelas lágrimas.

— Eu preciso de você — confesso. — Agora, mais do que nunca.

Ele me puxa e me abraça, afagando meus cabelos e as minhas costas. Sinto quando ele inclina a cabeça e seu rosto cola no meu, um beijo casto é deixado em meu ombro e eu fico ali, me sentindo protegida.

— E você, Celso? — Me forço a olhar em seus olhos. — Do que você precisa?

Por alguns instantes, ele me olha nos olhos, mas depois desvia o olhar.

— Eu só preciso que você fique bem. — Dá de ombros. — Isso vai me trazer paz outra vez.

— Volte a ser o meu piadista. — Sorrio. — Nós vamos superar a perda desse bebê juntos, mas eu preciso saber que você estará bem daqui. — Toco duas vezes sua testa e ele abaixa a cabeça. — O que mais te traz paz?

Meu piadista continua com a cabeça baixa e eu vejo quando ele comprime os lábios antes de voltar a me olhar.

— Aquele bebê. — Ele sorri levemente. — Eu pensei que ser pai fosse foder ainda mais minha cabeça por causa da minha infância de merda... mas saber que você estava grávida, Su, era como se aquilo me desse forças, estava me curando.

Suas palavras tocaram no mais fundo do meu coração. Eu não sabia que ele se sentia dessa maneira em relação ao bebê. Sabia que amava, mas não dessa forma. Então eu o abraço mais uma vez e ele inclina a cabeça para me beijar.

O beijo é delicado e cuidadoso, como se seu toque fosse me machucar a qualquer momento e eu sei que isso é um reflexo da culpa que ele traz

consigo. Prometi a mim mesma que o faria esquecer tudo o que passou, que seria somente um borrão e vou fazê-lo.

Encerro o beijo com um breve selinho e seguro as suas mãos.

— Vem. — Ando de costas, mas de frente para ele, puxando-o. — Vamos assistir alguma coisa, estou morrendo nesse tédio.

Celso abre um leve sorriso e isso me alegra um pouco. Seguimos juntos para a nossa cama e ele deita comigo. Lhe entrego o controle da TV e ele ergue as sobrancelhas.

— Você odeia as minhas comédias românticas. — Dou de ombros. — Escolha algo.

— Não esquece isso nunca? — Cruza os braços.

— Como esquecer? Você disse que Uma linda mulher é chato.

— E não é? — provoca.

— É um filme lindo. — Faço bico. — Você que é insensível.

Sorrio depois do pequeno drama, quando ele resolve aceitar o controle e começa a passar a lista de filmes. Me aconchego perto dele e o meu piadista me envolve com o seu braço.

Olho para ele e o admiro todo concentrado na TV. Acaricio seu rosto e deixo um beijo em seu queixo.

— O que vai colocar? — sussurro.

— Estou procurando algo que não seja romance. — Me olha de soslaio, me provocando. — Um terror, talvez.

— Mas nem pensar! — Lhe dou um tapa, fazendo-o sorrir. — Não, não, não.

Finalmente, eu o vejo soltar uma risadinha. Foi rápida, mas me fez sentir muito bem. Mesmo com essa coisa toda da Raquel e do nosso bebê, ver Celso sorrir é a única coisa que me alegra um pouco.

Estamos tentando fugir da dor e eu estou tentando não lamentar. Pensar sobre só machuca mais e eu não quero entrar nessa tristeza que traga meu coração. Quero ser forte, como sempre fui.

Por fim, depois de muita insistência, Celso escolheu uma comédia romântica. O lado bom da vida. Me surpreendi, pois, pela primeira vez, ele realmente se concentrou em assistir algum filme comigo.

— Até que esse nem é tão chato — sussurra para mim.

— Claro que não é, você é que colocou isso na sua cabeça.

Ele não responde, apenas me puxa mais para si. Retribuo seu abraço e

deixo um beijo leve em seu pescoço. De repente, quando um pequeno incômodo atinge meu ventre, o meu bebê vem em minha mente. Lágrimas borram a minha visão sem permissão e eu tento segurá-las, mas é inútil.

— Su? — Me faz olhar para ele. — Está chorando? Oh, baby.

— D-Desculpa. — Enxugo as lágrimas rapidamente. — Eu consigo fazer isso, está tudo bem.

— Não, não está. — Abriga meu rosto entre as suas mãos. — Nós perdemos um filho, é claro que dói... você pode chorar. Não se prenda por mim.

— Eu vou ficar bem. — Beijo seus lábios e ele afaga meus cabelos. — Nós vamos.



CELSONO

Depois que Suzy se acalmou, não tivemos mais ânimo para terminar o filme. Ela tomou um dos remédios que o médico receitou para as dores e ficou quieta na cama.

— Você tá bem? Está doendo muito? — Franco o cenho, preocupado.

— Hoje não doeu tanto... mas o médico disse para tomar mesmo assim. — Dá de ombros. — Me sinto estranha... esses remédios estão me enlouquecendo.

— O que acha de eu tomar alguns também? — Acaricio seus cabelos e sorrio para ela. — Pelo menos enlouquecemos juntos.

Continuo sorrindo quando vejo que consigo arrancar um sorriso dela. Su está fragilizada, vai precisar do meu apoio e eu vou estar aqui para dar isso a ela.

— Quer descansar um pouco? — brinco com uma mecha loira entre os meus dedos. — Quer que eu saia?

— Não... estou bem. — Hesita. — Vou levantar dessa cama e ir para a sacada um pouco. Me acompanha?

— Claro, tigresa. — Fico de pé e a amparo para que levante. — Com cuidado.

— Posso andar. — Ela sorri outra vez.

— Repouso absoluto não diz que pode andar — explico. — Você o faz porque é teimosa.

— Faço porque não aguento passar o dia nessa cama.

— É para o seu bem. — Fico sério. — Quero que melhore, Su, que se recupere do jeito certo.

— Tudo bem, meu piadista. — Ela sorri enquanto caminhamos para a sacada. — Você me convenceu.

— Sou bom com as palavras — me gabo.

Suzana senta em uma espreguiçadeira e fecha os olhos quando a brisa bate em seu rosto. Sento ao seu lado e fico observando seu rosto. Ela ganhou algumas olheiras e está pálida, isso me preocupa.

Desvio o olhar dela e fito o chão. Não posso evitar de me culpar... é mais forte que eu. Fico quieto, pensando, e de repente, o corpo inerte de Raquel me vem à mente.

Estou livre, não há mais porquê ficar pensando nela e no que ela me causou... devo pensar no que ela causou à Suzana. Estou acostumado às lapadas da vida e ela segurou a barra por mim. Vou segurar por ela.

— Celso — chama.

Olho para ela e noto que me observa. Ela se aproxima um pouco e cola sua testa na minha. Sua mão delicada pousa em meu rosto, acariciando de leve, me fazendo fechar os olhos.

Avanço para beijar sua boca e ela retribui. Suzana se joga nos meus braços e eu a abraço, sentindo seu corpo quente contra o meu.

— Hmn... assim vai me deixar duro, Su. — Tento brincar e ela solta uma risadinha.

— Uma pena para você, meu Rivotril... não haveria jeito de te ajudar com isso.

Damos uma breve risada juntos e voltamos a silenciar. Nos encaramos e, por um momento, me passou pela cabeça como devo consolar a minha tigresa. Nem sempre terei ânimo para as piadas, sou de carne e osso, era o meu filho e me dói lembrar.

— Su. — Entrelaço nossos dedos. — Vamos sair dessa situação de merda, eu prometo.

— Sei que vamos. — Aperta minha mão contra a sua. — O pior já passou, não é?

— Sim. — Trago sua mão aos meus lábios. — O pior já passou.

Fico observando a minha Suzana e ela parece ponderar sobre alguma coisa. Franzo o cenho e, antes que eu possa perguntar, ela começa:

— Preciso perguntar algo...

— Diga, baby.

— Ricardo... acha que ele tem alguma coisa a ver com o que nos aconteceu? — Abaixa a cabeça. — Seja sincero, não use os ciúmes para dar sua resposta.

— Tudo bem. — Seguro as suas mãos. — Pense comigo, sim?

Suzana acena com a cabeça, os olhos vidrados em mim.

— Ele te mandou uma mensagem avisando que faltaria. — Faço uma pausa. — E nesse mesmo dia, você é ameaçada por Raquel e arrastada até uma casa... isso soa muito estranho para mim.

— Não queria desconfiar dele. — Desvia o olhar. — Apesar das circunstâncias, ele é meu amigo, confiei nele desde o dia em que entrei na Editora.

— Eu sei, baby. — Afago suas mãos. — Não encuque nisso, ok? Prometo que vou investigar.

— Não vá se arriscar... não preciso que ninguém se machuque mais.

— Ora, você agora é uma atiradora e tanto — brinco. — Agiremos juntos.

— Para de bobagem. — Ela sorri. — Falo sério.

— Tudo bem, tigresa... não me maltrate.

Fico observando a mulher em minha frente e, puta merda, eu a amo com todas as minhas forças. Se esse Ricardo for mesmo um traidor, eu farei questão de caçá-lo.

SUZANA

Cogitar uma traição do homem que considerei meu amigo todos esses anos em que trabalho na Editora não é nada fácil. Afinal, Rick sempre soube que entre nós não haveria nada, para mim ele era somente um amigo e por isso eu sempre me abria com ele.

Esse tempo em casa vai fazer bem tanto para mim, quanto para Celso. Assim, poderemos nos recuperar do baque que foi a perda desse bebê e nos

fortalecer diante das coisas que ainda virão.

— Você ainda quer um bebê, Su? — murmura a pergunta. — Porque eu quero... quero tentar refazer minha vida com você.

— Claro que sim, é o que mais quero. — Sorrio. — Não sabe o quanto me alegra saber que você finalmente quer ter um filho.

— Te ver grávida e saber que era meu filho aqui. — Toca minha barriga. — Me fez sentir bem, de verdade.

Meus olhos enchem-se de lágrimas ao ouvir as palavras tão bonitas e sinceras do meu piadista. Coloco a mão sobre a sua, que ainda está em minha barriga e a aperto.

— Isso é muito bom, Celso. — Fungo, emocionada. — Significa que estamos curando você.

— Obrigado, tigresa... obrigado por nunca desistir de mim. — Hesita. — E me perdoe por, sequer, ter cogitado em deixar você.

— Está tudo bem, foi um momento de fraqueza... e, além do mais, já passou, sim? — Seguro sua mão, que ainda pousa em minha barriga. — Você sabe que não gosto de remoer passado.

Ele abre um pequeno sorriso, balançando a cabeça levemente. Meu Celso é um homem gentil, isso faz sua beleza aumentar em muitos graus. Eu o admiro muito por sempre ter estado ao meu lado e sempre ter tentado superar seus traumas por nós dois.

Estamos na cozinha, comendo. Celso fez questão de preparar algo com seus dotes culinários ensinados por mim.

— E então? — pergunta. — Está gostoso?

— Uhum. — Sorrio. — Igual a você.

Descaradamente, desço o olhar pelo seu peito nu e ele sorri.

— Igual a mim? — Ergue as sobrancelhas, com a carinha de menino sacana que tem. — Então está uma verdadeira iguaria dos deuses.

— Deus do céu. — Não controlo a minha risada. — Vocês devem ter estudado na mesma escola, não é?

— Quem? O quarteto? — Relaxa na cadeira. — Foi uma formação especial.

— Eu sabia — provoco. — Vocês não são normais.

— Claro que não somos, baby. — Aproxima o rosto do meu. — Somos bem-dotados e fodemos bem, além de ser a própria gostosura em pessoa. Quer mais?

— Volte a comer. — Comprimo os lábios um contra o outro. — A fome está afetando você.

Celso nega com a cabeça e tem um sorriso sacana nos lábios. O safado me rouba um beijo e volta a comer.

— Celso — chamo e ele me olha. — Lembra daquele filme que assistimos? Proposta Indecente?

— Lembro. — Ele sorri.

— Lembra do que eles sempre diziam um para o outro?

— Da promessa? — Segura minha mão. — Lembro.

— Podemos fazer dela nosso pequeno código. — Coloco o garfo de lado e seguro sua mão sobre a minha. — Quando não estivermos bem, poderemos lembrar que temos um ao outro.

Ele silencia por alguns instantes, me olhando, admirado.

— O que fiz para merecer você, Su? — Leva minha mão até os seus lábios. — Claro que podemos... quer que eu comece?

— Por favor. — Sorrio.

— Eu já disse que te amo? — Ergue uma sobrancelha, da mesma maneira que o Woody Harrelson faz no filme.

— Não. — Seguro o riso.

— Eu amo.

— Ainda? — Abro um sorriso largo.

— Sempre, tigresa. — Solta minha mão para alisar meus cabelos. — Nunca esqueça disso.

Sem dizer mais nada, eu o abraço. Um abraço sem qualquer maldade, um abraço apertado, silencioso e cheio de amor.

— O que falta agora? — sussurro em seu ouvido.

— Um beijo sacana para quebrar o clima romântico. — Me afasta para me olhar.

Estreito o olhar para ele. Cínico.

— Não vale nada.

— Vai me dar o beijo ou não? Isso vai foder comigo, mas beijar você é a coisa mais deliciosa desse mundo... não disse onde.

Lhe dou um tapa e antes que possa reclamar, sou surpreendida por um

beijo quente. Sua boca toma a minha com força, me mostrando o quanto pode ser controlador e eu amo isso nele. Amo quando passa do moço gentil para o homem dominador e safado que conheço bem na cama.

Ele geme em minha boca, quando entro pra valer no beijo. Uma competição árdua entre nossas línguas sedentas por mais, muito mais.

— Su. — Encerra o beijo. — Porra, vou ficar no cinco contra um.

— Que dó.

Ele passa a língua nos lábios, sei que está com tesão. Eu também estou, mas não posso ter relações sexuais ainda, estou em um momento delicado. Até lá, precisamos aguentar.



.. ALGUMAS SEMANAS DEPOIS ..

CELSO

Através do espelho, observo Suzana se arrumar para o trabalho. Depois do repouso garantido pelo médico, ela está voltando hoje ao trabalho.

— Piadista, pode me passar meus brincos? Estão aí na bancada — pede, entretida em colocar um bracelete.

— São esses? — Pego os brincos e estendo para ela.

— Sim, são. Obrigada. — Finaliza o penteado e me olha. — Como estou?

— Linda, tigresa, como sempre.

Linda é pouco para os adjetivos que tenho em mente. A mulher está deslumbrante, me fodendo todo com esse vestido preto e esse rabo de cavalo loiro que me deixa doido.

Duro. Eu estou duro somente em olhar para ela. Resultado dessas semanas sem sexo. Semanas, porra.

— Pare de me olhar assim, ok? — peço. — Estou duro e não posso fazer nada agora e muito puto porque tenho que ficar até mais tarde na SQUAD.

— Tadinho. — Faz bico e sela nossos lábios por alguns segundos. —

Vamos, meu Rivotril... não posso chegar atrasada.

Segue em minha frente e pega sua bolsa na poltrona do quarto. Observo seu corpo delicioso dentro do vestido e xingo um caralho antes de segui-la para descermos até o carro.

— Lembre-se de ver as reações de Ricardo... ele não pode ser perfeito em tudo — lembro. — Se for mesmo culpado, vai escapar algo.

— Sim... farei o teste.

Suzana me abraça dentro do elevador e assim fica até o mesmo parar na garagem. Quando as portas se abrem, ela respira fundo. Suzana tenta esconder, mas está nervosa.

Assim que paro o carro em frente à Editora, olho para ela e seguro sua mão. Suzy sorri para mim e me beija.

— Não vou esquecer a missão que me deu — sussurra. — Te amo.

— Também te amo, Su. Tome cuidado.

Minha tigresa não responde, apenas sai do carro e segue em direção ao prédio. Aceno para os seguranças e um deles a segue. Não quero Suzana sozinha. Nunca mais.

Dou partida no carro e sigo para a SQUAD. Tenho uma coisa em mente e quero que Lara me ajude.

Pego os papéis e saio da minha sala, em direção à sala de Benjamim. Aproveito que Lara não está atendendo ninguém e paro em sua mesa.

— Olá, senhor Farias, parece melhor esta manhã — brinca. — Como vocês estão?

— Suzana está bem melhor, nem fala tanto mais no bebê e até sorri mais. — Sento-me na cadeira em frente à sua mesa.

— Isso é bom, não?

— É ótimo. — Hesito. — Mas quero fazer algo para ela... algo que nos faça voltar a ser o casal de antes.

Lara sorri e assente, animada.

— E no que está pensando?

— Uma viagem... uma praia, um lugar que possamos relaxar. — Me recosto na cadeira.

— Fale com Benjamim, ele lhe dará uns dias. — Ela sorri. — Façam

essa viagem, levem dois ou três seguranças e aproveitem. — Ela parece lembrar de algo. — Se não me engano, o pai de Benjamim tem uma propriedade à beira-mar, pode falar com ele sobre a casa... tenho certeza de que não se importaria.

— Falarei com ele... obrigado, Lara. — Fico de pé e beijo o topo da sua cabeça.

Bato à porta e entro na sala de Benjamim. Meu amigo está concentrado em seu computador, com o cenho franzido.

— Minha puta? — chamo. — Posso entrar?

— Entra, veado — xinga, mas sorri. — Como está? E Suzana?

— Suzy está bem, voltou hoje ao trabalho. — Sorrio e me sento em sua frente, colocando os papéis sobre sua mesa. — Vim falar algo com você.

— Pode falar. — Me olha.

— Eu estava pensando em viajar com ela, fazê-la esquecer essas coisas que vivemos sabe? — Pigarreio. — Essa coisa do bebê mexeu muito com ela e...

— Posso dar alguns dias a você. — Pensa por alguns instantes. — E tenho uma casa à beira-mar, que acho que seria ideal para o que você quer... faz um tempo que não vamos lá.

— Você emprestaria?

— Que porra de pergunta é essa? — Relaxa em sua cadeira. — Mas é claro que eu empresto... vou só mandar alguém limpar ainda hoje, se quiser e amanhã a casa já vai estar liberada.

— Puta merda, Ben, você é foda — exulto e o canalha revira os olhos. — Não tenho como agradecer o que está fazendo por mim e Suzana.

— Não quero agradecimentos, seu porra do caralho. — Ele sorri, sacana. — Quero mascotinhos logo.

Apenas dou risada e fico de pé, meu amigo faz o mesmo. Nos abraçamos ele me deseja sorte.

— Amanhã mesmo te entregarei as chaves, puto.

— Obrigado, minha ninfetinha — provoco. — Aí estão os papéis que me pediu.

— Obrigado.

Benjamim soca meu ombro e, dando risada, saio da sua sala em direção à minha.

SUZANA

Entro na Editora e sou cumprimentada pelos meus colegas de trabalho. Respiro fundo e sigo para o elevador. Penso em Ricardo e em como vou encará-lo tendo a desconfiança de que me traiu.

Assim que abro a porta da minha sala, imediatamente, Ricardo fica de pé, surpreso.

— Suzy? — Sorri. — Como você está? Senti saudades suas.

Ricardo vem até mim e me abraça. Fecho os olhos, buscando forças para me manter igual ao que era antes com ele. O abraço de volta e sinto quando um beijo é depositado em meu ombro.

— O que aconteceu com você? Sumiu por semanas e ninguém aqui da Editora me dizia nada de você. — Me olha. — Fiquei tão preocupado.

Sorrio, sem ânimo, me sentindo mal. Entro de vez na sala e fecho a porta. Pelo menos ele não vai desconfiar das minhas ações, já que lhe darei a notícia e ele vai associar os meus atos à isso.

— Raquel. — Sigo para a minha mesa e sento em minha cadeira. — No dia em que você não veio, ela veio aqui... me disse coisas horríveis e me arrastou para um lugar. Eu perdi o meu bebê.

Ele faz um som de espanto e seus olhos expressam horror. Deus, não consigo acreditar nele. Ricardo se ajoelha em minha frente e segura as minhas mãos.

— Suzy, eu sinto muito. — Beija minhas mãos. — Você queria tanto esse bebê... estava tão feliz.

Abaixo a cabeça, sentindo meu coração se apertar no peito. Ele não pode ter feito isso comigo, não pode.

— Eu só quero descobrir quem avisou àquela mulher que você não estaria aqui... ela não saberia se ninguém contasse.

— Sim, claro. — Nega com a cabeça. — Já informou à polícia, já investigou isso?

— Tenho amigos que estão cuidando disso.

— Amigos? Que amigos, Suzana? Está metida com gente errada?

— Errada era Raquel e ainda assim conseguiu tirar meu filho de mim porque algum filho da puta abriu a boca sobre sua falta aqui — rosno, brava,

com lágrimas nos olhos.

— Tudo bem, tudo bem. — Me puxa para mais um abraço. — Vamos descobrir quem fez isso, ok?

Me solto dele, não conseguindo mais me manter com isso e enxugo o rosto. Apenas assinto e guardo minha bolsa para começar a trabalhar.

Olho pela janela e vejo a lua cheia no céu. Ricardo beija meu rosto e se despede antes de sair da sala, ele ficou um pouco mais comigo quando viu que Celso demoraria mais um pouco, mas disse que tinha um compromisso e que não poderia demorar muito mais. Não demora muito para que Celso pare o carro em frente à Editora e, quase no mesmo instante, o segurança que passou o dia na porta da minha sala, abre a porta.

— Senhor Farias chegou, dona Suzana.

— Obrigada. — Fico de pé e sorrio.

Saio da sala acompanhada pelo segurança que Celso me designou. Seguimos em silêncio até o piso e eu me despeço da recepcionista antes de sair do prédio e entrar no carro.

— Oi, tigresa. — Ele sorri.

Sem dizer nada, eu o abraço e ele me aperta contra si.

— Aconteceu alguma coisa? Me diga, aquele bastardo filho de uma...

— Não. — Sorrio e me solto para olhar em seus belos olhos azuis. — Está tudo bem, eu só quis abraçar você.

Celso abre o maior sorriso que já vi, me fazendo revirar os olhos. Vai se gabar, com certeza. É isso ou ele não se chamaria Celso Farias.

— Quis me abraçar, Su? — pergunta em tom baixo, sacana. — Que tal nos abraçarmos quando chegarmos em casa? Aquele abraço que somente você me dá...

— Que abraço? — Ergo uma sobrancelha antes de colocar o cinto. — Não estou lembrada.

— Claro, fazem semanas que a gente não se abraça assim. — Se aproxima do meu ouvido e passa a língua em minha orelha. — Ainda não sabe qual o abraço, baby?

— N-Não.

— O abraço que sua bocetinha dá no meu pau, quando goza. — Pisca

para mim e dá partida no carro.

Solto uma pequena risada e admito que estive o dia todo pensando nele, no seu sexo, no seu toque. Senti muita falta nesse tempo que passei de resguardo.

A presença de Celso foi crucial para que eu não enlouquecesse nesse período. Aquele bebê era tudo o que eu mais queria nessa vida. Mas agora estamos aqui e precisamos seguir em frente sem ele... ou ela.

— Vamos ver uma coisa, Celso.

— O quê? — Ele sorri, enquanto dirige.

Levo minha mão ao pacote chamativo no meio das suas pernas e ele pula no banco, me fazendo rir. Apalpo, sentindo todo o seu poder ali dentro.

— Porra, Su... quer me matar?

— Olhe para frente — repreendo. — Vai bater o carro.

Celso mal me espera entrar no apartamento, já me ataca, como um lobo faminto. O homem me beija febrilmente, me fazendo gemer em meio ao beijo quente e único, somente dele.

Seus beijos descem para meu pescoço e eu penso que devo deixá-lo mais vezes sem sexo. Adoro quando ele resolve ficar febril dessa maneira, intenso e quente.

Enlouquecido, ele solta os meus cabelos e os agarra pela nuca, fazendo minha cabeça ir um pouco para o lado, dando espaço para seus beijos e chupões deliciosos. Gemo e agarro seu paletó, cravando meus dedos ali.

O puxo para cima outra vez e beijo sua boca. Celso, sem parar nosso beijo, deita comigo no chão, ficando por cima de mim. Agarro seus cabelos e encerro o beijo para encará-lo.

— No chão? — sussurro contra seus lábios.

— Já fizemos no chão antes?

— Não. — Sorrio. — Nunca.

— Então vamos ter nossa primeira vez. — Beija minha bochecha e meu queixo. — O que acha?

— Eu acho delicioso... ops! — Começo a desabotoar seu paletó. — Maravilhoso.

Ele ri, mas logo fica quieto, quando abro seu paletó, esperando que eu

termine de desabotoar sua camisa. Quando seu abdômen está exposto, passo as unhas nele até perto da sua calça, mas a pressa do safado não o deixa esperar.

Celso se ajoelha, me deixando deitada, se livra do paletó e joga a camisa longe. Depois, abre um sorriso sacana e apoia o peso do seu corpo quente sobre o meu. Sua mão sacana viaja por minha coxa, me fazendo fechar os olhos com a sensação.

— Diga quem é o seu piadista. — Beija minha bochecha e depois meu queixo.

— É você. — Abraço seu quadril com as minhas pernas.

O safado afasta minha calcinha e eu me inclino para ele, querendo que ele toque meu sexo ansioso por ele.

— Me toque, meu Rivotril. — Mordo o lábio e sorrio. — Me mostre o quanto me deseja, me mostre o quanto sentiu falta do nosso sexo.

Imediatamente, ele começa a massagear meu clitóris, me fazendo fechar os olhos com a deliciosa sensação do seu toque. Escuto seu gemido baixo e volto a abrir os olhos. Encaro seus olhos azuis e noto o quanto ele está com tesão.

Mexo meu quadril, e gemo quando ele me penetra com dois dedos. Celso morde o lábio e move os dedos dentro de mim, me fazendo contorcer em suas mãos.

— Adoro te ver assim — sussurra, rouco. — Cheia de tesão para mim.

— Me leve ao topo, então. — Beijo seu queixo. — Me faça sentir sua.

O sorriso torto que ele me dá antes de tocar o ponto sensível dentro de mim me faz estremecer. Quebrar o nosso olhar é algo que está fora de questão, ninguém cede.

— Coloque esses peitos para fora, minha tigresa. — Tira sua mão do meu sexo e me ajuda a expor meus seios para ele. — Deliciosos.

Celso abocanha meu seio direito e, com sua mão, apalpa o esquerdo, provocando meu mamilo. Gemo, sentindo meu corpo entrar em combustão.

Um beijo sacana é deixado no colo dos meus seios e ele se encaixa entre as minhas pernas, roçando seu pau duro em meu sexo. Celso geme, me torturando, e eu agarro os seus cabelos, ansiosa por seu sexo.

Os cabelos castanhos bagunçados o deixam com um ar despojado, mas ainda uma cara de menino sacana e cheio de malícia. Ao ver que sorrio,

ele avança para um beijo feroz, um beijo que suga tudo de mim.

Mexo meu quadril, me esfregando nele sem qualquer pudor e gemo contra os seus lábios. Finalmente, ele me penetra devagar e solta um gemido rouco, que me deixa ainda mais molhada.

— Puta merda. — Ele ri contra os meus lábios. — Eu senti muito a falta desse nosso abraço, Su.

— Safado gostoso.

Solto um gemido incontido quando ele inicia os movimentos em vaivém, estocando sem piedade contra o meu sexo.

— Fala para mim, baby — ronrona próximo ao meu ouvido. — Fala quem está te fodendo gostoso?

— Hmn... — gemo.

— Fala, Su.

— Você está me fodendo gostoso — O faço olhar para mim e mordisco seu lábio, provocando-o. — Você está me deixando louca.

Ele fecha os olhos e geme, me fazendo deslizar as mãos por suas costas e cravar as unhas em sua pele quente, puxando-o ainda mais para mim. Chamo seu nome baixinho e solto um gemido longo quando ele move o quadril em círculos.

Ah, eu amo quando ele faz essas coisas, vou ao céu e volto umas três vezes.

— Celso — chamo. — Vamos fazer algo.

— O quê? — pergunta, com a voz carregada de tesão.

Sorrio, sacana e o faço sair de dentro de mim. Celso fica de joelhos no chão e eu me livro de uma vez do vestido e da calcinha, antes de me deitar de bruços e o provocar com um olhar.

— Vem... sabe como gosto.

— Puta merda — xinga, me fazendo rir, e se livra da calça.

Sua mão mergulha nos meus cabelos da nuca, segurando-os firme e sua outra mão o apoia no chão, com o corpo soerguido. Celso esfrega seu membro duro em meu bumbum antes de se enterrar em mim de uma só vez, me enlouquecendo.

Recebo uma palmada forte e ele volta a segurar firme nos meus cabelos. Um beijo sacana é deixado em meu pescoço e eu gemo, sentindo meu corpo queimar por inteiro.

Celso puxa meus cabelos para o lado, tendo acesso livre à minha

orelha, para lamber e mordiscar.

— Você é deliciosa, Suzy — rosna em meu ouvido.

— Mostre-me o quanto sou — provoco.

— Quer que eu te mostre? — Mordisca meu ombro e estoca forte, me fazendo fechar os olhos e gemer. — Vou te mostrar, sua sacana.

Então ele solta os meus cabelos e volta a ficar de joelhos, mas sem sair de dentro de mim. Celso agarra minha bunda com as duas mãos e começa a, literalmente, me foder.

Mordo o lábio, realizada, e gemo. Ele sabe o quanto amo quando me pega dessa maneira, me fazendo sentir única em sua cama e em sua vida. Esse piadista safado me marcou desde o dia em que me disse aquela cantada ridícula e eu achei graça. Cada coisa mirabolante que ele fez para me conquistar, me fez amá-lo ainda mais.

Choramingo de prazer sentindo seu membro ir fundo em mim, suas mãos apertam minha carne, demonstrando todo o seu prazer. Ele geme, rouco, me fazendo olhar para trás para ver todo aquele homem delicioso, suado e todo entregue.

— Agora sabe o quanto é deliciosa? — Sorri, imerso no próximo prazer.

Apenas gemo em resposta, querendo que ele não pare nunca.

— Caralho, Suzy — geme alto. — Vou gozar.

Me seguro, querendo gozar junto com ele e gemo, sentindo meu corpo inteiro ardendo por causa da proximidade do orgasmo. Meu Rivotril chama meu nome antes de dar uma estocada final e eu me entrego ao prazer.

Meu corpo inteiro estremece, ao passo que ele se move lentamente, despejando todo o seu prazer dentro de mim. Exausta e satisfeitíssima, relaxo no chão da sala do nosso apartamento, ainda de bruços.

Lentamente, Celso se retira de dentro de mim e se joga ao meu lado no chão. Fecho os olhos, tentando normalizar minha respiração e sinto um toque em meu rosto. Volto a olhar o meu piadista safado e ele está com um sorriso sacana nos lábios. Sorrio de volta.

— Gostou desse abraço, Celso?

— Gostei. — Toca os meus lábios. — Gostei muito, tigresa.



CELSO

Fecho os olhos e lembro que tenho que contar para Suzana sobre a viagem que estou planejando, mas antes que eu possa falar, ela monta em mim, me fazendo abrir os olhos, exasperado.

— Vim beijar você, já que você não o fez.

Solto uma risada e deslizo a ponta dos meus dedos por suas costas nuas. Olho no fundo dos seus olhos verdes e me sinto feliz por não ver mais aquela tristeza que via antes.

— Tenho um convite a fazer — anuncio.

— Faça. — Ela sorri.

— Benjamim me emprestou a casa de praia dele. — Mexo as pontas dos meus dedos em círculos, fazendo sua pele arrepiar. — Quero saber se toparia ir comigo.

— Hum — pondera, sentando-se em minha barriga, muito perto do meu pau cheio de fome. — Eu e você em uma casa de praia? Qual a finalidade disso, Celso?

— Sexo, baby. — Sorrio e subo as mãos para os seus peitos. — Quero recuperar nosso tempo perdido... quero que esqueçamos um pouco dessa merda que vivemos.

— E se eu disser que topo?

— Iremos ter outro round para comemorar. — Prendo seus mamilos entre os meus dedos e ela morde o lábio.

Putá merda, Suzana é linda. Principalmente quando está descabelada e sem maquiagem, depois do nosso sexo.

— E se eu disser que não topo? — Apoia as mãos em meu peito e curva o corpo para frente, quase encostando nossos lábios.

— Teremos outro round para que eu convença você. — Pisco para ela.

— Então não tenho escolha quanto ao outro round de sexo? — Passa as unhas em meu peito.

— Exatamente.

— Então eu topo a praia. — Ela passa a língua nos meus lábios, me fazendo sorrir. — Pelo menos assim terei a praia, alguns dias fora e ainda por cima alguns orgasmos.

— Com quem aprendeu toda essa safadeza, Su? — Deslizo a mão por sua pele quente. — Não te conheci assim.

— Mentiroso. — Dá risada. — Vamos logo para o segundo round, estou louca para ter você dentro de mim outra vez.

Ela me beija, fazendo seus peitos deliciosos se esfregarem contra mim. Agarro sua bunda e faço com que ela rebole em cima do meu pau, provocando-o. Suzana geme em meio ao nosso beijo e eu chupo sua língua devagar, levando minha loira à loucura.

— Me coloque dentro, baby — peço, entre os beijos. — Não me torture mais.

— Hmn... — Se esfrega em mim. — Isso está tão gostoso... quero fazer a noite toda.

Minha Suzana se remexe em cima de mim e se prepara para me deixar entrar outra vez. Comprimo os lábios, esperando a sensação deliciosa que é ser engolido pela boceta deliciosa dela.

— Faremos... o que você quiser.

— O que eu quiser? — Me coloca dentro de sua boceta, devagar, me fazendo gemer. — Gosto disso.

— Olha lá, tigresa. — Me remexo embaixo dela. — Não me maltrate, ok?

Suzana sorri e segura em meu queixo para me beijar. Ela inicia movimentos em seu delicioso quadril, me fazendo agarrá-lo com firmeza,

querendo mais.

Ela geme baixinho e continua com suas reboladas firmes em meu pau. Deixo minhas mãos explorarem sua bunda lisinha e empinada e apalpo com vontade.

— Celso? — chama, manhosa.

— Diga, tigresa.

— Diga como sou gostosa. — A safada abre um lindo sorriso. — Diga como sou única.

— Eu não já disse? — provoco.

Suzana para de se mover e mantém meu pau dentro dela. A sacana sabe que me tortura quando faz isso.

— Eu não lembro disso.

— Posso te lembrar. — Agarro sua cintura e a faço deitar ao meu lado outra vez. — E vai ver estrelas quando o fizer.

Vou para cima dela, me aproximo da sua boca, mas não a beijo, quero torturar essa sacana. Desço para os seus peitos deliciosos e me detenho neles, chupando, apalpando e acariciando. Suas mãos adentram nos meus cabelos e ela os segura firme.

Continuo descendo por sua barriga e beijo cada canto ali, sua respiração se altera e eu ergo o olhar para encarar sua expressão sacana.

— Lembra agora? — mordisco sua pele macia.

Ela nega com a cabeça, me provocando. Desço um pouco mais e encontro sua boceta molhada e vermelhinha. Chego a salivar somente olhando para esta beleza.

— Agora vou fazer questão de te lembrar, Su. — Lambo os lábios. — O quanto você é gostosa.

— E o que vai fazer, Celso? — Enrosca as pernas, fazendo minha cabeça ficar entre elas.

— Vou te fazer gozar em minha boca. — Passo a língua em sua boceta e ela treme. — Irá ver estrelas... e quando chegar lá, vai saber o quão deliciosa você é.

Não dou tempo de Suzana responder, caio de boca em seu sexo molhado e delicioso e me perco entre lambidas e chupadas. Minha tigresa agarra meus cabelos com força e arqueia as costas, enlouquecida. Modéstia parte, eu chupo muito bem.

Sugo cada gota dela, até que se desmanche em gemidos e espasmos

em minha boca. Enquanto limpo tudo, a sacana ainda estremece, com um sorriso nos lábios.

— Agora lembra? — Volto a me encaixar entre as suas pernas e fico cara a cara com ela.

— Uhum... lembro.

— Ótimo. — Sorrio e esfrego meu pau em sua boceta. — Vamos retomar à nossa programação normal.

Suzana solta uma risadinha e eu me deito ao seu lado, puxando-a para que monte em mim outra vez. Suas mãos vêm direto para meu peito e eu fixo meu olhar em nossos sexos se encontrando de novo.

— Vamos, baby. — Subo as mãos para os seus peitos. — Foda gostoso.

E ela o faz. Deliciosamente bem e com maestria, Suzana cavalga em mim, alternando com reboladas firmes e intensas, me levando ao céu. Meu tesão chega ao pico máximo, meu corpo todo queima na expectativa de gozar outra vez. Gemo, não conseguindo mais me segurar.

— Puta merda — xingo. — Que tesão.

— Estou gozando outra vez. — Crava as unhas em meu peito. — Oh!

— Goze, baby.

Minha tigresa se desmancha em outro potente orgasmo, jogando a cabeça para trás, enquanto ainda se mexe. Estou ao ponto do gozo, vendo-a se entregar dessa maneira.

Em mais alguns movimentos experientes seus, me derramo dentro dela sem qualquer pudor. A puxo para mim, apertando-a, para aliviar a intensidade do orgasmo.

SUZANA

Ainda ouvindo Celso gemer, beijo seu pescoço, abraçada à ele. O safado me segura firme e sente junto comigo, me fazendo ficar em seu colo, de frente para ele.

Nos encaramos por alguns instantes e ele toca meu rosto, antes de avançar para um beijo. Abraço seu pescoço e me entrego ao nosso beijo, amando o momento.

— O que acha de um fim de semana? — Para o beijo para me olhar.

— O quê?

— Nossa viagem. — Passa a mão nos cabelos. — Pelo menos não precisaremos ficar fora do trabalho.

— Sim, eu prefiro.

— Essa viagem será épica, Su. — Ele sorri, sacana. — Vamos recuperar o tempo perdido.

— Sim. — Sorrio de volta. — É o que mais quero fazer... voltar a ser o que éramos.

— Já estamos voltando. — Sela nossos lábios. — Vamos ter nossa paz, baby.

Apenas assinto, ainda com o sorriso nos lábios e volto a beijá-lo. Aproveito a proximidade e enfio minhas mãos nos seus cabelos macios, que tanto amo.

— Vamos para a cama — digo entre os beijos. — Estou exausta.

— Sim. — Assente, mas me segura em seu abraço, me fazendo rir.

— Se não me soltar, não terei como ir — sussurro para ele.

— É que abraçar você é muito gostoso.

— Sim... e não quero que me solte nunca. — Solto uma breve risada.

— Mas agora precisamos ir para cama, descansar um pouco.

Por fim, ele balança a cabeça e me solta para que possamos levantar e irmos ao nosso quarto. Deixamos tudo na sala e seguimos juntos e nus.

Celso me puxa para o banheiro e eu até já sei qual a sua intenção, mas me faço. Observo enquanto ele entra no box e liga o chuveiro, me olhando, enquanto a água desliza pelo seu corpo que me levou ao prazer máximo minutos atrás.

— Não vem? — Passa as mãos no peito.

— Não. — Dou de ombros. — Te espero terminar.

— Ah, tigresa — reclama. — Vem tomar banho comigo.

— Não, senhor, não vamos mais transar.

— Que transar o quê? — Faz carinha de santo. — Te chamei para um banho.

— Eu sei — ironizo. — Você é o único que não pensa em sexo aqui, tudo eu.

— Exatamente... a taradinha que amo.

Não consigo conter a risada das suas palavras cínicas e cruzo os

braços. Estou incrédula.

— Você faz jus ao apelido de piadista que lhe dei.

— Me ofende com essas palavras. — Continua sério.

Quem vê, acredita nesse fingimento todo. Reviro os olhos e continuo observando seu banho. O safado passa a mão no pau e me olha antes de me dar as costas e entrar de vez embaixo d'água. Celso passa as mãos nos cabelos e eu sorrio por desejar tanto esse safado, mesmo depois de anos juntos.

— Gosta de ver? — pergunta. — Não prefere tocar? Venha colocar essas mãozinhas em mim, baby.

— Estou bem aqui, aliás, muito bem.

— Está difícil hoje — reclama, fazendo bico.

— Guarde esse fogo todo para o nosso fim de semana, Celso.

Abro um sorriso, faço um coque improvisado nos cabelos e saio do banheiro, nua, rebolando mais que o normal, atijando um certo piadista safado.



CELSONO

Depois de tentar atrair Suzana para um banho, mas não conseguir nada, trato de finalizar o serviço e saio do banheiro com uma toalha enrolada na cintura. Imediatamente, vejo a imagem de Suzana nua na cama, mexendo no celular.

— Tigresa?

Ela me olha e se remexe na cama, para virar-se para mim.

— Estava aqui pensando. — Vou até a cama e sento ao seu lado. — Você quer realmente investigar Ricardo?

Minha tigresa bloqueia o celular e fica séria, parece pensar.

— Sim.

— Bom, como você sabe, eu tenho algumas habilidades com computador e celular. — Dou de ombros. — Posso grampear o celular dele, se você quiser, e podemos descobrir se ele está mesmo envolvido ou não.

— Tem certeza de que pode fazer isso?

— Sim, eu mesmo grampeei o celular de Benjamim quando Lara saiu do Brasil.

— Mas você estava com Benjamim, certo? — Senta para ficar cara a cara comigo. — Como faria com Rick?

— Tenho meus meios, baby. — Sorrio e beijo seus lábios. — Mas só

farei se você quiser que eu faça.

Ela cruza os braços e fixa o olhar no meu. Seus belos olhos cheios de preocupação me fazem puxá-la para mim e abraçá-la, ainda nua.

— Faça — murmura. — Não posso passar o resto da minha vida com essa dúvida.

— Assim que voltarmos da nossa pequena viagem, eu farei. — Beijo seus lábios.

— Tudo bem. Agora eu vou tomar o meu banho — provoca e levanta da cama. — Para irmos dormir.

— Isso é ridículo — reclamo. — Eu quero trepar.

A sacana para de andar, me olha rapidamente, por sobre o ombro, e continua seu caminho até o nosso banheiro. Suzana deixa a porta aberta somente para me provocar, mas fecho os olhos e respiro fundo antes de seguir para o closet e pegar a calça de seda.

Visto a calça e volto para a cama, tentando manter meu foco e não ir até aquele banheiro. Quando Suzana liga o chuveiro, a escuto cantarolar alguma música e sorrio comigo mesmo, amando ver que minha tigresa está superando a tristeza que nos tomou nos últimos dias.

— Suuuu — chamo, deitando na cama. — Eu quero foder você.

— Espere nosso fim de semana.

O chuveiro é desligado e eu fico quieto, atendo aos sons que ela faz. De repente, ela surge na porta do banheiro, enrolada na toalha e os cabelos loiros caídos nos ombros. Puta merda, minha mulher é linda.

— Devo dormir nua? Ou devo colocar uma camisola?

— Se vier nua, tenha certeza de que não vai dormir. — Olho para ela, que sorri na porta do banheiro. — Não irei deixar você em paz.

— Vou colocar a camisola, então.

— Não seja cruel com este piadista rendido, Suzy.

— Seu drama não vai colar. — Abandona a toalha e, nua, desfila pelo quarto, procurando sua camisola. — Não quando estamos prestes a passar um fim de semana inteiro coladinhos.

— Podemos passar esta noite coladinhos, não acha?

— É ótimo. — Veste o fino tecido. — Estou com frio e dormir de conchinha será maravilhoso.

— O quê?

— Isso mesmo que ouviu, vamos dormir coladinhos.

— Mas eu disse passar a noite coladinhos — provoco. — Não disse que era dormindo.

— Desista — anuncia. — Vou dormir.

Suzana caminha até a cama e deita ao meu lado. Me aconchego nela e a envolvo com os meus braços. Apesar de todas as brincadeiras, querendo atraí-la para o sexo, eu quero que ela se sinta bem. Se prefere se resguardar, nós resguardamos.

— Boa noite, minha tigresa. — Beijo seus cabelos.

— Boa noite, meu piadista.

SUZANA

A insistência de Celso me faz sorrir, mas quando me deito ao seu lado, ele nota que falo sério e me deseja boa noite. Fico quieta, sentindo sua respiração em meu pescoço ir se acalmando.

Alcanço sua mão, que está em minha barriga e a seguro. Entrelaço nossos dedos e fico encarando a penumbra, pensando em tudo o que perdemos ao longo dos nossos anos juntos.

Penso em como enfrentei durante anos as madrugadas de pânico de Celso, em como ele odiava que eu ficasse acordada com ele. Não queria que eu lembrasse dele daquela maneira.

— Piadista — sussurro, com um sorriso nos lábios.

— Hum?

— Eu te amo.

— Vamos trepar se eu responder isso? — O sacana sorri contra meu pescoço.

Nem mesmo quando está com sono, ele esquece disso.

— Corre um sério risco de ir dormir na sala se não me responder.

Celso solta uma breve risada rouca e me puxa mais para ele.

— Eu te amo, tigresa.

Um gemido escapa dos meus lábios sem qualquer controle, sinto

mãos quentes e grandes apalpando meus seios. Um beijo sacana é deixado em minha barriga e eu sei imediatamente que não estou sonhando. Celso está me acordando com suas mãos deliciosas.

— Acorda, Su. — Mordisca minha barriga. — Temos algum tempo até a hora do trabalho.

— Deus do céu — resmungo e lhe dou um tapa. — Me deixa dormir, homem.

— Que dormir o quê? — Me encara, sorrindo. — Vamos nos divertir um pouco, baby.

— Celso Farias — tento repreender, mas o sorriso safado dele me faz sorrir também. — Te odeio.

— Vamos ver se vai odiar quando gozar.

Então, eu apenas fecho os olhos e sinto o safado vir para cima de mim, beijando meu pescoço lentamente. Levo minhas mãos aos seus cabelos macios e o safado me encara.

— Estava aqui pensando. — Beija o vão entre os meus seios. — Já que nossa viagem é amanhã, poderíamos pensar em algo legal para fazermos juntos.

— Além do sexo? — Ergo a sobrancelha, sorrindo.

— Além do sexo.

— Por que isso agora? — Franzo o cenho.

— Porque eu quero que seja bom, quero que nunca esqueça.

Sem palavras, apenas sorrio e acaricio seu rosto. Meu piadista é o homem mais romântico, não-romântico, deste mundo.

— Está rindo de mim, Su? — Faz bico.

— Você é um dramático. — Continuo dando risada. — Claro que não é de você... estou rindo por ser um fofo, fiquei sem palavras com o que me disse.

— Menos mal. — Abre um sorriso largo, se gabando. — E então, pensou em algo?

— Apenas estando com você na casa, será especial, não precisamos pensar em nada mais. — Roço minha perna na sua. — Agora me faça gozar, me provocou porque quis.

Sorrindo, o meu menino-homem coloca sua mão por baixo da minha camisola e me leva ao céu sem qualquer pudor.

Depois de me torturar até o orgasmo, saio da cama junto com ele e

nós seguimos juntos para o café da manhã. Como rápido, Celso me atrasou com toda aquela provocação.

Quando fico pronta, saímos do apartamento e ele me leva até a Editora, onde encontrarei o homem que desconfio. Ricardo é meu amigo, sempre foi, mas depois de todos esses acontecimentos, eu me fechei para ele, não sei mais lidar.

Entro em nossa sala e sou recebida com um sorriso. Ricardo levanta e vem até mim, me abraçar.

— Como está hoje?

— Bem. — Tento sorrir. — Ainda me sinto mal pelo meu bebê, mas estou seguindo.

Uso minha dor para fazê-lo sentir que estou mal, que meu bebê era o meu mundinho e eu o queria muito. Se ele realmente fez isso, não o perderei nunca. Ricardo assente, parece realmente tocado.

— Me sinto culpado, Suzy.

Sinto meu coração congelar e depois voltar a bater com tanta força, que mal cabe em meu peito.

— Por... Por quê?

— Eu te avisei de Raquel, mas não protegi você, entende? — Segura minhas mãos e nós caminhamos juntos até minha mesa. — Quando você mais precisou, eu não estava lá.

— Você não teria como saber.

Meu amigo abaixa a cabeça, depois de assentir e eu respiro fundo. Celso me disse para ter cuidado e para não deixar nada transparecer, ele vai grampear o celular de Ricardo depois da nossa viagem, então nada pode dar errado.

— Sabe o que estão dizendo? — Me olha.

— O quê?

— Que Raquel está morta... será que isso é verdade? Ela sumiu daqui da Editora.

Fixo meu olhar no de Ricardo e penso em Celso, no dia que ele me contou que havia matado a vagabunda.

— E o que você acha? — Dou de ombros.

— Que ela deu um calote na Editora. — Ele sorri. — Nem mesmo o marido dela apareceu para dar satisfações.

— Bom, não sei e não quero mais falar sobre isso. Quanto menos eu

falar de Raquel, melhor, sim?

— Claro, Suzy, como quiser. Nem deveríamos falar essas coisas aqui.

— Ótimo. — Sorrio, sem ânimo. — Vamos ao trabalho.



CELSO

Estou em minha sala na SQUAD, quando Felipe entra, com um sorriso que vai de canto a canto nessa cara de rabo que ele tem.

— Ei, puto! Soube que vai fazer uma viagem de lua de mel antecipada. — Senta na cadeira em frente à minha mesa.

— É. — Dou de ombros. — Quero recomeçar com Suzana.

— Que coisa boa, finalmente!

Dou risada e ele me acompanha. Então, eu lembro da vizinha dele, a tal Vanessa que nunca conhecemos e ele nunca se aprofunda sobre ela.

— Ei? Vem cá, me conta dessa vizinha.

— O que tem ela? — Parece nervoso.

— Ué? Quero saber se já tiveram alguma coisa, se isso vai pra frente mesmo...

— Ter, nós já tivemos, mas aquele caso é complicado, Celso. — Fica sério. — Muito complicado. Estamos afastados faz um tempo.

Franzo o cenho. Felipe sério? Coisa boa não é. Fico quieto, esperando ele falar.

— Busquei ajuda com Lara, mas é difícil... Vanessa tem traumas horríveis. — Dá de ombros. — Provavelmente nem vou chegar a conquistar de verdade.

— Que desânimo é esse? Não te conheço assim, minha putinha.

— Penso que poderia ajudá-la, mas ela não me deixa chegar perto... não me deixa ser o homem dela.

— Se acha que vale à pena, se acha que é ela. — Sorrio. — Vá, puto. Se eu não tivesse corrido atrás de Suzana, hoje eu não seria a porra do homem que sou... ela lutou comigo, Felipe, nunca me abandonou e hoje eu sou um homem melhor.

— Não disse que ia desistir. — O sacana sorri. — Só falei que talvez nem chegue a nada sério, mas não quero desistir. Eu sinto algo forte por Vanessa, aquele jeitinho desprotegido dela... quero aquela mulher para mim, mesmo que ela se afaste de mim de todas as maneiras possíveis.

— Isso é bom. Deveria trazer ela e apresentar pra gente.

— Quando for a hora. — Se coloca de pé, ainda sorrindo. — Boa sorte na viagem. Aproveitem.

— Iremos, obrigado.

Saio de trás da minha mesa e abraço Felipe antes de ele deixar minha sala. Penso em Suzana e sorrio comigo mesmo, sabendo que ela vai amar a surpresa que tenho para esse fim de semana.

Eu disse que queria algo especial e farei para ela.

— Está pronta? — Entro no quarto e a vejo fechando a mala.

— Sim. — Ela me olha e sorri.

— Então vamos, baby.

Estendo a mão para ela e a sacana entrelaça nossos dedos. Com a mão livre, coloco a mala no chão e começo a puxá-la quando nos dirigimos à saída do apartamento.

— Você já visitou essa casa do Benjamim?

— Não. Acho que Manoel fechou a casa após a morte de Isabel.

— Entendi. É triste, não?

— O quê? — Fecho a porta do apartamento.

— Viver o resto da vida em função de uma empresa e terminar daquele jeito. — Dá de ombros. — É triste.

— Sim, é muito triste — confesso. — Mas ele fez coisas, Su, ele causou danos irreparáveis a Benjamim e a Felipe.

— Lara conversou comigo sobre esse segredo que Benjamim guarda.
— Me olha, séria. — Você sabe de alguma coisa?

— Não — minto. — Não muito.

Entramos no elevador.

— Está mentindo. — Me dá um tapa com a mão livre e sorri. — Só vou deixar pra lá por causa da nossa viagem.

— Obrigado.

Pisco para ela e olho para o painel, passando os números dos andares. Minha loira fica quieta, deve estar gastando os poucos parafusos para pensar em algo sobre o segredo da família Monteiro.

Ao chegarmos na garagem, vamos em silêncio até o carro e eu coloco a mala no banco de trás antes de tomar meu lugar no carro. Olho para Suzana e ela está me observando com um sorrisinho sacana nos lábios.

Sorrio de volta e toco o bolso da calça, me certificando de que a surpresa está ali.

— Diga, Su? — Me faço.

— Isso aí no seu bolso é o tesão pela viagem ou algo que está me escondendo? — Ela cruza os braços, completamente séria.

Caio na risada e trato de colocar o cinto. Depois, me estico, beijo seu rosto e ligo o carro sem responder a pergunta. Sei que fica louca de curiosidade, mas logo vai saber o que é.

— Me responde.

— É o tesão, baby. — Pisco para ela, provocando sua ira.

— Mentiroso — rebate.

Sem dizer mais nada, saio com o carro, dando início ao final de semana inesquecível que teremos.

SUZANA

Quando Celso estaciona o carro, não espero nem um segundo mais. Desço e estico as costas, que estão me matando por causa do tempo da viagem.

Olho ao redor e contemplo os jardins e a frente da casa. É linda. A madeira e o vidro da estrutura contrastam e deixam tudo muito lindo. A brisa

que esvoaça nossos cabelos tem o cheirinho do mar. Me sinto realizada de repente.

— Gostou, baby?

Abro os olhos para encarar Celso, que já tem a mala consigo.

— Sim, muito. Estava mesmo precisando.

— Estávamos. — Me dá um selinho. — Vamos entrar.

Acompanho Celso para dentro da casa e me surpreendo com a organização e beleza dentro dela. Todos os móveis são em madeira, o que a deixam com um ar rústico, mas elegante.

Perto da lareira, na sala, há uma estante repleta de livros. Hipnotizada, solto a mão de Celso e sigo até lá. Olho os nomes dos autores e me impressiono com as riquezas ali presentes.

— Dá pra acreditar que esses livros estão abandonados aqui? — Olho para Celso antes de pegar um livro do Harold Hobbins.

— Se soubesse que os livros antigos da família Monteiro fossem ter mais atenção do que eu — faz drama. — Teria pedido a Benjamim para tirá-los.

— Você é ridículo. — Sorrio e devolvo o livro à estante.

Olho ao redor e aprovo tudo, está em perfeito estado.

— A ideia de deixar os livros aí foi de Lara — começa. — Disse que você iria gostar.

— Lara é maravilhosa. — Sorrio. — Me conhece como a palma da mão.

— Vamos lá para cima, quero tirar essa roupa e depois comer alguma coisa. — Beija meu rosto e pescoço. — De preferência, você.

Apenas sorrio, abraço sua cintura e nós subimos juntos as escadas para o andar de cima. O amplo corredor com três quartos me faz imaginar toda a família Monteiro aqui quando Isabel era viva, sempre ouvi dizer que ela era a alegria da família. Assim como Felipe é hoje.

Seguimos para o último quarto do corredor e, ao abrir a porta, me deparo com um quarto amplo de casal. A cama está forrada com um lençol branco e o cheiro de limpeza paira no ar.

Sigo até as cortinas pesadas e escuras e quando as abro, me impressiono ao ver portas de vidro que dão para uma sacada com a vista para o mar e para os jardins da casa. Duas cadeiras e uma mesinha estão decorando lindamente a varanda.

Me sinto em outro mundo.

— Venha, tigresa. — Me abraça por trás e deixa beijos atrevidos pelo meu pescoço. — Coloque um biquíni, vamos aproveitar o restinho da tarde.

— Hmn... — gemo. — Vamos, o dia está lindo hoje.

Sigo na frente dele, rebolando e me livrando das minhas roupas até chegar na mala somente de calcinha e sutiã. Escuto quando ele solta uma risada baixa e espera que eu pegue meu biquíni para vir até a mala.

Entro no banheiro e sorrio ao ver tudo perfeitamente organizado. Lara tem o dedo nisso. Não, dedo não, a mão inteira. Rapidamente coloco o biquíni preto e saio do banheiro para encontrar Celso se exibindo pelo quarto, usando sua sunga azul.

— À piscina? — pergunta.

— À piscina.

Celso corre em minha direção, mas sou mais rápida e saio em sua frente, desço as escadas como foguete e saio no terraço, dando risada.

— Não tem como fugir de mim, Su — diz, ao se aproximar, ofegante. — Sabe que vou te pegar.

Vou até a piscina e sento-me no deque, com os pés dentro da água. De repente, Celso pula na piscina, me assustando. Observo o safado nadar, se exibindo para mim, que finjo não ver.

Quando chega perto de mim, se apoia nas minhas pernas para aproximar o rosto do meu. Lhe dou um beijo e ele se aquieta dentro da água.

— A água está uma delícia, vem.

Antes que eu possa responder, ele me puxa e eu caio com tudo na água. Envolvero seu pescoço com os meus braços e sorrio.

— A água está um gelo — reclamo. — Estava me acostumando para entrar.

— Já entrou, baby... descompliquei para você. — Beija meus lábios e sorri. — Agora descomplique para mim, me deixe foder você bem aqui nessa piscina.

— E por que eu deveria?

— Para começarmos o fim de semana com o pé direito.

Ah, merda! Eu ainda me derreto toda com esse sorriso e com essa carinha de anjo. Esse fim de semana irá me render ficar sem sentar.

Vendo que apenas sorrio, ele avança para um beijo. Lento, molhado, apaixonado e sem qualquer restrição. Gemo em sua boca e me esfrego nele

antes de enroscar minhas pernas em seu quadril.
Esse fim de semana só começou.

Capítulo 33



CELSONO

Fecho os olhos quando ela se esfrega em mim e sorrio. Suzana me solta e se coloca de pé em minha frente, desce a mão pelo meu peito e alcança minha sunga. Ela enfia a mão por dentro do tecido molhado para me masturbar.

— Por que a gente não fica pelado logo? — Levo as mãos aos seus peitos por sobre biquíni.

— Não. — Ela sorri. — Nada de pressa.

— Me deixe, pelo menos, ver esses peitos, sim?

Com uma carinha sacana, ela morde o lábio e assente. Apressado, levo as mãos à atadura em seu pescoço e puxo a ponta para desfazer o laço. Desço as mãos por suas costas até encontrar a outra ponta e soltá-la.

Jogo o pequeno tecido no deque e me concentro nos peitos deliciosos que tenho em minha frente. Chego a salivar somente em vê-los, enquanto ela me masturba e faz questão de apertar a cabeça do meu pau.

— Não vejo a hora de te comer bem gostoso. — Aperto seus mamilos entre os meus dedos e ela geme. — Aqui ao ar livre.

Minha tigresa sorri para mim e abaixa minha sunga de uma só vez. Sorrio de volta e a faço se agarrar em mim para que eu a suspenda. Afasto seu biquíni e me esfrego em sua boceta, suas mãos passeiam em meu pescoço

e nuca e seu olhar não desvia do meu.

Penetro Suzana devagar, apreciando a sensação de ser engolido por sua boceta quente. Ela geme baixinho e cola a testa na minha, o olhar dela me instiga, mas me contendo.

Quando estou nela até o talo, ela se apoia nos meus ombros e rebola em mim. A observo e fico completamente hipnotizado ao vê-la. Seus cabelos molhados, grudados em sua pele, seu sorriso enquanto me encara, seus movimentos precisos. Tudo nela me leva à loucura.

Fico imóvel quando ela se aproxima do meu ouvido e mordisca minha pele.

— Me foda, Celso — sussurra. — Do jeito que só você sabe e que me deixa louca.

Sorrindo, caminho com ela até que suas costas estejam apoiadas na piscina. Me apoio e vejo seu sorriso se transformar em gemidos quando começo a fodê-la forte e duro.

A água se agita ao nosso redor e eu não seguro um gemido. Meu corpo arde de tesão, ansiando por mais. Agarro sua bunda com força, cravando meus dedos em sua carne e, sem qualquer piedade, entro e saio dela. Suzana geme alto e se agarra em mim com força.

— Fala pra mim, Suzy — rosno contra seu rosto. — Fala quem está fodendo gostoso, fala?

— Awn — geme, agarrando meus cabelos e pressionando seus peitos contra mim. — É você. Somente você.

— Puta merda — xingo. — Que gostosa.

Suzana joga a cabeça para trás e eu me aproveito do seu pescoço ao meu dispor. Beijo, mordisco e lambo com vontade, fazendo sua pele arrepiar.

— Oh. — Crava as unhas nas minhas costas e abaixa a cabeça, apoiando a testa em meu ombro. — Não pare, não pare.

A envolvo com meu braço e com a mão livre, me agarro ao deque da piscina para tornar os movimentos mais precisos, fodendo duro e sem qualquer piedade. Solto um gemido, sentindo que não aguentarei por muito tempo e me seguro, querendo vê-la gozar primeiro.

Nossos corpos esquentam dentro da água fria, tê-la contra mim é intenso, quente e sempre é diferente. Suzana sabe como nunca nos deixar cair na rotina.

Escuto quando ela xinga baixinho e sinto minhas costas ardendo por

causa dos seus arranhões. Ela começa a contrair o corpo em mim e eu enlouqueço.

— Olhe para mim, Suzy. — Meu tom é uma ordem. — Olhe nos meus olhos.

Suzana ergue a cabeça e fixa o olhar no meu. Seus belos olhos demonstram todo o seu tesão e seus gemidos sacanas me provocam como nada neste mundo.

Seguro o meu gozo e meu pau chega a doer no desespero pelo ápice. Gemo para ela e a seguro com força contra mim. Suzana contrai o corpo e geme alto, mas não desvia o olhar de mim, como mandei.

Sem aguentar mais, me libero dentro dela urrando como um louco. Ofegando e exausto, colo minha testa na dela e sinto sua respiração se chocar contra meu rosto.

De repente, ela começa a rir e me beija. Retribuo seu beijo atrevido e tomo as rédeas, controlando nossos movimentos. Encerro o beijo chupando sua língua e olho para ela, que tem as bochechas rosadas.

— Agora sim começamos o nosso fim de semana. — Saio de dentro dela e a coloco de pé. — Me espere aqui, sim? Vou buscar algo para tomarmos. O que quer beber?

— O que temos para beber?

— Caprichei com Benjamim em whisky, vodka... — Pisco para ela. — Quer que prepare algum drink para você?

— Hum. — Ela abre um sorriso lindo e apoia os braços no deque para suspender o próprio corpo e sentar à beira. — Me mimando?

Observo enquanto ela pega a parte de cima do biquíni e a coloca outra vez. Saio da piscina também e sento ao seu lado.

— Tratando a minha tigresa como ela merece.

Ela nega com a cabeça e me olha de soslaio, ainda sorrindo e arruma os peitos deliciosos dentro de pequeno tecido.

— Por mim tudo bem. — Suzana levanta e se dirige à espreguiçadeira. — Não tente me embriagar, entendeu?

— Eu? — me faço. — Claro que não.

Chego perto, me curvo e beijo seus lábios antes de entrar na casa para preparar o drink da minha Suzana.

SUZANA

Escuto quando o piadista se aproxima e abro os olhos, ele coloca sobre a pequena mesa ao lado da espreguiçadeira um copo com o drink que entrou para preparar. O morango encaixado na borda do copo me faz sorrir com o cuidado que ele teve. Sento-me e pego o copo.

— Está bonito — elogio e aproximo o canudo dos lábios. — Vamos ver se esse barman é bom mesmo.

— Sou todo bom, tigresa.

Sugo um pouco da bebida e sorrio, apreciando o sabor do álcool misturado aos ingredientes do drink.

— Muito bom.

Com um sorriso convencido nos lábios, ele se recosta na espreguiçadeira perto da minha e pega seu copo com whisky.

— Eu disse que sou todo bom. — Dá um gole na bebida. — Não disse?

— Uhum.

Sugo mais um pouco do líquido do copo e analiso todo o corpo de Celso relaxado na cadeira. Lambo os lábios e sorrio.

— Tire a sunga, Celso.

Ele quase engasga com o meu pedido e me olha, incrédulo.

— Tire. — Fico de pé e vou até ele.

— Agora, baby.

Sorrio outra vez quando o vejo livrar-se da sunga e expor seu pau para mim. Ele volta a sentar na espreguiçadeira e eu me ajoelho entre as suas pernas. Me arrumo ali até ficar deitada entre as suas pernas e cara a cara com seu pau.

— Ainda vai me matar do coração, Su.

— É melhor aguentar — provoco com um olhar completamente sacana. — Porque temos um fim de semana inteiro para curtir.

Seguro seu membro e o trago à boca, o masturbando e chupando a cabeça. Circulo a língua nela, sem tirar os olhos das reações dele e me delicio com o gemido rouco que ele solta.

O coloco um pouco mais em minha boca e o vejo segurar com força no apoio para os braços da cadeira. Solto seu membro e continuo chupando

sem a ajuda das mãos. Passo as unhas em suas coxas e vejo sua pele arrepiar.

— Hmn... — geme. — Porra, Su, chupa gostoso. Engole ele todo.

Gemo com ele na boca e sugo com força antes de soltá-lo. O membro cai, ereto, para o lado e eu abaixo um pouco a cabeça para alcançar suas bolas. Sugo com vontade uma delas e ele geme alto, todo entregue.

Ele chama meu nome baixinho e segura com mais força na cadeira. Continuo empenhada em lamber e sugar tudo dele, adorando ver suas reações. Subo com a língua de volta para o seu pau e beijo levemente toda a sua extensão até encontrar novamente a cabeça rosada e lamber descaradamente.

— Estou gozando, Su — geme. — Me deixa gozar na sua boca.

Lhe respondo apenas com um olhar e me empenho em chupar forte, estimulando-o a gozar em minha boca. Celso geme outra vez e eu me delicio com o som erótico e selvagem.

— Segure, Celso — ordeno, com um sorriso malvado nos lábios. — Não goze.

— Puta merda! Su!

Ele tenta se esquivar quando sugo sua glândula ainda mais forte e estimo suas bolas com a mão. Celso está enlouquecendo e sabe o que acontece quando estou me divertindo assim.

— Hmn... Suzy.

— Não goze, Celso.

Começo a masturbá-lo mais firme e me concentro em lamber indiscretamente sua glândula em um ritmo fixo, querendo exatamente o contrário da minha ordem, para tortura-lo. De repente, ele estremece, chama meu nome e goza em minha boca, se liberando em jatos quentes e espessos.

— Eu queria te chupar mais. — Lhe olho, sacana. — Uma pena para você.

O busto de Celso sobe e desce freneticamente, gotas de suor escorrem pelo seu rosto e pelo seu peito. Sorrio e caio de boca nele outra vez, torturando o sacana, que segura minha cabeça, se contorcendo sob os meus poderes.

— Su — geme. — Caralho.

Antes que eu possa continuar com a tortura, ele me puxa para cima dele pelos braços e me prende em seus braços fortes e suados.

— Nada de me torturar, baby.

— Era só um pouquinho. — Sorrio e lambo os lábios. — Estava delicioso.

Celso me beija rapidamente e me solta. Saio de cima dele e busco pelo meu drink, deliciada. Ando em direção à piscina e mergulho sem sequer olhar para trás. Quando volto à tona, passo as mãos nos cabelos e sorrio.

— Não vem?

— Estou respirando um pouco. — Ele sorri e dá um gole no whisky.
— Me deixe observar você.

— Está com medo de mim, piadista? — Apoio os braços no deque da piscina e apoio meu queixo neles. — Não vou fazer nada, prometo.

— Não é você, baby, sou eu — faz drama e sorri. — Vou beber um pouco e já acompanho você aí.

— Tudo bem.

Volto a mergulhar e me desloco para a outra extremidade da piscina. Chegando nela, olho para Celso e noto que ele me observa, deve estar pensando em alguma coisa, essa cara de safado não me engana.

— Fique aí. — Se coloca de pé e veste sua sunga azul de volta. — Vou buscar o celular, quero tirar algumas fotos suas.

— Minhas? Não invente moda — alteio a voz quando o vejo entrando na casa. — Celso!

Fico esperando e, ao vê-lo voltar de dentro de casa com o celular na mão, sorrio, mas logo franzo o cenho quando o vejo com a mão livre atrás das costas.

— O que tem aí?

— Venha aqui, baby. — Ele sorri. — Tenho algo para você.

O safado sabe o quanto gosto de surpresas e fica fazendo esses joguinhos. Começo a nadar até ele e escuto os cliques das fotos.

— Quer parar? — reclamo.

Vejo quando ele coloca o celular na mesinha, ao lado do seu copo e junta as duas mãos para trás. Saio rapidamente da piscina e paro em sua frente.

— Já estou aqui. — Sorrio, espremendo os cabelos. — Pode me dizer o que está escondendo?

Ele estende as duas mãos em punho para mim e sorri, parece nervoso.

— É sério? — Sorrio e largo os cabelos.

Pondero antes de tocar sua mão direita. Ele a abre, mas não tem nada

ali. Bato o pé e o vejo sorrir, vitorioso. Celso olha ao redor e busca uma flor do jardim antes de voltar para mim e se colocar em minha frente.

O homem treme e isso me faz ficar séria. Será mesmo o que estou pensando?

— Suzana Medeiros. — Abre a mão, revelando um lindo anel dourado com uma pedra de brilhante delicada em cima. — Estou aqui hoje para fazer um pedido que me faz ficar nervoso pra caralho... passamos muita coisa juntos, você me apoiou em exatamente tudo o que passei, sempre estive ao meu lado e eu quero fazer certo com você agora.

Minha boca se entreabre, estou perplexa com isso. Jamais esperaria uma coisa dessas vinda dele e ainda mais agora, depois de tudo o que passamos.

— O que eu quero saber é se você aceitaria se tornar a minha esposa? Você aceita se tornar Suzana Farias? Se tornar, finalmente, minha?

Abro um sorriso largo e lhe dou um tapa no braço, espantando-o. Depois, me joga em seus braços e o aperto contra mim, emocionada.

— Pensei que eu tivesse que pedir, seu piadista safado.

Capítulo 34



CELSONO

Quando ela se joga nos meus braços, eu a abraço forte e finalmente posso relaxar. Suzana sorri, toda feliz e eu sorrio também.

— Me perdoe por ter demorado tanto — sussurro.

— Está tudo bem. — Ela me solta para me olhar nos olhos. — Eu disse que só iria aceitar se você realmente quisesse.

Estendo a flor para ela e o sorriso que minha Suzana abre é a coisa mais maravilhosa que já vi na vida. Eu realmente a fiz feliz agora, como prometi que faria.

— Me dê sua mão direita — peço.

Quando ela me estende a mão, encaixo o anel em seu dedo anelar e o admiro em sua mão antes de olhar em seus olhos. Aperto sua mão na minha e a trago até meu peito, fazendo-a espalmá-la ali.

— Não estou dando a você somente um anel, Su, estou dando a você meu coração e minha vida. Superei tudo por causa de você, por causa da paciência que teve comigo e com meus ataques de pânico, era o mínimo que poderia fazer.

— Se sua intenção era me fazer chorar, está falhando — mente descaradamente.

— E o que é isso escorrendo pelo seu rosto, baby? — brinco.

— É água da piscina. — Funga. — Seu convencido.

— Sei que se eu provar isso aí, vai ser salgado, não me faça fazer o teste.

Ela revira os olhos e me ataca, me beijando, toda ferosa. Retribuo seu beijo e a abraço, mantendo-a presa à mim. Depois me solta e morde o lábio, tentando conter o riso.

— Eu te amo, meu piadista.

— Pode dizer de isso de novo?

— Eu te amo.

— Acho que ainda não ouvi. — Pisco para ela.

Suzana coloca seus braços ao redor do meu pescoço e deixa nossos rostos muito próximos.

— Te amo, te amo e te amo. Ouviu agora?

— Ouvi. — Sorrio. — Eu também te amo.

— Bom. — Me dá um selinho. — Agora vamos entrar, precisamos preparar algo para jantarmos.

— Apoiada. — Recolho os copos e a acompanho para dentro da casa.

— Comer você deu uma fome desgraçada.

— Para de graça. — Ela ri.

Quando chegamos na cozinha, ela começa a abrir os armários, em busca de algo. Sento no banco mais elevado do balcão do meio da cozinha e a observo caminhar livremente, de biquíni.

— Eu poderia te olhar o dia todo — digo, quebrando o silêncio. — Ainda mais agora, usando o anel.

Ela para, me olha e recosta-se no balcão, sorrindo.

— É mesmo? E quem vai me ajudar a fazer a comida? — Cruza os braços. — Pode levantar essa bunda preguiçosa da cadeira, que me elogiar não vai dar em nada hoje.

— Porra, Su, me decepcionou — finjo tristeza e levanto do banco. — Te pedi em casamento, te elogiei e me trata assim?

— Vou tratar você melhor na cama — sussurra, sedutora.

Quando vou alcançar seus lábios, ela desvia e abre um sorriso torto. Malvada.

— Nosso jantar, estou com fome.

— Tá. — Bufo e reviro os olhos. — Precisa de ajuda?

— Só abra um vinho para nós. — Me dá as costas e vai até a

geladeira. — Trouxeram vinho, certo?

— Claro, baby. Vamos nos embriagar?

— Vamos comemorar.

Sigo até a despensa, onde estão as bebidas e os mantimentos para o fim de semana e pego o vinho. Volto para a cozinha e já vejo Suzy empenhada em cortar algumas verduras e legumes.

— O que vai fazer? — Paro ao seu lado para pegar o saca-rolhas na gaveta.

— Atum ao forno. — Ela sorri. — Sei que gosta, por isso pedi que abrisse o vinho.

Puxo a rolha e sorrio para ela, que volta a se concentrar no que está fazendo. Pego duas taças no armário e sirvo ambas. Bebo um gole do vinho e aprecio seu sabor. Perfeito.

— Aqui, baby. — Coloco a taça ao seu lado e beijo seu ombro. — Experimente.

Ela prova e lambe os lábios, antes se sorrir e balançar a cabeça, aprovando.

Bebo mais um gole do vinho e olho para ela, que analisa toda a estante da sala. De repente, ela parece lembrar de algo e vai correndo em direção à cozinha.

— Celso! — Ouço a voz dela. — Está pronto... e lindo!

— Estou indo, tigresa.

Pego a minha taça e a dela e sigo para a cozinha. O cheiro da comida que ela preparou me atinge em cheio e minha barriga me dá sinais de que precisa urgentemente daquilo.

Coloco nossas taças no balcão central da cozinha e sento-me quando vejo Suzana colocar a travessa com cuidado em minha frente. A comida cheirosa fuma e eu lambo os lábios só de lembrar o quanto esse prato que ela prepara é maravilhoso.

Suzana senta ao meu lado e faz um sinal para que eu me sirva primeiro. Sorrio e o faço, coloco a comida em meu prato e observo enquanto ela faz o mesmo com o dela.

— Antes de qualquer coisa — diz, pegando sua taça. — Eu quero

brindar à nós, que vencemos tudo juntos.

— Um brinde, então. — Pego minha taça e toco na dela. — À nós.

Bebemos um breve gole do vinho e nos encaramos por alguns instantes, antes de começarmos a comer. Provo a comida e fecho os olhos, me deliciando com o sabor.

— Está delicioso — afirmo.

Ela apenas sorri e eu penso um pouco.

— Amanhã podemos dar uma volta na praia, o que acha? — pergunto, como quem não quer nada.

— Por mim, ótimo.

.. DIA SEGUINTE ..

SUZANA

Sou despertada com beijos sacanas em meu pescoço e um corpo quente me puxando para ele. Puxo o lençol, querendo voltar a dormir e escuto a risada do safado.

— Vou te derrubar dessa cama se não me deixar dormir agora mesmo — resmungo.

— Vamos, baby, não seja brava. — Beija meu pescoço outra vez. — Vamos à praia, lembra?

— Não mais. — Lhe dou uma cotovelada. — Quero dormir.

— Vamos, Su, pegar um sol.

— Tudo bem. — Solto o ar e tiro o lençol de cima de mim. — Vou tomar um banho.

Saio da cama em direção à nossa mala e finjo não ouvir o safado assobiar para mim.

— Coloque aquele biquíni azul que adoro.

Olho para ele e ergo as sobrancelhas antes de sorrir e negar com a cabeça.

— Vamos, Suzy, sabe que eu amo aquele paninho em você.

— Paninho? — Faço cara feia.

— Para de cara feia, tigresa. — O safado sorri e pisca para mim. —

Vai lá colocar, vai? Fica tão gostosa com ele.

Entro no banheiro e tranco a porta somente para ouvir Celso implorando para entrar depois. Tomo um banho rápido e finjo não ouvir o safado batendo à porta, me chamando de vingativa. Quando saio do banheiro, vestindo apenas meu biquíni, o que ele me pediu para usar, ele sorri e vem até mim.

— É disso que estou falando, Suzy. — Me puxa para ele e dá uma palmada em minha bunda. — Você deveria desfilar assim em casa mais vezes.

Sorrio e o afasto, para seguir de volta para a nossa mala. Depois, sigo até a porta e, antes de sair, olho para ele.

— Não demore.

Saio, batendo a porta atrás de mim e sigo calmamente pelo corredor do andar de cima. Fecho os olhos e sorrio comigo mesma, realizada por estar aqui com Celso, podendo nos encaixar outra vez.

Desço as escadas preguiçosamente e sigo para a cozinha, afim de preparar nosso café da manhã. Lavo algumas frutas e corto outras, depois sento-me e começo a comer.

Não demora para que eu ouça os passos de Celso pela escada e o vejo surgir na cozinha, usando somente uma bermuda. Ele sorri, vem até mim e beija meus cabelos antes de sentar ao meu lado ao balcão.

— Está linda essa manhã — elogia, com um sorriso sacana nos lábios.
— Algo a deixou mais alegre?

— Como o quê?

— Como um pedido de casamento? — se gaba.

— Palhaço.

O vejo pegar uma das frutas começar a comer. Com a mão livre, ele segura a minha mão a qual está o anel que me deu. Um beijo é deixado ali e ele fixa os olhos azuis sacanas em mim.

— O que foi?

— Apenas admirando sua beleza exorbitante — bajula.

— Ah? — Ergo as sobrancelhas. — Me engana que eu gosto. O que quer?

— Como assim o que eu quero? — Beija meu pescoço e sobe para lambe minha orelha lentamente. — Comer você até não conseguir mais ficar de pé.

— Não íamos à praia?

— E vamos.

— Não vou transar com você na praia — decreto. — Nem pense nisso.

— Eu disse alguma coisa? — se faz de santo. — Estou aqui apenas afirmando o que quero fazer, não disse onde faria... apesar de ser algo tentador.

O safado pisca para mim e solta minha mão para voltar a comer. Nego com a cabeça e também volto a comer. Depois de terminarmos, ele se oferece para me ajudar com a louça e eu deixo. Guardo tudo e depois, seguimos para o quarto novamente para terminarmos com nossas higiênes antes de sairmos.

Coloco uma saída de banho preta e passo protetor, enquanto ele se apronta no banheiro. Ao sair, o sacana vem até mim e me abraça por trás, beijando meu pescoço, enquanto passo protetor solar nos braços.

— Vamos?

Sento-me na areia e fecho os olhos, respirando a brisa do mar, relaxando meu corpo. Ouço quando Celso senta ao meu lado e solta o ar dos seus pulmões.

— Estávamos mesmo precisando disso, não? — pergunta.

Abro apenas um dos olhos para olhá-lo e sorrio, assentindo lentamente.

— Sinto que finalmente estou conseguindo pensar em mim um pouco. Pensar no que quero.

Escuto o clique de uma foto e abro os olhos para encarar a câmera do celular de Celso virada para mim.

— O que pensa que está fazendo?

— Guardando uma recordação de como fica linda assim.

— Assim como? — Ergo uma sobrancelha, curiosa.

— Relaxada.

Reviro os olhos e volto a fechá-los, jogando os cabelos para trás, deixando-os esvoaçar com o vento. Sinto um beijo em meu rosto e sorrio.

— Estou indo tomar um banho, não vai?

— Já chego lá — afirmo.

— Não demore, tigresa.

Observo Celso retirar sua bermuda e colocá-la perto de mim junto com seu celular. Ele sorri e me dá as costas para ir em direção à água. Fico hipnotizada, vendo-o atirar-se à água e nadar como um verdadeiro profissional.

Penso em como seria épico transarmos lá dentro do mar.

Merda, o que estou pensando? Disse a ele que não transaríamos no mar e não vai acontecer. Vou tratar de guardar meu fogo para quando estivermos em casa.

Levanto-me, bato a areia grudada em mim, retiro a saída de banho e sigo para a água. Vejo quando ele para e me observa. Preciso me segurar para não atacá-lo e abusar daquele corpo delicioso.

Entro na água e ele vem ao meu encontro, para me puxar mais para dentro. Agarro seu braço e o acompanho, ouvindo o quanto a água está deliciosa. Ele passa as mãos nos cabelos quando paramos no lugar que ele sugere e o safado traz as mãos à minha cintura, sorrateiro.

Envolvo seu pescoço com os meus braços e colo seu peito no meu. Ele fixa o olhar no meu e fica me olhando por um bom tempo. Por fim, avanço para beijar os lábios macios e quentes dele.

— Está gostando da viagem? Está feliz?

— Sim, eu estou — confesso. — Estou muito feliz por nós e principalmente por você ter superado tudo. Achei que conviveria com suas crises de pânico para sempre... e estava pronta para isso.

— Me curei daquilo tudo, Su. Devo isso a você e ao nosso pequeno anjo, que foi tirado de nós.

Comprimo os lábios, controlando as lágrimas. Não quero mais chorar pelo meu bebê, quero ter ele na memória como algo bom que passou em minha vida e precisou ir.

— Agora sorria, tigresa, viemos nos divertir e esquecer toda aquela merda que nos aconteceu. — Beija a ponta do meu nariz. — E além do mais, eu quero comer você outra vez.

Dou risada da sinceridade dele sendo confessada baixinho porque uma senhora entrou no mar e se estabeleceu perto de nós. Olho para a areia e vejo crianças correndo e brincando.

— Acha que vai demorar para o nosso estar assim?

— Se depender de mim, não — sussurra. — Vou dar mais uns

mergulhos para irmos logo tratar desse assunto em casa.

Sorrio quando ele me solta e se afasta de mim, nadando. Volto a olhar para as crianças correndo e sorrindo e acabo sorrindo também. Como alguém pode sequer dizer que não ama um filho? Não vi o meu, mas meu coração se despedaçou quando o perdi. Uma parte de mim foi junto.

Sou surpreendida com um beijo no rosto e viro-me para encarar Celso completamente molhado e sério. Ele me puxa para si e envolve meus ombros com o braço.

— O que foi? — FRANZO o cenho. — Algum bicho mordeu você quando mergulhou?

— Não — resmunga. — Tem um idiota ali olhando para você.

Abro um sorriso largo por vê-lo com ciúmes e sua cara emburrada se intensifica. O abraço de volta e começamos a andar em direção à areia.

— Mas por que está bravo? Eu nem vi aquele homem.

— Porra, você é bonita demais — bufa. — Vou começar a vestir você com uma burca, como Ben quis fazer com Lara. Me arrependi de ter pedido pelo paninho.

— Você é ridículo. — Dou risada. — Não precisa de nada disso, nós amamos vocês... não importa o que aconteça.

— Eu sei disso, mas não quero que fiquem vendo minha mulher.

— Para de bobagem. Eu sou sua e você é meu, meu coração é seu para sempre.

Ele volta a sorrir.

— Te dei meu coração quebrado e sem vida, você me deu o seu cheio de amor e de sonhos e ainda consertou a merda que eu era... nada que eu diga ou faça vai chegar perto do que fez por mim.

— Não quero que me dê nenhuma recompensa. — Seguro seu queixo e o faço olhar para mim. — Só em te ver bem outra vez e tendo noites de sono normais, fico bem.

Ainda sorrindo, Celso me rouba um beijo e nós dois seguimos para pegar nossas coisas e voltar para casa. Sei que não tenho escapatória e que vou ficar sem sentar mais tarde. Vejo isso em seu olhar.



CELSO

Dou uma encarada com a cara feia para o infeliz que ficou encarando Suzana e sigo com ela para a casa. Isso mesmo, tenho ciúmes e pronto.

Ao entrarmos na casa, ela segue na frente em direção ao chuveiro da piscina. Fecho a porta e vou até ela, que tira o sal do corpo. A viro para mim, sentindo uma fúria desconhecida me tomando. Quero fodê-la, lhe dar boas palmadas e dizer que é minha noiva e ninguém a tirará de mim.

A beijo com força, entrando debaixo do chuveiro também. Puxo a sacana para colar o corpo no meu e ela se agarra em mim, retribuindo com muita fome. Suzy tem uma energia que me impressiona.

— Vamos para dentro — diz, entre os beijos.

Mordisco seu lábio inferior e desligo o chuveiro para que possamos nos secar para entrarmos na casa.

Depois de termos feito isso, deixo que ela siga em minha frente para que eu possa analisar tudo aquilo. Minha noiva. Minha Suzy. Uma mulher linda e forte, que me ensinou a nunca desistir de nada.

— Su — chamo e ela me olha. — Venha aqui, baby, vamos continuar nosso assunto pendente.

— Assunto pendente, é?

— Sim, aquele que começamos na praia. — Cruzo os braços.

— Se refere ao ciúme bobo? — Com um sorriso nos lábios, ela se aproxima.

— Bobo? Por acaso está escrito "otário" na minha testa, tigresa? Aquele infeliz comia você com os olhos.

— Que culpa eu tenho nisso? — Me empurra para o sofá e eu caio sentado nele. — Se nem você resiste, imagine ele.

— Suzy, Suzy — advirto. — Não me provoque.

— E se eu provocar? — Monta em meu colo e afunda os dedos nos meus cabelos. — Foi você quem pediu o biquíni...

Abro meu sorriso sacana, sentindo suas mãos passeando pelos meus cabelos. Ela aproxima o rosto do meu e desvia da minha boca de propósito para beijar meu queixo e meu maxilar.

A safada desce e mordisca meu pescoço, levo minhas mãos à sua bunda e lhe dou uma boa palmada em ambos os lados, fazendo-a gemer em meu ouvido, me provocando.

— Está bravo, Celso? Isso são ciúmes? — Continua provocando.

— Proteção ao que é meu. — Subo uma das mãos para os cabelos da sua nuca e os agarro sem machucá-la. — Você é minha, Suzana.

— Ai. — Lambe os lábios, sorrindo. — Falando assim, eu sou todinha sua.

Suzana rebola em cima do meu pau, o que o faz latejar, querendo estar dentro dela e logo. A faço sair do meu colo e a coloco de quatro no sofá.

Exausto, arrio no sofá, ofegando depois de nos amarmos como dois loucos esfomeados um pelo outro. Suzana se aconchega em meu peito, completamente nua, e eu a abraço.

— Não quero que acabe. — Soergue a cabeça para me olhar nos olhos.

— O quê?

— Isso, nosso fim de semana, nosso momento.

— Não se preocupe. — Sorrio. — Nossa lua de mel não está tão longe assim.

— Para de me iludir. — Me dá um tapa. — Mal me pediu em casamento.

— Onde gostaria de passar a lua de mel?

— Nas Maldivas.

Ao ver a minha expressão, Suzana cai na risada e eu rio junto. Ela me rouba um beijo e volta a montar em mim, ainda sorrindo.

— Foi somente uma brincadeira — afirma. — Mas foi maravilhoso ver sua cara de surpresa.

— Sua sacana, isso não se faz.

— Sabe. — Morde o lábio e passa a ponta do dedo indicador em meu peito suado. — Eu adorei o modo como transamos agora, você parecia... bravo.

— Gostou, é? — Sorrio. — Estava com ciúmes... ainda estou, na verdade.

— Me fodeu na raiva, Celso Farias?

— Fodi marcando como minha — afirmo, fazendo cara feia.

— Temos que fazer assim mais vezes. — Ela sorri. — Adoro te ver bravo na hora do sexo, fica tão intenso... tão delicioso.

Apenas sorrio e fico quieto, observando Suzana falar comigo, planejando nossa vida quando voltarmos. Ela falou até em filhos. Me deixa extremamente feliz em saber que o assunto não a faz chorar mais.

SUZANA

Me ouvindo falar sobre o que quero para o nosso futuro, Celso adormeceu. Não vi o momento exato, mas quando notei, ele havia dormido. Sorrio e saio de cima dele devagar para não acordar o moço completamente nu esparramado no sofá.

Jogo sua sunga em cima do seu membro e recolho minhas roupas de banho para ir em direção ao quarto para tomar uma boa ducha e tirar os vestígios de Celso de mim. Depois irei dormir um pouco para, assim, aproveitar o resto do dia com ele.

Subo e me direciono ao banheiro do quarto em que estamos hospedados, tomo meu banho e me apronto para dormir um pouco. Saio do banheiro penteando os cabelos molhados e forro uma toalha limpa no travesseiro para não molhá-lo com os cabelos.

Fecho as cortinas do quarto e volto para a cama. Deito-me e puxo o lençol para cobrir minhas pernas.

Sinto um corpo quente me envolver e me puxar ao seu encontro. Grunho em protesto e me mantenho com os olhos fechados. O cheiro de perfume denuncia o recente banho do meu Celso.

— Baby — chama baixinho. — Acorde, preguiçosa.

— Hum?

— Vamos. — Beija meu ombro. — Quero ouvir você falar de todos aqueles livros, enquanto tomamos um café... o tempo esfriou esta tarde.

— Você almoçou? — pergunto, quando processo que ele falou que já é tarde.

— Me virei, tigresa, não se preocupe comigo.

Viro-me para ele e encontro um sorriso sacana pairando nos lábios deliciosos dele e os cabelos molhados. Sorrio de volta e decido levantar da cama.

— Não colocou fogo em nada, não é? — pergunto, séria.

Ele cai na risada e se esparrama na cama, com um olhar intenso para mim.

— Apenas naquele sofá, mas você estava presente.

— Seu safado — xingo.

— Estou mentindo?

Ignoro a pergunta dele e saio do quarto, a brisa fria que corre pela casa me faz sorrir. Desço as escadas e noto as portas que dão para o jardim fechadas, a chuva fina que cai lá fora não faz parecer que esta manhã o sol era quem dominava o dia.

Ouçoo passos na escada e olho para Celso, que vem até mim sem pressa alguma. Quero sempre ver essa expressão em seu rosto. Era horrível acordar ouvindo sua respiração acelerada e ver seu olhar fixo em um canto, como se estivesse em transe, o desespero contido neles me apavorava.

As coisas que ele viu na infância o atingiram de maneira absurda e eu não quero que nada mais do seu passado volte a nos atrapalhar. Estão todos mortos, literalmente.

— Vai querer provar o meu macarrão especial? — pergunta.

— Especial, é? — Sorrio, afastando os pensamentos ruins. — O que tem de especial nesse macarrão?

— O cozinheiro.

Caio na risada e, como nas primeiras vezes em que conversamos, ele me deixou sem resposta. Esse homem tem a incrível capacidade de melhorar o meu humor, não importa o momento em que estejamos.

— Sente aí e espere — pede.

Faço como pediu e espero que ele sirva um prato para mim. Cruzo os braços, querendo manter meu corpo aquecido, e fico olhando para ele.

— Aqui está. — Vira-se para mim com o prato servido. — Experimente.

O prato é colocado em minha frente e ele me entrega o talher. O encaro por alguns instantes, antes de sorrir e começar a comer. Celso fica me observando, esperando uma resposta. O macarrão está bonito, lembro-me de tê-lo ensinado algo parecido uma vez.

Dou a primeira garfada e a trago à boca. Saboreio o molho e a massa e ele se remexe na cadeira, me fazendo sorrir.

— E então?

— Está gostoso — afirmo, ainda sorrindo. — Fez exatamente como ensinei... estou orgulhosa desse cozinheiro.

— Não tire sarro de mim, Su.

— Estou falando sério. — Sorrio.

— Então posso me sentir um cozinheiro?

Reviro os olhos com a pergunta e aceno com a cabeça.

— Sim, você pode.

Me pus a comer, obedecendo as ordens do meu estômago, que estava implorando por algo. Assim que finalizo meu prato, ajudo Celso com a louça que ele sujou para cozinhar tudo e, ao terminarmos, voltamos para a sala, onde ele sentou em uma poltrona perto a prateleira com os livros e eu pego um deles para ler.

— Estou mesmo sendo trocado por um livro do Harold Hobbins? — pergunta, indignado.

Ergo o olhar para encará-lo e sorrio ao ver os braços cruzados e o ciúme estampado em seu rosto.

— Ciúmes literários agora?

Com um sorriso no rosto, levanto da poltrona em que me sentei há

pouco, ainda com o livro nas mãos e me aproximo dele. Faço um gesto e ele abre as pernas, ajustando-se na poltrona. Sento-me entre elas e me recosto em seu peito quente.

— Vamos ler juntos, então — digo, sorrindo.

Escuto seu riso e ele me envolve com os seus braços, me puxando para si. Sinto seu queixo em meu ombro e ele fica quieto, provavelmente acatando minha ideia.

— Suzana — sussurra.

— Hum?

— Eu já disse que te amo?

Sua pergunta me faz sorrir, somente por ele ter lembrado do pedido que fiz para que sempre disséssemos um para o outro essas palavras. Lembro-me de quando fizemos isso em meu resguardo, quando perdi o bebê. É o nosso código, nosso segredo.

— Não.

— Eu amo. — Me aperta ainda mais contra si.

— Ainda?

— Sempre. — Beija meu rosto.

Acabo fechando o livro e relaxando meu corpo contra o dele. Celso afasta um pouco a cabeça para me olhar e acabamos rindo. Desvio o olhar dele e encaro a chuva fina caindo lá fora. Ficamos em silêncio, apreciando a presença um do outro.

Entrelaço nossos dedos e beijo o dorso da sua mão, antes de voltar a ficar quieta. Esse final de semana, além de estar sendo bastante quente, está nos fazendo recuperar as energias perdidas na luta contra Raquel. Quero estar cem por cento recuperada com ele para recomeçarmos de vez, quando voltarmos.

Capítulo 36



CELSO

Beijo seu ombro e olho na mesma direção que ela, a chuva caindo lá fora me faz pensar em tudo o que passamos e no que falta passar. Ricardo. Apesar de não gostar daquele infeliz perto de Suzana, não queria que ele fosse um traidor. Ela não merece passar por mais essa decepção.

Sei que, mesmo com essa possibilidade, ela mantém a esperança de que seja uma coincidência.

Amanhã à tarde estaremos retornando para casa e segunda-feira pela manhã, a primeira coisa que farei será investigar Ricardo. Olho para os nossos dedos entrelaçados e observo o anel que lhe dei.

— Você gostou? — pergunto.

— Do quê?

— Do pedido. — Hesito. — Não foi o que um príncipe faria, com flores e velas, mas foi com meu coração, entende?

— Claro que entendo e eu amei... O pedido foi lindo, você me mostrou sua essência com ele, me deu seu coração, lembra? — Ela se remexe para me olhar. — Por que está me explicando isso?

— Não sei, talvez você quisesse algo maior e...

— O que eu quero de maior entre nós dois é um filho... somente isso — corta. — O resto, arranjamos. Para mim, o que importa é que veio do seu

coração.

Abro um sorriso sincero.

— Isso nós já estamos providenciando.

— E eu estou adorando essa providência toda. — Ela sorri.

— Quer sair grávida daqui, Su? — Desço minha mão livre pelo seu braço.

— Por que não?

— Onde será nossa próxima trepada? — sussurro a pergunta em seu ouvido.

— Onde sugere que seja? — Se remexe, sentada entre as minhas pernas.

— No quarto — afirmo.

Suzana franze o cenho e me encara. Tenho algo em mente e preciso que ela esteja confortável.

— O que quer fazer, seu safado?

— Vou comer esse cuzinho que me enlouquece toda vez que decido brincar com ele.

Vejo o olhar dela mudar, a safadeza penetrou nela e eu estou louco para ouvir o que ela vai dizer. Suzana traz a mão livre ao meu cabelo e coloca o livro de lado.

— Assim não vai me engravidar. — Ela ri.

— Mas vai te fazer gozar como nunca.

— E pode fazer isso na raiva? Como fez hoje mais cedo?

Seu pedido reverbera nos meus ouvidos e reflete imediatamente no meu pau, que mesmo cansado da foda espetacular da manhã, ainda quer outro round.

— Claro que posso, minha raiva daquele filho da puta ainda não passou, somente de lembrar eu...

— Hmn... — Mordisca meu lábio inferior, cortando minha fala. — Fica todo bravo?

Avança para um beijo e eu desvio, fazendo-a sorrir. Depois, avanço e tomo sua boca, soltando sua mão para agarrar os cabelos de sua nuca. Deixo o beijo forte e intenso, como ela gosta.

— Hmn... — geme no meio do beijo.

Forço seus cabelos para trás, separando nossos lábios e ela mantém os olhos fechados, esperando mais. Mordisco seu lábio inferior e ela entreabre a

boca, subindo sua mão pelo meu braço.

— Vamos lá para cima, então — sussurra, abrindo os olhos para me olhar.

— Não está cansada da nossa foda matinal? — Sorrio. — Podemos deixar isso para amanhã.

— O clima requer que nos esquentemos.

Sorrio com a resposta dela e aceno com a cabeça, ainda segurando seus cabelos loiros e macios. Sua mão desce pelo meu peito, fazendo um carinho delicioso. Lambo os lábios e a faço levantar.

— Vamos lá para cima, então — digo.

Fico de pé e seguro a mão dela, puxando-a pela sala para que possamos subir mais rápido para treparmos logo. Assim que chegamos ao quarto, a faço deitar na cama e vou até nossa mala para pegar o lubrificante.

Volto para ela e arranco a bermuda, com pressa, subo na cama e vejo um sorriso sacana nos lábios dela. Tomo sua boca, controlando o beijo, mostrando o meu lado dominador que ela tanto ama.

A dispo, jogando suas roupas de lado, apalpando seus peitos deliciosos. Sua respiração se acelera e eu sinto meu pau latejar por ela.

— De quatro — ordeno.

Mordendo o lábio, Suzana faz o que mandei e, aproveitando a bunda redonda e durinha ali somente para mim, lhe dou uma boa palmada e ela geme em meio ao riso. Está aproveitando e muito.

Lambo os lábios e caio de boca na boceta mais deliciosa deste mundo e sorrio por ouvi-la gemer. Subo para o cuzinho e ela estremece, agarrando os lençóis. Gemo, me deliciando somente em chupá-la.

Escuto meu nome sair dos lábios dela de forma baixa e suplicante, isso me motiva ainda mais. Agarro sua bunda para que não desvie do que estou fazendo e ela choraminga. Deliciosa.

Me afasto um pouco para recuperar o fôlego e aproveito para pressionar o dedo no seu cuzinho, fazendo Suzana gemer, entorpecida. Minha outra mão vai para a sua boceta, massageando seu clitóris inchado para que relaxe.

— Está gostoso, Su? — pergunto, rouco pelo tesão.

— Hmn... muito, continue.

Penetro o dedo nela devagar, enquanto ainda massajeio seu clitóris e ela geme alto. Mordisco sua bunda e sorrio, adorando ver como ela se entrega

comigo.

O movimento lento em vaivém a deixa ao ponto da loucura. Enlouquecido, querendo estar logo dentro dela, paro de brincar com ela e me livro da cueca, colocando para fora o meu pau duro e louco para se enterrar nesse cuzinho delicioso.

Me aproximo, de joelhos, e pressiono a cabeça do meu pau, forçando a entrada. Com uma mão, seguro firme em sua cintura e com a outra, guio meu pau para não machucá-la.

Vou colocando nela devagar, esperando que se acostume comigo, até colocá-lo todo dentro. Me seguro para não saciar a minha vontade de meter tudo de uma vez, farei isso quando ela estiver à vontade e acostumada.

— Awn... Celso — choraminga.

— Calminha, Su, estou quase lá.

Ela rebola, me provocando e assim que estou todo dentro, começo a me mover, fodendo a safada devagar. Suzana geme, entorpecida e eu agarro sua cintura, para começar a investir mais forte nela, batendo minha virilha nela com força.

Lhe dou uma palmada forte e mantenho meu ritmo, fodendo duro, como ela quer. Faço força para que fique de bruços e monto nela, voltando a me enterrar em seu cuzinho delicioso. Gemo, adorando fodê-la.

Suzana geme outra vez e me olha por sobre o ombro, mordendo o lábio, completamente safada, me instigando. Agarro sua bunda e olho fixamente meu pau entrando e saindo dela. Não tem coisa mais gostosa que ver isso.

— Suzy — rosno e subo uma das mãos para segurar firme nos seus cabelos. — Fala quem é o teu homem, fala? Quem te fode gostoso?

— Oh — geme. — É você, meu piadista... somente você.

Ela ronrona as palavras, me provocando. Meu corpo queima de tanto tesão, implorando para que eu vá mais rápido e mais forte e eu obedeço. Suzana choraminga, dizendo que está perto de gozar e eu rosno, mantendo um ritmo acelerado.

— Mais forte! — ordena. — Oh! Por favor!

Em instantes, o estado de gozo nos atinge, nos deixando entorpecidos de tanto prazer. Completamente suado e exausto, beijo as costas de Suzana e saio de dentro dela devagar.

Arrio ao seu lado e solto um suspiro pesado, ainda recuperando o

fôlego. Ela me olha e sorri, satisfeita, o que me faz ter a sensação de missão cumprida. A satisfiz.

SUZANA

Definitivamente, essa viagem ficará na história. Celso está insaciável e eu não sei de onde tirei tanta disposição para o sexo.

— Chega de sexo — anuncio, sorrindo. — Essa semana iremos fazer um voto de castidade.

— O quê? — indaga, incrédulo. — Não brinque com uma coisa séria dessas, Su.

— Não estou brincando... estou exausta.

— Te deixo descansar por um ou dois dias, ok? — Toca meu rosto. — Nada de querer fazer minha virgindade voltar.

Caio na risada ao ouvir suas palavras e escuto a risada dele também. Deve saber o absurdo que acabou de dizer.

— Estou falando sério. — Me puxa para ele e me beija. — Não pode me maltratar assim, Suzy.

— Não é maltratar. — Acaricio sua barba bem aparada. — É descansar.

— Está cansada de mim? — Faz drama.

— Como é dramático, piadista. — Sorrio e beijo seus lábios. — Mas não, não estou cansada de você.

Ele sorri de volta e me faz deitar em seu peito. Me aconchego nele e acaricio o peito lisinho, suado. Sinto seu carinho nas minhas costas e fecho os olhos, realizada.

— Suzana — chama em tom sério.

Ergo a cabeça para olhar para ele.

— E se você se cansar de mim?

— O quê? — FRANZO o cenho. — Está perguntando isso porque...

— Não — corta. — Digo, depois do casamento, quando o tesão passar...

— Você tem a dose de fofura que eu nasci sem. — Sorrio e toco seu rosto. — Quando o tesão acabar, ainda teremos um ao outro e os nossos

filhos... um dia ouvi alguém dizer que quando a nossa utilidade passa, podemos contar apenas com quem nos ama de verdade, já que na velhice precisamos de amor e cuidado. Acho que podemos fazer isso, certo?

Ele abre um sorriso leve e assente, trazendo a mão livre ao meu rosto para acariciar minha bochecha. Celso fica quieto, me olhando.

— Sim, podemos — responde, por fim. — Vou cuidar de você quando ficar uma velhinha ranzinza.

Lhe dou um tapa por tirar sarro de mim e sorrio.

— Não vou abandonar você — garanto. — Nunca.

Volto a deitar a cabeça em seu peito e o abraço forte, confirmando minhas palavras. Eu jamais o abandonaria, cuido dele porque o amo e não quero nada em troca.

Celso foi a melhor coisa que já me aconteceu, mesmo com tantos problemas em seu passado. A superação deles me fez amá-lo ainda mais.



CELSONO

Entro na SQUAD e sigo diretamente para a sala de Benjamim, preciso falar com ele sobre grampear o celular de Ricardo. Preciso saber se ele tem algo a ver com a merda que aconteceu com Suzana ou não.

— Bom dia, Larinha do meu coração — cumprimento, sorrindo.

Lara abre um sorriso simpático e fica de pé para me abraçar.

— Bom dia. — Me olha. — Como foi a viagem? Pelo sorriso, deve ter sido ótima.

— Foi maravilhosa. — Sorrio. — Era o que estávamos precisando.

— Que bom, então. Veio falar com o insuportável?

— Com ele mesmo, a putinha mais nervosa de todas — brinco.

— Uma pessoa acabou de sair da sala dele, entra lá, que eu enrolo a próxima. — Pisca para mim.

— Obrigada, Lara, você vai para o céu.

Me apresso e bato à porta antes de entrar e encontrar meu amigo imerso em pilhas de papéis e o cenho franzido, como sempre. Ele ergue o olhar para mim e abre um sorriso.

— Olha aí o puto da lua de mel.

— Ben, minha ninfeta. — Sorrio, me aproximando.

— Aproveitaram bem a casa?

— Muito bem — afirmo. — Obrigado por ter cedido para nós, estávamos precisando nos distrair.

— Já falei, me agradeçam fazendo mascotinhos.

— Estou providenciando isso — garanto.

— Ótimo. — Aponta para que eu me sente na cadeira em frente à sua mesa. — O que trouxe para eu empilhar aqui?

Sorrio com a piadinha da puta nervosa e nego com a cabeça.

— Não trouxe papéis. — Hesito. — Vim saber se posso usar a casa de treinamento para investigar o amigo de Suzana.

— O que está pensando? — Fica completamente sério.

— Quero tirar uma dúvida... ela também está desconfiada.

— Sabe que aquela casa é aberta a vocês, devo tudo aos meus amigos e sempre os ajudarei. — Recosta na cadeira, sorrindo. — E além do mais, você e Anderson são os meus melhores hackers.

Dou risada e assinto, sabendo que o que ele fala é verdade. Nós somos uma família e sempre nos ajudaremos, não importa o que seja.

— Obrigado, minha ninfeta — provoco.

— Não me faz mandar você se foder logo cedo — resmunga.

— Calma, Ben, olha os cabelos brancos.

Benjamim revira os olhos e eu caio na gargalhada, me recostando na cadeira. Antes que eu possa continuar com a provocação, Anderson e Felipe irrompem à porta, sorrindo.

— Em reunião sem nós? — Felipe finge indignação.

— Não admito isso, putas nervosas — Anderson continua o teatro. — Traição!

— Veados — Benjamim xinga.

— Epa, Ben, não esqueça que você é o cabeça daqui. Portanto, aprendemos com você.

Benjamim nos mostra o dedo do meio e todos caímos na risada. Os dois vieram somente para saber do meu fim de semana com Suzana. Duas putas curiosas.

Depois do momento de descontração com eles, saio da sala de Benjamim em direção à minha e penso em Suzana perto daquele homem. Ela deve estar com os nervos à flor da pele, sem saber se ele é mesmo ou não culpado naquilo.

Pego o celular e digito uma mensagem para ela:

"Fique tranquila, estamos quase lá."

Olho para meu computador e tento me concentrar nele. A resposta não vem, ela deve estar perto dele.

SUZANA

Os minutos se arrastam, sei que à essa hora, Celso já deve estar na casa de treinamento, trabalhando para grampear o celular de Ricardo. Fecho os olhos e passo as mãos nos cabelos para tentar dispersar essa dúvida que está me matando.

Meu coração está inquieto e eu mal consigo me concentrar no trabalho. Olho para Rick e ele está imerso no seu trabalho, com o cenho franzido e os lábios comprimidos.

Olho para meu celular e peço mentalmente que ele consiga o que pretende.

— Está inquieta hoje, Suzy. — Ricardo me olha. — Está tudo bem?

— Ah? — Olho para ele outra vez. — Sim, tudo bem, é só...

Meu celular começa a vibrar na minha mesa e o nome de Celso aparece na tela. Meu coração dispara, com medo do que possa vir a seguir. Medo de receber mais uma rasteira do destino.

Lentamente, deslizo o dedo na tela e trago o celular ao ouvido.

— *Suzana* — chama.

— Estou ouvindo.

— *Tenho as conversas aqui comigo* — diz, baixo e sério.

— O que dizem?

— As coisas estão muito confusas ainda, quero que leia comigo em casa hoje. — Hesita. — Só liguei para tirá-la de sua preocupação, te conheço muito bem e sei que não esqueceu isso.

— Em casa? — reclamo, indignada.

— *É preciso calma para isso, aquiete aí, Su.*

— Só me diga o que preciso saber — peço.

— *Tudo indica que ele participou, mas não por vontade própria...*

estou tentando decifrar isso.

Meu coração se angustia dentro do meu peito.

— Tudo bem.

— *Não faça nada, entendeu?* — Hesita. — *Eu amo você.*

— Impossível, Celso. — Olho para Ricardo, que está fingindo não ouvir minha conversa. — Eu também amo você.

Encerro a ligação e olho para Ricardo, sentindo meu peito ardendo em angústia. Eu preciso de respostas e não vou aguentar mais esperar por elas.

— Ricardo — chamo, séria.

Ele me olha e abre um sorriso leve, mas logo fica sério.

— Aconteceu algo?

— Me diga que você não tem nada a ver com que Raquel fez comigo — peço em um fio de voz. — Ricardo, me diga que essa suspeita minha é uma bobagem e brigue comigo por isso.

O silêncio de Ricardo me confirma tudo. O baque em meu coração me mata aos poucos.

— Você foi capaz de fazer algo assim comigo?! — Fico de pé e vou até ele. — Como conseguiu?

Começo a estapeá-lo e lágrimas de desespero começam a rolar pelo meu rosto.

— Eu perdi o meu bebê — berro.

— Suzana, me ouve, eu tenho uma explicação. — Segura meus pulsos. — Eu-Eu tenho uma explicação.

— E tem explicação para o que você fez? Me entregou à ela!

— Ela me obrigou — berra, ficando de pé também. — Me chantageou, Suzy... não tive escolha. Ela disse que pegaria minha filha... a menina mora com a mãe, longe daqui, Raquel me disse até o endereço. Tive medo. Me perdoe, mas eu... era você ou minha filha.

Fico encarando o meu amigo, sem reação.

— É cruel ter que escolher entre a vida de duas pessoas que você ama, mas a menina não tinha nada com os assuntos de vocês... e é a minha filha, sangue do meu sangue. — Chora. — Me perdoe, Suzy.

— Por que não me disse logo? — Me afasto, ainda sem acreditar. — Por que ficou calado?

— Tive medo de ela pegar a menina... mesmo depois do sumiço dela eu fiquei calado para proteger a minha pequena. — Abaixa a cabeça e soluça

forte. — Me perdoe, eu não tive saída a não ser fazer tudo o que ela me disse para fazer.

Me afasto dele, atordoada. Penso em Celso e em meu bebê, perdi meu filho por causa dela.

— Aqui. — Vem até mim com o celular nas mãos. — Tenho uma foto dela.

Olho para o visor ligado, mostrando uma menina sorridente em um balanço. O vestido rosa combina com a pequena sandália que usa. Os cabelos e o sorriso são idênticos aos de Ricardo.

— Essa é Nicole. — Sua voz embarga outra vez. — Você me entende agora?

— Não sei se posso acreditar nisso. — Me afasto outra vez e respiro fundo, contendo as lágrimas.

— Suzana, estou dizendo a verdade. Você tem que acreditar em mim — implora. — Eu não disse até agora por medo dela... ela pode pegar minha filha. E ainda pode.

— Raquel está morta — afirmo. — Não vai mais machucar ninguém.

— Morta? Você tem certeza, Suzy? — Solta o ar pela boca. — Por onde vou, tenho a sensação de que ela me segue.

— Ela está morta — rosno. — Não pergunte, eu apenas sei.

Dou as costas e olho pela janela, mas não me concentro na paisagem. Minha mente vai para longe daqui, para Celso. O que será que ele viu nas conversas? Será mesmo que Ricardo fala a verdade?

O silêncio entre nós se estende por um longo momento e eu evito olhar para ele. Minha cabeça ferve.

— Suzana. — Hesita. — Você não acredita em mim, não é?

— Na verdade, eu não sei no que acreditar.

— Eu entendo você, mas o que eu digo é verdade... nunca seria capaz de machucar você por maldade. — Abaixa a cabeça. — Eu amo você, Suzana, e eu sempre soube que nunca tive chance... por que fazê-la me odiar se eu posso amar você somente com sua amizade? Eu não tinha motivos para causar aquilo, você sempre foi boa comigo. Só peço que acredite em mim, por favor.

Analiso a expressão séria do meu amigo e seu olhar me transmite dor, como se estivesse desesperado. Solto o ar pela boca e aceno com a cabeça, nem negando e nem assentindo.

— Eu acredito em você, Rick — digo, por fim.

O homem se põe a chorar em minha frente e eu me espanto.

— Eu sentia angústia quando estava perto de você depois de tudo o que fiz — soluça. — Mas agora, vendo que, finalmente, você acreditou em mim... é como se um peso fosse tirado de mim. Eu-eu nunca quis...

— Eu sei — murmuro. — Desconfiei de você quando faltou justamente no dia em que ela me levou daqui.

— No dia anterior a esse. — Enxuga o rosto e me encara. — Ela foi em minha casa e me disse para não aparecer na Editora no dia seguinte... se eu não o fizesse, mataria a minha Nicole. Eu não sei como, mas ela grampeou meu celular, sabia com quem eu falava o tempo todo... não tive como avisar a você.

Devil. Com certeza foi aquele desgraçado que ajudou Raquel a fazer tudo isso, mas como? Como ela conseguiu convencer o marido a perseguir seu ex-noivo?

Ela pode ter dito sobre o assassinato que carregava nas costas e que Celso sabia. É a única explicação plausível que eu vejo para que o marido dela a apoiasse nessa loucura.

— Então era plano dela me fazer desconfiar de você — murmuro, sentindo que, finalmente, tudo se encaixa.

— Sim, ela queria isolar você para pegá-la sozinha... por saber de um segredo dela. — Dá de ombros. — Não sei que merda de segredo é esse, mas custou muito caro saber disso, não?

— Muita coisa estava em jogo. — Hesito. — Mas acabou agora, mesmo com as terríveis consequências para mim e Celso.

Ricardo se aproxima devagar e me abraça. Aos poucos, retribuo seu abraço e fecho os olhos quando ele pede perdão outra vez.

— Eu já o perdoei. — Me afasto. — Claro que sua filha viria primeiro do que qualquer coisa neste mundo... sei o sentimento e daria tudo para ter o meu bebê comigo de novo.

De repente, a porta é aberta com força e Celso entra, com uma expressão preocupada. Ele se aproxima de mim e toca meu rosto antes de olhar para Ricardo.

— Ele me explicou tudo. — Toco seu peito e fecho os olhos. — A filha dele estava em jogo.

— Eu sei. — Volta a me olhar. — Li tudo o que consegui recuperar.

Vim porque fiquei preocupado, conheço você e seu jeito explosivo e... afinal, ele é seu amigo.

Celso me puxa para ele e beija minha testa de forma carinhosa. Sabe o quanto o assunto mexeu comigo. Depois, ele me solta e vai até Ricardo, devagar.

Fico estática no lugar, assistindo Celso estender a mão para Ricardo e ambos se cumprimentarem. Fecho os olhos e agradeço mentalmente por ele não ser o traidor que pensei que fosse. Além de não suportar mais uma decepção, teria que lidar com o fato de Celso querer vingança.

Mais uma não.



CELSO

Quando finalmente acessei os dados de Ricardo, celular e computador, vi que havia algo errado. Raquel sempre foi esperta, sabia que eu iria investigar e deixou pequenas coisas no caminho para que Ricardo fosse visto como o maior filho da puta da história, quando ela era quem arquitetava cada passo com seu marido.

O que ela não contava era que eu fosse tão próximo ao chefe do seu marido. Bandida.

O homem em minha frente parece abatido, mas ao mesmo tempo, alegre. Não tiro a razão dele. Suzana é boa, estar em sua companhia é maravilhoso. Sei dos sentimentos que ele nutre por ela e sei que ela jamais o tratou diferente por isso.

— Bom, ainda bem que eu não precisei defender você — brinco. — Essa mulher quando fica brava...

Ricardo sorri de canto e olha para Suzana.

— Sim. — Acena com a cabeça. — Fui vítima de um ataque depois que ela desligou sua ligação... mas não tiro a razão dela nisso.

— Ótimo — ela exulta. — Pelo menos tem alguém sensato me defendendo aqui.

Sorrio de canto e volto a me aproximar dela.

— Se está tudo resolvido, preciso voltar para a SQUAD agora — anuncio. — Preciso resolver umas broncas que surgiram.

— Tudo bem — sussurra para que somente eu escute. — Vou ficar bem.

Outra vez, beijo sua testa e saio da sua sala. Sigo pela Editora, fazendo uma análise rápida com um olhar. Suzana ama o que faz e eu me orgulho dela por isso. Ela é reconhecida pelo que faz e, pelo que vejo, não vai demorar a subir aqui dentro.

Quando saio do elevador, no vigésimo andar da SQUAD, Lara fica de pé imediatamente. Caminho até ela e paro em sua frente.

— E então?

— Ele foi forçado. — Dou de ombros. — Raquel ameaçou a filha dele.

Lara cobre a boca com a mão, espantada. Apenas assinto, sabendo que ela seria capaz de coisas terríveis para alcançar o que queria. Não quero nem pensar no que faria com a menina antes de matá-la, somente para conseguir o que queria e se livrar de mim, para me enterrar com aquele assassinato.

— Que terrível — murmura. — Mas ela está bem?

— Sim, mas seria bom você e Melissa falarem com ela... Suzana precisa de vocês.

— Sim, claro. — Assente e sorri. — Irei marcar alguma coisa com elas.

— Obrigado, Lara. — Beijo seu rosto. — Vou para minha sala, poderia avisar a Benjamim que já voltei? Tenho muita coisa a fazer.

— Claro.

Me afasto dela e sigo pelo corredor até minha sala. Me tranco nela com a certeza de que só sairei à noite, depois de colocar em dia as pendências.

De repente, o telefone da minha sala toca. Sei que é Benjamim.

— Fala.

— *Pode vir aqui?* — O tom de voz é preocupado. — *Felipe está desconfiado de algumas coisas que meu pai falou. Preciso conversar com*

você e com Anderson.

— Claro, minha ninfeta.

Coloco o telefone no gancho de volta e fico de pé, abotoo o blazer e sigo de volta para a sala do puto. Lara acena para que eu entre e faz uma expressão preocupada. Peço que fique calma e entro na sala da puta mais nervosa de todas.

— O que aconteceu, Ben?

— Manoel, alternando momentos de lucidez e falta dela — rosna.

— O que ele fez?

— Se culpou pela morte da nossa mãe. — Bufa. — Ele está esquecendo as coisas, esquecendo do que combinou comigo para que Felipe nunca soubesse da merda que ele fez.

— Até hoje não entendo porque aceitou isso, Ben. — Anderson se senta.

— Já existe muito ódio da minha parte, eu não queria que meu irmão perdesse a essência dele. — Hesita. — Felipe sempre foi alegre... contar isso seria matá-lo aos poucos, como me mata um pouco todos os dias.

— Ele falou com você? — pergunto.

— Sim. — Bufa. — Me perguntou por que ele tinha falado aquilo... mentir para ele foi a pior coisa que já fiz na vida. Ele é meu irmão!

— Por que não conta a ele? — Anderson sugere. — Aos poucos vai entrando no assunto.

— Lara me pediu isso, mesmo não sabendo do que se trata.

— Ela também não sabe? — me espanto.

— Não. — Está completamente sério.

— Bom, Ben, se você não quer que Felipe saiba. — Olho para Anderson. — Deve, pelo menos, contar a Lara. Ela está preocupada lá fora, acho que ela não merece ficar sem saber disso.

— Me resolverei com Lara depois. — Olha para mim e depois para Anderson. — Estou fodido, não é?

— Ainda dá tempo de consertar. — Anderson diz. — Ainda pode falar com ele.

— Não, não quero fazer isso.

— Ben, dizer vai ser dolorido, mas é preciso — afirmo.

— Eu e Melissa já brigamos feio por causa de omissões e mentiras, você sabe minha opinião sobre isso. — Cruza os braços.

— Sei disso.

— Deixa ele pensar — digo. — Não adianta a gente dizer o que é pra fazer, se ele não quer isso... talvez veja uma outra saída.

Anderson assente e Benjamin fita as próprias mãos unidas sobre a sua mesa.

— Bom, eu já vou. — Anderson fica de pé e sorri. — Tenho que estar no escritório antes da hora do almoço, sempre levo Melissa para amamentar.

— Vai, pai do ano — brinco.

— O próximo é você. — Ele sorri e depois olha para Benjamin. — Fique bem minha putinha nervosa.

— Vai se foder. — Benjamin finalmente sorri. — Agora vai cuidar da sua mulher e do seu filho. Diga a Melissa que mandei um abraço.

Anderson abre um sorriso antes de acenar com a cabeça e deixar a sala. Benjamin olha para mim e volta a se recostar em sua cadeira.

— Desculpe meter vocês nisso.

— Está tudo bem. — Sorrio. — Não foi você mesmo quem disse que amigos são para essas coisas?

Ele sorri de canto e assente. Benjamin nunca quis muita coisa, ele só queria uma família normal, assim como eu. Dois fodidos da cabeça, que sofrem as consequências até hoje.

Por fim, levanto e cumprimento meu amigo antes de sair de sua sala e mergulhar de novo no trabalho.

SUZANA

Ao final do expediente, Ricardo hesitou antes de me dar um beijo e sair. Sei que eu ter descoberto o que Raquel o obrigou a fazer mexeu com ele. Se sente culpado pelo que aconteceu.

Aproveito que Celso sempre demora mais um pouco para adiantar alguma coisa do dia de amanhã, que está recheado de compromissos. Nem noto o tempo passar, quando, de repente, o segurança abre a porta e anuncia que Celso chegou.

Salvo o trabalho que acabei de fazer e faço o backup do dia antes de desligar o computador e acompanhar o segurança. Ao chegar no carro do meu

Rivotril, ele me abre um lindo sorriso e me cumprimenta com um beijo.

— Como foi seu dia? — pergunto.

— Complicado pra caralho — resmunga. — Mas muito melhor agora.

— Para. — Sorrio. — Isso não cola mais entre a gente.

— Claro que cola. — Dá partida no carro. — Sou um sedutor nato e você não resiste.

— Ah, claro. — Coloco o cinto. — Sedutor e abusado também.

Celso apenas sorri e sai com o carro. O caminho até nosso apartamento é silencioso, mas o meio sorriso não sai do rosto dele. Amo ver como Celso está superando tudo.

Meu Celso.

— Baby — chama.

— Hum?

— Estava mesmo falando sério sobre o voto de castidade? Uma semana?

— Por que a pergunta? — Cruzo os braços.

— Não vou aguentar não, Su — pigarreia. — Como vamos fazer nosso mascotinho?

Caio na risada por causa de sua pergunta que, claramente, é uma desculpa.

— Essa é a desculpa da vez?

— Não é desculpa. — Me olha rapidamente e volta a atenção para o trânsito. — É um argumento.

— Então me dê outro — peço.

— O do mascotinho não serve?

— Não, preciso de um argumento mais forte.

— Bom — pondera, antes de sorrir. — O argumento mais forte que tenho agora é o meu pau. Coitado fica necessitado.

— Aquiete esse fogo, homem.

Escuto quando ele bufa, fingindo raiva, e dá sinal para entrar na garagem do edifício. Merda, eu o acho tão sexy dirigindo. Concentrado, sério e delicioso.

— É impossível aquietar perto de você, tigresa — diz, sem me olhar. — Principalmente porque você veste essas roupas de mulher poderosa, que me deixa louco.

— Sente tesão nas minhas roupas?

Ele fica um pouco em silêncio, manobrando o carro para colocar em nossa vaga do prédio. Por fim, ele sorri para mim e solta seu cinto, puxando o freio de mão, em seguida.

— Muito tesão. — Me olha inteira. — De um jeito que não controlo.

Sorrio, provocando, solto o cinto e saio do carro. Espero Celso desligar o carro e ele me lança um olhar de dentro do carro. Ah, que homem safado.

Quando desce, trava o carro e caminha calmamente até mim. Ele segura minha cintura e me guia em direção ao elevador, sua mão sacana desce para minha bunda e ele a aperta, me fazendo sorrir.

— Pare, Celso — repreendo. — Não vou quebrar a promessa de uma semana.

— Isso é o que nós veremos — afirma. — Vou tentar você, Su... irá ceder ao pecado em pessoa.

— Pecado em pessoa, é?

— Exatamente, tigresa. — Ele sorri. — Sei que você não resiste quando me vê nu.

— Acho que se equivocou. — Finjo pensar. — Deveria ser convencimento em pessoa.

— Não posso ser ambos?

Lhe lanço um olhar de soslaio e finjo não ter ouvido. O elevador para em nosso andar e eu saio primeiro, fazendo questão de provocá-lo, rebolando mais que o normal, enquanto ando.

— Uma verdadeira tigresa — diz, atrás de mim.

Apenas sorrio e o olho por sobre o ombro. Ele se aproxima calmamente e deixa uma palmada em minha bunda antes de se colocar em minha frente para abrir a porta. Entramos juntos em casa e ele me olha.

— Algum problema? — pergunto.

— Nenhum. — Ele sorri. — Muito pelo contrário, está perfeito até demais... estou admirando minha noiva.

— Noiva — repito e me aproximo. — Quanto tempo não sonhei com isso?

Celso me puxa para ele e sorri.

— Se tornou realidade agora, até já estamos providenciando o casamento. — Beija meus lábios. — Só falta nosso filho... e eu acho que deveríamos fazer um o mais rápido possível.

Dou risada e envolvo seu pescoço com os braços antes acariciar sua nuca.

— Não vai funcionar, Celso, desista.

Celso bufa, fingindo indignação, e deixa um último beijo nos meus lábios para me soltar. Dou risada vendo-o caminhar, se afastando de mim.

— Vai ter volta sua safada — resmunga.

RICARDO - BÔNUS

Saio do trabalho com um peso à menos nos ombros. Suzana é a mulher que amo, jamais faria algo para machucá-la, mas quando Raquel ameaçou Nicole, eu não tive escolha.

No início da gravidez da mãe dela, eu achava que era um erro, mas quando a gravidez evoluiu, eu amei a menina. A amo muito mais do que à mim mesmo.

Meu celular toca no caminho de casa e eu o atendo imediatamente.

— Alô?

— Ricardo. — Reconheço a voz imediatamente.

— Aconteceu alguma coisa com Nicole? — me preocupo. — Ela está bem?

— Não aconteceu nada. — Hesita. — Bom, ela estava com saudades de você e... e... resolvemos fazer uma surpresa, estamos aqui na recepção do seu prédio esperando você. Quero saber se vai demorar, ela está muito ansiosa.

Silêncio por completo, sentindo meu coração acelerar. Eu e a mãe de Nicole não costumamos brigar, mas sempre evitamos muito contato, já que foi uma paixão de momento que resultou na melhor coisa que já me aconteceu. Minha filha.

— T-Tudo bem, estou chegando.

Acelero o carro, sentindo meu coração bater mais forte, estou morrendo de saudades da minha menina.

Quando estaciono o carro em minha vaga no prédio, praticamente corro na direção da recepção e, ao ver Nicole, sorrio. E pensar que Raquel a ameaçou, ela é só uma criança.

— Papai! — ela grita ao me ver e corre até mim.

Agacho para esperar que chegue e a abraço forte, ficando de pé com ela nos braços. Beijo seu rosto e volto a olhá-la.

— Senti tantas saudades — afirmo.

— Eu também, papai. — Traz as mãozinhas ao meu rosto.

Desvio o olhar de Nicole para ver a mãe dela se aproximando com uma mala. Espero que ela chegue e arrumo Nicole para que fique sentada em um braço meu. A pequena agarra meu pescoço e encosta a cabeça na minha.

— Bom, eu trouxe algumas coisas dela e minhas também. — Hesita. — Se você não puder me hospedar aqui, eu procuro uma pousada aqui perto... não tem problemas.

— Claro que eu posso hospedar você em minha casa. — Estendo a mão para pegar a mala dela. — É a mãe da minha filha... Vem, vamos subir.



.. ALGUMAS SEMANAS DEPOIS ..

SUZANA

Olho para Lara e depois para Melissa, que sorriem para mim, me olhando, admiradas. Viro-me para o espelho e admiro minha imagem refletida nele. Meu vestido é simples, mas muito bonito, Lara e Mel me ajudaram a escolhê-lo.

— Você está tão linda — Lara afirma e olha para Ellen, vestida de daminha. — A minha pequena também.

— Perfeitas. — Melissa arruma meu vestido na parte de trás. — Ele vai pirar quando ver você.

— Estou tão nervosa — confesso e arrumo o véu.

— Tia Suzy está tão bonita!

— Obrigada, pequeno anjo. — Agacho e beijo seu rostinho. — Você também, está linda, minha daminha.

Graça entra no quarto com Heitor chorando nos seus braços, ela segue diretamente para Melissa e a entrega o pequeno bravo. Ela segura o menino e o nina calmamente.

— Heitor é bravo, Graça — ela diz, sorrindo como boba. — Não fica longe de mim por muito tempo.

— Sim, ele ainda é muito novo. — Graça sorri. — Mas é um amor de criança, não dá trabalho.

Então, Graça me olha e junta as mãos, ainda sorrindo.

— Está uma verdadeira princesa, querida. Desejo toda a felicidade do mundo. — Aproxima-se e toca minha barriga. — E que o fruto de vocês traga de volta a essência do seu marido.

— Obrigada. — Fungo, segurando as lágrimas.

— Opa! — Anderson entra no quarto ao lado de Benjamim e Felipe, que traz uma moça com ele. — Chegamos para ver a terceira noiva mais linda deste quarteto.

— Que invasão — Mel diz e vai até o marido, recebê-lo com um beijo.

Anderson sorri e pega o filho no colo, que já está mais calmo. Benjamim vai até Lara e a beija, antes de elogiar Ellen e a menina rodopiar para que ele veja o vestido.

— Tio Celso tá nervoso, papai? — Ellen pergunta. — Como o tio Anderson estava?

— Ei, Ell? Não me entregue, pequena!

Todos riem quando Ellen leva as mãos à boca.

— Ele parece uma vara verde — o pai cochicha para ela, que solta uma risadinha.

Felipe adentra no quarto com a moça, que está tímida e todos silenciamos para esperar a apresentação.

— Bom, essa é Vanessa. — Pigarreia. — É a minha vizinha.

— Aaah! Finalmente conhecemos a famosa vizinha dos sonhos do puto. — Anderson se aproxima dela e a cumprimenta. — Bem-vinda ao grupo de putas nervosas, Vanessa.

— Não se importe com o linguajar ou como se tratam. — Lara sorri e vai até a moça, abraça-la. — Eles são uns amores quando querem.

— É um prazer conhecê-la e tê-la em meu casamento — recepciono, sorrindo.

— Obrigada a todos. — Ela sorri, meiga. — Felipe me falou muito de cada um de vocês... estou feliz por estar aqui hoje.

— Céus, que linda! — Lara afirma.

— Vamos? — Benjamim me olha. — É a hora.

— Sim — tremo.

Benjamim quem vai entrar comigo. Lara fez questão e ele também, já que minha família faz de conta que não existo e eu prefiro assim.

— Nós vamos antes. — Lara se apressa em dizer. — Quando chegarmos lá, ligaremos para vocês.

— Tudo bem — afirmo, nervosa.

— E eu, mamãe?

— Você vai com seu pai e com a tia Suzy, Ell.

A menina apenas assente e sorri para mim.

João para o carro em frente ao salão de festas que escolhemos para casar e Gabriel abre a porta do carro para mim, enquanto Benjamim desce do banco do carona. Sorrio para Gabe e seguro em sua mão para sair.

— Ê, tia! Cê tá linda, Celso vai desmaiar lá em cima.

Dou risada e Benjamim se coloca ao meu lado.

— Estão todos posicionados? — pergunta a João e a Gabriel.

— Sim, Benjamim — João assevera. — Todo o perímetro da festa está coberto.

— Ótimo. — Me olha. — Pronta?

— Acho que sim. — Sorrio. — Estou tremendo.

— Aquele porra do caralho ama você, fique tranquila, porque ele está dez vezes mais nervoso.

Benjamim estende o braço e eu respiro fundo antes de segurar firme e nós começamos a caminhar em direção à porta. Vejo quando Lara faz um sinal lá dentro e a música Hallelujah começa a tocar, acalmando-me um pouco.

Começo a andar, sentindo minhas pernas tremerem incontrolavelmente. Olho para Celso e o vejo sorrindo, mas sua expressão corporal demonstra nervosismo. Sorrio, olhando-o, e ele me olha na mesma intensidade. Sinto vontade de chorar e a música que escolhi para entrar não ajuda em nada.

Cumprimento nossos convidados, que não são muitos. Preferimos uma cerimônia mais reservada. Assim que me aproximo dele, Benjamim entrega minha mão à ele e o manda cuidar de mim. Celso beija minha testa e volta a me encarar.

— Você está perfeita, Su. — Segura minha mão livre. — Não tem como expressar em palavras o que estou sentindo agora.

— Eu sei — sussurro, segurando firme o buquê com a mão livre. — Eu sinto a mesma coisa.

Ele sorri e, por fim, olhamos para o juiz de paz e ele dá início à pequena celebração.

Celso deixa um beijo delicado nos meus lábios, enquanto ouvimos os aplausos dos convidados e as risadas dos safados do quarteto. Seguimos para a assinatura dos papéis, para, depois, darmos início à festa.

Os primeiros que cumprimentamos foram os safados do quarteto e Enzo com sua esposa, que chegaram no final da cerimônia.

— *Congratulazioni per il tuo matrimonio* (Parabéns pelo seu casamento) — Enzo nos cumprimenta.

A esposa de Salvatore, Kiara, apenas sorri e me cumprimenta com dois beijos.

— Obrigada. — Sorrio. — Fiquem à vontade.

— Isso mesmo — Celso assevera. — Estão em casa.

— Trouxe meus soldados para ajudarem na segurança. — Enzo olha em volta. — Minha presença aqui é um perigo para todos.

— Nós agradecemos — meu marido diz. — Agora, se nos dá licença, precisamos cumprimentar os outros convidados.

Salvatore apenas acena com a cabeça e sua esposa sorri para nós. Celso segura em minha cintura e nós começamos a nos distanciar deles.

— Você está tão linda — sussurra para mim. — Pensei que estivesse sonhando quando entrou por aquela porta.

Olho para ele e sorrio, sendo incapaz de dizer qualquer coisa.

— Nunca pensei que fosse lidar tão bem com um casamento assim. — Vira-me para ele e sorri.

Envolvo seu pescoço com os braços e o encaro por alguns instantes.

— É maravilhoso ver você curado, Celso. — Mordo o lábio, querendo dizer a novidade, mas me contenho. — Eu amo você.

— Eu também amo, Su. — Me beija. — Muito.

Depois, voltamos para cumprimentar todos os convidados e ouvir

suas felicitações. Eu não poderia estar mais feliz. Olho para o lado e avisto Ricardo ao lado de uma mulher e uma menina saltitante.

— Oi, Suzy. — Ele sorri para mim e cumprimenta Celso. — Felicidades.

— Obrigada. — Sorrio de volta e olho para a menina agarrada à ele. — Essa deve ser a princesa Nicole?

A menina abre um leve sorriso e esconde o rosto, tímida.

— Essa é a mãe dela, minha namorada outra vez. — Dá de ombros. — Decidimos retomar de onde paramos.

— Mesmo? — Olho para a moça, que sorri. — Isso é ótimo. Parabéns!

Mal noto quando o tempo passa e já é hora da valsa. Celso estende a mão para mim e sorri, seguro firme sua mão e ele me guia para o meio do salão. Tremendo, paro de andar com ele e peço um microfone.

— Eu preciso dizer algo antes de dançarmos. — Respiro fundo e olho para Lara e Melissa, que me encorajam. — É uma notícia, na verdade, algo que me deixou muito feliz dois dias atrás, quando fiz um exame. — Olho para Celso e ele já tem os olhos arregalados. — Eu estou grávida.

Ele fica estático, enquanto o quarteto faz uma algazarra tremenda, incentivando outros convidados a fazerem também. Um sorriso surge nos seus lábios e ele me abraça forte.

— Ah, Su! — Me solta e toca minha barriga. — Você é perfeita... não tinha como não ser você a mulher da minha vida.

— Eu digo o mesmo, meu piadista.

Autorizamos para que coloquem a música All Of The Stars do Ed Sheeran, escolhida por mim para que dancemos. Celso envolve minha cintura e eu abraço seu pescoço, sorrindo para ele. Começamos a dançar no ritmo da música e esqueço do mundo ao meu redor.

— Ainda não acredito que guardou a notícia para hoje. — Ele sorri outra vez.

— Não foi fácil, mas eu queria que fosse especial... é o nosso bebê.

Apoio a cabeça em meu braço, ficando com a visão do seu pescoço delicioso. Ele encosta sua cabeça na minha e eu ouço suspiros na nossa plateia de amigos.

— Estou cumprindo bem a minha promessa? — pergunta.

— Que promessa?

— A de te fazer feliz.

Ergo a cabeça para encarar a minha dose diária de Rivotril e sorrio. Beijo seus lábios e acaricio os cabelos da sua nuca.

— Está cumprindo muito bem. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Eu tenho orgulho do homem que você é, Celso.

— Não chore — pede. — Quero você sorrindo, minha tigresa.

A música chega ao fim, dando lugar a *She's crazy but she's mine* do Alex Sparrow e, mais uma vez, o quarteto faz uma algazarra sem tamanho, nos fazendo sorrir.

— A música combina com você, baby.

— Quer dizer que sou louca? — Cruzo os braços.

— Minha louca. — Me puxa para ele outra vez. — Vamos dançar mais essa.

*Wanna love her now, wanna love her now
I wanna make her be my girl
She likes to give a smile to every stranger
She loves to get her ass in any danger
Wanna love her now, wanna love her now
I wanna make her be my girl
She's crazy, but she's mine*^[6]

Encaro o semblante feliz de Celso e sei que, agora, teremos a nossa sonhada paz. Sei que casamento não é coisa fácil, mas convivo com ele há anos, sei as manias de cor e sei cada detalhe que gosta ou não. Ainda assim, o amo. Mesmo com cada defeito, com cada loucura.

Por fim, quando a música acaba, nos aproximamos do quarteto e de Enzo e, como é de costume, eles soltam a língua e nada segura esses homens.

Toco minha barriga e sorrio quando sou parabenizada por todos. Eu amo essas pessoas, elas me ensinaram o verdadeiro sentido de amor e amizade... o quanto se luta por um amigo, o quanto se ajudam. São uma família.

Uma família que me orgulho em participar.

— Eu já disse que te amo? — Ele me surpreende com a pergunta.

Abro um sorriso largo exclusivamente para ele, me sentindo a mulher

mais sortuda desse mundo.

— Não. — Minha voz embarga pelas lágrimas.

— Eu amo.

— Ainda?

— Sempre.

AUTORA

Obrigada a você que chegou até aqui! Essa jornada, eu não poderia fazê-la sozinha. Espero que tenha curtido a estória.

FACEBOOK (PERFIL E GRUPO): Autora Eduarda Gomes

E-MAIL: autoraeduardagomes@hotmail.com

INSTAGRAM: egautora

Beijinhos, Duda.

[1] Fale para mim.

[2] Diabo.

[3] Esse filho da puta.

[4] Maldito.

[5] Pequena loira.

[6] Quero amá-la agora, quero amá-la agora

Eu quero fazê-la ser minha garota

Ela gosta de dar um sorriso a todo estranho

Ela adora colocar-se em perigo

Quero amá-la agora, quero amá-la agora

Eu quero fazê-la ser minha garota

Ela é louca, mas ela é minha